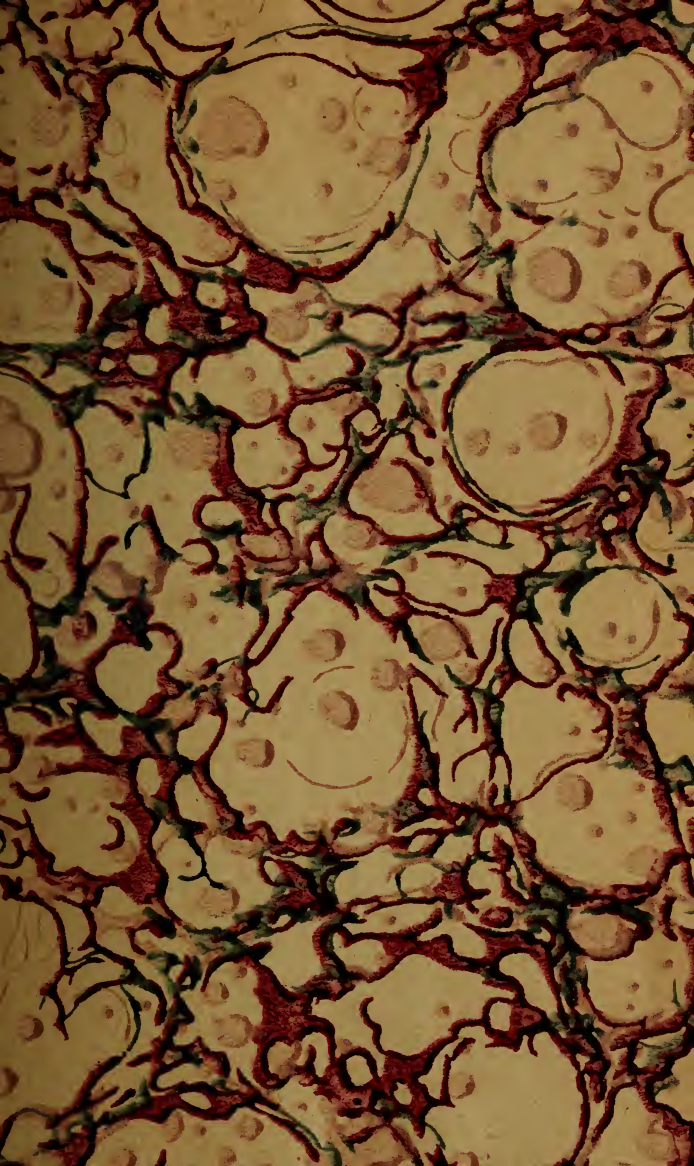


P.B.169,701

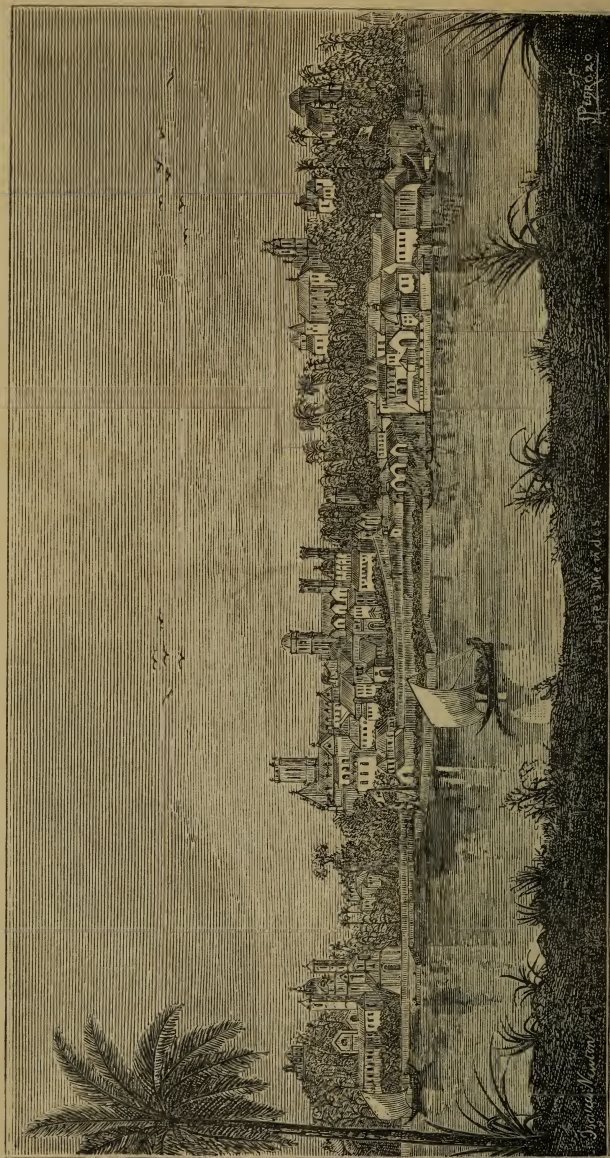


Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



JORNADAS

É proprietario d'esta edição no Brasil
Anfriso Fialho.



VELHA GOA

THOMAZ RIBEIRO

JORNADAS

~~~~~

SEGUNDA PARTE

ENTRE PALMEIRAS

(De Pangim a Salsete e Pondá)

*J. D. Almeida*

---

COIMBRA

LIVRARIA CENTRAL DE JOSÉ DIOGO PIRES—EDITOR

9—Largo da Sé Velha—10

—  
1874





AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

**JOSÉ AGOSTINHO DE FIGUEIREDO PACHECO TELLES**

FIDALGO DA CASA REAL

**O.**

**Em testemunho de muita amizade**

*O auctor.*



*Meu bom e prezado amigo*

*Escrevendo o teu nome á frente do livro em que narro as primeiras impressões da minha chegada á India, não levo intuito de provar-te a minha amizade, que tu, sem provas, conheces; é um ajuste de contas com a minha consciencia.*

*Lê estas paginas, e se nellas encontrares algum perfume oriental, alguma paizagem, ou desenho de costumes, que te transporte a outro mundo, differente do jardim que habitas no teu ameno Besteiros, se na miragem das tuas cogitações poderés avistar os rios cujas margens verdissimas são povoadas de garças brancas e de pavões estrellados, e os lagos, que são jardins de nimfeias, lembra-te de que, ao menos durante a leitura, andas a passeiar entre palmeiras pelo braço do teu*

*verdadeiro amigo*

*Nova-Goa, 1 de julho  
de 1871.*

*Thomaz Ribeiro.*





## DUAS PALAVRAS AOS LEITORES

(Na edição da India)

---

Escrevi sempre de fugida as paginas que vão ler-se. Sabem isto muitas testemunhas que vinham pedir-me os artigos para o *Boletim do governo*, onde primeiro se publicaram, e hão de acreditar-o aquelles que não presencaram mas que me conhecem e sabem que não desculpo nunca as minhas faltas com estudados pretextos. Davam-me, e dão, muito que fazer as obrigações do meu cargo para poder esmerar-me nas minhas devoções.

Conheço agora, lendo o que escrevi a sabor das minhas reminiscencias, que ha muitas lacunas e interpolações nas narrativas, muita falta de colorido e desenho nos quadros e muita deficiencia nas menções historicas; mas que precisão ha de lhes chamarmos — narrativas, quadros e menções historicas?

Chamemos a tudo isso—vagas sombras e esbocetos—e ficam socegadas as consciencias mimosas e assanhaçadas.

Eu já sei o que acontece aos que principiam livros mediocres pelo arrojado entono do

«*Fortunam Priami cantabo et nobile bellum.*»

Camões, no seu livro immortal, teve o cuidado de accrescentar, ensinado por mestre Horacio:

«*Se a tanto me ajudar engenho e arte.*»

Ora o presente opusculo tem pretensões modestissimas; porém algumas leva, e não é preciso mencioná-las, que por si mesmas se revelam.

Cumpre, porém, dizer que esta publicação vai fóra do seu logar, pois devia precedel-a a descripção da nossa viagem da Europa á India.

Anda tudo assim no mundo: marcha-se em ordem inversa; a rectaguarda toma a frente, o que é signal de retirada!

---

## INTRODUÇÃO

(Aos meus leitores de Portugal)

---

Este despretencioso trabalho, publicado primitivamente no Boletim do Governo do Estado da India, e depois em livro, de que apenas se tiraram pouco mais de cem exemplares, sáe agora no seu devido lugar, formando a segunda parte das minhas *jornadas*. Antes, porém, de sairmos a passeiar *entre palmeiras*, cumpre dar uma idéa, de fugida que seja, da India, especialmente do nosso Estado, hoje bem pequeno estado, naquellas paragens abençoadas.

Quem sobe as aguas de Mandovy, de Mormugão ou de Tiracol, entra no mais ameno paiz da costa do Malabar; e se erguer uma vela no seu escaler pequeno, deixe singrar a barquinha, a capricho do vento e das correntes, pelos canaes interiores, e scisme e sonhe e desenhe e canté, bafejado de perfumes por

entre varzeas e florestas. Afunda-se naquella natureza fecundissima, exuberante, provocadora, se é poeta ou artista; se é historiador ou philosopho, estude a historia d'este pedaço de terra, a que os indigenas dão o feio nome de *Concão* ou *Goncão*, e entre as narrativas das diversas dominações estrangeiras, que avassallaram successivamente o paiz, achará que a de mais nobres intuitos e resultados, a que tem conseguido lançar mais profundas raizes e dar mais proficuos fructos, no passado ao menos, foi a dominação portugueza.

Se é sómente industrial ou commerciante, fuja d'esta Cintra-Veneza; tem ao norte Bombaim e tem ao sul Carwar, que são portos inglezes. Carwar é pessimo porto; andam a melhoral-o, com enormes despesas, no intuito de completarem o bloqueio em que tem as nossas terras. Para que? De Portugal vai annualmente á India *um* navio mercante; poucos patamarins moiros vão aos nossos portos buscar o côco, o azeite de palma, o cairo... e creio que mais nada, a não ser algum lastro de arroz, de que aliás se importa mais do que se exporta. Póde haver dentro em pouco algum café, e talvez algum algodão. Mas isto, o que a terra produz, não nol-o póde tirar o porto de Carwar. Por mais que a cousa se demore, tem de nos mandar cortar os palmares e inundar as



varzeas; aliás o bloqueio, por feroz que o façam, não dá os resultados que desejam.

Já se lhes propoz que nos deixassem entroncar no seu caminho dos Gattes um caminho de ferro que servisse a nossa India. Não quizeram. Acho que tiveram medo d'uma invasão.

Por muito curiosa que pareça esta opinião, convem saber que, ainda não ha muitos annos, um inglez que visitou Goa e publicava as suas impressões num jornal de Bombaim exclamava: «Os portuguezes estão fazendo grandes obras nas suas fortalezas de Mormugão, Aguada e Reis-Magos! para que são estes preparativos, estando em paz com a Inglaterra? Convem vigiar de perto.»

Eram vasos de rosas, que os respectivos governadores mandavam pintar de branco e pôr sobre as ameias e parapeitos.

Bons inglezes! isto prova só que em toda a parte ha um tolo, e que até na Inglaterra os ha.

Voltemos ao assumpto:

De *Concão* ou *Goncão*, como primitivamente se chamava, vem—*concani*—que é o nome da lingua ou dialecto do paiz; uma degeneração da lingua maratha salpicada de industani, e até de portuguez. *Concão* quer dizer: terreno roubado ao mar. E na verdade affirmam a lingua, a geologia, a tradição e

a experiencia de todos os dias que em volta d'umas ilhas rochosas, que maculavam a costa, fôra o mar junctando despojos e formando *sapaïs*, que a pouco e pouco se transformaram em extensissimas varzeas, ainda hoje mais baixas que as aguas vivas das marés. Alargando-se assim as ilhas, o mar em volta d'ellas foi-se estreitando em canaes, alguns dos quaes pelo andar dos tempos se entulharam.

Ainda hoje o mar fórma d'estes sapaïs, que se aforam segundo a moderna legislação do paiz, nascendo d'elles novas e formosas propriedades.

Em vista da formação progressiva de tantos terrenos aproveitaveis, os povos agricultores e pacificos dos Gattes desceram das serranias em grandes massas e vieram estabelecer-se no Concão.

Conhecendo a improficuidade das tentativas individuaes, para o aproveitamento d'aquelles terrenos, constituíram-se em *comunidades agricolas*. Cada aldeia tinha e tem uma porção de terrenos que cultivava em commum, e em commum se faziam os grandes vallados de vedação, «á maneira de adiques de Flandres» diz Barros, para que o mar lhes não esteriliasse as varzeas, e os canaes de irrigação, e o enxugamento de pantanos. Tudo o que modernamente se faz na Europa e que se julga original. Cada uma d'estas aldeias tinha a sua autonomia; nomeava

os seus empregados e mantinha attribuições policiaes, judiciaes e administrativas, pela auctoridade collectiva dos seus *gancares* (senhores da terra).

Cada uma das aldeias ou communidades nomeava ou elegia os seus deputados para um congresso central, supremo arbitro d'aquella republica federativa; este congresso chamava-se e chama-se na nossa lingua camara geral agraria. Nesta camara discutiam-se e decidiam-se os interesses supremos do paiz.

Cada uma das aldeias tinha os seus serventuarios: barbeiros, *mainatas* (lavadeiros), alfaiates, alparqueiros, marinheiros, *farazes*, ourives, etc.; e, ou lhes designavam o rendimento de certas porções de terreno, ou lhes estabeleciam pensões certas. Subsidiavam o culto, separavam as sementes, orçavam o necessario para os trabalhos e despesas futuras, pagavam o tributo ao governo central—camara agraria—e o resto dividia-se entre os *gancares*.

Tiveram algumas vezes de recorrer ao credito e levantaram empréstimos por meio de *tangas*, como hoje se levantam na Europa por meio de acções; só em vez de credores chamaram—*interessados*—aos seus prestamistas, porque os fizeram interessar numa quota parte dos seus rendimentos, conforme a quantia representada no seu titulo ou tanga.

Este systema, que ha poucos annos ainda, no co-

mêço do seculo XVIII, a Europa não conhecia, era ha muito usado no Concão, e Law foi talvez creador mas não original.

Seria curiosa uma narração miuda do modo de viver d'esta sociedade sobria, laboriosa e pacifica, e pagando sempre sem regatear os seus tributos, *cocivados*, distribuidos pelos *cabeceis* e arrecadados pelos *tanadares*, encargos que lá encontrámos e a que, como se vê, dêmos denominações nossas.

Não podia ser eterna a independencia d'esta republica. Um rei do Canará, gentio, conquistou, ou antes, tomou posse do rico paiz inerme, e d'ahi veio aos habitantes, com pouca propriedade, a denominação de *canarins*. Este principe estabeleceu a sua capital em Goa-velha, juncto ás aguas de Mormugão, numa planicie feracissima, que é hoje vasta aldeia, e que não deve confundir-se com a Velha-Goa, na margem do Mandovy, que foi capital dos mouros e, depois, dos portuguezes.

Quando a dominação dos arabes se estendeu pelo Indostão foi facil a conquista do Concão; porém a raça guerreira edificou e fortificou a sua cidade numa eminencia a nordeste da ilha, cidade que foi dentro em pouco uma das mais notaveis do Malabar. Não alteraram, comtudo, o modo de ser da propriedade; e as communidades, se pagaram tributos mais aggra-

vados, continuaram a cultivar os seus campos e a administrar-se á sombra da sua antiga religião e da sua constituição tradicional.

Os nossos primeiros descobridores e conquistadores não conheceram Goa. Affonso d'Albuquerque foi o primeiro que quiz unificar e firmar o nosso império oriental: para isso tomou e retomou, com esforços de heroicidade que a historia consagra, a capital do Idal-kan, e ahi se estabeleceu sem repugnancia dos naturaes, a quem pouco importava o nome ou a procedencia dos seus dominadores. Pouco tempo depois, vendo respeitados os seus costumes e garantida a sua propriedade e os seus antigos direitos, bem-disseram o azar da guerra que lhes trouxera um senhor humano e amigo.

A vetusta federação agricola do Concão ainda hoje existe. O titulo mais antigo de nobreza é o de ganhar—senhor da terra.—Ha tambem na nossa India os *dessais* e *sardessais*, titulares donatarios de feudos e provincias pelos antigos dominadores. A corôa portugueza, unica senhora hoje d'estes feudos e senhórios, subvenciona os *dessais*, pela maior parte empobrecidos e todos decahidos da sua antiga prosapia.

Antes de terminar esta introdução tenho por conveniente esboçar duas feições caracteristicas da India: a dissimulação e a tendencia para o roubo; saíamos



porém das velhas conquistas, que já são terras civilisadas ou *europisadas*; nas *Novas conquistas* encontramo'-l-as facilmente. E não nos admiremos. A dissimulação é a arma dos inermes; o roubo e o assassinato são a *heroicidade* dos vencidos. Pensa-se na Europa que o salteador da India é visto pelos seus vizinhos e conterraneos com o mesmo horror com que nós os vemos: engana-se a Europa. O bandido na India é um valente que se respeita; ás vezes é uma fera que se teme; outras, porém, é um escravo que se levanta, e neste caso as benções dos deuses e a protecção dos povos acompanham o martyr.

D'ahi nascem as revoltas dos Cypais, a sanha dos Fondús e o desespero dos Regiputs.

De annos em annos, mas a curtos intervallos, repetem-se nas provincias das novas conquistas do territorio portuguez, para só fallar do que mais conheço, as ensanguentadas depredações dos salteadores, e o governo nada póde contra elles, por mais que emprehenda e mande. Podessem fallar o visconde de Ourem e o conde de Torres Novas, os dois briosos generaes — um, que gastou a melhor parte da sua vida perseguindo-os inutilmente em pessoa por entre as florestas e as serras de Satary, — outro, que teve de transigir com elles, dando aos chefes honras e soldos de officiaes.

O bandido do Indostão anda quasi nu; resiste aos soes e ás chuvas; come por dia uma *apa*, pequeno pão de arroz, e bebe agua das fontes; conhece e percorre descalço os desvios da montanha ou atravessa a nado os canaes; muita vez trabalha de dia, como o mais inoffensivo dos cultivadores, finge dormir no garath, e, quando os seus visinhos adormecem, levanta a espingarda do bambual visinho e vai junctar-se aos companheiros; tem por si a protecção das aldeias ou aterra-as com actos de barbaridade.

O nosso soldado, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, não póde com o sol da India e menos ainda com as chuvas torrencias; carece de alimentar-se convenientemente, não sabe a lingua, é enganado a cada passo e escarnecido: do soldado indigena é preciso desconfiar sempre.

Este estado é insustentavel; e pois que me impuz dizer a todos a verdade, digo com magua, mas certo de que cumprio o meu dever: a culpa é do governo portuguez.

As melhores armas contra os bandidos das novas conquistas são:—a administração e a justiça. Nem uma nem outra lá temos. Ao passo, porém, que lhes negamos o gozo dos direitos civis, fingimos obsequiar aquelles pobres gentios semi-selvagens offerecendo-lhes, irrisoriamente, o gozo pleno dos direitos politi-

cos.—Votae em quem não conheceis; votae numa lista cujos caracteres não sabeis decifrar! votae, párias, que perguntaes sinceramente se um só da aldeia não póde levar todos os bilhetes; votae, escravos do fiscal e do commandante militar, que ámanhã vos mandarão que lhes transporteis o palanquim pelo salario que vos quizerem dar, que farão o preço a todos os vossos generos e vos mandarão para onde lhes aprouver, como ao fellah do Egypto o vice-rei omnipotente; votae, nomadas, que queimaes cada anno uma porção de matto, semeaes alli um pouco de *naixinim* e de *collita* para fugirdes, finda a colheita, ante uma fiscalisação que vos rouba.

E isto é na India. Que não irá, sancto Deus, por muitas das terras d'Africa!?

A justiça, administrada por nativos no paiz das castas, já imaginaes o que póde ser, sabendo que a casta impera tyrannicamente.

Aqui tendes o que principalmente levanta as alcateias de bandidos na India.

Ha no territorio das novas conquistas uma provincia chamada Satary. Eram os Ranes senhores donatarios d'essa provincia, hoje da corôa portugueza. A familia dos Ranes existe alli, todavia; estão pela maior parte extremamente pobres, mas são valentes, audaciosos, dissimulados, e sabem que foram senhores



da provincia. Os habitantes d'ella tambem o não esqueceram ainda, e como senhores os respeitam.

Aconteceu que em 1868 ou 1869, pouco mais ou menos, um *botto* (sacerdote) se namorou d'uma Ranes, moça viuva de notavel formosura, e a levou de casa dos seus; o pae e o irmão da raptada protestaram vingar-se da affronta, a maior ou das maiores que, segundo as tradições gentílicas, podiam receber.

O botto conhecia os Ranes, e sabia o que o esperava; porém o seu plano estava d'antemão traçado. Achou um dia um cadaver no matto, se é que não foi obra sua, denunciou á justiça os Ranes como assassinos, e com os grandes meios que o seu character de sacerdote lhe conferia pôde ensaiar tres testemunhas, que juraram ter visto os dois Ranes — pae e irmão da raptada — praticar o assassinato, não esquecendo regular as circumstancias de logar, dia e hora.

Todo o Estado da India portugueza sabia que era calumniosa a accusação, mas os dois innocentes foram condemnados a trabalhos publicos por toda a vida, e a sentença passou em julgado. Os Ranes dissimularam a sua raiva, esperaram, deixaram prender ao pé o cadeado infamante e trabalharam durante mezes. Mal que poderam, evadiram-se, levando comsigo alguns companheiros da grilheta e entre elles o fa-

migerado Custobá, cuja cabeça eu vi e vejo ainda com desgosto.

Organisados em quadrilha, o botto pediu uma força que o guardasse; foi-lhe dada. Um dia, mas bem de dia e a toque de *xinga* (Da força, que os não esperava áquella hora, restava apenas no seu posto um official inferior), entraram em casa do botto, acutilaram, só o bastante para o inutilisar, o sargento, deceparam um braço a um sobrinho do botto, que se interpunha, partiram o botto em muitos bocados e retiraram a toque de *xinga*, entre as benções da povoação.

A pobre Ranes pôde fugir á morte embrenhando-se nos mattagaes.

Esta quadrilha acabou ha pouco tempo, em parte devido ao valor incansavel dos Fondús, que voltaram de Timor em boa occasião, e em parte porque era urgente que acabasse. Simulações do oriente.

Eis como e porque se levantam e crescem e duram os bandidos da India.

Porque não se ensaiam os governos civis no ultramar? Porque se não ensinam em Portugal as linguas das nossas possessões?

Fundem administração e justiça, que são a melhor politica, o melhor exercito, a melhor policia; augmentem a marinha, contribuindo as nossas pos-

---

sessões com uma parte da despesa; lembrem-se das mattas de tecas da Praganã; aproveitem-nas, antes que as roubem de todo; guarneçam com forças de marinha os nossos portos d'além-mar, e tenham sempre a bordo alguma tropa de desembarque. Isso quasi basta, alternando-se frequentemente os navios nas diversas estações.

Agora saiâmos a dar o nosso curto passeio pela India portugueza, e a pensar um pouco na historia dos nossos maiores.

---



# JORNADAS



# I

Era uma formosa manhã de outubro de 1870; o inverno torrencial tinha passado, e a vegetação attingira o maximo gráu da sua luxuosa verdura. No céo nem um armo de nuvem, no mar nem um floco de espuma. Céo e mar da mesma transparencia e da mesma côr, e no meio d'este vaso crystallino um ramo de flores e folhagens. Ahi tendes o que parecia a India naquelle dia festivo.

No caes de Dona Paula, sobre a barra do sul da ilha, estava-nos esperando a galeota do governo, com os seus doze remeiros vestidos de branco e o seu mocadão de farda azul; a bandeira portugueza desfraldada, e o brazão das quinas em cada um dos bonnets vermelhos e phantasticos dos doze remadores.

O governador da India ia em serviço a Salsete,

e com elle os membros da juncta da fazenda, assistir á arrematação dos dizimos naquella provincia.

Formoso ensejo para quem vinha ávido d'oriente.

O palacio de Pangim acordou festivo; os carros que nos haviam de transportar a Dona Paula esperavam; os preparativos para a viagem estavam feitos.

Partimos.

Pertenceu-me ir no carro de Nogar, secretario da juncta; carro puxado por dois bois brancos e finos de Balçar, ligeiros como duas gazellas; bois que se não conhecem no occidente, excepto nos jardins de acclimação; bois pequenos, que têm as pontas inclinadas como as cabras, puxam o jugo com a corcova que lhes sobe das espaldas e por cujos narizes furados passa a corda que serve de rédea.

Porém os bois eram pensadores; conheciam a sua tarefa ordinaria de cada dia, tarefa que se reduzia a transportar seu dono de Ribandar á juncta, em Pangim, e da juncta a Ribandar. Parecia-lhes, pois, estranha esta exigencia de passar além. O cocheiro moiro que os guiava e os ia obrigando a obedecer, ás vezes com graves difficuldades, principalmente logo que passámos Caranzalem, explicava aquelles amuos a Nogar, offendido nos seus brios de proprietario, pelo terror que o bosque lhes causava.

O certo é que já todos haviam passado adeante



de nós. Para cumulo de affrontas, o carro, tambem de bois, do conde de Sarzedas, passa-nos como uma flecha á dianteira, e o seu domno, mostrando por uma portinhola a jubilosa cabeça, diz-nos em tom escarniçador de quem ganhou uma aposta:

— Até á vista.

— Mata-me os bois, diabo! gritava Nogar ao cocheiro moiro no cumulo do desespero.

O moiro, que tinha levantado o açoite, deixou-o cahir da mão: tal foi o assombro que o tomou de ouvir praguejar seu amo.

— Has de comer toucinho, patife, e beber uma garrafa de vinho.

Para ver onde chegava a quizilia do meu amigo, aventurei-me a dizer-lhe:

— Bons bois, aquelles do conde!

— Bons bois, aquellas azemolas?!

— E gordos; que nedios vão!

— Podéra! encareceram os ovos no mercado de Goa, desde que tem bois aquelle maldicto.

— Como assim? os ovos?

— Gemmadas á noite, ovos cozidos pela manhã e ovos fritos ao meio-dia; são poucos os ovos do Concão para os bois d'aquelle senhor.

Entre parenthesis: Nogar, no seu despeito, disse uma verdade.

O caso é que, enfim, chegámos, e fomos recebidos no caes entre congratulações e festejos proprios de amigos que ha longo tempo se não viram.

Embarcámos, e comnosco embarcava um pobre homem nativo, que foi sentar-se modestamente num dos bancos dos remadores, e que Moraes de Carvalho me fez notar, apontando-o com o dedo e dizendo mysteriosamente:

— Lá está elle. Sempre este homem!... é curioso! Nunca mais se pensou no pobre diabo.

O caes de Dona Paula é obra do conde de Torres Novas, de saudosa memoria, e d'elle é tambem a estrada que de Pangim lá conduz, cortando a extrema occidental da ilha de Goa de norte a sul. É construido numa pequena enseada, modesto mas formoso abrigo de meia duzia de garaths de pescadores, á sombra d'um denso palmeiral; do lado da barra ergue-se um morro nú com uma cruz no topo; e adeante outro morro negro e ponteagudo, como que violentamente separado do grande monte, forma uma ilhota solitaria, tendo por unica vegetação uma palmeira brava. Mais nada; mas isto é bonito e dava um quadro.

Defronte de Dona Paula vê-se a praça de Mormugão e os edificios incompletos da mallograda cidade. Mormugão é o contraposto da Velha-Goa; numa e

noutra ha só ruínas, mas Goa morreu decrepita e Mormugão morreu em germen; Goa curvou-se e cahiu, Mormugão não chegou a erguer-se; Goa viveu, Mormugão nasceu apenas; aquella foi o leproso repellido, esta, o menino engeitado, e ambas se finaram de abandono; uma é berço vasio, outra cemiterio cheio. Duas solidões á beira-mar, que têm sobre os seus porticos silenciosos brazões e legendas portuguezas.

Eram tristes estas recordações, e não iam os viajantes para tristezas; e mesmo a historia, se é rabujenta e austera, para que se mette com viajantes e rapazes? fique-se lá, a nobre castellã, nas suas ruínas, com as corujas e as chronicas, e deixe folgar a mocidade.

Só como curiosidade, e para se ver como os nossos governos dirigem as cousas do ultramar, convem saber que, ao despovoar-se a Velha-Goa, mandaram de Portugal que se fundasse uma cidade na formosa península de Mormugão. Ergueu-se a nova capital, e, quando os edificios publicos estavam quasi completos e já alli residia o governo, mandaram suspender as obras e abandonar Mormugão.

Já vamos passando a ilha do Secretario, que nos fica ao meio-dia, e Dandim ao norte.

— Á volta, Dandim, á volta iremos bater á tua porta senhorial.

Começam-nos a apparecer os arbustos rasteiros das margens, cobertos de garças brancas.

— O verde e o branco são côres de esperança e por isso de boa promessa, lembrava alguém dentro do toldo da galeota.

— E eu sinto debilidade; o mar faz isto; dizia o procurador da corôa quasi em segredo.

— E eu vou sentindo uma *forte fraqueza*, como diz a canção do Duarte de Sá, dizia o sr. de Sarzedas; mas ahi está Loutolim, e eu escrevi ao Vicente João que tirasse da livraria os seus melhores e mais velhos classicos.

— Para satisfação do meu estomago diga-me que fallou figuradamente ao seu amigo, e que os taes classicos eram...

— Garrafas: pois está sabido que era figura.

— Praza a Deus que elle entendesse. Eu teria preferido o — pão, pão; queijo, queijo — que tambem não deixa de ser classico.

O sol cahia nas aguas esbrazeado e mordente; os astros começavam de cravejar o firmamento, e os ajudantes, recordando a sua barcarola favorita, cantavam a meia voz e no meio do recolhimento geral:

«Mocadão, empunha o leme!  
Solta a vela! rumo a leste!  
Corta o espelho azul-celeste  
do risonho Mandovy!

Arfa o rio, a aragem treme,  
pousa o sol num mar purpureo  
e ha nas ondas um murmurio  
que segreda e canta e ri.

Ó Goa, céu d'amores,  
Veneza oriental!  
Canaes por entre flores,  
palhetas de mil côres  
no rumuro crystal!

O escaler é branco e fino  
como a garça, alva de neve,  
que além passa e que de leve  
roça a flor de rubro mar.  
Céu sem fim! paiz divino!  
luz e aromas do oriente,  
que fazeis a alma dormente  
conceber, sorrir, sonhar!

Céu, vivida saphira,  
desmaia o teu cariz!  
Hora em que o sol delira  
ama e d'amor expira  
nos extasis febrís.

Cintra, ó Cintra da India ámena,  
recatados horisontes,  
fundos valles, verdes montes,  
que estaes rindo para nós!  
Solidão fresca e serena,  
que tens fontes e cascatas,  
nobre orgulho dos marathas,  
tentação dos bounsolós!

Ó céo, como palpita  
fecundo o seio teu!  
e accende-se e crepita  
o enxame que te habita  
d'astros sem conto, ó céo!

Pois que o vento o mastro inclina,  
e a corrente o barco impelle,  
que o sol foge e em logar d'elle,  
vêde, a lua vai nascer,  
que na tela azul, divina,  
Deus põe côres surprehendentes,  
vá! cantemos, indolentes  
remadores do escaler!

Embora o céo se esconda  
o astro da soidão  
entorna em cada onda  
diamantes de Golconda  
e per'las de Ceylão.»

Entrámos num canal mais estreito e debaixo d'um *tunnel* de verdura e flores. Minutos depois desembarcavamos sobre um tapete de relva, onde nos esperavam *machillas* e *boiás*. Pela primeira vez me deixei conduzir pelos meus semelhantes, e á cabeça d'elles entrámos numa aldeia escondida entre palmares, como todas as aldeias da India.

Estavamos em Loutolim.



## II

É já conhecida de todos a hospitalidade com que Vicente João de Figueiredo e sua esposa costumam receber e tractar os hospedes na sua casa de Lou-tolim. Todos os encarecimentos são inferiores á obsequiosidade d'aquella familia illustre. Foi alli que nos hospedámos; alli vieram visitar o governador os administradores Sanctos Vaz e Piedade Rebello; o presidente da camara, Sancta Catharina Coutinho; o commandante do 1.º de caçadores, Silva Telles; e muitos cavalheiros da provincia.

A ceia que nos esperava era um banquete de nababo (não fallo dos que venderam á Inglaterra os seus direitos senhoriaes, e que recebem hoje das magras mãos dos seus senhores um prato de lenti-lhas), banquete em que ficou bem demonstrado que Vicente João entendera perfeitamente as figuras do nobre conde.

Conheciam-se ha muito!...

Fazia as honras da casa a formosa esposa do nosso hospedeiro; senhora brahmine, christã, vestida á moda do paiz, com um riquissimó *panno baju* bordado a ouro.

Todas as senhoras nativas deviam usar os seus trajos tradicionaes, que são lindos; quando se vestem á europeia perdem muito dos seus encantos naturaes. Deixem as modas de Paris ás senhoras do norte e occidente; o sol da India e o fundo em que têm de ser vistas as formosuras orientaes reclamam outras côres e outros adornos.

Assisti na India a muitas *soirées* de nativos, onde as senhoras que mais brilhavam eram quasi sempre as que usavam os seus adornos indianos, sendo ainda mais elegante o *poló* que o *baju*, com quanto este pareça mais considerado.

Deitámo'-nos cedo, porque cedo no dia seguinte havíamos de continuar jornada.

Na segunda-feira, desde Loutolim a Margão, vieram incorporar-se ao cortejo muitas auctoridades e particulares, que o foram progressivamente tornando maior.

Os repiques festivaes das torres, os fogos de artificio, o correr das povoações, a estrada engrinaldada de arcos e flores, denunciavam a marcha festival. Em Raia encontrámos os *brincos*, danças do paiz, em que o caprichoso e pittoresco dos trajos e a arrogancia febril dos meneios parecia accender-se e tomar fórmphas phantasticas quando o som das *chingas* levantava e prolongava ou trinava os gritos selvagens



da sua melodia apocripa, ou, quando menos, anachronica. O certo é que aquelle barulho atroador das gaitas e tambores communicou-se aos nossos *boiás*, e as *machillas* começaram a passar e repassar em vertigem febricitante, travando-se por cima das nossas cabeças a guerra dos *tendilhões*, que se rasgavam e furavam reciprocamente, sem que os gritos de — *rab, rab* — e — *socás* (\*) — conseguissem fazer-se ouvir d'aquelles indemoninhados. Alguem vimos nós abraçado com a maxima resignação á *tenda* (\*\*) deslocada da sua *machilla*, como o martyr á sua cruz. Era um delirio que se apossava de repente d'aquelles, ordinariamente pacatos, conductores do seu proximo, que tanto gostam de descançar á sombra e de pedir a tanga para fenim.

E de roldão chegámos á limpida lagoa que demora ao sopé da formosa villa, como para espelho do muito que alli ha digno de mirar-se.

Entravamos em Margão. O sol dos tropicos, o verdadeiro e genuino sol dos tropicos, descera tambem ao cortejo e inundava-nos com as suas palhetas de fogo; comtudo a paizagem era amenissima: a

(\*) *Pára, pára!* — ou — *devagar!*

(\*\*) Cobertura de oleado contra a chuva.

villa engrinaldada e festiva; a immensa população, que accorrera de todos os pontos da provincia, apinhára-se e victoriava alegre o governador geral da India portugueza. Era o oriente em festa, com todas as galas magnificas e unicas da sua ostentação deslumbrante.

A juncta de parochia da villa viera encontrar o cortejo em Amborá. Já dentro da villa um arco em fórma de portico, sobrepujado pela bandeira nacional e com um pavilhão elegante ao lado, foi signal para que o cortejo parasse, e alli um moço estudante, por nome Antonio Apollinario de Sancta Rita da Costa, que teria 14 annos, o maximo, recitou um discurso enthusiastico, com um desembaraço notavel para aquella idade, dando as boas vindas ao illustre governador.

Mais adeante a camara municipal recebia-o debaixo do pallio, e o cortejo seguiu para a egreja matriz por meio de ondas de povo, que tornavam o transito difficillimo; as janellas apinhadas de senhoras davam á villa o mais formoso aspecto. Dentro do templo, onde o pallio passou das mãos da camara para as da clerezia, a pinha do povo era mais compacta. Na capella-mór havia um *prie-Dieu* destinado a s. ex.<sup>a</sup>, que alli recebeu as benções da religião.

D'ahi seguiu o cortejo para as casas da camara agraria e tribunal judiciario, onde havia de ter logar a arrematação dos dizimos. Uma guarda de honra e a musica do 1.º batalhão de caçadores completaram a grandeza d'esta recepção, a que nada faltou, sinceramente o dizemos, a não ser alguma aragem do céo ou do mar, amenisando a torrida atmosphaera que nos envolvia.

Em quanto os membros da juncta da fazenda ficaram tractando da arrematação dos dizimos, fomos nós, eu e Espada, descançar á casa hospitaleira do sr. Barreto de Miranda, distincto homem de letras, rapaz muito sympathico e já meu amigo, apesar de nos não termos ainda visto, desde que aportei a esta nobilissima terra.

Depois de havermos *lanchado* na companhia de parentes e amigos do nosso hospedeiro, fomos a Navelim visitar o sr. João Gomes, irmão do nosso sempre chorado amigo e collega—Francisco Luiz Gomes. Era uma piedosa romagem, a que nos convidava uma grande saudade pelo finado e uma sincera estima pelos vivos que usam o seu glorioso nome.

Havia tambem uma curiosidade artistica naquella visita. Os logares onde nascemos, os horisontes que nos abraçaram na infancia, o ponto de observação d'onde primeiro encarámos o mundo, deixam não

sei que reflexo na nossa existencia, que por toda a vida nos acompanha.

O homem parece-se com o berço. O que nasce nas grandes cidades, ou no centro d'uma familia ruidosa e alegre, foge do ermo para as festas, da meditação para os prazeres; o filho das solidões entende-se com as arvores e com as fontes; falla com ellas, embebe-se nos mysterios dos seus horisontes familiares, recolhe-se no intimo das suas faculdades ou vòu nas azas das suas abstracções, tão alheias á multidão e tão povoadas de grandezas.

Quando vi a casa branca e solitaria do meu mallogrado amigo, no meio d'um palmar immenso, insondavel, oceanico, de vagas rumorejantes e verdes, por onde elle brincou tanta vez naquelle brincar meditando dos solitarios, pareceu-me vel-o, e via apenas a sua imagem. Como aquella verdura aromatica, a sua alma era florida e amena; como aquella sombra hospitaleira, o seu coração era protector e amante; como aquella solidão infinita, o seu espirito era pensador e austero. Oh tristes arvores, que lhe déstes sombra e amparo, quando elle, menino, voltava em torno a vós como as aves e como as borboletas, quantas vezes vos não veria elle, ao longe, muito ao longe, nas miragens da sua saudade!... — Qual é o solitario que não tem na terra onde

nasceu e brincou a sua arvore predilecta? E nós vimol-o, sempre só e triste, numa ruidosa capital, evitando quanto podia a sociedade illustre que o reques-  
tava.

A casa é vasta, singela e elegante. Na sala principal ha só um retrato: é o seu.

Nem todas as obsequiosas solitudes, com que me tractaram os donos da casa, lograram vencer as minhas tristes recordações.

Pouco tempo antes assistia eu, em Calangute, ás exequias do meu infeliz amigo, e pendurava-lhe na eça estes pobres versos, que resumem a sua historia:

«Morrer! fugir da luz! furtar-se á gloria  
quem tão mimoso foi dos seus afagos!  
quem, no abysmo sem fim dos sonhos vagos,  
passára a vida a transbordar de luz!  
Caír assim do pantheon da historia,  
do fastigio, do vertice, do cumulo,  
ante-sazão, no immenso mar! um tumulo  
onde não vela a sombra d'uma cruz!

Astro do rico oriente assim te abysmas  
ao volveres de novo ao floreo berço,  
quando, em miragens d'esperança immerso,  
vinhas, cançado obreiro, repousar!  
Já vias palmeiraes e aurora e prismas,  
cascatas entre flores deslumbrantes  
e ineffaveis canções, fallas amantes  
já te ouvia o desejo além do mar...

e dobraste a cabeça, e adormeceste  
pelo oceano embalado, como embala  
a mãe, que espreita o filho e que não falla,  
até que elle se encosta e mais não ri.  
Tu'alma — rosa mystica e celeste —  
fez-se aroma e subiu, desfeito o enleio;  
o mar, que te embalava, abrindo o seio  
disse-te: — Vem! — e tu entraste alli!

nesse tumulto grande e crystalino  
cheio de luz, d'anceio e de rumores,  
onde ha grutas e perolas e flores  
e alamedas de rubidos coraes.  
Insondaveis mysterios do destino!  
foges, cançado, aos temporaes da vida,  
ergues o vôo e cáes, aguia ferida,  
no pego dos eternos temporaes!!

Foi uma sina, amigo! o teu fadario  
era o de lidador que um dia ás vagas  
a vida arremessou! quem sabe as plagas  
a que o vai arrojear o seu baixel?!  
Quem sabe o caprichoso itinerario  
que a nuvem cobre e o vento contraria?!  
Segredos do tufão, da calmaria,  
da restinga, do leme e do parcel.

Ninguem se esconde á sorte. A nuvem pallida  
d'uma grande saudade a India cobre.  
Deixae passar a sombra triste e nobre;  
dae-lhe em tributo os cantos funeraes.  
No mar ficou apenas a cysalida;  
o tempo, que as memorias divinisa,  
ha de escrever seu nome por divisa  
no pantheon das glorias orientaes.»



Todos sabem que Francisco Luiz Gomes, sahindo de Lisboa para a India prostrado pela doença, de que esperava recobrar-se nos ares da patria, morreu no Mediterraneo, já perto do Egypto.

Voltámos a Margão, subimos á capella de Nossa Senhora do Monte, ou Senhora da Piedade, d'onde se avista um largo e ameno panorama, que termina, do sul, nas corcóvas do Cabo de Rama; do norte, nos serros de Cuncolem; do nascente, nas cumiadas dos Gattes; do poente, no immenso mar das Indias.

A villa de Margão abraça este monte, em cujo topo está a Virgem Sancta, como a cobril-a com o manto da sua *piedade*.

Cahia o sol no occaso, e são curtos os crepusculos do oriente: descemos, e entrámos um momento na casa do sr. B. Peres, nome que a historia conhece e a India venera. O sr. Peres é um moço muito estudioso e um dos redactores do *Ultramar*; tivemos o prazer de conhecer a sua extremosa mãe, e quando sahimos d'alli, já noite escura, soubemos que os nossos companheiros haviam partido.

Voltei a Loutolim na companhia, sempre amena, do meu amigo Moraes de Carvalho, o ajudante de ordens que já todos os meus leitores conhecem, homem da idade média, nascido por engano no se-

culo XIX, em que já não ha torneios de cavalleiros nem bandolins de trovadores.

Á falta de poeticas aventuras, muito a seu molde e do seu gosto, o meu companheiro pedia a Deus um tigre, para podermos, se quer, apparecer feridos ante os nossos companheiros assombrados. — Se morressemos, dizia elle, o governador mandava-nos erigir um monumento; o dr. Carvalho, procurador da corôa, escrevia em nossa memoria um necrologio sublime e um epitaphio singelo (o que convem aos grandes homens); o pacifico Nogar encarregava-se de participar ás nossas familias, em estylo biblico, o tragico successo; os cuidados pela nossa alma ficavam a cargo do bom e piedoso conde de Sarzedas, o melhor, o mais amavel e o mais proveitoso dos companheiros, que tem estabelecido merificas relações entre o divino e o profano.

E por aqui se ia explicando o nosso Espada, quando chegámos a Loutolim, sem uma arranhadura sequer, e não tendo encontrado mais do que inoffensivos pyrilampos, que nos illuminavam o caminho.

— Falta de respeito e de consideração! blasphemava elle; se a India tem tigres e cobras de capello, para quando os guarda? Comêço a crer que a India só tem tigres empalhados e serpentes *ad usum ga-*



*rupeirorum*, civilisadas e expertas. A civilisação estraga tudo.

Entrámos. Contámos singelamente a nossa história, que era corrente e lisa, e por isso mesmo não foi acreditada do conde de Sarzedas.

— *Nosce te ipsum*, dizia Espada, que ainda acerta casualmente alguma phrase latina, e que se acha mais desembaraçado des' que lhe falta o seu eterno censor, David e Cunha.

### III

Parte da noite passou-se a conspirar. Não se ha de acreditar isto, em attenção a que estava alli, com os olhos nos conspiradores, a primeira auctoridade da India portugueza: pois conspirou-se; e, o que é mais aggravante! entrou na conspiração o nosso proprio hospedeiro, o honrado e obsequioso V. J. de Figueiredo! O que não posso dizer é o objecto da conspiração, porque elle me pediu segredo. Devemos, porém, declarar que a conspiração abortou, com grave pena de Espada e de Vicente João.

No dia seguinte voltámos a Margão, onde s. ex.<sup>a</sup> promettera visitar os estabelecimentos publicos. Voltámos... não todos; faltava-nos o nobre conde de Sarzedas, que tão cedo e com tamanha ingratidão deixára os seus saudosos companheiros.

O sol que nos aqueceu não sabemos se era o mesmo de Austerlitz, mas era com certeza o do dia antecedente. Os *boiás* iam mais serenos e meditativos, como verdadeiros philosophos, convictos da gravidade da sua posição e da responsabilidade que lhes pesava. Paravam ás vezes e limpavam o suor com aquelle panno de duvidosa alvura que trazem á cabeça e que lhes serve para tudo.

Descançámos e almoçámos na casa de Sanctos Vaz, administrador de Salsete, que nos recebeu com a grandeza que já é proverbial.

D'ahi fomos ao quartel, que estava festivo e embandeirado, e onde o batalhão recebeu a visita da primeira auctoridade em parada e com todas as honras que lhe eram devidas. Na rua que dava para o espaçoso terreiro, e em volta do amplo aquartelamento, havia immensos arcos, e o pavimento estava juncado de verdura. A musica tocava alternadamente os hymnos portuguezes e o do governador geral; successivas girandolas de foguetes atroavam os ares. Era um verdadeiro triumpho.

Depois da parada visitámos o quartel, que estava esmeradissimo, e a capella do batalhão, que era môdêlo de aceio. Honra seja ao batalhão, que Deus haja, e á sua officialidade.

Terminada a visita entrámos na casa do commandante, Silva Telles, que nos apresentou a sua nume-

rosa e obsequiadora familia; e, respondendo a um brinde enthusiastico, que o dono da casa em nome de todos os officiaes do batalhão lhe dirigiu, significou o governador o muito que lhe fôra grato ver a apparencia militar do batalhão, e a ordem e o aceio que em tudo via reinar.

D'ahi dirigimo'-nos a um hospicio nascente, muito modesto por ora e por isso mesmo muito sympathico ás almas boas e piedosas. Este hospicio, erecto sob a invocação do *Coração de Maria*, e sustentado sómente a expensas da caridade particular de alguns devotos, já offerece tecto e leito aos doentes, os cuidados da medicina e os confortos da religião.

Um menino, por nome José Joaquim Udabrico da Lapa Rodrigues, dirigiu, á entrada, um fervoroso discurso a s. ex.<sup>a</sup>, narrando a breve historia do estabelecimento, o fim a que era consagrado, os poucos recursos de que dispunha, o bem que já fazia e o auxilio que esperava do chefe d'este Estado. Ao terminar levantou vivas a El-Rei o senhor D. Luiz, a Sua Majestade a Rainha e ao nobre governador geral do Estado da India portugueza.

Era commovedor o eloquente discurso d'aquelle menino, apostolo imberbe e intemerato, compendiando no seu *ave* e *salve* a religião e o patriotismo. Sympathica symbolisação das tres virtudes theologaes!

porque elle era a fé e a esperanza a prégar da caridade.

Um venerando sacerdote, o sr. padre Antonio João de Miranda, chefe e director do pio estabelecimento, ouvia, como nós, meigamente carinhoso, a voz unctuosa d'aquella criança. Dir-se-hia que o pródigo outomno dissera á primavera: — Tu, que tens canticos e flores, dá hymnos e grinaldas ao bem-vindo.

O governador, contente e commovido por se ver hoje, como hontem, acolhido pela voz da infancia, que não sabe mentir, acariciou o menino, e prometeu do fundo d'alma segurar com rendas fixas a existencia do hospicio, que se collocou sob a egide do Coração d'aquella que, na Syria como no Egypto — desde Nazareth a Jerusalem — desde Bethlem ao Calvario, foi sempre abnegação e paciencia.

Do hospicio á cadeia... Era justo: uns e outros agonisam; uns e outros, como no festim de Balthazar, vêem nas sombras do seu recinto a terrivel mão que escreve sentenças. A mão, porém, é differente: no hospicio é a mão de Deus, calida e luminosa, da luz e do calor da infinita misericordia; no carcere é a mão da sociedade, inflexivel como a justiça e fria como a lei.

Foi do hospicio ao carcere o governador geral. O abrir das portas d'uma prisão é quasi sempre ter-

rivel, e foi muito mais quando por ella podia entrar o algoz e os tractos, que, felizmente, as nossas leis proscreveram: d'esta vez entrou um raio de luz e uma aragem fresca.

Todo o carcere é paludoso e miasmatico; o de Margão é-o duplicadamente: é preciso extinguir aquelle foco de infecção que lhe demora a oeste. Bastam ao condemnado as penas da lei: a *palude* não está no codigo penal.

Fomos depois á que ha de ser casa da camara: completa, deve ser vasta e commoda, e será mesmo elegante. Para nós tem um defeito:—a sua fachada é virada a um palmar, quando a podia ter voltada para a villa. As casas, como os individuos, são sociaveis ou insociaveis; e esta, com ares de amuada, volta as costas ao mundo, ao contrario do que convém aos paços municipaes, que devem ser bem centraes, bem visiveis, bem attrahentes, bem protectores e bem protegidos.

Como, porém, as obras desmentem apparencias, acreditamos que a casa da camara, que dá signaes de esquiva, terá *melhor procedimento do que parecer*, ao contrario d'aquella mulher, amante do criado do duque de Nemours, de que falla, no seu *Espelho da moralidade*, o reverendo padre Domingos Salvador Marinho da Silva, sabio theologo e jurisconsulto, e



latinista profundo, que tivemos o prazer de encontrar em Margão.

Entrámos depois na casa das aulas, infelizmente á hora em que estavam desertas. De lá fomos á egreja, onde estivemos na vespera, e que é incontestavelmente um magnifico e formoso templo (fabrica dos jesuitas) e um dos melhores da India portugueza. Descançámos algum tempo na residencia parochial, onde o reverendo vigario se esmerou em obsequios.

Sanctos Vaz, alem do seu almoço opiparo, tinha agora preparado um jantar. Não se póde duvidar de que esta India é portugueza. Aqui, como em Portugal, é preciso comer e beber em toda a parte, e não se póde resistir. É preparar estomagos ou não viajar na India. Houve brindes de despedida, houve brindes de gratidão no leal convivio, e partimos para o seminario de Rachol, onde se tinha annuciado a visita do governador geral.

E agora:

«Musa, mihi causas memora quo numine laeso...»

Gemiam anciosamente os pacientes *boiás* para alem das ultimas casas de Margão, caminho de Rachol. O ar estava pesadamente negro e soturno; havia rumores lugubres na atmospherá, e de longe em longe a cerração bafejava relampagos, que se demo-

ravam sinistros e abertos em pallidos clarões; o ciciar das palmeiras tinha-se apagado e recolhido, e nós respiravamos a custo um ar aspero e morno. Tínhamos despresado imprudentemente as vozes da experiencia que nos denunciaram a borrasca; não conhecíamos as trovoadas dos tropicos. De repente abriu-se a cerração por mil boccas, a vomitar raios e diluvios! parecia um cataclysmo. Era grande e temeroso! era esplendido e formidavel! e era novo para nós. Debaixo do trovejar incessante, d'uma repercussão infinita, um incendio de raios parecia alimentar-se d'uma inundaçào!

Ficava felizmente perto a ultima casa de Margão, e os *boiás*, correndo com agua até os joelhos, foram collocar-nos sob um tecto hospitaleiro.

— Ainda bem que as nossas *machillas* tinham trocado por tendas de inverno os seus iriados tendilhões de folhos, diziamos nós, salvos milagrosamente do naufragio.

— Exceptuando a minha! clamava Espada, que entrava encharcado desde a cabeça até aos pés. Eu não sou homem que me esconda nem do sol nem da chuva; e ámanhã hei de abolir o proprio tendilhão, se um raio o não abolir já hoje. Estou contente: não encontrei um tigre, mas apanhei um catarro, talvez mais feroz que o tigre.

. . .



Estava no seu auge a tormenta, e os mais fortes dobravam instinctivamente a cabeça. Era uma cata-dupa enorme de fogo e agua; e a voz do vento já accordado vinha misturar-se aos trovões, que rodavam furiosamente por cima de nós.

Não obstou isto a que alguns cavalheiros da villa nos viessem alli rogar que voltassemos, com as mais obsequiosas solicitações, e pernoitassemos na villa. Não podémos acceitar.

Seria passada meia hora quando a tormenta começou de afastar-se; e, apesar do muito que chovia, os nunca assás louvados *boiás* prometteram levar-nos, através de montes e valles, *por lagos nunca d'antes vadiados*. — A Deus e á sorte, diziam os nossos antigos navegadores. — A Deus e aos *boiás*, dissémos nós; e fechados os olhos e encapotadas as *machillas*, sentimos que *boiavam* em rumo incerto aquellas jangadas humanas, que ao cerrar da noite, com agua por baixo e por cima, deram fundo na bonançosa e amena bahia de Loutolim, que nos esperava anciosa e de pharoes accesos.

O nosso Espada estava inconsolavel: nem sombra de catarro!

Tinha-se mallogrado a visita a Rachol, com mágua de todos nós.

## IV

Adeus, Margão, festiva e christã; já villa antes de seres villa, porque Diogo do Couto te deu foros antes que t'os dêsse el-rei. Adeus, Loutolim, que de recatada te escondes na densa folhagem dos teus arvoredos; adeus, formosa casa hospedeira, onde apenas deixámos o protesto da nossa gratidão e d'onde levâmos verdadeiras saudades... e o dono da casa, que nos quer acompanhar para ir ajustar a Pondá umas contas atrasadas com o seu amigo A. Telles.

O ar está limpido e sereno, como sempre succede depois das grandes trovoadas; o campo ameno; o rio quieto; os arbustos das margens parecem toucados de flores brancas, e são sempre as alvissimas garças que nos estão vendo passar, com a sem-ceremonia que usam quasi todas as aves e quasi todos os bichos do oriente, talvez porque a religião gentilica ensina a respeitar e amar todo o vivente.

Embarquemos, e ainda uma vez—adeus, Salsete.

Cumpre, agora que vamos na galeota embandeirada dos viso-reis, demandando as montuosas terras das Novas-conquistas, não deixar as aguas de Salsete sem dar um esboço historico muito de fugida sobre esta provincia.

Dois traços apenas:

Quando o grande Albuquerque escolhia o centro do seu sonhado imperio oriental, e por indicações do celebre Timoja tomou posse de Goa em 1510 (posse então quasi pacifica, porque o seu dominador andava em guerra pelo interior e deixára a capital desguarnecida), tomou posse tambem de Salsete, Bardez e Pondá, tanadarias sujeitas á cidade e ilha de Goa. Quando o *Idal-kan* ou *Sabaim Dalcão* ou *Idalxá* (só Deus ou Mafoma sabem como elle se chamava, que nós tivemos sempre o condão de mudar os nomes ás pessoas e ás cousas), quando elle voltou e Albuquerque se recolheu á sua armada, tudo reverteu ao seu poder (\*).

Segunda conquista, e por isso segunda posse das mesmas terras por Affonso d'Albuquerque, pelas quaes Timoja pagára, a titulo de renda, sessenta mil pardaos de ouro, e que agora, arrendadas ao gentio Mel-Rau, rendiam cincoenta e dois mil pardaos, ou cincoenta mil, segundo o *Oriente Conquistado*, mas tinha em pé de guerra para as defender 5:000 homens.

Segunda vez o Sabaim (*Idal-kan*), aproveitando a

(\*) *Idal* é o nome da dynastia; *kan* é titulo ou signal de nobreza, que depois se mudou em *xa*, mais nobre e só dado a principes.

ausencia de Albuquerque em Malaca, nos desapossou, excepto da cidade já bem apercebida, de todas as terras que reconheciam el-rei de Portugal no territorio de Goa, fazendo o seu ninho de aguia no forte de Benastarim, até que, voltando de Malaca o grande Albuquerque, o enxotou do territorio da ilha, onde nunca mais pousou. Ficou porém senhoriando até 1520 Salsete, Bardez, Pondá, Belgão, todas as tanadarias da cidade. O rei de Narsinga despontou nos desfiladeiros dos Gattes com todo o seu exercito quando o Sabaim cahia de novo sobre a cidade de Goa; e, desbaratando-o, o expulsou d'aquellas terras, de que fez doação espontanea ao rei de Portugal.

Tomou-as ainda uma vez o Sabaim (Idal-kan), ficando aos portuguezes só a ilha e cidade de Goa; porque, nesta guerra sem treguas, o inimigo não descançava, e nós não tínhamos gente com que defendessemos o extenso territorio, apesar de milagrosamente nos multiplicarmos. Este ultimo esbulho durou até ao fim de 1543, em que teve logar a morte do Idal-kan, por cujo decesso, segundo nos refere o muito erudito e laborioso sr. Philippe Nery Xavier, e segundo se lê no já citado *Oriente Conquistado*, se levantaram as questões de successão entre um filho, Meale-kan, e um neto, Ibraim-kan, o segundo dos

quaes, para obter o favor dos portuguezes, fez doação perpétua de Bardez e Salsete ao rei de Portugal.

Era a quarta vez.

A historia da guerra de successão, depois da morte do Idal-kan, é um pouco diversamente narrada pelo sr. Barreto de Miranda nos seus luminosos estudos — *Quadros historicos de Goa* — em que apresenta Meale-kan irmão de Idal-kan, e não seu filho, dando como seu filho a Ibraim, que o sr. Miranda escreve *Abraham* (sempre a mesma confusão de nomes).

Segundo a relação do sr. Miranda, Meale-kan entrava tambem, como *tertius gaudet*, na contenda que se debatia entre os dois filhos do Idal-kan — Malu-kan e Ibraim ou Abraham-kan, a pretexto de que aquelle, o mais velho, era espurio.

Içuf-Xandivan seguia, com o seu partido, as partes do segundo-genito; d'outro lado, Meale-kan, irmão mais novo de Idal-kan, era secundado nas suas pretenções ao throno de seu irmão por Accede-kan, general, chefe d'outro bando. O primogenito, Malu-kan, tinha por si apenas uma mulher — sua mãe, a viuva do Idal-kan; e essa mulher venceu, mettendo em ferros seu cunhado, seu filho Ibraim, e obrigando Accede-kan (donatario, ao que parece, das terras de Bardez e Salsete) a fugir para Pondá, d'onde, em tractados que fez com D. Nuno da Cunha, cedeu as mencio-



nadas provincias ao rei de Portugal, em troca da protecção do visor-rei, que d'ellas mandou tomar posse por Christovam de Figueiredo, tanadar-mór de Goa.

Malu-kan pouco depois cahia assassinado aos golpes de Içuf-Xandivan, e succedia-lhe seu irmão, que restituiu honras e mercês a seu tio e a Accede-kan, o qual, voltando de Meca, para onde, a seu pedido, D. Nuno da Cunha o enviára, quebrou aos portuguezes a palavra dada, tomando para si as doações que lhes fizera.

Estava em Diu o governador; apesar d'isso, os campos de Vernã e as aguas limpidas do rio de Cuncolim sabem como foi vingada a traição e a affronta. Ouviram talvez pela vez primeira aquelles montes sombrios e gentilissimos o grito christão de—*S. Thiago!*

Os nomes de Miguel Froes e do capitão de Goa, D. João Pereira, lá ficaram escriptos com muito sangue portuguez; trazendo os victoriosos campeões as formosas terras de Bardez e Salsete de novo ao nosso dominio.

Foi por então que se levantou a fortaleza de Rachol, uma das melhores do Estado, sentinella avançada de Salsete, espreitando os Gattes sempre ameaçadores.

Alli veio quasi logo quebrar-se em ataques successivos o poder do inimigo, que, para que o governador D. Nuno da Cunha, já então em Goa e em caminho para Rachol, não viesse defender a fortaleza, foi fortificar um ponto formidavel juncto ao rio de Bory, obstruindo o rio com traves e cadeias de ferro. D'onde se vê que o systema dos *torpedos*, ensaiados na guerra da Crimea, nos Estados-Unidos e agora na Prussia, já era conhecido e usado nas nossas guerras do oriente.

Não conheciam difficuldades os portuguezes d'aquellas eras: acharam um canal obstruido; abriram outro! Durante um inverno, d'estes invernos da India, com o arcabuz numa das mãos e o alvião na outra, completaram o trabalho titanico.

Entra-se em formal campanha; mas no primeiro recontro o capitão D. Gonçalo Coutinho é mortalmente ferido em Bory, e destroçados os corpos do seu commando. Quando a nova do desastre chegou a Agassaim, ia assentar-se á mesa, com muitos fidalgos da sua comitiva (jantava-se então ao meio-dia), D. Nuno; tomado de medonha furia, o governador, lançou por terra cadeiras, mesas, pratos e iguarias, calcando tudo aos pés, e rasgou as toalhas e guardanapos para com as tiras pensar os feridos.

Nessa occasião, vendo o vencedor entre os prisio-



---

neiros um soldado portuguez, Francisco Dias, ferido e nú, reprehendendo severamente o vandalismo irreverente dos seus soldados, e desenrolando o seu turbante doirado, cubriu o captivo, exclamando que não merecia um portuguez ultraje semelhante.

Não é a primeira nem a unica vez que os vencidos portuguezes foram chorados pelos seus vencedores no oriente. O rei de Cambaia já tinha chorado em Diu a morte gloriosissima do moço D. Lourenço, filho de D. Francisco d'Almeida, que, depois de mutilado, se fez atar ao mastro grande da sua nau desmantelada, para dar, até ao ultimo alento, as vozes do commando!

Não sei que magnetismo é este de quanto é grande e heroico.

Nesse momento, em que os portuguezes eram derrotados em Salsete, estava Diu ameaçada pelo sultão Badur, e o governador não podia estar em toda a parte. Guerra por todo o Estado, e sempre! e a patria, então, a uma distancia immensa!

O descobrimento da India deu ao mundo o maior dos poemas epicos; restam as epopeas das guerras do oriente, que não estão cantadas ainda!

Prolongou-se este esbulho durante os governos de D. Garcia de Noronha, de D. Estevam da Gama—o cavalleiro do Sinay,—e quasi todo o de Martim

Affonso de Sousa, um dos que mais prendaram a India, porque lhe trouxe o seu apostolo, Francisco Xavier, em 1542.

Os tempos mudam: a diplomacia vem sorrir ao visoi-rei. As dissensões de familia, que tantas vezes tinham alternadamente dado e tirado aos portuguezes as terras de Salsete e Bardez, renasciam com aspecto novo; aproveita-se d'isso o visoi-rei, e, protegendo o velho Meale, já proscripto e perseguido de novo, ameaça com elle, sob promessa de doação das duas provincias, Bardez e Salsete, o sobrinho desleal. Morre por esse tempo o vencedor de Bory; e o proprio Ibraim, para nos captar a benevolencia, faz doação das provincias ao visoi-rei, com a condição de guardar em segurança Meale, pois que lh'o não queria entregar, como elle desejava. E assim, em 1544, tomavamos de novo posse da comarca de Salsete.

Meale vivia ora na cidade de Goa ora em Cananor com as honras de principe, o que fazia notavel medo a seu sobrinho, que, depois, no tempo de D. João de Castro, julgando que breve lhe seria a guerra movida por nós em favor de Meale, aproveitando a ausencia do visoi-rei, cahiu sobre Salsete e a tomou.

Voltou D. João de Castro, e mandou retomar a provincia; o inimigo fugiu sem dar um tiro. Repa-

rou-se então a fortaleza de Rachol; e de bom aviso foi, porque teve de ser em breve o abrigo das forças portuguezas, que se viram forçadas a ceder ainda a provincia ao inimigo incansavel.

Coube ao valoroso D. Alvaro de Castro, tambem armado cavalleiro no Sinay por D. Estevam da Gama, e já vingador, em Diu, da morte de seu irmão, a desaffronta d'este novo desastre, desaffronta que terminou pela heroica tomada de Pondá, á sombra de cujos muros e baluartes o inimigo se acolhera.

Não estava, porém, saciado de sangue o mouro; e, aproveitando a ausencia, em Diu, do viso-rei, retomou Salsete.

Deu-se então em Goa um desgraçado conflicto entre o Conselho e o Senado, querendo aquelle acudir á provincia, oppondo-se este em nome do povo, e manifestando receio de que o mouro, atacado em Salsete, viesse ameaçar a capital. Censurou acremente D. João de Castro a covardia do Senado, e, voando a Goa, cahiu como um raio sobre Margão, onde o inimigo, adivinhando ao longe o flammejar da victoriosa lança do viso-rei, fugiu, deixando aos vencedores a ceia feita para comerem e as tendas armadas para se recolherem.

Não viera para descansar D. João de Castro, senão que para batalhar e vencer. Em Cuncolim se

travou ainda esta vez a tremenda pugna, onde o terrível e ostentoso mouro Calibate-kan (\*), encontrando-se em lucta singular com D. Diogo d'Almeida (d'estes Almeidas *por quem inda o Tejo chora*), mordeu o pó que lhe entrava pelas estreitas fendas da sua mascara de ferro. No emtanto o capitão D. Alvaro de Castro ceifava as hostes mouriscas; e D. João de Castro, arremecendo adeante de si os restos do exercito em fuga, passava por cima de perto de tres mil cadaveres de inimigos, e completava a Iliada portugueza nesta provincia, no anno de 1548.

As aguas do rio tambem agora esconderam os vencidos á vida e á vergonha. Salsete era nossa pela nona ou decima vez!

Quando se pronuncia o nome sempre vivo de D. João de Castro, parece acordar-se ainda o hymno que o povo lhe cantava, e as trovas populares com que o saudava, até nas festas religiosas em que apparecia.

Que maior epopea do que estes pobres versos, que o rude e bom povo compunha, com a espontaneidade com que as aves cantam, os mares gemem e os céos esplendem? e que mais glorioso hymno do que este, que tinha vozes nas ruas, nos campos e

(\*) Vinha coberto de ouro, seda e pedrarias.

nos templos de Goa, e a que faziam côro os bravos canhões de Diu?

Dizendo que D. João de Castro completára a *Iliada* portugueza, em 1548, na provincia de Salsete, quizesmos apenas determinar a epocha da ultima grande batalha nesta provincia; de nenhum modo a pacifica posse, que só muito tarde haviamos de conseguir.

Assim é que ainda em 1739, no governo do visorrei, conde de Sandomil, D. Pedro Mascarenhas, a achamos dominada pelo Maratha, que, tomando em 23 de janeiro o forte do Monte, em Margão, só em maio a cedeu por capitulação, que, segundo nos refere o laborioso investigador, o sr. Miguel Vicente de Abreu, custou á camara geral quarenta e um mil xerafins.

Ainda em 1742 D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira e marquez do Lourical, teve de expulsar de Salsete o inimigo, que não desistia de incommodar-nos.

A fortaleza de Cabo de Rama, que olhava do sul a provincia, e que lhe era constante ameaça, foi tomada depois, em 1763 ou 1764, pelo conde da Ega, que morreu preso em Lisboa e minado de desgostos, por ver quão mal se lhe pagavam os serviços que fizera na India.

Alem das fortalezas de Rachol e Margão (e d'esta



já nem vestígios se encontram), tem Salsete a fortaleza de Mormugão, a noroeste, uma das mais fortes e das melhores do Estado. É do tempo dos Philippes, e foi construída governando a Índia D. Francisco da Gama, 3.º conde da Vidigueira.

Começou de edificar-se em Mormugão a capital do Estado em 1685, por se haver tornado Pangim muito doentia; o visor-rei transferiu para alli a sua residencia em 1703. As obras porém ficaram suspensas e perdido quanto se havia gasto, em virtude da determinação regia de 1712.

.....

Quando meditámos nos trabalhos, na paciencia, na abnegação, na fé com que estes lidadores lutavam, na heroicidade dos nossos avós no oriente, lembram-nos sempre as palavras que, segundo Diogo do Couto, no seu *Soldado pratico*, disse ao sultão Mamude, rei de Cambaia, o capitão turco, o vencido, ácerca dos heroes de Diu, dos soldados de Antonio da Silveira:

— «E affirmo-te, poderoso rei, que pelo que vi fazer a estes homens, são os portuguezes os unicos dignos de trazerem barbas na cara.»

## V

Salsete, que foi muito mais populosa, conta hoje aproximadamente 120:000 almas, das quaes tres quartos, pelo menos, christãs.

Esta população está dividida por 29 parochias, 67 povoações e 52 communidades agricolas, cujas sobras montam annualmente a 537:285 xerafins, ou 85:975\$600 réis.

A população christã tem erectas 68 confrarias, cujas sobras são aproximadamente 19:194 xerafins, ou 3:071\$040 réis.

Conta Salsete 58 escolas de instrucção primaria do primeiro grau (sendo uma de meninas); e d'ellas 15 são publicas e 43 particulares; 2 escolas primarias do segundo gráu; 2 de latim; 1 de francez; 1 de inglez. Ao todo 64.

O numero total dos alumnos é de 2:248.

Tem, alem d'isto, o seminario de Rachol, com 8 aulas de instrucção preparatoria, frequentadas por 200 alumnos; e 7 de instrucção superior, frequentadas por 92. Ao todo 292 alumnos.

É o unico seminario de todo o Estado, pois que as febres inutilisaram o magnifico edificio do Chorão;



e o de Guirim, em Bardez, apenas se projecta. É talvez o melhor do nosso padroado; se bem que, agora mesmo, acaba de construir-se um formoso edificio em S. Thomé de Madrasta, com capacidade para mais de 40 alumnos internos e missionarios, destinado aos educandos catholicos do nosso padroado, especialmente das dioceses de Cranganor, Cochim e Madrasta.

Este seminario é devido ao acrisolado zelo do reverendo Benjamin Francisco Amarante, vigario geral do bispado de Meliapor, em S. Thomé de Madrasta (\*).

É Salsete, como se vê, terra mui dada ás letras sagradas e profanas: já fallámos nos seus jornaes politicos, que se publicam semanalmente; mencionámos os seus principaes redactores, e, tendo fallado em muitos escriptores distinctos do nosso conhecimento, não podemos deixar de mencionar nesta rapida revista o decano dos seus mestres, o sr. Miguel Philippe de Quadros, de Loutolim, de quem possuimos dois opusculos: um — *A oratoria applicada*; outro —

(\*) Foi inaugurado a 9 de novembro de 1870, assistindo o governador inglez, lord Napier. O reverendo vigario geral, Benjamin Francisco Amarante, remetteu ao governo da India portugueza tres cópias photographicas do novo seminario, d'onde se vê a grandeza e elegancia da fabrica.

---

*Exame philosophico dos dois systemas transcendente e transcendental.*

Pelo que diz respeito ás artes e industrias fabrís, pouco ha que dizer. Refere o ultimo relatorio do nobre ex-ministro da marinha, Rebello da Silva, apenas a existencia de duas fabricas nesta provincia: uma de cera e outra de licores, em Margão.

Os carpinteiros, marceneiros e alfaiates de Margão são afamados; e as obras de cissó, que d'aqui vão para Portugal, são lá muito estimadas e apreciadas. Com razão. Os ourives têm extrema habilidade, e o que mais admira é como trabalham sem utensilios, sem modelos, sem commodidades e sentados no chão, fazendo maravilhas de filagrana. Os alfaiates aqui são as modistas do paiz: trabalham para as senhoras.

Tem alem d'isso pedreiros, sapateiros e alparqueiros; nada d'isto porém avulta na estatistica do Estado.

Salsete, como todas as terras do Concão, é essencial e exclusivamente agricola.

Qual é a historia da sua agricultura?

É grande, é magnifica, mas tem sómente um periodo: a sua instituição, que foi a fundação das comunidades;—uma republica agricola federativa, obra d'uma prudencia, d'uma sabedoria e d'um alcance tal, que os seculos e o progresso têm passado e respeitado a rustica nobreza das gancarias; e tanto que

nem nos seus reconhecidos defeitos se atreve a tocar.

Não sabemos de instituição que tenha durado tantos seculos.

Tem hoje Salsete o que teve sempre: arrozaes e palmares. Começa a ensaiar a canna do assucar. Alem d'isto produz tambem mugo, urida, nachinim, culita, feijão, tori, pacol, sanvon, girgelim, oriô, areca, pimenta redonda, linho, café e algodão. De tudo isto, pouco. Podia produzir mais, mas não tenta.

Os paizes quentes são conservadores... por commodidade.

## VI

Ganhas, para a corôa de Portugal, as provincias das Ilhas, de Salsete e Bardez, restava que a religião, unico poder civilisador naquelles tempos, e o maior e mais proficuo de todos os seculos e em todos os paizes, arroteasse e semeasse o campo, cuja seara devia produzir fructos de benção para o governo portuguez e para os povos do oriente.

Não viu, não vê ainda hoje a India, que germen de salvação social lhe traziam os missionarios de Christo no viatico sacrosancto da sua doutrina civilisadora; doutrina que ensinava direitos de egualdade

num paiz sulcado de castas, em que as preeminências, segundo as leis gentílicas, são alturas inacessíveis, e as depressões, abysmos insondáveis.

Só a doutrina christã leva a divindade ao limbo para dizer aos mortos: levantae-vos! ou para dizer aos humildes: surgi! os ultimos serão aos meus olhos os primeiros! Só a voz do filho de Deus chama os soberbos da eminencia da sua vaidade para lhes dizer, apontando-lhes os párias: vêde, e amae os vossos irmãos! e sabei que no reino de Deus os primeiros são os ultimos.

Christo era humilde; raras vezes subia aos logares elevados; se tanto, do meio da encosta prégava para ser visto e ouvido. O meio da encosta é o centro modesto, mas honrado, proficuo e nobre da humanidade. D'alli facilmente se chega com um dos braços ao cume, e com o outro ao fundo.

Sómente duas vezes o achâmos no apice da montanha: a primeira foi quando satanaz o quiz tentar; o que symbolisa eloquentemente que a grande tentação está nas grandes alturas: a segunda quando, abraçado á sua cruz niveladora, os algozes, instrumentos de Deus, sem o imaginarem, o collocaram tão alto que o mundo todo podésse ver o *exemplo!* exemplo que elles diziam da justiça dos homens, e que o era da misericordia de Deus.

Começaram os missionarios a sua obra: vinham de Portugal com sêde de conversões. Os nossos feitos de armas, espantosos aqui (\*), eram divinizados lá pela distancia. O frade portuguez tinha, por ventura, ciumes do seu irmão guerreiro; e depois tambem havia maus missionarios entre os muito bons, cuja memoria honra e honrará sempre a christandade do oriente.

Haviam-se estabelecido em Goa as ordens religiosas; e, concertando entre si o inventario das missões, veio a caber na partilha Salsete aos jesuitas, sendo os padres Pedro Mascarenhas e Manuel Gomes os primeiros missionarios da provincia, e que, desembarcando em Cortalim no 1.º de maio de 1560, ahi disseram missa num altar improvisado.

O seu primeiro baptisado foi um brahmine d'essa mesma aldeia, escrivão da camara geral, que tomou o nome do padre que o baptisou — Pedro Mascarenhas.

A boa vontade com que os povos da provincia reconheceram, nas diversas eventualidades da guerra, o governo de Portugal; a indole essencialmente laboriosa, pacifica, sobria e intelligente dos salsetanos; a incontrastavel habilidade dos congregados de Sancto

(\*) Não esqueça que este livro foi escripto na India.



Ignacio de Loyola; a grandeza das suas obras, e até, quando era mistér, dos seus sacrificios; as suas largas vistas e vastos conhecimentos em todos os ramos do saber humano, que para tudo tinham homens; a suave luz que se ía fazendo nas trevas da gentilidade; a verdade da doutrina; o conforto da caridade; a sympathia da fraternisação; e a grandeza e magnificencia do culto em templos, onde em profundas naves e arcarrias passavam em correntes electricas as toadas melancolicas do órgão acompanhando a musica dos psalmos e o planger das lamentações; tudo isto, impressionando um povo impressionavel, fez larga colheita de proselytos; e teria convertido todos os mouros e gentios se a soffreguidão de muitos missionarios não provocasse a reacção das religiões combatidas.

Esquecidos do — *Lac vobis tamquam infantibus dedi* — e do — *Omnibus omnia factus sum ut omnes facerem salvos* — do Divino Mestre, os missionarios começaram a ser conquistadores, e, em vez de continuarem a insinuar-se nas almas pelo amor, dispararam o seu odio contra os minaretes das mesquitas e contra as cupulas dos pagodes. Isto, acompanhado pelas provisões de Francisco Barreto, o violento christianisador da formosa filha de Meale (\*), e pelo arran-

(\*) A linda princeza moira foi seduzida por uma senhora

camento dos filhos gentios dos braços de suas mães, convulsionou lugubrementemente a India, e este violento estado durou desde o meado do seculo XVI até 1677, pouco mais ou menos.

Durante este periodo teve logar o grande decrescimento do commercio de Goa. Os commerciantes mouros, gentios, armenios, parses, arabes; os que nos traziam aos mercados a prata das minas do Japão e de Chiconá, do reino de Monomotapa; o oiro de Sofala (ou Ophir) e Mombaça, de Chingamira e Manica; as perolas de Manar e Barem; as amethystas, saphiras, topasios e esmeraldas de Ceylão; os diamantes de Bisnagar e de Golconda, de tamanhos prodigiosos; os rubís do Pegú, que scintillavam de noite; o marfim de Moçambique; as porcellanas, os charões, os setins e damascos, tecidos de prata e ouro, da China e do Japão; as especiarias dos Gattes, de Coportugueza, sua visinha, que a queria fazer esposa de seu filho; e conseguiu que a criança, devéras apaixonada pelo moço portuguez, declarasse que se queria baptisar. Oppozem-se seus paes, com a força de todo o amor que lhes dava a natureza e de todo o horror que lhes avultava a sua fé; porem, no dia destinado, o visorei entrou com o seu estado no palacio de Meale, e arrancou violentamente dos braços de seus paes a gentil moira, que se baptisou e casou na presença dos grandes de Goa. Pouco tempo depois morriam seus paes consumidos de pena.



chim e de Mascate; as riquezas de Bengala, de Sião e da Oceania, cujo centro fôra aqui, desapareceram. Deixámos de ir a Ormuz comprar, por sandalo, aguila, camphora e porcellanas, os primores da Arabia, e, por poucos larins, os da Persia: — alcatifas, damascos, brocados e cavallos.

Aos que têm por pobre o oriente cumpre lembrar, indo alem de Diogo do Couto, que a India, com parte da Africa oriental, fornecia o Egypto dos Pharaós e dos Ptolomeus, as faustuosidades legendarias de Salomão, a Babylonia, a Grecia, Roma, Constantinopla, Veneza: os maiores consumidores de preciosidades.

Salsete despovoou-se em grande parte, e furtou os seus deuses e os seus filhos á perseguição dos padres catholicos. Os pacificos salsetanos pela primeira vez se ergueram de mão armada; e a morte do meirinho da provincia foi o signal d'uma revolta, que seria temerosa porque era fanatica, se as armas portuguezas a não viessem abafar. A lucta, porem, prolongava-se nas trevas, denunciada muita vez pelo assassinato traiçoeiro e pelo atterrador incendio, que projectava sobre a provincia, febrilmente adormecida, o seu sinistro clarão.

Esta perseguição foi continuada pelas decisões dos concilios provinciaes, pelas indecisões de D. Luiz de

Athaide, reflexo do fanatico e infeliz D. Sebastião, e pela estulta intolerancia do arcebispo D. Ignacio de Sancta Thereza, que todos levaram por deante o seu fanatismo feroz. Debalde se esforçava contra tanto abuso, ainda em 1728, o visor-rei João de Saldanha da Gama e alguns padres, que ousaram proclamar contra o insaciavel e inutil despotismo.

Do arcebispo D. Ignacio, pois que d'elle fallámos, cumpre-nos accrescentar que foi elle uma verdadeira peste para a christandade do oriente, e o maior estorvo que teve no seu governo o visor-rei Francisco José de Sampaio e Castro.

Salsete lembra-se ainda (e nunca se esquecerá) do preço das suas visitas; dos livrinhos de devoções; das exacções por simples denuncias; das prisões arbitrarías; das excommunhões maiores *ipso facto incurrendas*; dos termos de emenda, que muitas casadas honestas tiveram de assignar e *pagar*, acceitando uma nota da deshonra que não mereciam; das comedias profanissimas e danças de *bailadeiros*, com que se desanuviava o *genio escrupuloso, pusillanime e apprehensivo* do virtuoso primaz; e, emfim, dos sons da sua guitarra, com que se embarcava por noites de opulentissimo luar, e com que esmaltava de languidas harmonias as suas serenatas orientaes sobre as lucidas aguas de Rachol.

Quem bem quizer conhecer o character deploravel d'este pastor leia uma memoria escripta pelo meu illustre antecessor, o sr. conselheiro Cunha Rivara, publicada na collecção dos boletins do governo, de 1861.

Concluâmos aqui esta breve noticia das missões em Salsete, que, se, mal dirigidas, afugentaram uma boa parte da população da provincia, nem por isso deixaram de ser-lhe e ser-nos de summa utilidade, quando entregues á direcção de homens virtuosos e sabios, taes como os padres Pero Mascarenhas, Pero Collaço e Balthazar Gago, que dilataram a religião de Christo pelo amor, que é a sua essencia, em grande parte da generosa provincia.

Cumpre deixar mencionado que a primeira typographia que houve na India portugueza foi a dos padres jesuitas, e que de Rachol são datadas as primeiras edições dos seus livros.

## VII

Já vejo quasi adormecido nas almofadas da empavesada galeota, sob o poder fulminante d'esta conversação historica, homem-Espada, que, desde que se começou a fallar de missões, affeiçãoou a um extasi

beatifico, de tal fórma edificante, a sua physionomia, que viriã a ser serafico se não acabasse por dormente.

— *Vigilate et orate quia nescitis diem neque horam*, lhe dizia Nogar (que teve seus estudos para dominico), abanando-o brandamente.

— Embalem-me, embalem-me, que estou sonhando com Deus! Quando abro os olhos, umas toninhas, que alem saltam, lembram-me ganezes (\*) a botarem a cabeça fóra da agua, para vêr se os pagodes ardem nas vascas da provincia por ordem do arcebispo da guitarra, e nas terras do rei de Sunda (porque faltou mencionar estas na conversa), ou se tudo aquillo são fogos de maravalhas. Felizes ganezes, que só têm tres dias de massada e de calor. Se me quizessem para deus no oriente, eu escolhia ganez.

E tornou a adormecer.

O outro ajudante, o *bravo inglez*, dá ordens de duvidosa efficacia aos marinheiros, para desencalharem a galeota, que se havia coçado numa restinga e parára, como a contentar o pruido e a sentir consolações.

(\*) O ganez é o deus-lar da India; cada familia o festeja durante tres dias, no fim dos quaes o lança ao rio, por crer que, se se quebrasse em casa, grandes males acarretaria aquelle desastre. É feio, o deus! tem figura de homem com cabeça de elephante. Todos lhe sabem a historia, creio eu.

Vicente João vigia as tonas que nos conduzem as *machillas* e os *boiás*, que mereciam ser cantados em verso saphico, se para tal e tanto houvesse lyra, ou mesmo *sarangui*, que não parece difficil de tanger, attendendo á sobriedade de cordas e á dieta de pontos, de que resulta um grande jejum de harmonias.

Á falta mesmo do *sarangui*, sempre ha de haver um *maddlem* e um *doll*; improvisar-se-ha o mais requebrado *mandó* que nunca se viu no oriente, e que alguns dos *boiás*, os mais feios, hão de dançar vestidos de mulher, cousa muito de seu gosto e muitissimo para se ver. Outros hão de vestir-se de generaes, com um mólho de penachos em cima do *mundaçó*. As trovas ficam por nossa conta: ha de se fallar nellas em eleições; nas violencias juncto á urna; nas compras de votos em dinheiro de contado; ou, emfim, em linguagem de *zagor*, fallar mal da visinhança, para se não dizer que fugimos ao character da poesia popular da India.

Nótavel cousa! a musica é linda, suave, sympathica e repassada de sentimento. A poesia é, por exemplo:

•Burgó tum boró munun,  
Mugê mãin zavuim queló tucá,  
Poti tum soró quitea *pita rê*  
Disgost diunum macá.

Por você ser bom rapaz,  
seu genro o fez minha mãe;  
mas você sáe *piteireiro*,  
faz chorar quem lhe quer bem!.

— Sahiu melhor do que eu esperava! exclamava Espada, a quem a traducção pertence. O que só me faz honra aqui é a versão de *pita ré* em *piteireiro*, que é seu filho legitimo; e tanto que vou enviar o precioso achado a Portugal, onde ha muito se procura a fonte da civilisadora palavra, sem resultado satisfactorio.

Algun soldado mestre, que foi da India e que, muito modesto por isso que era muito grande, nem se quer deixou o seu nome na sua obra, pronunciou o *pita ré* no Penim, e o Penim tem auctoridade. «Ou bem que nós somos...» quero dizer:—Ou bem que o soldado era...

## VIII

Pois, senhores, com a poesia esquecia-nos que estamos perto de Durbate, e que resta fallar da historia moderna de Salsete, com quanto Salsete não fosse a mais revolucionaria das nossas provincias da India.



~~~~~

Refiro-me á revolução de 1820, cujo ecco só aqui chegou em 1821, no meado de março, governando o Estado o visó-rei conde de Rio Pardo.

As noticias, que vagamente corriam, de que el-rei havia acceitado a constituição, de que seriam declarados benemeritos os que no ultramar a proclamassem; a desejada representação politica para as provincias ultramarinas; e, sobre tudo, as aspirações liberaes d'uns e as ambições particulares d'outros, prepararam a revolução da força armada, que, na noite de 16 para 17 de setembro de 1821, pelas duas ou tres horas da madrugada, cercava o palacio do visó-rei, e, proclamando a constituição, o depunha do governo, dando-lhe por homenagem o convento do Cabo.

É de justiça, e por isso do dever do historiador, deixar bem assentado que o conde de Rio Pardo se viu cercado de todos os respeitos que lhe eram devidos, e que foram sagrados para a revolução a sua pessoa e os seus haveres.

Noímeou-se a primeira juncta, composta do conselheiro Manuel José Gomes Loureiro, chanceller e secretario do estado; marechal Manuel Godinho de Mira; marechal Joaquim Manuel Correia da Silva e Gama; desembargador Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto; desembargador Manuel Duarte Leitão.

O arcebispo de Cranganor, D. frei Paulo de Aquino, e o dr. physico-mór Lima Leitão (a quem, segundo parece, haviam promettido logar na governança, formando-se de sete membros a juncta em vez de cinco), ficaram excluidos e despeitados. O germen da desordem ficava alli; porque, se o arcebispo era manso, Lima Leitão era inquieto e inaccommodavel.

Deve-se a este governo ephemero a aquisição d'uma typographia, que mandou comprar em Bombaim, e a deliberação de que se publicasse aqui o primeiro jornal official, que foi a *Gazeta de Goa*.

IX

Seis dias depois, em 23 de setembro, planisava-se uma revolta contra a juncta, que foi continuando nos seus trabalhos, em quanto Lima Leitão pedia conferencias secretas ao conde de Rio Pardo e lhe fazia propostas que o conde regeitava com a hombridade propria do seu character.

Chega do Brazil, a 26, a certeza de que el-rei acceitára a constituição, e a juncta determina mandar eleger deputados, excluindo do suffragio os gentios, a respeito dos quaes se faz uma excepção odiosa, sem causa que a attenuue ao menos.

Tambem á sombra da liberdade, que se proclama, se fazem em Bardez as mais tyrannicas extorsões, que provocam uma reclamação do arcebispo. Promoções especiaes, decretadas a 18, são causa de motins a 19; a 23 revolta-se a legião de Bardez, e a 24 associam-se-lhe as forças de Bicholim e Pondá, bem como a guarnição da Aguada. As peças assentadas no forte dos Reis-Magos, e os murrões que luzem accesos nas baterias, ameaçam Gaspar-Dias e Pangim; porem nessa mesma noite se concerta a paz. A juncta prepara-se, de modo que no fim de outubro tem força para reduzir o exercito, dissolvendo as legiões de Bardez e Pondá.

A este signal bem succedido de força segue-se o fatuo desejo de ostentação de auctoridade, e manda a juncta, imprudente, proceder a uma devassa *de inconfidencia* em Bardez, para investigar da revolta de 23 de setembro, e perseguir aquelles a quem tinha amnistiado.

Turvam-se os ares de novo e mais ameaçadores, e no meio d'esta cerração chega (a 25 de novembro) D. Manuel da Câmara, nomeado governador, em substituição a Rio Pardo.

A juncta quer *figurar*: acha delicias no mando; e, como já está acostuada ás honrarias, finge que duvida da genuinidade ou liberalismo do poder d'onde

a nomeação do governador dimana (apezar de el-rei haver annuido á constituição); mas, pelo sim pelo não, tem a longanimidade de lhe offerecer um logar na juncta: se de vogal ou de presidente, ponto é que não está claramente deslindado, á vista do que affirmam, d'um lado, José Aniceto da Silva, creatura de D. Manuel da Camara, do outro, o marechal Correia da Gama, membro da juncta.

D. Manuel prefere conspirar com os descontentes a governar sob as condições, que desde logo ante-vira, d'uma secundaria influencia; ou, peor ainda, d'uma tolerada assistencia. Conspirou: e a 3 de dezembro, dia da festa do Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, era deposta a juncta, e acclamada outra com D. Manuel á sua frente.

X

A provincia de Salsete, que parece haver sido estranha á primeira epocha da revolta, apparece na iniciação d'este segundo periodo; a camara acompaña o 6.º batalhão de Margão; e por isso D. Manuel, que sabia que uma revolta puramente militar póde significar tendencias de cesarismo, porem quasi nunca uma revolução liberal, diz, nos officios que, apenas

tomou posse, envia ao primaz, ao arcebispo de Cranganor e ao bispo de Cochim: — «Tenho a honra de participar a v. ex.^a que *a tropa e o povo*, reconhecendo a illegitimidade com que foi installado o governo constitucional em Goa, por uma pequena parte da mesma tropa *e sem concorrência alguma dos povos...* desejando satisfazer á *vontade geral*, etc.» — Saiba pois o municipio de Saisete que os seus vereadores representaram os povos do Estado e a vontade geral. É verdade tambem que a representação da camara era sub-assignada por muitos dos principaes proprietarios da provincia.

A força militar, pois, cercou o palacio do governo em Pangim; e, mal que amanheceu, desfez-se um governo e fez-se outro, sendo acclamado presidente D. Manuel da Camara, e eleitos para vogaes o arcebispo de Cranganor, D. frei Paulo de Aquino, o brigadeiro Antonio José de Mello Souto-Maior Telles, o desembargador João Carlos Leal, e o physico-mór A. J. de Lima Leitão. Chegava aos descontentes a sua vez de governar, e aos depostos a de conspirar. Era apenas uma inversão de papeis.

O auto da eleição é assignado por todos os convidados, e ahi apparecem já, alem da camara de Saisete, as das Ilhas e Bardez.

Não deixaram porem de correr, desde logo, ru-


~~~~~

mores ácerca da validade d'esta eleição, e D. Manuel viu-se na necessidade de convocar, para a sua revalidação, uma assembléa mais numerosa das diferentes classes da sociedade, que, no dia 8 de dezembro, na sala do docél, ratificou a eleição do dia 3. Era o recurso ao plebiscito, como ha pouco tempo, sem grande proveito, fazia o governo francez.

Nessa mesma sessão, um representante de Salsete apresentou propostas á juncta para a convocação de côrtes provinciaes, com poderes legislativos e até certo ponto executivos, no intuito de reprimir os excessos do poder judicial. Alem d'isso propoz que fossem presos e remettidos para Lisboa todos os membrós da juncta demissionaria. A juncta julgou-se incompetente para assumir taes poderes, e mandou registar estas propostas.

O arcebispo de Cranganor ficou tão irritado ou tão assustado com esta leitura, que pediu de novo e de prompto que o deixassem sahir do governo. Nao lh'o concederam. O presidente ficou munido de amplos poderes para os casos imprevistamente advenientes.

Não ficou sem reparo o arremesso do arcebispo, e no dia 19 era presente á juncta um memorial da camara de Salsete, pedindo-lhe explicações do procedimento do prelado. A juncta respondeu, em des-



pacho, franca e liberalmente. O incidente não teve mais consequências.

Aproximavam-se as eleições para deputados ás côrtes. As assembléas parochiaes nomearam, no dia 6 de janeiro de 1822, os eleitores; sendo cinco da comarca das Ilhas, seis da de Salsete, cinco da de Bardez, um de Damão, outro de Diu. D'estes dezoito eleitores, sete eram naturaes de Salsete, seis de Bardez e tres das Ilhas: sete d'estes eleitores eram ecclesiasticos.

No dia 14 reuniu-se nos paços do senado de Goa o collegio eleitoral, e foram eleitos deputados ás côrtes — Bernardo Peres da Silva, Constancio Roque da Costa e o dr. Antonio José de Lima Leitão.

Apezar dos motivos de escusa, apresentados por B. Peres e C. R. da Costa naquelle acto, e dos protestos que então e subsequentemente se levantaram contra a eleição, dos reparos da propria juncta, da resistencia dos portuguezes europeus, que se reuniram e deram sua procuração, para serem especialmente representados em côrtes, ao bispo de Cochim, os tres deputados e o bispo partiram para Portugal, a bordo da *Luconia*, a 4 de março, tendo por companhia o ainda hoje chorado conde do Rio Pardo.

## XI

Com a sahida do physico-mór Lima Leitão entrou para a juncta, por eleição a que se procedeu a 7 de março, o capitão de mar e guerra, Joaquim Mourão Garcez Palha; tendo sido nomeado no 1.º d'este mez redactor da *Gazeta de Goa*, cujo primeiro numero sahira a 22 de dezembro de 1821, o capitão Luiz Prates de Almeida e Albuquerque.

Seguiu o baixel do governo provisorio com ventos varios a sua laboriosa derrota, no meio de muitos descontentes e de não poucos agitadores, sendo que mais d'uma vez teve de haver-se com o primaz, com quem manteve uma correspondencia curiosa (se bem que nem sempre digna, principalmente na phrase, da alta esphera em que primaz e governo demoravam), em resultado d'uma devassa a que, por ordem do governo, o juiz Abreu Castello Branco, hoje conde de Fornos de Algodres, estivera procedendo em Bardez.

Apezar das providencias do governo, na noite de 9 para 10 de maio, rebentava um pronunciamento naquella provincia, capitaneado pelo tenente-coronel Assa e pelo padre Pedro Ribeiro, pronunciamento

que nessa mesma noite morreu abafado em Colvale, no quartel do 3.º, onde ficaram presos, com o tenente-coronel Assa, 150 a 180 homens. O padre Ribeiro e o seu troço desconfiaram a tempo e puderam evadir-se. Fôra apenas o prologo.

No dia 16, de madrugada, a força da capital e de Gaspar-Dias, dando mais uma vez um triste exemplo de indisciplina, vinha exigir do governo a proscripção, em 24 horas, do primaz; dos marechaes, Correia e Godinho; do conselheiro Loureiro; dos desembargadores, Rocha, Abreu e Magalhães; e do tenente-coronel Correia de Mello.

Negou-se o governo a tomar tão violenta medida; porem os clamores recresceram, e, em nome dos *soldados indignados*, fallaram os officiaes em sanguinolentas vinganças. A juncta ousou, nobre e corajosamente, protestar contra similhante violencia, tornando responsavel a tropa do attentado. Novas instancias, novas negativas; e emfim cedeu o governo, lavrando uma acta que o absolve, acta que lealmente assignaram todos os officiaes que exigiram a proscripção, da qual só ficaram livres o arcebispo e o marechal Godinho, pelos pedidos do arcebispo de Cranganor.

O vulto de D. Manuel da Camara destaca-se nobre (ou hypocritamente?) no meio do refterver das paixões.

~~~~~

Entra na caserna sublevada com o mesmo desassombro com que se assenta na sua cadeira presidencial, trémula e vacillante em presença de tão encontrados embates. Lucta até á ultima extremidade; proclama ao exercito; accorda todos os sentimentos de patriotismo e todos os preceitos de disciplina: debalde!

No dia 17 a força voltou ao palacio e afugentou a legalidade. As prisões e as deportações cumpriam-se.

O major commandante do batalhão de Margão, João Cabral de Estifigue, foi encarregado da prisão do marechal Correia, dos desembargadores Magalhães e Rocha e do tenente-coronel, commandante da provincia de Salsete, Luiz Manuel Correia de Mello. A prisão dos outros denunciados coube a outros officiaes, e note-se que no dia 17 cresceu o numero dos deportandos e demittendos.

O brigue *S. João Baptista* recebeu-os a bórdo, e de bórdo protestaram quasi todos; o patamarim *Barcode* levou alguns a Bombaim.

D'aqui por deante passa um longo periodo em protestos individuaes ou collectivos, manifestos, respostas, contra-protestos, tréplicas e epigrammas mais ou menos acerados. Prates semêa a sizania no exercito, até ahi compacto, e essa sizania produz as ordens de 15 de julho, pelas quaes são deportados mais

~~~~~

vinte e oito officiaes, que tinham reprovado, por escripto, o procedimento do dia 17 de maio.

Nesse mesmo dia ás onze horas da manhã, quasi defronte do palacio do governo, cahia assassinado o infeliz Luiz Prates, que era tambem dos banidos. A revolução, que o poupára em 1819 em Pernambuco, viera em 1822 matal-o na India, onde, alem de redactor da *Gazeta de Goa*, era official-maior da secretaria. Morreu crivado de bayonetadas pela companhia de granadeiros, cujos odios, por sua imprudente coragem, provocára.

O arcebispo D. frei Manuel de S. Gualdino, vendo recrudescer contra si a animosidade, retirou-se para o territorio inglez nos fins de setembro, rezando talvez algum *requiem* por alma do Prates, que tão pobre e solitariamente fôra sepultado em S. Pedro.

Como, porém, a pedra despedida pela funda da revolução se não sabe aonde vai parar, aconteceu que as aspirações de muitos ambiciosos já queriam que se tornasse extensivo á India o decreto que provisoriamente regulou a organização politica do Brazil. A proclamação patriotica de 7 de outubro de 1822 honra o governo provisório, e é um alto padrão da sua gloria. Tambem é digno de honrada menção o protesto dos fidalgos de Goa contra a supposta carta

de S. Gualdino, e o seu protesto de fidelidade ao governo de Portugal e á constituição.

Este documento tem a data de 8 de outubro.

D'aqui por deante serenam as tempestades. A junta, em consequencia da provisão do conselho do ultramar, de 19 de dezembro de 1821, chegada a Goa a 17 de outubro de 1822, dimitte-se pela portaria do dia immediato, ficando só a governar D. Manuel da Camara.

Os deputados da India não chegaram a tomar assento na camara, já dissolvida á sua chegada.

Finalisemos este primeiro periodo da revolução liberal em Goa, reservando para a conversa d'outra viagem na galeota o segundo, de 1834 ou 1835: entre os dois ha um parenthesis triste para Portugal; porem, podemos dizel-o, bonançoso para a India.

E agora só duas reflexões:

Não sabemos se D. Manuel da Camara era de todo sincero, quando resistia ás instancias da força armada nos dias 16 e 17 de maio de 1822: cremos que o era (nem por ora é tempo de se fazerem apreciações), ainda que muitas suspeitas se levantam em contrario; verdade é que as não reforça um só documento.

É certo, comtudo, que alguns dos desembar-



gadores deportados tinham provocado aquella reacção; e os libellos famosos e anonymos de Malvane, para onde vieram de Bombaim desafogar despeitos, não justificam mas attenuam as exigencias de 16 de maio.

No meio d'esta agitação temerosa, que sobresaltou a India portugueza por tanto tempo, a provincia que mais se absteve de revoltas, de intrigas, de excitações á desordem foi Salsete (\*).

A galeota não se tirava da restinga: passámos para a *tona* das machillas.

— Faltou o melhor da historia de Salsete, e peço perdão; disse Moraes de Carvalho, o Espada, com um

(\*) Os que mais detidamente quizerem ver as peripecias d'este drama, não de todo incruento, leiam a *Relação das alterações politicas de Goa, desde 16 de setembro de 1821 até 18 de outubro de 1822*, pelo nosso amigo e distincto official da secretaria, o sr. Miguel Vicente de Abreu. Não duvidámos dizer que de todos os seus livros, este e o *Governo do conde Rio Pardo* são os melhores, os mais completos e os de mais utilidade no futuro, pela cópia de documentos que pôde junctar; de modo que, quando estes ultimos acontecimentos (hoje ainda contemporaneos) se poderão escrever como historia, os factos hão de apparecer em toda a sua luz, e a philosophia pôde sentenciar com justiça, porque o fará, graças a estes livros, com inteiro conhecimento de causa.

pé na tona, outro na galeota, e com ares de somnambulo: refiro-me á historia antiga, e se me dão licença agora, na tona, fallo eu.

## XII

Apenas entrou na tona, e quando ia para contar a historia, que faltava, de Salsete, estacou, olhou pasmado por algum tempo para a prôa do pobre barquito, cosido e alcatroado de fresco, e disse a meia voz e com intencional recato:

— Olhe! elle ahi está.

— Elle, quem?

— Aquelle, o tal, o homem notavel e mysterioso, que lhe mostrei em Dona Paula.

— Não reparei.

— Pois é aquelle.

— Mas que tem o homem de notavel?

— Que tem? é boa! Pois não o viu em Loutolim?

-- Eu, não.

— Em casa do Vicente João?

— Não vi.

— Nem em Margão?

— Nada.

— Nem em Bardez, quando lá fomos aos dizimos?

— Como, se não fui aos dizimos a Bardez?

— É verdade. Pois lá e aqui, por toda a parte onde estiver o governador, este homem não nos larga. Repare d'aqui em deante.

— E que prendas descobriu já no homem?

— A de ser mysterioso: senta-se em qualquer parte, onde menos dê na vista; não olha para ninguém; não falla; súa muito, mas nem pensa em limpar o suor nem em se abrigar do sol; encosta o rosto á mão e passa toda a viagem a scismar!

— Está conhecido: é um poeta apaixonado por alguma *bahé* de olhos pretos e panno paló ou bajú; e tem razão o homem, o tal, que são os mais lindos e elegantes trajos da India.

— Ou philosopho: talvez o homem seja philosopho; eu trago cá minhas desconfianças, e já o não perco de vista. Ah! cão! ou bem que...

— Teme que seja um espião?!

— Quem sabe lá? ou então um entusiasta maníaco pelas festas que fazem ao governador, e que elle presenciera entrando em toda a parte sem ninguém dar por elle, menos eu, que o trago de olho. O unico homem de quem elle parece arreceiar-se é do Nogar. Verá que nos acompanha a Pondá e de lá a Pangim.

Neste momento Nogar saltava para a tona, e pondo

a mão no hombro de Espada repetiu-lhe o latim com que o accordára: — *Vigilate et orate*.

— É isso mesmo o que eu estou a fazer. Veio a proposito, o latim.

— E a historia de Salsete?

— São dois pontos só, e vamos a elles:

Apósto que não sabem, começou elle, sentando-se, o motivo por que se edificou a primeira capellinha do Monte, em Margão, onde hoje está Nossa Senhora da Piedade!

— Provavelmente o amor de Deus...

— Ora! pois não foi tal; foi o medo do diabo. Naquelle alto, ahi pela meia noite, logo que os jesuitas entraram a baptisar gentios, como quem lava cabeças de nabos numa repreza de vanganas, começaram os demonios de se affligir; lembraram-se de vir d'alli pôr medo aos marganezes, com voz de papão, e dizer aos gancares que enforcassem aquelles padres, que os desgraçavam; e nisto gritavam até ficarem esfalfados.

— E quem descobriu que eram diabos, os serenos da meia noite?

— Quem descobriu? os jesuitas. Pois havia lá narizes como aquelles? cousa má cheirava-lhe a duzentas legoas. Callaram-se, os meus amigos; e, muito á surrelfa, armaram uma capellinha, onde resguar-

daram muito resguardada a Sancta Cruz. Á meia noite começaram os padres e devotos a ver as grandes aves negras, circuitando o monte e apertando a pouco e pouco o circulo para pousarem, que os diabos são muito desconfiados! os padres riam á socapa; tomavam a pitada sem estrondo, e sem estrondo passavam o lenço enrolado por baixo do nariz.

Causou estranheza aos demonios a casinha nova: chegaram-se; a porta ficára, de industria, mal cerrada; foram entrando. Trévas assim nunca elles tinham encontrado; apalpam, apalpam com os pés e com as mãos, pés de cabra e mãos de tigre, já se sabe; de repente, oh! Deus de misericordia! o maioral bate com o nariz na Sancta Cruz, e foi o mesmo que roçar um phosphoro numa lixa! o nariz estála e accende-se-lhe! e atrás d'este outro e outro, e todos. Ouve-se uma descarga de morteiros. A Sancta Cruz, illuminada agora, torna-se-lhes terrivel! querem fugir de roldão; a porta é estreita! despedaçam-se, mordem-se, dilaceram-se; a onda vai expellindo a um e um, e, á proporção que saem, vão voando estonteados pelos espaços sem fim, com os narizes em braza, em quanto os padres e devotos batem as palmas e dão graças a Deus e á Sancta Cruz. Lembrava uma explosão de foguetes, continuados em meteóros: formoso espectáculo. Nunca mais voltaram.

No seculo XVIII o monte era congresso de velhos,

ociosos e bisbilhoteiros. O conde de Ega soube d'isso. Demonios, propriamente dictos, nunca mais lá foram; e, quando passam ao largo, ainda voltam os focinhos e escondem os narizes.

— É bonita, a lenda. É pena que seja romance da sua cabeça.

— Da minha cabeça? e sorriu-se de vaidoso. Isto é do *Oriente conquistado*, escripto pelo padre mestre Francisco de Sousa, o mais piedoso filho de Deus, que veio á India. Contei-o com certos arrebiques pittorescos, porque me encho de alegria sempre que vejo pregar ao diabo uma boa peça, como lh'as sabiam pregar os padres jesuitas.

Então ainda os senhores não sabem o motivo por que eu queria encontrar um tigre em Salsete? olhem não peça eu um tigre nas Novas-conquistas! (E todos *intenti ora tenebamus* ás historias de Espada). Se eu encontrasse o tigre havia de leval-o a Loutolim, entrar com elle...

— Vivo?

— Vivo, sim, senhor; entrar com elle vivo na casa de jantar.

— Salva tal lugar, dizia Vicente João, arrepiado e pallido.

— Na casa de jantar, meu amigo; e obrigar-o a lamber os pés a todos os convivas!

— É muito!



— É immenso!

— É phantastico!

— É assombroso!

— Basta, senhores, basta de felicitações; não as mereço, porque era simplissimo o que eu faria; e se desejam felicitar alguém, seja ainda o padre mestre Francisco de Sousa, que ensina a domesticar a fera, fazendo...

— O quê?

— Simplesmente o signal da cruz. Isto aconteceu a um menino, a quem os paes gentios queriam desbaptisar, e que, voltando fugido para seu pae espirital, fez, por este processo, d'um tigre que o ameaçava um cão que o acompanhou com todas as caricias e blandicias. É ler o § 13.<sup>o</sup> da conquista 2.<sup>a</sup>, divisão 2.<sup>a</sup>, do citado *Oriente*.

— Ha só uma differença: é que esse tigre e esse caso nunca pertenceram a Salsete mas a Travancor, onde missionou o padre Francisco Henriques, portuguez, e padrinho d'esse menino. Havia de levar bem o tigre vivo á casa de jantar!

— Nesse caso tinha de o levar morto; ou bem que somos... mas a naturalidade do tal tigre não está bem averiguada, e póde haver opiniões. Leiam outra vez o *Oriente* no logar citado.

— Isto é que é saber historia; *intelligens ac*

*sapiens*, affirmava Nogar, e ninguem o havia de dizer.

— Historia e chronologia: tambem sei um pouco de chronologia. Estudei muito em Portugal; andei até arriscado a um *accessit*.

— E aqui?

— Aqui não estudo; tenho medo do *cariá*; aquillo pega-se, e eu sou muito rapaz por ora para me sujeitar a caruncho.

Chegavamos a Durbate, e passavamos quasi por baixo das quilhas d'uns patamarins que estavam levantados no porto e cobertos com as suas capas de olas, a fingirem que ainda havia inverno.

Á falta de caes em que saltassemos, os marinheiros levaram-nos ás costas, e, nestas figuras pouco elegantes, pozemos pé em terras de *Pondá*.

— Repare no homem, dizia-me Espada ao ouvido. Com effeito, desembarcava o mysterioso.

### XIII

Densas sombras cobrem o pequeno porto de Durbate; porto escondido, ameno, quieto, amoravel; parece o caramanchel das confidencias á beira d'um lago limpido e discreto, como um espelho que tudo

reflecte e nada vê. Temos defronte de nós profundas florestas de arvoredos novos.

O palmeiral ainda aqui existe, mas já não predomina, já não tyrannisa a paizagem com o exclusivismo intolerante da sua melancolica somnolencia.

O palmeiral é triste, como os olivedos da nossa Europa; quente e pesado, como os pinheiraes das nossas collinas. É mais tristonho que os pinheiraes e os olivedos, porque só conversa com as ventanias; as avesinhas alegres não cantam nem pousam nas palmeiras do oriente. Deus quiz o deserto scismador e solemne: semeou-lhe palmeiras de longe em longe. O predominio d'outro arvoredado tel-o-hia feito alegre e destruido a harmonia.

Em Durbate ha maior esplendor, maior opulencia de vegetação; e sente-se, por entre as balseiras de fetos e as moitas de bambuaes, um remecher de ribeiros que vêm derivando das collinas.

A sombra dos impenetraveis arvoredos é morna como o ambiente das nossas estufas.

Abafa-se, comprehendendo e invejando a ventura dos champós, das tecas, das punas, das arequeiras, de toda esta vegetação dos tropicos, que excede toda a phantasia do poeta e satisfaz todas as ambições do paizagista.

Quantas vezes nos temos lembrado do nosso Thomaz

da Anunciação, quando vemos os rebanhos de bois e de bufalos a banharem-se á beira das varzeas, nas mansas e crystallinas aguas que os duplicam; e, a destacarem-se no fundo verde-esmeralda, feito de arrozaes e tamarindos, os turbantes azues, brancos ou vermelhos, dos corumbins—pegureiros! Que viveza de côres, que novidade de quadros, que bizarria de perspectivas não iriam enriquecer as galerias da Ajuda, das Necessidades, da Pena e de Cintra, se elle visse o oriente!

Ouvimos dizer mil vezes que Rambois e Cinnati exaggeram, nos seus quadros, o oriente; não o conhecem, como hão de copial-o? e exaggeral-o... oh! que não sabeis que opulencia de natureza é esta, no meio da qual só o homem, por grande que seja, se sente amesquinhado.

Debaixo do denso arvoredor fomos a pouco e pouco descobrindo uma multidão, que estava esperando o governador da India portugueza (já houve tempo em que não era preciso escrever este adjectivo); no primeiro plano estavam, com os seus vistosos fardamentos, entre muitos officiaes, o coronel Pinho, commandante do batalhão de Pondá, major Henriques, ajudante Viriato Henriques, capitão Pegado, e o capitão Antonio Telles, administrador das mattas.

Mais alem um jardim de turbantes ou *pagotens*

de todas as côres, por cima do alvejar das *cabaías*, *angracás* ou *chogós* e dos *pudivães*, de barras vermelhas e roxas, denunciavam a população gentilica. Estas caras cobreadas, com os seus bigodes argola-dos; estas attitudes academicas, apesar dos muitos *salames* com que nos saudam; esta musculatura herculea e esculptural caracterisam devidamente os habitantes das novas conquistas.

Aqui está a população maratha predominando; a raça guerreira que tanto nos incommodou por largos annos.

#### XIV

A estes gentios havia o illustre governador promettido visitar, na sua passagem, o pagode de Queulá.

Os gritos stridulos da *chinga* e do *Cornóm*, precursores da *rabanada* da *Vádia* inteira, denunciaram que a festa principiava; festa selvatica, primitiva, atroadora, phantastica.

Abriu-se o grupo dos gentios para mostrar no centro um rancho de bailadeiras que dançavam, naquella sua languidez caracteristica, as danças religiosas com que nas differentes paragens se honram os cortejos dos deuses, dos principes e dos noivos.



As bailadeiras formam na India uma instituição monstruosa, anomala, escandalosa aos olhos do christão, do europeu e até aos olhos do indiano em que o bom senso não fallece.

A lascivia oriental creou, entre os preceitos da sua religião, uma classe de sacerdotisas, que fossem a um tempo servidoras dos seus deuses e instrumentos da sua volupia. Como as sacerdotisas de Vesta, ellas alimentam no templo o fogo sagrado, e, como as bacchantes das saturnaes, são votadas aos prazeres lascivos de seus voluptuosos senhores.

Para as pobres está interdicta a pureza virginal e as sanctas consolações da familia. Os seus filhos são uns párias, improductivos, que nem sequer trabalham; tocam nas festividades religiosas e profanas o *mordangui* e o *sarangui*, acompanhando a dança e o canto de suas irmãs, filhas ou mães. Podem casar, estes, e constituir familia com raparigas que ás vezes compam; seguem porem as suas mulheres a sorte das bailadeiras, menos em serem servidoras dos pagodes.

As bailadeiras querem sobre tudo ás suas filhas, que são mais tarde o seu amparo; sendo porem certo que, ordinariamente, não são pobres.

Vivem ostensivamente felizes estas lastimandas creaturas, tão bellas e tão mallogradas. Flores que



rara vez um amor colhe e amima; o desejo brutal as arranca e desfolha sem um respeito, sem uma caricia, sem um signal de affecto, sem um adeus de gratidão!

Aqui o homem é respeitoso para o homem, para o tigre, a quem chama *tio* — *vague-mamám* — para a cobra de capello, a quem adora: só com a mulher é indelicado e desdenhoso.

É justo que saibam isto na Europa as mulheres da Europa, que tão altamente vivem no respeito e na consideração dos homens. O gentio considera a mulher sua inferior. A viuva tem obrigação de morrer ou de se definhar e tornar-se horrenda, porque os ciumes dos orientaes espreitam d'alem da campa.

A mulher gentia do oriente nunca sabe o que é amor; e nasce para servir calada, sequestrada e serva (\*).

Voltemos a Durbate, e ás lindas bailadeiras de Queulá.

Vestem pannos riquissimos, *Pitambores* de seda de Chapur, Belgão e Nacpur; e nada mais elegante

(\*) Conhecemos gentios muito illustrados, e que formam, quanto lhes é possível, honrosa excepção a esta regra. Não culpâmos os homens; lamentâmos e accusâmos o prejuizo das suas leis e dos seus costumes.

do que estes trajos de Venus, de formosissimas côres, e barras tecidas de ouro e prata, crusando sobre *cholis* de setim.

Luzem-lhes nas infloradas cabeças os lavrados *chondracôres*, os finos *calianchi-pottis* e *curtarens*, cada qual a seu prazer; e, a seu prazer tambem, umas têm enfeitada toda a circumferencia das orelhas de *bugdiós* com cachos de aljofares, outras com *carabans* ou cravos engastados de rubís e perolas, outras com pingentes de ouro e *caducas*.

Do nariz pende-lhes (e custa-nos perdoar-lh'o!) o *nothi* ou *valli*, annel rodeado de aljofares ou diamantes.

Ao pescoço, umas ostentam os seus riquissimos *Tuxis* ou *Chinchpotas*, cravejados de rubís, diamantes e esmeraldas; outras *Golcoris*, terminados em grossos coraes e cobertos de peças de ouro portuguezas, libras e quartos de ouro.

Em volta do cotovello *baicurós* ou *vonças* de ouro polido, e nos pulsos uma arcaria enfeitada de *ganttés*, *cancanás*, e pulseiras de coral com rosas de ouro.

Ahi tendes o rancho das bailadeiras, que dançam ao som da sua avita musica, e vão saudar o sr. governador geral com a sua primeira canção.

## Escutemos:

D'amor aos braços flaccidos,  
delicias do prazer,  
vem! goza! nesta alfombra  
tentam fragrancia e sombra!  
que és tu?... simples mulher!

Tanges a *Visnam*, requebras-te  
em novos cantos e danças;  
bailas sempre airoso e languida  
e em tantas voltas não canças.

D'amor aos braços flaccidos,  
delicias do prazer,  
vem! goza! nesta alfombra  
tentam fragrancia e sombra!  
que és tu?... simples mulher!

Dize ao teu fio de perolas,  
dize, amor estremecido,  
que pague d'amor a divida  
ao meu desejo insoffrido.

D'amor aos braços flaccidos,  
delicias do prazer,  
vem! goza! nesta alfombra  
tentam fragrancia e sombra!  
que és tu?... simples mulher!

Casavam-se perfeitamente com a paizagem, com as sombras, com as fragrancias estas canções de tão voluptuosa cadencia.

— Pleno oriente, plenissimo oriente! dizia-me Espada, contentissimo. Cahi no paiz das *mil e uma noites*, e se apanho um *Aladim* furto-lhe a lampada maravilhosa.

Seguimos. O bosque é denso e esplendido; aqui até o feto é rei, e como rei invade os troncos e os ramos das arvores; aves de todos os matizes cruzam a floresta de momento a momento. Atravessâmos um regato de agua doce, que conversa com as sonoras pedras do seu leito.

O caminho sobe e desce, mas em suaves curvas, e conhece-se que percorremos o fundo d'um valle.

Os poucos raios do sol, que nos encontram através da folhagem, são faiscas de lume vivo. O ar é quas irrespiravel. Descemos uma pequena ladeira, e parâmos ao pé d'um regato.

— Bom sol, Espada!

— Soberbo! estou quasi salamandra.

## XV

A caravana ia arquejante; os *boiás*, com o suor que os inundava, pareciam de *cissó* invernizado; de dentro da agua, que corria aos nossos pés crespia e

rumorosa, estava-nos convidando um meigo cantar de sereias a que nos banhassemos, a que bebessemos.

Havia tanta flor e tanta borboleta sobre a verdura d'aquellas margens, que de bom grado acceitaríamos o convite do regato palreiro, se não fosse uma vaga lembrança de que talvez o tigre real nos entrevia somnolento ou nos espreitava faminto do recesso d'aquelles arbustos floridos, em quanto a cabrinha do matto saltava espantadiça de pedra em pedra, os monos silvestres faziam gymnastica nas arvores e algum crocodilo monstruoso nos ante-gostava em festins opiparos, agachado entre os salgueiros do *sapal* visinho.

O calor ia crescendo tanto e tão rapidamente, que nos parecia que caminhavamos para uma fornalha accesa, e que as bolhas da agua eram de ebullicão. Que seria de nós se nos não cobrisse tanto champó, tanto cajueiro, tanta jaqueira e mangueira? tantos vonvoleiros, cujas estrellas brancas nem seccas perdem o aroma? tantos nacchampós de flores de ouro, cujo cheiro estonteia e desvaira? tanto jamboleiro, cujos fructos são pinhas de rubís e coralinas? que seria de nós no descampado, sob a acção perpendicular do sol dos tropicos?

Quem sabe? talvez houvesse aragem que não ha aqui, e o calor mais insupportavel é o da estufa.

A *chinga* acordou-nos de todos estes pensamen-

tos, que a profunda floresta nos inspirava; as bailadeiras tomavam attitudes, a *Vádia* começava de encher de sons estridulosos aquelle theatro mysterioso. E as lindas moças de cantar estas cantigas, que o mais fielmente possivel, como as primeiras, traduzimos da lingua *Vrijà* ou *Vrijàbhaxá*, da India central; sendo para notar que estas, cantadas na segunda paragem, são allusivas á 8.<sup>a</sup> incarnação de Vichnú:

Homem tismado, aos teus braços  
corro, viril formosura!  
deixa embeber-me em teus olhos  
cheios de vida e doçura!

Ó crestado semblante, rosto amavel,  
tentação de morrer!  
tu és fonte perenne, inexgotavel,  
unica, do prazer!

Homem tismado, aos teus braços  
corro, viril formosura!  
deixa embeber-me em teus olhos  
cheios de vida e doçura.

Senhor, que sobre um dedo ergueste um monte,  
(Quão poderoso és!)  
Oh! consente, senhor, que a minha fronte  
pouse sobre os teus pés!

Homem tismado, aos teus braços  
corro, viril formosura!  
deixa embeber-me em teus olhos  
cheios de vida e doçura.



Que philtros terá esta musica oriental, que se insinua a nosso pezar em nós, que nos faz vontade de dormir para continuarmos os sonhos que principiámos acordados?

A bailadeira, por mais aceiada que esteja, anda e dança descalça; nas pernas pore[m], sobre o tornosello, tem uma porção de manilhas de prata, cadeias e pequenos globos sonoros de metal, que acentuam agradavelmente o compasso da sua dança; esta guisalhada argentina é as castanholas do oriente.

Duas bailadeiras, as que melhor dançavam, eram meninas de 12 a 14 annos; lindas eram, e esbeltas. Apezar de mulheres já, que aqui o desinvolvimento é prematuro, tudo nellas denunciava a modestia virginal e a casta pureza d'uma infancia recatada.

Fazia-nos tanto dó pensar no destino que esperava aquellas creanças, que sem nenhum mal haverem feito á sociedade tanto damno iam receber d'ella! Imbelles victimas do mais grosseiro e mais torpe dos erros sociaes, que se respeita como lei, que se venera como religião, e deante do qual a auctoridade constituida tem de cruzar os braços por causa d'um principio sancto, que se chama *liberdade de consciencia*; por causa d'um preceito liberal, que se chama *tolerancia*. Sancto principio e sacrosancto preceito, que levado ás suas ultimas consequencias ha de res-

peitar a fogueira das viúvas, a roda dos enganchados, o fogareiro do pagode de Malcarjuna, feito de tres cabeças humanas, e a passagem pelo monte de carvões ardentes em Sirgão de Bicholim.— E alem d'isto quantas extravagancias mesmo do sabio commentador dos Vedas, filho unigenito do unigerador Virady, que foi o fructo das duas naturezas de Brahmá. Admiravel legislação civil, politica e religiosa, que, repousando no mais absurdo dos principios, as castas, contém preceitos d'uma sabedoria immensa e d'uma verdade eterna, havendo por isso atravessado tantos seculos e sobrenadado ás inundações de diversissimos dominadores, religiões e civilisações!

Cousa porem muito para cogitações de estudiosos e pensadores é a pertinacia dos erros essenciaes da gentilidade, ainda no seio do christianismo, e a sua ostentação desassombrada em frente dos clarões da nova luz. Acceitou-se a doutrina, proclamou-se o verbo, mas persiste-se no preconceito.

Certo é tambem que entre christãos e gentios, no oriente, se estabeleceu uma certa promiscuidade de crenças, que, se por um lado espanta a piedade acrisolada dos devotos, por outro denuncia a logica inflexivel da tendencia das sociedades para a aproximação, e mais tarde para a unificação das suas instituições. Quantos christãos não vão consultar ao

pagode as flores do *prassád*, que explicam o futuro? e quantos gentios não levam as suas oblatas e as suas preces a S. Francisco Xavier, apostolo das Indias?!

Será isto sómente uma aberração, ou significará também a tendencia irresistivel do sentimento religioso, vago e indefinido, da humanidade que se ala nas suas aspirações instinctivas para o ponto unico, absoluto, da unidade? para a grande synthese creadora, onde toda a creatura, sua emanação, se reúne na concreção mysteriosa de todas as faculdades dispersas, de todos os pensamentos e sentimentos diffusos e abstractos, que se dilatam aqui e tão contradictorios parecem nas suas manifestações singulares?

«O homem é supersticioso porque teme, e teme porque é ignorante», disse um encyclopedista do seculo XVIII; é sentenciosa a phrase, e até certo ponto verdadeira; mas a humanidade é supersticiosa, porque o seu instincto, primeiro, e depois a sua consciencia, lhe ensinam que acima das diversas *escholas* e *seitas* está o *principio*, e para elle tende, como para o sol a planta.

Paravamos juncto da ensombrada avenida, que conduz directamente ao pagode de Queulá.

## E as bailadeiras cantaram:

«Oh! que elegantes vestes!  
e quantas vivas côres,  
brocados e primores!...  
e, olhae!... tão descompostas!...

Nos alamares soltos  
ha perolas pendentes...  
tres... quatro... e tão luzentes!...  
e, olhae... tão descompostas!...» (\*)

(\*) Estes versos, cantados nas tres paragens, deu-no'l-os, traduzidos em optima prosa, o sr. Suryagy Ananda Rau, lingua do Estado na secretaria d'este governo geral, e um dos mais illustrados brahmines gentios de Goa. Versado no estudo das linguas orientaes, é professor de maratha no lyceu d'esta cidade. Mencionando o seu nome cumprimos um dever, e sentimos satisfação em testemunhar o seu merecimento.

As canções escrevem-se assim (com a nossa letra) e assim foram cantadas:

«Príta lâgârvá tchâhtra tchâbilacá tó tô nipattá nary rê —  
Pritalagarvá, etc.

Veina bajávata gávata náchata náchata heigâta tháry rê —  
Pritalagarvá, etc.

Caraja phirâja môry boiâm marôry môtianaquí laratôry rê —  
Pritalagarvá, etc.»

«Ava sánvariá gâlê lâgáum râça bhâra tôrê nainam rê —  
Ava sanvariá, etc. (estribilho).

Sánvary súrâta raçabhari mûrata bina dequê nai tcheina  
rê — Ava sánvariá, etc.

## XVI

Os mazanes do pagode esperavam alli, com todas as suas ricas insignias, o governador geral: pôz pé em terra toda a comitiva, em cuja frente a primeira auctoridade, debaixo d'um pallio ou *torna*, de varas de prata lavrada, foi demandando o pagode, que se começava a entre-mostrar no seio do arvoredor. Em volta do pallio ostentavam-se os *chouris* e *mortcheis*, especie de penachos ou espanadores, com cabos de prata; o pendão, *aftaguir* ou *suriapana*; as *mahe-mertobas*, que rematam em cabeças de tigres e leões de prata; os sombreiros, *sotrys* ou *tchatras*; e a *vádia* e o fogo de artificio disputando agora qual havia de ser mais ensurdecador.

Niraquê prabhu guiridhâra nágara padacô lávata xíra rê  
— Ava sánvariá, etc.»

«Cápai rânguêli buttêdar bhái rangueli buttêdar-gy-nítanâhim anguiám — Capai rangueli buttêdar, etc. (estribilho).

Issa anguiánquê bânda kulê hâi-môti lâgá dô tchár bhai ranguegueli buttêdár-gy nitanâhim anguiam — Capai rangueli, etc.»

Os que souberem as duas linguas poderão dizer se a traducção é fiel; se o não for, offerecemos o sr. Suryagy á autoria.



O calor tinha augmentado, pela grande porção dos grossos fachos ardentes, *diutis*, com que vieram ennobrecer o prestito.

Não era esta, porem, a ultima prova de fogo por que tinhamos de passar; estava escripto que nos haviamos de aproximar do martyrio de S. Lourenço, e dizer com a sua acrisolada resignação: *Versa et manduca, jam assatum est*. Lá estava á nossa espera o grande pagode, grande... embora, mas baixo, muito baixo, cousa notavel! como quasi todas as edificações orientaes; baixo e abafadiço; e, não contente de não ter capacidade para muito ar, nem amplas entradas por onde se renovasse, a regurgitar de luzes em candelabros, em candieiros, em castiças, em lustres, em lampadarios, em globos de vidro, uns pendentos outros fixos no pavimento, no tecto, nas columnas e nas paredes.

Mal tivemos força para olhar em volta das cornijas e notar que eram abertas em baixos relevos, representando scenas da religião gentilica; e que no altar havia muita alfaia de prata, algumas talvez de ouro e muitas pedras de todas as côres, que, se fossem verdadeiras, seriam d'um valor incalculavel. Fugimos! fugimos do sacro forno, onde a asphyxia nos esteve mostrando, por milhares, as suas linguas de fogo.



— Espada, que lhe parece isto?

— Vingança crudelissima! conhecidamente vingança: são os netos que nos pagam em lume a agua com tractámos os seus avós.

— Apoiado, dizia Nogar; asphyxia por asphyxia: *baptismum ignis per aquae baptismum*; mas é mais cruel morrer no fogo que na agua!

— Aqui no oriente; vá lá para o norte, estabeleça-se dois dias no Spitzberg e falle-me depois.

Não deixaremos de mencionar que um dos principaes mazanes do pagode, Purxotomá Sadassiva Sinay Gantcar, dirigiu ao governador um discurso em portuguez, que foi por todos applaudido e devidamente apreciado, tanto mais quanto menos o esperavamos.

Fallou com muito bom senso da historia do pagode, que, primitivamente fundado em Salsete, foi depois transferido para Queulá, onde continua a ser possuidor de boas rendas, muitas das quaes lhe vêm das terras inglezas: — Muitos grandes donatarios, senhores e potentados da gentilidade foram devotos e protectores d'este templo e com muitos dons o enriqueceram, nos dizia o bom e esclarecido gentio, que terminou pedindo ao logar-tenente de Sua Magestade Fidelissima continuasse protegendo e ajudando a gentilidade portugueza no oriente.

Teve uma resposta muito nobre e muito consoante

ao seu desejo, o bom velho que tinha usado de tanta delicadeza que nem ousou contar, ou lembrar sequer, as muitas perseguições de que os gentios foram victimas em Salsete, o que os obrigou a fugir com os seus filhos e os seus deuses para aquelle remansoso e escondido abrigo em terra que não era nossa e que só muito mais tarde havia de pertencer-nos. Esta foi a verdadeira causa da edificação d'aquelle pagode, pelos fins do seculo XVI.

Sentámo'-nos a descançar um pouco no atrio ou alpendrada do pagode, onde a cortezania dos nossos hospedeiros nos offereceu flores, assucar e areca e betle, que é entre os gentios a offerta de maxima distincção. E em quanto nós fumavamos, *para refrescar*, soavam aos nossos ouvidos estes cantares:

«Vamos, é noite velha e eu vou contigo,  
meu rei, ó meu senhor;  
vamos depressa, estremecido amigo!  
eu vou contigo! a noite faz pavor!

Já sondaste desejos da minh'alma,  
ancias do meu amor;  
toma-me! vem! sou tua! colhe a palma!  
A noite calma... embora, faz pavor.»

As vozes d'estas raparigas não são argentinas, como as das aldeãs da nossa terra, que voltam do trabalho dos campos enchendo os valles de harmo-

.....

nias; estas são morbidas e plangentes, como a sua dança é desanimada e frouxa, sendo muito notavel que movam mais as mãos do que os pés.

Agora modifica-se o rithmo e precipita-se um pouco a cadencia:

«Vês, senhor? a lua espreita-me,  
e vê-me como eu a vi!  
conheceu-me o rosto pallido...  
como hei de chegar-me a ti?»

Estou certo de que me hão de desculpar esta minudencia com que andei colhendo a uma e uma as canções do oriente, ainda tão mal conhecidas na Europa. A poesia popular é o espelho de cada povo, e por elle se conhece a peculiaridade da sua indole. Não é esta, bem sabemos, a moderna poesia popular da nossa India; essa, já o dissemos, é inacceptavel: com um satyrico-burlesco tão desexxabido que não ha nada que se lhe aproveite. Esta é a poesia sacro-popular; tem uma tal ou qual consagração classica nos usos e memorias tradicionaes do oriente.

Ainda uma canção, e vamos visitar Pondá e a sua formosa christandade.

Esta mostra-nos o abysmo que separa as castas:

«Foge de mim, cavalleiro,  
que, enfim, já sei quanto vale  
o teu fallar lisongeiro.

Dize: pódes construir  
só d'areia um pedestal?  
póde acaso alguém subir  
pelo fio d'um punhal?

És filho de *Mathará*  
e eu sou *gugir puniarí*:  
que pódes querer de cá?  
que posso esperar de ti?

Foge de mim, cavalleiro,  
que, emfim, já sei quanto vale  
o teu fallar traiçoeiro. • (\*)

(•) É este o original das ultimas canções que deixámos traduzidas:

Tchâlongui sat tchalongui sat — rájá môri bêra nâhô gai-  
rat saniáry meitô — Tchalongui sat tchalongui sat (estribi-  
lho).

Hamarê tumana kahum ânta laguiôhei — baiám pâcâra  
tchalú sat — saniary meitô lê tchâlongui sat — Tchâlongui  
sat, etc.

Kâissi aum rajagi mei kaissi aum rajági mei (estr.).

Tchandanim tchâttâka râhi mukha mêrá dêkhê — garvá  
kaissi laum rê langarvá kaissi laum — kaissi laum, etc.

Jô sâiám têri jhútti bâtiám

Jô sâiám teri jhútti batiám (estrib.).

Mâtacara thácura hamassê ô gâtiam

Jô saiam, etc. (estrib.).

Valuqui bhita cathari cu tchâdnám

Tumatô thácura mathurá nâgarquê

Hâmâ paniari gudjâriam — Jô sâiám, etc.

De Queulá a Pondá é tão perto que apenas houve o tempo sufficiente de se apaixonar um dos ajudantes pelos olhos d'uma gentia que estava no bazar, ao pé d'um tanque já meio arruinado.

## XVII

— Pondá! Aqui é Pondá! Chegámos a Pondá!

Corriam estas vozes pelo cordão longo das *machillas*, que paravam sem ser preciso dizer aos *boiás*: *rab, rab*; e das quaes iamos sahindo, pasmados de não ver uma só casa.

Girandolas, porem, musica, a fallada musica de Pondá, e os uniformes da officialidade nos tiraram todas as duvidas; que o mais era tudo arvoredo em cima de nós: ao fundo um amphitheatro de montanhas altas, escarpadas e verdes. A primeira, a mais alta e ingreme d'estas montanhas, ficava-nos á direita, e parecia dominar toda a cadeia semi-circular do amphitheatro.

Á proporção que iamos seguindo para dentro d'aquelle sacco, vinham-nos assaltar vagas recordações mal definidas, mal distinctas, mas incontestavelmente agradaveis. Havia, em nosso parecer, prodigio de genio de velhas lendas no encantamento por que



íamos passando. Olhávamos para os montes, onde a vegetação rareia e onde ha rasgões feitos pelos regatos, e dizia Espada: — É celebre! E dizia Bravo inglez: — É notavel!

— Notavel, o que? perguntava Nogar.

— Uma cousa; mas, palavra de honra, é para scismar.

E quando nós, os portuguezes, que iamos alli pela primeira vez, nos entre-olhávamos, sorriamos; talvez alimentando todos o mesmo pensamento, que não ousavamos manifestar.

Bravo inglez, sobre tudo, ia com ares de inspirado.

É preciso, antes de mais, notar que á entrada de Pondá toda a cohorte gentilica nos deixou, e achámo'-nos de repente em plena christandade, mas plena e sem excepção.

Chegou-se a mim mais particularmente o major Francisco Xavier Henriques, que me foi dizendo os nomes e historia do paiz que iamos pisando, pois que no oriente cada pedra tem uma lenda nossa, digna das mais illustres memorias.

Começou por me mostrar e fazer notar o serro de *Mordongoro*, que foi coroado por uma das mais poderosas fortalezas de toda a India. Era a grande montanha da direita.

«Era a dicta praça situada em uma alta monta-



nha, nos diz o conde da Ega, no seu memoravel officio de 20 de janeiro de 1764, quasi inaccessible, pois para chegar a ella, por toda a sua circumferencia, se faria preciso em parte ajudar-se das mãos.»

No topo d'aquelle monte está hoje uma cruz singela. Do forte de *Mordongoro* nada existe. Da peanha d'aquella cruz, talvez, estariam vendo e abençoando o seu successor as sombras do conde d'Alva, que ainda se não atreve *de nojo* a contar se o trespassaram as balas dos que elle heroicamente combatia, se as dos que levava ao combate, e a cuja frente marchava; e a do conde da Ega, ainda mostrando as algemas com que lhe condecoraram os pulsos os carcereiros de Portugal; a do bispo de Halicarnasse, o soldado sagrado, o nababo mitrado, a quem o viso-rei confiára o commando das primeiras forças que entraram na provincia; a do valoroso Domingos Franco Bellico de Velasco, commandante geral dos nossos sypaes; a do coronel Jacques Philippe de Landreset; a do coronel Henrique Carlos Henriques, avô do meu ciceroni; a do sargento-mór, o benemerito artilheiro João Manuel *Zambuja* (que assim o escreveu o proprio conde da Ega), e de quantos aquella pequena cruz é epitaphio sem letreiro ou memoria sem mote e sem lema, porem

deante da qual tem de curvar-se reverente o portuguez que vai passando e a vê cortar no azul do céu as suas linhas tão rectas e os seus braços tão compassivos.

A cruz é a grande arvore cosmopolita: vegeta em todos os paizes, resiste a todos os ventos, supporta todas as latitudes, e fructifica em todas as estações. Plantae-a com os cuidados de uma piedade sincera, e não hajaes medo que se desarreigue ou esmoreça. Em todo o vasto oriente semeámos a civilisação, despertámos o commercio, ensinámos a navegar, fizemos a guerra, conquistámos e edificámos templos.

Contrarios ventos, soprados pela má ventura, nos varreram de grande parte do solo, escapando apenas os que se abrigaram aqui, no remansoso abrigo dos Gattes. Todas as nossas searas, todas as nossas arvores, que no amplo jardim tínhamos plantado e aperfeiçoado, se desarreigaram e morreram; uma só ficou, está e estará—a cruz: arvore que parece secca e nutre-se de seiva de fé e tem aromas de esperança e dá fructos de caridade. A cruz encontral-a-heis por toda a Asia, por toda a Africa, por toda a America e por uma grande parte da Oceania, dizendo aonde chegámos e onde deixaram sangue os nossos soldados e os nossos martyres. Marco milliarario erguido nos campos, nos burgos e nas cidades, dizendo

os caminhos que traçámos á humanidade quando a nossa gloria nos dava diplomas de directores, e nos encarregava dos trabalhos da engenharia universal.

Ahi estão esses caminhos: não eram de ferro, não, eram de amor e de dedicação; e tinham templos por estações, incenso por vapor, canticos por assobios e direcção em dois sentidos: a horisontal, para de povo a povo; a perpendicular, para da terra ao céu.

Por isso te saudâmos, ó cruz, como christãos e como portuguezes.

Viam-se as primeiras casas de Pondá e os primeiros rostos ás janellas.

— É celebre! dizia Espada.

— É notavel! teimava Bravo inglez.

E olhávamos de relance uns para os outros.

## XVIII

Chegámos enfim á casa do nosso hospedeiro, Antonio Telles, administrador geral das mattas; encontrámos alli um rancho de senhoras bonitas, frescas e alvas como se foram parisienses, graciosas como sevilhanas, vestidas, penteadas e adornadas como as lisboetas em Cintra, em Paço d'Arcos, no Estoril ou em Cascaes. Uma só d'ellas era já nossa conhecida;

haviamo'-nos encontrado na umbrosa e um pouco solitaria praça da Aguada, na companhia do meu antigo collega e amigo Joaquim Manuel de Mello e Mendonça, governador da praça.

De todas a menos alegre era ella; havia um véo tenaz de suave melancolia sobre aquellas faces pallidas, e morbido cançasso nas pupillas destendidas, como de quem olha para muito longe em procura d'um objecto querido e impacientemente desejado. Como a todos os tristes e saudosos, a força magnetica do coração dirigia-lhe o raio visual para o occidente. O occidente é a saudade; o pôr do sol, a melancolia.

Se lhe fallarem, áquella senhora, nas plagas africanas, no sol abrazador da Zambezia, nos trabalhos da ultima campanha, vereis como a pallidez augmenta e que lagrimas lhe gottejam os longos cilios negros sobre o seio arquejante; e vel-a-heis fugir, porque ella pretende ser forte, sem se lembrar de que, na mobilidade das suas feições, poz Deus a transparencia por onde se lhe está vendo a alma (\*).

Esta passagem rapida, instantanea, da gentilidade para a christandade, da *vádia* para a banda poli-

(\*) Pouco tempo depois esta senhora, D. Etelvina da Silva Telles, perdia seu marido, official servindo na Zambezia.

ciada, do pagode para a egreja, do *garath* para a sala, da *chinga* para o piano, da India para a Europa, produzia em todos nós um certo deslumbramento, que nos tinha indecisos e aturdidos; onde porem o pasmo se traduzia em mais distinctos e eloquentes signaes era nos olhos dos dois ajudantes, que pareciam quatro pontos de admiração no meio de vinte reticencias, que eram os olhos de todos nós.

— *Minhas senhoras...* sublinhava Bravo inglez, estendendo a mão a medo, e olhando para Espada.

— *Minhas senhoras...* repetia Espada, abrindo todas as barbas, e olhando para nós com ar de quem procura a solução de enigma que o incommoda.

Um momento depois tinhamo'-nos distribuido por differentes quartos e sacudiamos o pó da jornada, refrescando as caras com agua fresquissima das serras que nos estavam cercando.

Conheciamos em nós que estavamos bem e contentes; havia nuvens grossas no céu e lume na terra, mas estavamos agora nos intermundios da primavera eterna e respiravamos ares suaves e puros da nossa atmosphaera da Europa, que alguma boa fada trouxera para alli.

Moraes de Carvalho dissera a verdade: estavamos no paiz das *Mil e uma noites*.

Defronte do nosso quarto ficava o dos ajudantes,



e notavamos que havia questão grave entre elles. De momento a momento sahia, pé ante pé, Bravo inglez, ia espreitar á porta da sala, escutava, sacudia os dedos com estalidos e voltava ao quarto. Nova pendencia e acalorada discussão; depois do que, sahia Espada com as mesmas precauções, chegava-se á porta da sala, conservando sempre a guia esquerda do seu bigode louro entre o indicador e o polegar da mão esquerda, escutava, espreitava e lá ia tomar-se de novo com o Bravo inglez.

Pela minha vez, não podendo resistir á curiosidade, sahi do quarto e fui escutar e espreitar o que se passava no dos ajudantes. Eis o que vi e ouvi:

Bravo inglez estava deitado sobre a cama, e agitava-se e fallava com meneios e sons de quem sonha um sonho agitado. Espada, com ares de quem já arranjou um systema e acceitou a indefinida responsabilidade da sua phantastica posição, abria todas as gavetas, interrogava todas as algibeiras, esquadri nhava em todos os angulos, atrás de todos os moveis, e, em exclamações de pasmo por não encontrar o que desejava, percorria, ora a eito, ora salteada, a escala das vogaes e dos diphtongos de todas as linguas do seu conhecimento.

— Eu já tinha ouvido dizer que havia sonhos assim, dizia lamentosamente o Bravo; saber que estou so-



nhando e não poder acordar!... Que longo somno, meu Deus! até sonhei que fui á India, como ajudante d'ordens do sr. visconde de S. Januario; o outro ajudante era o Moraes Carvalho; até por signal me chamavam lá—Bravo inglez!

— E é verdade que foi á India: tambem eu fui; eramos ajudantes, e somos ainda, em disponibilidade; qual sonho, nem meio sonho? você está acordadissimo; tão real e verdadeiramente acordado como eu estou.

— Tem a certeza d'isso? em consciencia, estou acordado? dizia Sampaio, saltando violentamente da cama e mudando para o tom sacudido de quem tem uma grande esperança.

— Em minha consciencia, está acordado.

— Então estou na India? sou ajudante?

— É ajudante, mas não está na India: esteve.

Bravo, de novo em cima da cama, de se aninhar, de fechar os olhos, de se lamentar:

— Que sonho! o que eu tenho suado só de imaginar-me nos tropicos! Até havia de jurar que já matei um passarinho no Cabo, e que commandei na restinga a galeota dos viso-reis! Havia de jurar que entre Aden e Suez estive preso no cesto de gavea... Comprei um cavallo e já montava bem; já por fim não cahia senão duas vezes por tarde!... Eu tinha

uma certa elegancia, parecia um nadador aereo!...  
Que sonho! até fallo alto, estou-me a ouvir!...  
— Olha!... então!... com certeza estou a fallar alto.

Espada continuava a procurar com a mesma ancia.

— Mas como é isto? eu a fallar tão alto e ninguem ouve!

— Oiço eu; tenho ouvido tudo, mas deixo-o fallar porque me deleita essa mania. Espere, que eu já lh'a curo.

— Sinceramente, onde estou eu?

— Em Portugal.

— Que sonho! e ainda me parece que tenho os ouvidos a chiar com os gritos da *chinga*!

— Tambem eu.

— Então onde foi que ella nos espirrou musica aos ouvidos?

— Em Queulá.

— E onde é Queulá?

— Na India.

— É estúpido, palavra de honra, dizia Bravo inglez, agora em soliloquio; um sonho que nos dá orelhas na extensão de duas mil e quinhentas leguas, de modo que estando os nossos olhos em Portugal vão ouvir *chinga* aos contrafortes dos Gattes!

E apalpava as orelhas, que são aliás pequeninas, rosadas e bem feitas.

— Você não viu aqui ainda nenhuma lampada?

— Vi um pavio.

— Lampada, uma lampada.

— Vi tambem uma vela.

Espada começava de impacientar-se.

— Você nunca leu os contos orientaes: as *Mil...*

— *E uma noites*; contava-m'os uma ama que eu tive. Outra prova de que estou desgraçado, victima d'esta modorra insuperavel, é que o proprio Moraes Carvalho, com quem me parece conversar, está massador. Embirrou com as *Mil e uma noites*, e agora o verás. Não será isto congestão cerebral? Sinto um zunido na cabeça...

— E uma alcatifa? não viu ainda uma alcatifa?

— Heim? uma *alcatifa*! agora começa a estar suave e elegante; uma alcatifa! O que eu tinha visto (se estivesse acordado) era um tapete debaixo d'essa cama.

— *Inveni!* exclamou Espada, tirando para fóra o tapete denunciado; vai ter a explicação do prodigio: levante-se!

Sampaio obedeceu machinalmente; parecia um somnambulo.

— Aqui me tem.

— Sente-se aqui.

— Na *alcatifa*?

— Na alcatifa.

— Prompto.

— Feche os olhos.

— Fechei.

— Fórme um desejo.

— Qual desejo?

— Deseje ir á India.

— Estou desejando.

== Dão licença?

— Entre! dizia Espada, a alguém que chegava á porta do quarto, em quanto Bravo inglez se erguia de salto e agora com os olhos espantosamente abertos.

Entrou um sar-dessai brilhante, logo após um moiro pensativo e grave, e ainda depois um *boiá*, quasi nú, que vinha pedir uma tanga para fenim. Bravo inglez viu-se inundado de oriente, e Espada tomava attitudes e meneios de nigromante.

Comprimentaram, significando o motivo da sua visita, e sahiram os recém-vindos.

— Viu? disse Espada.

Bravo nem respondeu.

— Sente-se! Bem. Feche os olhos! Bem. Fórme o desejo de voltar para a Europa.

— Desejo.

— Palavra não era dicta, á porta, que ficára aberta, appareceram duas senhoras, filhas da casa: L. e L.

comprimentando-os com a maxima distincção, e perguntando-lhes se ellas podiam menos do que a preguiça, que assim lhes roubava as suas companhias.

— Inundação de Europa! dizia Espada, e ia para dizer mais quando se sentiu preso pelo pescoço com um abraço de Bravo inglez, que, no excesso do seu enthusiasmo, começou uma das suas walsas vertiginosas, já conhecidas na India, que são o terror dos salões, cujos frequentadores conhecem o cego embate d'aquelle perfurante cotovelo esquerdo. As senhoras acceitaram a situação e fizeram de orchestra. Pararam de golpe os dois, e disse Bravo:

— Já sei que estamos em Portugal; mas em que terra?

— Em Cintra. E mostrando-lhe da janella a montanha mais alta, o *Mordongoro*: Alli tem a Pena.

— É verdade!

— Alem o castello dos moiros.

— É verdade!

— Alli a Regaleira.

— Alli!

— Atrás d'aquelle arvoredosinho, no meio da encosta, ha de ficar a casa das sr.<sup>as</sup> *Chores*.

— É verdade!

— Alem, Collares.

— Alem!

- D'alli Villa Estephania.
- Villa Estephania.
- Nesta direcção, Monserrate.
- Nesta direcção.
- Victor Sasseti, aqui á nossa mão.

Bravo, não podendo resistir ás torrentes de jubilo que lhe brotavam da alma, abriu os braços para de novo os enlaçar ao pescoço do seu amigo e repetir a walsa, quando Espada, aterrado e pondo-lhe a mão deante, exclamou:

— Alto lá! menos isso! quando não, tórno a assental-o na alcatifa e atiro-lhe com os ossos para Antuerpia!

## XIX

Talvez ninguem ainda pensasse na força, na fatalidade do *itinerario*. Pois se ninguem pensou, eu juro que todos a têm sentido; certo é que tendo-se publicado memorias interessantissimas a respeito dos mais momentosos assumptos, taes como: o proveito dos mosquitos e a elegancia dos patamarins, ainda o *itinerario* não mereceu as honras d'um opusculo ou d'um discurso. Não ha nada tão facil modernamente como ser homem de sciencia, ou pelo menos de esperanças; é formular um principio qualquer, o mais



cerebrino, arvoral-o em regra geral e chamar ao seu estalão os feitos, as cousas e os homens. O processo é o mais agradável, pelos resultados surprehendedentes que produz. Num processo d'estes já chegou a sentenciar-se a não existencia de Jesus Christo. Se não seria logo outro processo instaurado para eliminar outra existencia illustre! foi, e deu em resultado a abolição de Buonaparte. Parou ahi; eram esforços titanicos para a humana debilidade.

Em quanto Champollion e Rosellini fazem fallar as mumias e alumiar os geroglificos, em quanto Bournouf adivinha e restaura os sigillos dos livros Zend, escriptos na lingua sagrada de Zoroastro, em quanto uns e outros *mineiros da historia* se afundam pelos recessos da antiguidade, trazendo á luz um passado ha tantissimos seculos sepulto, outros trabalham por aniquilar o presente, restabelecendo antigas seitas, de que elles proprios riram.

Pois estes prodigos de tempo, de saber, de paciencia, nunca tiveram a boa inspiração de memorar a infallibilidade, a cruel e desamoravel fatalidade do itinerario: sino que dobra no meio dos maiores prazeres; espectro que surge no centro de todas as festas; reticencia que finalisa todos os protestos; eterna condemnação do Ahasvero eterno; inflexivel—*non possumus*—da má educação diplomatica; dogma que

~~~~~

contém o sacramento da penitencia pelo jejum do trespasse, na religião da semsaboria!

Maldicto sejas, tres vezes!

Ao almoço seguiu-se a visita ao quartel do batalhão; no fim da visita havíamos de partir para Pangim.

A amavel familia da casa recorria ás mais calorosas rogativas para que ficassemos aquella noite; mas nem a eloquencia feminina pôde nada contra o preceito.

Depois de reiteradas instancias foi o processo com vista ao procurador da corôa, que, violentando os seus sentimentos, respondeu inflexivel como a lei e fatal como o itinerario.

Voltaram-se para mim as senhoras, pedindo-me que conspirasse com ellas e lhes lembrasse qualquer expediente. Apontei-lhes as nuvens, as grossas nuvens que toldavam o céu. Se alguma cerração pareceu já luminosa, foi certamente aquella; alli estava o grande exercito auxiliar; o lugubre, o medonho, o apparatuso, o sombrio, o unico poder talvez capaz de lutar com o itinerario.

As malas estavam feitas, os *boiás* esperando, o jantar findava quando se abriram as cataratas do céu.

Já conhecíamos a trovoadá da India; ficámos, contentes da força maior.

Houve baile essa noite; baile magnifico.

XX

Antes de sairmos de Pondá, e agora que se apagaram as luzes do baile e que as flores cahiram desfolhadas pelas salas apagadas, mudas e ainda ha pouco tão ruidosas, sigâmos Espada e Nogar a casa do sr. major Henriques, aonde vão dormir.

Espada entra primeiro no quarto, onde estão duas camas. Na sua imaginação escandecida traz ainda o baile acceso, delirante, provocador; o *mandó* dançado por deusas; o hymno do governador geral cantado por fadas; as longas tranças de ebano encanastradas em volta de rostos divinos; as fronte altivas e scismadoras; as cutis transparentes... e sabe Deus quanto mais levaria no coração e na phantasia. Elle mesmo, a sua pessoa esbelta, não ficava de fóra d'este conjuncto adoravel. Espada é modesto, mas a modestia não exclue a consciencia. Antes, pois, de se deitar quiz perguntar ao espelho se concordava com a sua opinião (uma opinião qualquer), e estava satisfeito com a resposta do espelho complacente; satisfeito a ponto de se demorar no inquerito e de fazer tomar diversas posições ao bigode e ás barbas.

Ora aconteceu que defronte do espelho ficava a

porta do quarto, porta que fechára quando entrou e que havia de abrir de novo Nogar — o dominico. Espada reparou, passado um momento, que a porta se entre-abria mansamente; calculou, e bem, que Nogar se dispunha a espreital-o. Sorriu-se; e sempre com as costas voltadas para a porta, tomou posição theatral e fez uma visagem, para o espelho a reflectir ao curioso. O silencio em toda a casa era profundo; pela rua, áquella hora, ninguem passava, a não ser que a formosa morgadinha dos arvoredos, esplendida formosura que lá vive no seu placido retiro, sequestrada ás vistas do mundo, com grande mágua de olhos que sabem ver... Mas a morgadinha ha muito deixara o baile e passara para os umbrosos recessos dos seus paços encantados; a porta continuava lentamente a descerrar-se, e Espada a deixar-se generosamente surprehender por quem tantos cuidados empregava nisso.

E se não fosse o Nogar?... podia ser... que não fosse!... De mais, a porta da rua estava aberta; quem sabe que prodigios novos lhe estaria preparando o oriente?! ha tanta aventura romanesca!... De tarde víra elle, acalentando um menino alli perto, uma bahé formosissima, de olhos negros scintillantes, e que ao rir-se mostrava dentes d'uma alvura como só no oriente se encontram.

Mão trigueira e não grande, passando agora através da abertura da porta, fez estremecer Espada. Nogar não era; a mão, aquella mysteriosa mão, a mesma talvez que escrevera terriveis palavras nas paredes dos paços de Balthazar, começava a assumir fórmās e posições phantasticas; para mão de Custobá era pequena, mas para da bahé era enorme. E pela abertura, cada vez mais larga, entrou a final... um homem! o tal! o mysterioso! o pesadêlo de Espada! e o mesmo foi entrar que cruzar os braços, encostar-se á umbreira da porta e ficar distrahido como d'antes, indifferente como sempre.

Um relampago sanguineo passou pelos olhos de Espada. O seu primeiro movimento foi desembainhar a durindana, talhar-lhe do craneo um copo, beber-lhe o sangue por elle. O braço, porem, retrahiuse: o miseravel estava inerme! apenas encouraçado na mais desdenhosa e provocadora tranquillidade. Caminhou para elle, e frente a frente, com a cabeça cahida soberbamente para traz, disse-lhe (com ira concentrada, para não acordar os donos da casa):

— Emfim!

— Sim, senhor. O — sim, senhor — de todos os servidores do paiz, que pouco mais sabem da lingua portugueza, e que respondem invariavelmente aquillo, quer entendam quer não o que se lhes diz.

— Mas — sim, senhor — o que?

— Não, senhor; lhe tornou o homem com a mesma tranquillidade, vendo no gesto inflammado de Espada que o não contentara a primeira resposta.

— Vossê zomba de mim?!

— Sim, senhor...

— Ah, sim! E tomou-lhe violentamente um braço: diga já! responda!...

— Sim...

— Deixa-me fallar, miseravel! Quem és? que queres? porque nos espreitas? porque nos persegues? Vais a Mapuçá! viajas na galeota! entras em toda a parte! és um cão, um gato, um camaleão... és um traidor!

— Sim, senhor!

— Confessas?

— Não, senhor; dizia o infeliz, suando com dores no braço.

— Não, senhor!

— Sim, senhor!

— Ajoelha e faz o acto de contricção, que vais morrer!

Espada estava fóra de si; se nesse momento tivesse consciencia, reconhecia-se perverso.

— *Pax vobis*, dizia Nogar, entrando.

— Qual paz, nem meia paz; hei de matal-o! hei de arrancar-lhe a vida!

— A mim? *Deus dedit, Espada abstulit...* Que é

isto? disse, attentando emfim no grupo singular que tinha deante.

— Que é isto?! este malvado é um conspirador ou um espião, que ousa seguir por toda a parte o governador da India e todos os da sua comitiva, que...

— Ó Severino, tu estás de joelhos?

— Sim, senhor.

— Levanta-te, infeliz! *Lazare, surge*, e puxa-me aqui nas botas. Dizia Nogar, já estendido num canapé, a gargalhar uma cachinada infantil, d'estas que fazem bem de ver e ouvir.

— Que é isto, amigo Nogar? quem é este homem?

— O meu creado e seu, Severino Antonio Luiz, que tenho a honra de apresentar-lhe; pessoa distincta, que come bem, falla pouco e dorme muito; que tem a rara qualidade de não contar o que vê nem repetir o que ouve, prenda inapreciavel para a conservação da paz domestica, e que por estas e mais partes que nelle concorrem me acompanha para toda a parte. Tira as botas com geito, que me dão os pés!

— Amigo e incomparavel Severino, perdôa! espero na tua discrição que não revelarás a ninguem esta scena tumida e estapafurdica, e na tua bondade que

me amnistiarás as metaphoricas e hyperbolicas excitações da minha pechosa sensibilidade. Bem sei que não entendes a linguagem dos deuses em que te estou fallando; vcu pois descer até chegar ao teu nivel: confesso que sou ás vezes doido...

— Sim, senhor.

— Tu has de perder a manha de dizer: — sim, senhor — fóra de proposito, e quando, como agora, podes offender susceptibilidades. Boas noites, amigo Severino, que temo envinagrar-me.

— Que typo! balbuciava Nogar, apertando as ilhargas.

— Amigo Severino, ajuda-me tambem a despir. Consinto agora que digas — sim, senhor; — puxa com geito, amigo Severino.

Os donos da casa perguntavam, no dia seguinte, que alegria retumbante fôra aquella, que se prolongára até amanhecer.

— Graças nossas, respondia Espada, puxando o bigode. Amigo Severino!

— Sim, senhor.

— Arranja a bagagem, e não digas mais nada, que já respondeste adiantado.

XXI

Na manhã do seguinte dia saímos para o palacio do rei de Sunda, deixando com verdadeira saudade e reconhecimento quem tanto nos obsequiara.

Pouco distante de Pondá, um pouco á direita do caminho que conduz ao embarcadouro de Banderá, encontra-se o palacio de Sunda, pertencente a um dos mais illustres potentados confinantes com o Estado da India portugueza. Os estados do rei de Sunda estão hoje, em grande parte, incorporados ás terras portuguezas. O palacio nem se torna recommendavel pela grandeza nem pela apparencia; só sim pela amenidade do sitio, pelo seu enorme banho rectangular, pelo extenso arecal que lhe serve de parque e pelo pagode, que lhe é quasi contiguo.

O palacio é um parallelogrammo e tem dois andares, um dos quaes terreo; no centro, o claustro gentilico com columnatas, e no meio d'elle a arvore sagrada: *Tollossy*. Defrontando com a entrada, os coxins flaccidos onde o rei passa, fumando, conversando e dormitando, as horas consagradas á sua indolencia, refrescado pelos impreteriveis *pancás* ou ventarolas. Este andar, ao rez do chão, é destinado

á familia real. As salas de recepção e quartos para hospedes são em cima, no andar nobre, onde encontrámos os retratos dos nossos reis. O palacio estava deshabitado, porque o rei de Sunda está vivendo, com licença do governo de Goa, em Panganur.

Nada prende alli a attenção do visitante alem das recordações historicas, ou lendas de amores de antigos tempos, e a fama de extrema belleza que se attribue a algumas rainhas, princezas de Corga e de Panganur; casas das mais illustres do oriente.

A ultima rainha consta que fôra envenenada no palacio, por causa d'uns amores com um official portuguez. Era linda, moça e viuva.

O governo portuguez dá uma guarda de honra, e lá a encontrámos, ao rei de Sunda. O pagode é inferior ao de Queulá.

Feita a nossa visita, entrámos nas machillas e partimos para o embarcadouro de Bandorá.

Quasi todo o transito, até que embarcámos, foi o mais ameno que possa imaginar-se. O sol estava encoberto; havia calor, mas nada comparavel ao dos dias antecedentes.

Por cima de nós corria um toldo cerrado de arequeiras, mangueiras, jaqueiras e tamarindeiros; o caminho, todo orlado de opulentas campanulas vermelhas e rôxas, agitadas pela aragem do mar, pare-

cia duas alas de flores vivas, que iam caminhando em sentido opposto a nós; os *martinhos* e *moruonís* conversavam nas ramarias, e de quando em quando, por entre os braços do arvoredó, viam-se, á nossa direita, lagos placidos, d'uma limpidez admiravel. Eram em praiamar as aguas de Mormugão, na curva que formam para ir encontrar em Cumbarjua as do Mandovy.

Formoso paiz! todo cortado de canaes navegaveis, escondidos entre balseiras de flores e sob *tunneis* de arvoredó. Que não seria esta Veneza viridente, este Adriatico oriental, se não fôra o sol que nos prostra, a cobra de capello que nos mata, o tigre real que nos espreita?

Os arecaes tem a solemnidade dos templos, a frescura das grutas, a majestade dos bosques e a amenidade dos jardins. A arequeira é fina, elegante e altiva; arremeça-se para as nuvens sobre um tronco mais delgado, mais direito que o das nossas faias; imaginae no cimo, aberto, um lirio todo verde; imaginae milhares d'estes troncos formando renques de columnatas do grande templo; imaginae que por uma e outra d'estas columnas tem subido em espiral uma trepadeira, que se desfaz em flores rôxas, azues ou amarellas, pelo meio das quaes pendem em fios os seus fructos de coral; em baixo um tapete,

conchegado e fôfo, de rosas de todas as côres e aromas; através d'ellas, a verem-se scintillar e a sentirem-se correr, meandros de agua doce. Tendes visto o arecal, com todo o seu aspecto phantastico e solemne. Passae por elle em noites de lua cheia; perdem-se os matizes, é verdade, mas adivinham-se no aroma; e o vago das fórmãs, o indefinido das distancias, a melancolia da luz, o carregado do azul do céo, a scintillação das aguas, a viveza dos sons, produzirão em vós todas as phantasias impossiveis, todas as visões do opio, todas as aspirações do paraíso.

Chegámos ao embarcadouro, onde nos esperava a galeota; embarcámos com destino a Dandim, onde tencionavamos jantar em casa de D. Manuel de Carcomo Lobo, representante dos condes de Barbace-na, e um dos mais agradaveis cavalheiros que viemos encontrar em Goa.

Antes, porem, de lá chegarmos, conversemos um pouco sobre a historia de Pondá.

XXII

Convem preambular.

Quando se toma por tarefa escrever um ponto singular de historia, é essencial, como na pintura,

preparar o fundo do quadro, pondo-lhe, embora ao longe e a traços largos, esbocetos complementares de acontecimentos que tiveram influencia no facto que nos propomos narrar. O nosso facto é a conquista de Pondá; os accessorios são as tentativas que se fizeram, os acontecimentos ou necessidades que as determinaram e as causas do seu mallogro, embora pareçam remotas.

E agora ao esboceto.

O seculo XVIII veio achar-nos decadentes em toda a parte, mas principalmente no oriente, para onde convergiam as ambições de todo o mundo. Os sessenta annos que haviam passado depois da dominação castelhana, durante a qual tanto perdemos, principalmente em beneficio dos hollandezes, não bastaram a levantar-nos do lethargo em que outros sessenta annos jazemos sob a dominação estrangeira. Depois da restauração a alliança da Inglaterra levou-nos a posse inteira da India, em cujos mares nenhum navio podia navegar sem trazer a nossa bandeira e sem salvar em preito e homenagem ás quinas portuguezas. *Tivemos a honra* de ver a nossa infanta, D. Catharina, rainha de Inglaterra, mas nenhuma princeza nos levou tão valioso dote.

Apezar das repugnancias do visorei Antonio de Mello de Castro, aos 18 de fevereiro de 1665 en-

tregámos a nossa Bombaim, a chave do commercio de todo o oriente.

Insistâmos um pouco na entrega de Bombaim, a mais importante loucura de quantas fizemos na India e causa immediata da nossa precipitada decadencia.

D. Affonso vi estava escripto que havia de ser victima de seus irmãos. Em quanto o infeliz monarcha desengastava as mais ricas joias da sua corôa, Tanger e Bombaim, para prender sua irmã, a sr.^a infanta D. Catharina, roubava-lhe o irmão, o sr. infante D. Pedro, a mais rica joia da sua familia — a esposa! e com a esposa a corôa já sem brilho, o throno sem esperança, o thalamo polluto. Tudo isto em troca dos bastiões sombrios da Terceira e d'um corredor solitario de Cintra, cujo pavimento gastaram os pés do real encarcerado.

Passou.

Crê-se geralmente que Antonio de Mello de Castro desde sempre resistira ás ordens expressas d'el-rei de Portugal, que terminantemente lhe mandava entregar a ilha de Bombaim aos inglezes, e que só a entregára vendo frustradas as suas successivas e instantes representações, em que punha evidente que a posse de Bombaim era a posse da India.

A verdade, e consta de documentos que temos á vista, é que Antonio de Mello de Castro, vindo de

Portugal, em 1662, a bordo d'uma náu ingleza, por não termos então náus disponiveis (e por este motivo não veio com o titulo de viso-rei), trazia, com data de 9 de abril d'aquelle anno, a ordem de dar posse de Bombaim ao procurador d'el-rei de Inglaterra (*).

Aconteceu porém que, chegando o governador á ilha de *Anjoane*, e tendo ahi noticia de que os holandezes estavam sitiando Cochim, instou com o general inglez, conde de Maleburgo, que lhe fosse em soccorro com as náus do seu commando, como era de sua obrigação pelo tractado que lhe dava a posse de Bombaim, estipulado no contracto de casamento da nossa infanta: recusou-se o inglez. Chegados a Baçaim repetiu o governador as suas instancias ao general Abrahão Shipman, cavalleiro da insignia dourada e fidalgo da camara secreta d'el-rei Carlos II, que veio de Surrate para tomar posse e ficar governando Bombaim, fazendo-lhe ver o nosso expresso e incontestavel direito, e protestando energicamente contra a obstinada recusa do general, que era na verdade uma flagrante, senão prévia, infracção do tractado.

Eis o primeiro motivo que levou A. de Mello a recusar a entrega de Bombaim, em quanto não desse,

(*) Esta ordem é assignada pela rainha regente.

como deu, conta a el-rei de semelhante procedimento, ajunctando a essa conta, de reforço, os inconvenientes que traria ao Estado a entrega d'aquella praça.

Instava agora, debalde, o inglez pela almejada posse; e, perdida a esperança de a haver por bem, determinou tomal-a com mão armada.

Previra o perigo o governador; e quando as náus inglezas sulcaram, ameaçadoras, as aguas fronteiras á bahia desejada, acharam os fortes apercebidos e arrogantes com a artilheria que A. de Mello lhe fizera enviar de Baçaim. Voltaram as náus mallogradas, e foram descansar em Angediva, á espera de melhor ensejo. E ahi morreu o general Abrahão Shipman, sub-estabelecendo a chamada procuração d'el-rei seu amo em Humphrei Cooque, ou *Inofre Coque*, como foi escripto nos documentos portuguezes.

De Angediva despachou logo o inglez uma das náus a Portugal; e como lá chegassem as queixas antes da justificação do governador, mandou el-rei, sem mais esperar, ordens terminantes para a entrega de Bombaim.

Não parou aqui a precipitação d'el-rei e do conselho de estado: para se cortarem novas duvidas ou demoras, que podésse oppor A. de Mello, manda-

ram-se poderes sufficientes ao vedor da fazenda da India, Luiz Mendes de Vasconcellos, e ao chanceller da relação de Goa, Sebastião Alexandre Migos, para dar posse da ilha; e em carta de 16 de agosto de 1663 dizia el-rei ao governador: — e contra quem o impedir (o cumprimento das suas ordens sobre a entrega de Bombaim), mandarei proceder com a demonstração que o caso pede.

Esta ordem chegou á India nos principios do anno de 1664.

Ainda apezar d'esta ordem, tão expressa e terminante, houve o governador meio de demorar a entrega por todo o correr do anno. Esperava sempre, e com fé viva, que o governo de Portugal havia de acordar á sua voz e tremer deante da sua prophecia. Já conhecia bem o que nos seria a Inglaterra de posse de Bombaim. Esperava principalmente que chegasse a Portugal o padre Manuel Godinho, que se arriscou a levar por terra os seus despachos a el-rei.

Emfim, não havendo a desejada contra-ordem, e esgotados todos os pretextos para demorar a entrega, assignou Mello de Castro a ordem fatal em Pangim a 14 de janeiro de 1665. A 18 de fevereiro consummava-se o sacrificio.

Pouco tempo depois chegava a resposta de sua

magestade, convindo com o visó-rei sobre os perigos da entrega de Bombaim, e acceitando o alvitre de a comprar! Era a ironia do destino applaudindo as prophcias da Cassandra, já quando a velha Troia estava ruindo a pedaços! (*)

(*) Num documento, indubitavelmente d'aquella epocha, em que está compendiado todo o processo da entrega de Bombaim, se lê este periodo: — «A resposta de sua majestade mandava suspender a entrega da ilha de Bombaim, no caso que se não tivesse executado a sua real ordem, porque, mandando ver as cartas do dicto sr. A. de Mello de Castro no seu conselho, tinha resolvido seguir a sua insinuação. As dictas respostas chegaram a tempo que já estavam de posse os inglezes e celebrada a entrega.»

Não encontrámos, é verdade, por ora, nas respostas de el-rei ordem terminante para a não entrega de Bombaim; mas achamos, para prova cabal da nossa asseveração, a carta regia de 25 de abril de 1665, tempo em que ainda el-rei não sabia da entrega que se fizera apenas dois mezes antes, e em que declara anciosamente querer trocar Bombaim a dinheiro, acceitando a *indicação* de Antonio de Mello. Talvez houvesse outras cartas em que terminantemente se *mandasse suspender a entrega de Bombaim*; não as achámos ainda, mas esta é sufficiente.

Mesmo quando a não tivéssemos, com que direito acoi-mariamos de falso o trecho d'um documento em tudo verdadeiro? Não seria talvez, então, mais acertada politica sonegar essas contra-ordens, que só serviam para nos com-

XXIII

Tinhamos agora direito a toda a protecção da Inglaterra. Decoremos algumas estipulações do tratado.

EXTRACTO ESSENCIAL

1.º Declaração de que, á excepção de Bombaim, todas as mais terras da bahia e jurisdicção de Bacaim ficariam nossas, taes as ilhas de Salsete, Caranjá, Baragão, etc., e nellas, d'ellas e para ellas inteira liberdade de commercio, sem que os senhores inglezes podessem impor-lhes tributo aduaneiro ou gabella, *nem na extracção do sal* nem em quaesquer outros generos ou mercadorias; não se podendo para isso valer de *pretexto algum*.

.....

prometter, do que deixal-as incorporadas ás instantes cartas regias em que el-rei ordenava a entrega de Bombaim?

O documento a que nos reportámos é evidentemente d'aquella epocha; existe na secretaria do governo, o que lhe dá, sem duvida, auctoridade; é da mesma letra dos livros, e em tudo o mais é de verdade incontestavel. Nem é de crer que el-rei deixasse de responder ás reiteradas representações de A. de Mello sobre negocio tão principal.

Nenhum motivo temos pois para, naquelle unico ponto, não dar inteira fé ao documento alludido.

3.º Encargo de prisão e extradicação dos nossos fugitivos entrados nas suas terras.

4.º Liberdade plena para o culto catholico.

5.º Franca entrada na bahia ás armadas de sua majestade fidelissima, quer d'alto bordo quer de remo.

6.º Aos habitantes portuguezes de Bombaim liberdade de residencia ou emigração.

7.º Liberdade reciproca de pesca promiscua em toda a bahia.

8.º Proibição de receberem, os inglezes, os servidores e homens de mesteres das nossas terras, e quando os precisassem os pediriam ao capitão de Baçaim.

Nem mesmo a titulo de quererem converter-se á religião dos inglezes poderiam receber os fugitivos...

.....

14.º Amizade reciproca e *reciproco apoio* (*).

É bom que, de quando em quando, se renovem algumas paginas da historia para exemplo a incautos.

(*) Na ordem para a entrega de Baçaim, dada a Antonio de Mello em data de 9 de abril de 1662, lê-se este periodo: — «... com que vos será presente a união que celebrámos e a obrigação que el-rei (de Inglaterra) tem de me soccorrer em todos os apertos e necessidades que d'isso tiver: e se nos em que vos vires for conveniente valer-vos dos inglezes, o fareis; como tambem os ajudareis no que vos for possivel.»

Antonio de Mello nem sequer teve merito nas suas prophecias; tudo quanto annunciou estava já visto. Não será porém sem interesse a transcripção d'uma carta que A. de Mello escrevia a el-rei a 5 de janeiro de 1665:

«Senhor. Por via de Inglaterra (*) me chegou este anno uma carta de vossa majestade sobre se fazer a entrega de Bombaim, e posto que a procuração que se me apresentou trazia maiores duvidas que a primeira (**), por ser passada a Abrahão Shipman, que

(.) Não deixava a presa Carlos II, e póde bem suspeitar-se o motivo por que el-rei via as reclamações da Inglaterra e não as razões do governador. Grande nação é a ingleza, que tem na sua inadormecivel persistencia o segredo da sua fortuna. Nós fomos sempre uns prodigos.

(..) O primeiro pretexto de Antonio de Mello para não entregar Bombaim foi a falta de procuração do rei de Inglaterra. — «Uma carta só que se diz ser de sua majestade não é procuração nem documento que valha para se entregar Bombaim, tanto mais que el-rei meu senhor me recomendou que pedisse procuração.» Debalde pois Carlos II, *Magnae Britanniae, Franciae et Hiberniae rex*, lhe escrevera aquella formosa carta em latim, em que lhe chamava parente e amigo muito illustre: *consanguinis et amico preclarissimo* (carta de 25 de março de 1662). Antonio de Mello não esquecia os tormentos da viagem nem o não soccorro de Cochim, e por isso desprezava tão nobre parentesco, duvidando ou fingindo duvidar da authenticidade do documento.

era morto, e não trazer successão, como se entendeu ser este gosto de vossa majestade e parecendo a todo o conselho que sem outro algum reparo se dêsse posse aos inglezes, e á relação que a procuração ainda naquella fórma era bastante, ordenei que o vedor da fazenda e o chanceller do Estado passasse ao norte a este effeito e lhes dei o regimento cuja cópia vai com esta.

Confesso aos pés de vossa majestade que só a obediencia que devo como vassallo poderia forçar-me a esta acção, porque antevejo os grandes trabalhos que d'esta visinhança hão de nascer aos portuguezes, e que se acabou a India no mesmo dia em que a nação ingleza fizer assento em Bombaim. Entendo satisfeita a confiança que vossa majestade fez da minha pessoa servindo-se de mim neste lugar, e a honra que me deixaram meus avós e eu professei em todo o tempo, com dar conta a vossa majestade dos inconvenientes que tinha esta resolução e dos motivos por que deixei de fazer a entrega, espero da grandeza de vossa majestade que, havendo visto os meus papeis, mande considerar ó que obrei e que procedi como devia, havendo-se vossa majestade por bem servido do meu zelo que é só o premio a que aspiro. Deus guarde a catholica e real pessoa de vossa majestade como a christandade e seus

vassallos havemos mister. Goa, 5 de janeiro de 1665.
— *Antonio de Mello de Castro.*» (*)

XXIV

Já nos referimos aos desgostos que A. de Mello tivera na viagem, d'onde lhe ficou o animo tão azedo. Se não fosse desconcertar o restricto plano que traçámos á nossa narrativa, compendiariamos as queixas descriptas num longo relatorio, que se encontra a fl. 461 do livro das monções, n.º 82: as contínuas brigas que se travavam entre os soldados, amostras do orgulho intransigente dos dois povos; de como aos portuguezes tiraram espadas e adagas; de como lhes arrombavam as arcas, e, roubando-lhes até os proprios mantimentos, lhes davam agua fetida, em quanto os carneiros, as gallinhas e os inglezes a bebiam excellente; de como os quizeram metter no porão para receberem a visita dos hollandezes, cujas náus ao passar a linha avistaram; de como de novo lhes quizeram derrancar a agua, mettendo tripas de vacca dentro d'uma das pipas; de como lhes cantavam cantigas provocadoras, nas quaes se simulava que os

(.) Fol. 162 do livro de monção, n.º 81.

portuguezes pediam aos hollandezes que os não comessem, apesar de serem gallinhas, do que resultou tanta *punhada* a bórdo que os inglezes perderam o gosto á musica, desenganando-se de que os seus companheiros não eram em verdade gallinhas.

E mais se alli refere que, chegando á bahia de Sancto Agostinho, na ilha de S. Lourenço, e sabendo que alli estavam, havia dois annos, uns portuguezes que tinham naufragado naquellas paragens, e querendo-os resgatar e recolher nas náus, o capitão inglez o não consentiu, chegando a castigar severamente uns seus marinheiros, que vieram com dois d'esses portuguezes, evadidos, em demanda das náus; que na ilha de Anjoane, encontrando tambem captivos quarenta e tantos portuguezes, e querendo o governador resgatal-os, o rei *do logar* lh'os entregára, em numero de quarenta e dois, á excepção de quatro moças e dos haveres dos seus captivos, e que o conde de Marleburgo não quiz dar ao governador sequer bateis em que fosse com a gente portugueza pedir ao regulo razão do insulto; que Marleburgo quizera que o governador dêsse a uns *arabigos* alli estacionados passaportes (*cartazes*) para livremente navegarem, e como o governador se não quizesse prestar a esta exigencia, mandára Marleburgo tirar de bórdo os quarenta e dois portuguezes, restituil-os e entre-

gal-os aos mouros, não lhe importando nem as *lagrimas dos pobresinhos*, nem a que iam lá quatorze christãos, e nem exceptuando uma negra com sua filha, de quem, tres dias antes, fôra padrinho o proprio governador.

Tão alto se levantaram aqui os clamores, e a tanto chegou a audacia ingleza, que o conde de Marleburgo mandou ameaçar o governador de lhe tirar a cabeça, como se fizera em Londres ao irmão do embaixador de Portugal, se lhe enviasse outro protesto como o que escrevera e assignára na ilha de S. Lourenço. Foi digna a resposta do governador.

Que Marleburgo mandára affixar um bando ao pé do mastro, em que se ordenava que a *qualquer portuguez que tivesse desavença com inglez o matassem logo, dando-lhe com marrões na cabeça*; (e nada dizia para o inglez aggressor). Nas alturas de Socotorá houve prenuncios de matança, que não se realisou, ou porque a noticia fosse falsa ou porque os portuguezes se uniram e vigiaram.

Que chegados perto da India, e convindo conferenciar, Marleburgo, a pretexto de doente, obteve que o governador fosse á sua náu, onde lhe deu logar inferior, e onde, a pretexto da falta de polvora, salvou apenas com onze tiros.

Que a 28 de setembro, chegando a Bombaim,

quizera Marleburgo para logo a entrega da Ilha; o governador convidára-o para uma merenda (era portugueza então a India; hoje, como é ingleza, ha *lunch* e não ha merenda), e para nella fazerem um brinde á boa viagem e feliz chegada. Fôra a merenda apparatusa, e no fim d'ella ainda o governador evitára dar a posse pedida, dizendo á Marleburgo: — «Quero-me ir despedir d'ella, pois ámanhã, sem a vossa licença, não poderei pôr os pés naquella areia.» Com o que se foi Marleburgo tractar de segurar a amarração das suas náus, que o vendaval (*elefante*) começava de cahir.

Dando esta narrativa incidental dos aggravos da viagem, para prova de que o intuito da politica ingleza era aniquilar-nos de todo, e para mostrar quanto havíamos já decahido do nosso antigo poder, convem accrescentar que pode bem ser exaggerada em muitos pontos esta relação, no que diz respeito á soldadesca. É mesmo provavel que os nossos muita vez provocassem a guarnição ingleza, o que em todo o caso não destroe os factos passados com os negros em S. Lourenço, com os arabigos em Anjoane, nem as negativas de soccorro a Cochim e Cananor, nem as desattenções e ameaças do conde de Marleburgo.

XXV

Apenas apossados de Bombaim os inglezes, começaram para o commercio e para a importancia politica de Portugal no oriente os symptomas da longa e implacavel agonia a que temos sobrevivido.

É isto devido ao milagre d'uma tão aturada vontade e de tão singular paciencia, que, se algum dia o nosso paiz reconquistar (e sinceramente o esperamos), o logar que lhe compete no mundo, e poder pôr em relevo a sua historia, velada agora pelos crepes d'uma decadencia inexoravel, hão de apreciar-se os esforços, a prudencia, a constancia, com que, ha dois seculos principalmente, estamos lutando numa lide sem gloria, num trabalho sem ganancia, num estudo sem estimulos, e com uma abnegação e modestia sem exemplo até hoje nos fastos da humanidade.

Dêmos a cada um o que é seu: extasiemo'-nos deante do passado, é justo; mas não lapidemos o presente, que podemos nelle matar o germen do futuro. Os nossos avós edificaram, conquistaram e doutrinaram; é grande. Nasceu isto em Ourique, consagrou-se na Batalha e morreu em Alcacer Kebir.

Depois vendeu-nos á Hespanha o cardeal-rei; depois deu-nos á Inglaterra D. Affonso vi: um avarento e um prodigo! sorte egual para a pobre grey, que, reagindo sempre contra os crimes e as loucuras dos seus reis, se resgata da Hespanha em 1640 e está luctando no oriente desde 1662 contra a inundaçào ingleza, tendo sobre os hombros feridos e ensanguentados, alem da pesada nobreza do seu nome, o montão das suas enormes e sagradas ruinas; ruinas que o desaprumamento successivo torna cada dia mais pesadas. Eis a missão obscura e arriscada que actualmente incumbe aos governos de Portugal; menos gloriosa de certo, porem mais difficil que a de muitos conquistadores.

Ha nas galerias de retratos dos viso-reis, neste palacio de Pangim, uma notavel singularidade: só os conquistadores estão cobertos; os outros como que lhes fazem cortejo. É assim o mundo; no commercio, como na politica, não se pergunta senão quanto se ganhou; e não entram em linha de conta os ganhos moraes, quer para a familia, quer para a nação, quer para a humanidade. Festeja-se a folhagem da arvore agradecendo-se-lhe a sombra, aspira-se-lhe o aroma das flores, colhem-se-lhe e agradecem-se-lhe os pomos que pendem para nós como que a offerecerem-se, e pisa-se aos pés a provida raiz, que,

da escuridão em que vive, sustenta e alimenta a rama, e nella a sombra, a flor e o fructo.

É facil ser grande quando se é opulento, ser forte quando se é feliz, ser brilhante quando se é alto. Marcha-se levando uma trombeta na frente e um pendão desfraldado, em que vai escripto um nome em letras de ouro. A trombeta desperta a curiosidade; os povos ouvem e correm—a signa é o cartaz: os povos lêem a inscripção heraldica e ajoelham. O heroe passa; chama-se soldado e é semi-deus; o sequito passa após elle; chama-se exercito e é cortejo.

Até D. João de Castro, sim; tiveram de crear um nome e sustental-o com prodigios, que nenhuma nação ainda os obrou maiores; depois... fomos demasiado fidalgos e pouco mercadores? de certo; mas substituímos a fusão á conquista, o doutrinamento á exploração, a amizade ao dominio. Se nem sempre os meios foram adequados, a idéa foi nobre e extensa.

Attribuímos aos homens faltas que foram consequencia inevitavel de circumstancias fataes. A dominação de Hespanha marca o principio das nossas grandes perdas pela guerra; a entrega de Bombaim e de Tanger marca a decadencia da nossa influencia politica. D. Henrique vende-nos algemados; D. Afonso VI dá-nos mutilados. Para remediar o primeiro mal bastava gastar as algemas; levou sessenta annos;


~~~~~

para sanar o segundo era preciso reconstruir gerações; já lá vão dois seculos. A nossa vida, durante elles, e a constancia com que temos luctado contra o desmoronamento geral ha de apreciar-as o futuro e sómente o futuro. Os contemporaneos lapidam-se em vez de se ajudarem, attribuindo aos governantes todos os seus males, que ainda, para mais, avultam e exaggeram! e não se lembram de que o presente não herdou senão tremendos encargos.

Recorda-nos esta porfia os trabalhos de Moyses, que tinha de luctar com a escassa aridez d'um deserto e contra a ingrata idolatria do seu povo, que por isso mais tarde do que era preciso chegou á terra de promissão. Mas chegou, e nós havemos de chegar tambem. Deus não dava tanta fé e tanta constancia a um povo decahido, se não tivesse de lhe restituir a sua grandeza.

Não nos fiquemos a lamentar. revézes nem a memorar heroicidades; nos fastos d'um povo não ha solução de continuidade; a nossa obrigação é remediar as faltas do passado e ensinar o caminho do porvir. Se mencionâmos aqui alguns dos nossos grandes peccados, é para remedio e para lição, que não para instaurar processos crimes sobre extemporaneos corpos de delicto, nem para expor as feridas á compaixão publica; somos ainda muito escorreitos



e muito abastados para mendigos de feira ou intrevados de romaria.

Isto de dizer ou escrever phrases, que vemos com muita mágua dia a dia reproduzidas na imprensa de Portugal, taes como: *pobre patria! infeliz nação, desditoso paiz*;—sobre denotar falta de brio e de virilidade, por ser dó lamentoso que deprime, e sobre denunciar mingua de patriotismo, pois que o exemplo de Cam mostrando as vergonhas de seu pae não é para ser seguido, é pregão de aleivosa mentira. Consentí que vos diga, homens de pouca fé e de duvidoso pudor, através da distancia que nos separa (\*), que se de alguma cousa a patria é pobre é dos nossos brios.

Sejâmos mais homens e menos Jeremias. Preparremos hymnos em vez de entoar lamentações.

## XXVI

Contra a expressa e manifesta vontade dos habitantes de Bombaim, que mais d'uma vez quizeram revoltar-se (\*\*), entraram de posse os inglezes, cujos

(\*) Este livro sahia publicado no *Boletim* da India.

(\*\*) «O adjutorio promettido a Portugal na India pelos inglezes foi um dos principaes motivos que me persuadiu a dar-lhe aquella ilha... *Poreis todos os meios, até o de per-*

primeiros passos, nem um momento retardados, foram a invasão dos nossos direitos, dos dos seus novos subditos e do nosso territorio.

A ilha de Maim foi-nos tomada sob pretexto de que, na vazante, se passava para ella por uma restinga a pé enxuto; os nossos catholicos ameaçados nas questões da sua fé, e principalmente na sua egreja; os foreiros do Estado obrigados a pagar, não os foros estipulados, mas rendas *ad libitum*; os aforamentos, firmados com a assignatura do visorei, não reconhecidos.

Contra todas estas infracções protestou, em 26 de maio de 1665, o capitão das fortalezas do norte, Ignacio Sarmiento de Carvalho, protesto que, se nada influiu no animo de *Inofre Coque* (o qual A. de Mello affirma ter conhecido tendeiro em Lisboa), levantou mais o espirito dos norteiros, que se quizeram sublevar contra os seus novos dominadores. Obstou em parte á sublevação a discreta fidelidade de Antonio de Mello, que lhes prometteu o resgate da sua cidade a dinheiro, como se estava contractando.

E quando mais tarde os inglezes se arreceiaram d'uma frota hollandeza que assoberbava os mares da

*suadir os habitantes de Bombaim na certeza de que não haverá réplicas nem duvidas.*» Carta regia de 2 de fevereiro de 1664. (Livro das monções, n.º 30.)

India e recorreram ao visio-rei portuguez, lembrando talvez os tractados de 1662, tão esquecidos por elles na occasião das nossas minguas, tão improficuos para a salvação de Cananor e de Cochim, não lhes démos soldados nem lhes podémos enviar galiões, que os não tínhamos, démos-lhes porem munições e providimentos das nossas praças do norte, não querendo que nunca da nossa parte houvesse quebra de fé.

Verdade é tambem que os holandezes nos eram inimigos communs, pois de accordo com os marathas, que depois foram alliados dos inglezes, annunciaram o desejo de estabelecer feitorias nas nossas terras do norte; mas, oppondo-se comnosco os inglezes, partiu, sem nada concluir, o capitão Colig Brie.

São evoluções que a historia perfeitamente explica. Tambem os holandezes nos quizeram tomar Damão, e ahi ajudaram-nos os marathas.

É mister, antes de passar ávante, distinguir bem duas epochas da dominação ingleza na India; a primeira é a da *companhia*, a segunda a do *governo*; a primeira, aquella a que nos referimos, está julgada, não pela Asia, que póde ser suspeita pelo odio ás extorsões de que foi victima, pela Europa, e, mais ainda, pela mesma Inglaterra, que no proprio parlamento disse desassombradamente a verdade, fazendo penitencia publica dos seus enormes peccados. Lêde

os discursos do parlamento inglez de 1858, e especialmente os de M. Layard, e as notas de lord El-lemboroug.

«A origem mais fecunda do mal, diz M. Layard, é a teimosia das annexações; foi isso que principalmente causou as grandes calamidades da India; e, como se a Providencia quizesse castigar as iniquidades practicadas pelos inglezes, as Indias tornaram-se para a Inglaterra uma vergonha e um opprobrio.»

Prova isto que a nação ingleza não podia auctorisar, nem auctorisava, os desmandos de varios *coques* que lhe andavam governando a India; mas, como estava muito longe, só pôde bem ver e ouvir quando se levantou o grande e temeroso clamor chamado—revolta dos cypaes.

Pela nossa parte devemos á primeira epocha, á exclusivamente mercantil do governo inglez na India, ou, para melhor dizer, á dominação da companhia das Indias orientaes, muitos e enormes aggravos; na segunda alguma cordialidade temos por vezes encontrado nas fórmulas e phrases; serviços, por ora, não (\*): —a differença é que na primeira a auctoridade era inferior á especulação; na segunda o poder, e por

(\*) O seu desinteresse para comnosco está-se agora manifestando nas questões de Surrate e de Lourenço Marques.

consequente a justiça, sobrepuja e regula todos os interesses individuaes e collectivos. Às vezes faz-se tarde a justiça, é força confessal-o, e chega fóra de tempo, mas faz-se, dando ao direito a razão que se lhe deve.

Seja-me permittido mencionar de passagem um descuido que se nota da parte da inspecção das escholas, onde se deixa, por inadvertencia de certo, ensinar aos alumnos falsidades a respeito dos portuguezes, que parecem proposito, mas que provavelmente são apenas descuido da superintendencia escholar.

Pois que lucra a Inglaterra em nos desconheitar no oriente, onde apenas somos a sombra do que fomos e onde nunca promovemos nem o seu descredito nem as suas difficuldades?

Fazemos-lhe justiça, acreditando que a auctoridade nunca attentou nas necedades que algum faminto mestre-eschola escreveu em hora impropria, no intuito, quem sabe? de fazer jus á sôpa de algum richoço, que se lisongearia com o insulto soêz dirigido a uma nação, que cede á Inglaterra em fro-tas, em riqueza, em exercito, em commercio e em grandeza territorial, mas que não cede a nenhuma em nobreza de feitos e de sentimentos, em prioridade de serviços, em generosidade de acções, em largueza de intuitos, em brios e em boa educação.

A nação hespanhola póde responder o mesmo.

Deus nos livre de tomar a serio o mestre-eschola, nem de aquilatar por elle a Inglaterra e o seu governo.

Copiemos agora o trecho inconsiderado a que nos referimos:

«Portugal está hoje abaixo das mais abjectas nações da Europa, tanto em civilisação como em moralidade. Os portuguezes são nojentos, tanto nas suas pessoas como nas suas habitações. Existe entre os hespanhoes e os seus vizinhos portuguezes uma antipathia invencivel, mas uns e outros são dados ao assassinato, e as touradas são o seu divertimento favorito. Southey diz: Ajunctae a hypocrisia aos vicios do hespanhol e tereis um portuguez.» (\*)

Podia dizer tambem que houve tempo em que, vindo inglezes á India como uns pobres diabos, de saquinho ás costas e uma febra de bacalhau no atadinho, e tornando-se suspeitos aos naturaes, vendo-se presos e em risco de serem estrangulados, mandavam, pelo amor de Deus, pedir soccorro ás mais proximas auctoridades d'este Portugal abjecto; um padre, só, ia aos confins da Asia, abria com a cruz

(\*) *Geographia para as escholas*, pelo dr. James Cornwell, 26.<sup>a</sup> edição, pag. 163.



do seu rosario as portas do calaboiço, cobria os condemnados com a misericordiosa bandeira das quinas e restituia-os á luz e á liberdade.

Isto será da differença das linguas ou das indoles? Entre nós chama-se abjecto o que ingratamente cospe a mão que se lhe estendeu.

Que mal faria a Inglaterra a este mestre-eschola?

## XXVII

Deixemos agora Bombaim e os *senhores* inglezes (com este respeito e na ausencia os tracta algumas vezes o nosso archivo), atravessemos quasi um seculo, assistâmos ao desembarque do infeliz conde d'Alva e sigâmos-lhe alguns dos seus passos.

Ficam-nos ahi noventa annos de demolições nocturnas, de intrigas feitas e ouvidas com o riso nos labios e Satanaz no coração, de amizades simuladas, de piedosas mentiras patrioticas, de pobreza coberta de manto doirado, de dores alliviadas cantando, de aggravos dissimulados sorrindo, e de heroicidades tanto mais notaveis, quanto foram acrisoladas no cadinho de muita desventura.

Ha um livro de Mery, o elegante romancista, que tem por titulo: *Guerre au Nizan*; conta-se ahi como

existia naquella provincia uma paz *official* disfarçando a guerra a todo o trance que se ia fazer de noite, depois dos bailes e concertos, em que os jovens officiaes se esmeravam em protestos de amor e requebros de galanteria, e d'onde sabiam para, até o amanhecer, correrem aventuras de batalha contra os nativos em revolta e contra as feras famintas.

É pouco mais ou menos a imagem dos noventa annos que atravessámos, só com a differença de que nem sequer tínhamos sempre a fortuna de batalhar; agonisavamos, victimas d'uma atonia teimosa, pintando de carmim as faces pallidas para simular saude e robustez.

Deixemos, pois, o conde de S. Vicente e as suas famosas cartas escriptas a el-rei, o conde de Lavradio e D. Pedro d'Almeida; deixemol-os comparar, na India, a tyrannia de Hespanha com a protecção de Inglaterra; aquella fazia, para defeza das nossas barras, as duas grandes fortalezas de Aguada e Mormugão; em quanto a Inglaterra, mal que entrou em Bombaim, ameaçou e poz em susto as nossas praças do norte e toda a segurança do Estado. Deixemos Antonio Paes de Sande, que, já do conselho de sua alteza (D. Pedro), levantava mais a cabeça, fiado em que a França podia ser mais fiel, como alliada politica, do que tinha sido como esposa a sua rainha e

~~~~~

ama, D. Maria Francisca Isabel de Saboya; deixemos o conde de Alvor bater o maratha e fortificar Angediva, e o de Villa Verde, que duas vezes logrou soccorrer Mombaça e bater os arabes nos mares do norte.

Menos feliz o seu successor, Camara Coutinho, perdeu Mombaça, apesar de a soccorrer.

Começa aqui o seculo XVIII, em que o governador Caetano de Mello de Castro tenta erguer a India do seu progressivo abatimento: bate os arabes e o Bounsuló, arraza as fortalezas de Ambona e de Bicholim, toma e fortifica Ponelem e Corjuem, e termina o seu vice-reinado concluindo honrosas pazes, que, por desgraca, haviam de ser pouco duradouras.

Seguiram-se as luctas maritimas ao norte, ainda prosperas ás armas do visorei Vasco Fernandes Cezar de Menezes, e após, o auspicioso governo do forte e justiceiro conde da Ericeira, desde 1717 a 1720, em que protegeu a agricultura e as industrias, derrotou o pirata Angriá, tres vezes rechaçou os arabes e recebeu embaixadas de Grão Mogol e da Persia.

Volveram depois mais temerosas as guerras do maratha e as audacias do Angriá; o Bounsuló foi sempre desleal. Ainda João de Saldanha da Gama os conseguiu bater, bem como restaurar Mombaça e Zanzibar, para de novo se perderem. A companhia das

Indias alenta os brios dos nossos inimigos e deixa os marathas (se é que os não instiga ao commettimento) apossarem-se de todas as nossas praças do norte. Escaparam Damão e Diu. O Angriá toma as nossas náus. Salsete é invadida pelo maratha, e Bardez pelo Bounsuló. Proxima se antolha a nossa total ruina.

O governo de nove annos de D. Pedro Mascarenhas, conde de Sandomil, foi dos mais calamitosos da India.

Succedeu-lhe felizmente o glorioso conde da Eri-ceira, agora marquez de Lourical, que, trazendo do Brazil 12:000 homens, restaurou Bardez e Salsete, tomou aos marathas Pondá, constante ameaça das nossas terras, retomou e restaurou muitas fortalezas e assignou pazes com o Bounsuló, obrigando-o a todas as despesas da guerra e fazendo-o tributario do Estado; e isto no curto espaço de um anno, que tanto durou o seu governo, terminado por uma prematura morte.

Seguiu-se-lhe o conde de Assumar, marquez de Castello Novo e depois de Alorna, praça que conquistou ao audaz e fementido Bounsuló, depois de renhido e ensanguentado combate, com todas as nossas terras, e, não contente com expulsal-o do nosso antigo territorio, entrou-lhe pelo interior dos

seus Estados, e foi tomar a fortaleza de Tiracol, a temida praça de Rarim e a de Neutim.

O marquez de Tavora succedeu ao marquez de Alorna, e pôde continuar a epocha gloriosa do seu antecessor. Forçado a acceitar a guerra que de todos os lados lhe faziam, por terra o Sunda, os marathas e o Bounsuló, e por mar, ao norte, o regulo Canajá, a todos bateu: a este incendiando os navios com que infestava os mares de Diu e arrazando a fortaleza de Neubandel; áquelles derrotando-os em Neutim por mar e por terra, tomando as fortalezas do Piro (*), Ximpem e Conem, e invadindo e devastando-lhes as terras de Pondá e Zambaulim (**).

Chegou á India a 15 de setembro de 1754 o visorrei D. Luiz Mascarenhas, conde d'Alva.

Descancemos um momento ao pé d'este desventurado vulto, desconfiado, irresoluto, mas esforçado; como homem, vingativo; mas como governador, impotente. Lamentavelmente infeliz.

(*) A praça de Piro era julgada uma das mais importantes conquistas como anteparo aos inglezes.

(**) Deve notar-se que por muita vez se falla da tomada de Pondá; é a phrase dos documentos que compulsei, mas nem se deve entender, até ao conde da Ega, tomada de toda a provincia nem posse definitiva.

XXVIII

Não fôra só de guerras que se cuidára durante os noventa annos que precederam, desde a entrega de Bombaim, a chegada do conde d'Alva; cuidados de toda a ordem assoberbaram os seus antecessores.

O nosso padroado começava a trazer-nos sérias inquietações, em parte pela influencia ingleza, que pensou em estabelecer nas suas terras o protestantismo, idéa de que parece haver desistido, e em parte pela ambição de Roma, que nomeava bispos contra o nosso direito (bispos que sua magestade mandava que fossem presos e se conservassem *reteídos*), e inundava de missionarios seus o oriente. As nossas missões degeneraram, como as ordens religiosas, que emprestavam usurariamente dinheiro ao governo a 8 0/0, conservando em hypotheca e sob administração propria parte das possessões do Estado. Ergueram-se em Columbo altercações religiosas com as heresias de Jafanapatão. A inquisição ateiava os seus fogos nas vastas florestas gentílicas.

O commercio, fugido pela ameaça fanatica do facho inquisitorial, e com receio da asphixia em baptismo violento, não se aventurava, por terra, por

medo dos exercitos sempre em armas, por mar, com receio da pirataria das costas.

O curso forçado da moeda fraca deu-lhe o ultimo golpe, tornando nullo o proprio commercio interno.

Assim é que nós vemos os esforços empregados para o restabelecer em varias e quasi sempre inuteis providencias, convidando-o e acariciando-o com promessas de privilegios e de pagamento em moeda forte. Eram neste sentido as ordens do reino em 6 de abril de 1754, para assegurar, talvez, as vantagens que se esperavam do contracto celebrado com Feliciano Velho Oldemberg, em 1753.

Os cofres da fazenda estavam exhaustos, não só porque as guerras absorviam todo o dinheiro do Estado, que ia com as nossas perdas decrescendo, mas pelo mal que pagavam as contribuições os devedores da fazenda, aliás grandemente empobrecida.

Já Antonio de Mello de Castro escrevia a el-rei que ninguem pagava os dizimos e menos os direitos de laudemios, meia annata e chancellaria, uns por pobres, outros por tão ricos que não temiam a justiça, pois que alguns dos fidalgos do norte eram senhores de vinte e mais aldeias (*).

O conde de S. Vicente dá a el-rei identicas in-

(*) D. Rodrigo de Castro tinha vinte e duas aldeias; Gaspar Paim de Mello, dezenove.

formações na sua memoravel carta de 26 de janeiro de 1668.

Este estado de cousas obrigára á antecipação de muitas rendas, e, para cumulo de infortunio, a companhia ingleza mandava-nos de Bombaim, de quando em quando, uma conta de divida que os governadores e viso-reis recambiavam, dizendo-lhe que a conta estava affecta aos governos de Portugal e de Inglaterra; o que não obstava a que, passado algum tempo, voltasse aquelle rol deprimente.

A nossa marinha, á chegada do conde d'Alva, reduzia-se a dois navios estafados, o *Vencimento* e o *Atalaia*.

O arsenal achava-se exausto, o exercito cansado, dizimado e desmoralizado.

Dentro do proprio paiz, e d'entre os proprios portuguezes, se descobriu uma conspiração para a entrega de Damão ao maratha, e foram por esse attentado processados e condemnados — Timotheo de Sequeira, Luiz de Brito, Francisco Martins e Simão Barroso; os tres primeiros portuguezes.

A nossa feitoria de Calicut era ameaçada pelo Çamorim, com quem se fizeram e renovaram pazes (que se não firmavam) em 1631 e 1724 (*).

(*) Estas pazes estavam já ameaçadas em 1755, como se deprehende d'uma carta do viso-rei, escripta ao Çamorim em 1 de setembro d'este anno.

O governo de Moçambique e Rios de Senna já era separado do da India, e apenas separados foram rivaes. O governador de Moçambique, para mostrar e tornar bem patente a sua independencia do governo da India, contrariou as proprias ordens do reino.

Tendo el-rei, por carta regia de 5 de abril de 1755, declarado livre o commercio da India com Moçambique e Rios de Senna, o governador da Africa oriental mandou-lhe fechar os portos de Rios de Senna, Sofala, Inhanbane, e accrescentar os direitos em Moçambique! O bloqueio do proprio paiz!

Tal era o aspecto da nossa India quando o conde d'Alva desembarcou, depois de 119 dias de viagem, nas plagas do oriente.

XXIX

Era em 15 de setembro de 1754.

Os seus primeiros cuidados são restabelecer amigaveis relações com os dominantes vizinhos do Estado. Em outubro tracta os preliminares da paz com o Bounsuló, e nesse mez a conclue, conseguida a prisão dos tios do governante por conselho do visorei (*).

(*) Liv. das monções, 127.

Com o rei de Sunda ha já armistício de seis mezes (mal respeitado de parte a parte), armistício que elle renova em novembro por outros seis mezes.

Apenas feita a paz com o Bounsuló, vai tomar o visó-rei posse de Tiracol, conquistado pelo marquez de Alorna, e manda proceder ao balisamento das nossas fronteiras do norte.

Quando parece que as tempestades vão serenando, tomam-nos os inglezes a cidade de S. Thomé de Meliapôr.

O visó-rei envia ao bispo de Halicarnasse auctorisacão e instrucções para protestar e para retomar posse da cidade, e pede que nos ajude a defender o nosso direito ao governador francez de Pondichéry; baldaram-se porem todos os esforços (*).

De novo se limpa o nosso horisonte, cada vez mais estreito.

Os Ranes constituem-se vassallos do Estado (**).

O Imamo, de Mascate, quer paz, e pedem-na tambem os Sanganes, ao pé de Surrate.

O commercio parece querer affluir a Surrate e Damão. Os caixas da nova companhia portugueza estão já em Pondichéry. Negociantes de Baçorá pretendem

(*) Carta de 3 de janeiro de 1755.

(**) 15 de fevereiro de 1755.

estabelecer feitoria em Surrate, o que o visorei protege, bem como os desejos de mouros e gentios, que tentam estabelecer-se em Damão.

Breve, porem, passa esta aurora; os piratas costeiros investem os nossos navios mercantes, e o visorei sabe que é o Bounsuló que pirateia connosco. O Sunda, a quem, pelo tractado de paz (ainda não ratificado), entregáramos as terras de Pondá, Sanguém e Zambaulim, recusa-se a cumprir as condições correlativas, entregando-nos em compensação o Chandernate e as tres aldeias contiguas: — Mulem, Talavardá e Parodá.

Nesta conjunctura o visorei declara vêr-se forçado a ir tomal-as com as armas, e assim o promette em carta datada de Rachol, aos 26 de março de 1755.

É nestas circumstancias que o Angriá, o poderoso pirata, atacado a um tempo pelos inglezes e pelo maratha, nos pede auxilio contra elles, auxilio que o conde d'Alva mais tarde promette e envia.

Eis aqui o grande erro politico do conde d'Alva, erro determinado principalmente pelo desejo que lhe assistia de tomar desforra da arrogancia ingleza, que se não envergonhava de lhe mandar todos os dias o immundo rol d'uma problematica divida, affecta á consideração das respectivas côrtes, divertindo-se no

intervallo a alentar a audacia do maratha na nossa fronteira, a reter-nos em Bombaim, por frivolos pretextos, os nossos officiaes de marinha, a constituir-se valhacouto e chamariz dos nossos desertores, a tomar-nos S. Thomé e a receber dos marathas a investidura de Baçaim e suas dependencias.

Erro tambem provocado pela chegada a Goa de Moidin-kan e Ismail-kan, na qualidade de enviados plenipotenciarios de muitos principes colligados contra o Naná (Balagi Bagi Rau), o Bismark dos marathas, sollicitando o visio-rei a que entrasse na colligação em que estavam compromettidos o rei Mogol, a princeza Tara Bay (ou *bahy?*), Salabatagenga, nababo de Saumur, Saubagy Raza, Aly Raza, Angriá, o nababo de Carpe, Delavarian, e outros (*).

Esta colligação, fomentada por Mujafercon de Saumur, era protegida pelo Mogol, Tará Bay, e Movar Rau. Que mais favoravel ensejo para o espirito, aliás indeciso e timorato, do visio-rei?

Fazer a guerra ao Naná, audacioso e fementido, era quasi uma necessidade para os nossos brios; e depois atrás do Naná estava o inglez disfarçado. Accrescentemos que pouco se exigia ao visio-rei: por

(*) Pag. 97 do livro dos registos de correspondencia com os reis visinhos, desde 1753 a 1758.

ora vender armas e provimentos; depois, accesa a guerra, approximar as suas forças das forças colligadas.

—«Esta innovação (diz a alludida relação, a que nos reportamos, escripta pelo visorei a um padre, cujo nome se não menciona, mas em que vem o tractamento de *reverendissima* (*), e na qual o conde se queixa e pede informações do mallogro da colligação, em que só elle ficou devéras compromettido): — esta innovação foi causa de que o Estado soccorresse o Angriá, com o consentimento dos mesmos enviados, por ser um alliado que estava no ultimo perigo» — (**).

Tinha-se dado o audacioso passo; o conde d'Alva tinha posto um pé no resvaladoiro fatal.

XXX

Não sabemos se era formosa, ou tentadora sequer, a princeza Tará Bay Rany.

Dizem que a mulher entra em tudo, e aqui a

(*) Será porventura o padre João de Cordes, em cujo nome se compraram em Goa muitas armas para os colligados.

(**) 9 de dezembro de 1755.

achamos. As cartas do conde, que, bom fidalgo portuguez, não podia deixar de ser amavel, ou galante, que é mais d'então, com uma senhora, sabemos nós que são affectuosas. Nada porem nos leva a crer que fosse questão de amor, e sim consideração politica, o que determinou o visó-rei.

É certo affirmar-lhe elle que, por ver a sua vontade, mandou ao *grandioso* Tulogi Angriá Serquel soccorro das suas tropas com todo o necessario, despedindo-se d'ella com a expressão dos maiores affectos, isto a 20 de novembro de 1755; mas no dia seguinte escrevia ao Naná, contra quem enviára aquelle soccorro, offerecendo-lhe um presente de duas peças de damasco amarello, quatro arrateis de tabaco *amostrinha*, e duas caixas de prata. Tres dias depois, a 24, noticiava-lhe que andava tractando das pazes com o Angriá.

Estava em Griem o soccorro portuguez ao Angriá, commandado pelo tenente-coronel Antonio Mourão de Miranda. Este soccorro custára ao Angriá 240:000 rupias, de que só 170:000 entraram nos cofres da fazenda, ao que parece (*).

Esperava certamente o visó-rei que os colligados viessem ajudal-o, e, generalisando a guerra, ou en-

(*) Carta dos governadores ao Naná (que as pede) aos 30 de dezembro de 1766.

trar elle como belligerante no intuito de vingar velhos aggravos, e rehaver para a corôa portugueza principalmente as presas que o inglez nos tinha feito, ou recolher-se com secretas intelligencias e com aspecto de mediador, mas de facto, na qualidade de *tertius gaudet*.

Não contára o conde com a falta de fé aos tractados, historica e proverbial entre os potentados da India. Os colligados haviam desaparecido, e quando os primeiros clarões da guerra flammejavam sinistros nos campos de Carapetan (*), appareceram ante os olhos absortos dos marathas e inglezes os nossos esquadrões, unicos que se conservaram firmes deante dos aguerridos generaes do Naná, que pela primeira vez tinha direito de nos julgar desleaes, elle, que sempre o fôra.

Não se fizeram esperar as reclamações inglezas, que vieram achar o aterrado viso-rei corrido da sua singular posição e incapaz de, ao menos, a sustentar briosamente. Para logo retirou o soccorro ao Angriá sob falsos e inverosimeis pretextos, deu ao inglez e

(*) Ou carapetão? Como este foi o falso pretexto da retirada dos soccorros ao Angriá: — o fogo de Carapetan, — quem sabe se d'aqui veio para a nossa lingua, ainda que para o dizer vulgar — Carapetão — no sentido de falsidade?

ao Naná as mais reverentes desculpas e as mais inacceitaveis explicações, collocando-se inconsideradamente no desprezo dos adversarios e na desconfiança dos amigos.

Vejamos alguns documentos, embora nos não sejam agradaveis, porque a historia não lisongeia ninguém, e nós estamos escrevendo historia.

Ao commandante da armada britanica diz o visorei a 27 de dezembro:

—«Por alguns justificados motivos permittí algumas tropas de soccorro ao Angriá para a defesa da praça de Griem, tão somente debaixo de certas condições, e, por faltar a estas, mandei que as mesmas tropas se retirassem logo a esta cidade» (*).

Em cartas de 4 de janeiro de 1766, uma a Janaxan Candito, outra ao Naná, desculpa-se com os marathas, negando na primeira o soccorro, e na segunda dizendo que já mandára retirar a força, que só enviára para guardar a retirada da familia do Angriá, *cuja pouca fé conhecia*. No mesmo sentido escreve o secretario do Estado, B. José Vaz de Carvalho, dizendo ao Naná que a ida das nossas tropas á batalha de Carapetan fôra abuso do Angriá.

(*) Os pretextos foram não aquartelar os nossos soldados na praça, e mandal-os ao combate de Carapetan.

Nada d'isto obstou, porem, a que, reachados os fins da colligação, continuassem ainda as negociações e mais se accendessem.

Digna é a carta da princeza Tará Bay Rany ao viso-rei, a quem lança em rosto a retirada das tropas auxiliares, dizendo-lhe que não é isso do character da nação portugueza.

Em março o Angriá está completamente batido, e Alva é o primeiro a felicitar jubiloso as armas inglezas e marathas pelo seu triumpho. A 8 de março, dando os parabens ao general de Bombaim, Ricardo Buchier, felicita-o com estas palavras textuaes: *não só pela séria attenção que me devem os seus interesses, mas pela satisfação que concilia a ruina d'um pirata inimigo commum!*

O destroçado Angriá, saíndo a tractar pazes fiado na palavra de quem tinha obrigação de religiosamente a guardar, ficou em poder dos marathas em quanto os inglezes tomaram posse de quanto era seu, exceptuando a familia, que, ainda assim, se acolheu á nossa protecção.

Desde este momento o desprestigio do conde viso-rei e o desdouro da sua fé tornou-se patente; a sua posição não illudira ninguem; o inglez vira bem todo o seu intuito; o maratha relia o tractado de paz de Puriem celebrado em 1740, e ahi, no

cap. 5.º, a expressa obrigação de auxiliar o maratha com a nossa armada, *quando elle contendesse com o Angriá*, e pasmava. Alva folheava as opiniões dos principaes de Goa, a quem consultára, e achava contra a intervenção os votos do arcebispo, de Luiz Caetano d'Almeida, de João de Mesquita Mattos (chancellor), de Philippe de Valadares Souto Maior, de Correia de Lacerda; e a seu favor sómente o de D. João José de Mello. Lia as instrucções d'el-rei, e achava que todas ellas, e ainda as recentes de 1728, mandavam que se cumprisse religiosamente o que se estipulasse com os gentios, porque nunca se devia faltar á fé publica.

Não ha, não se comprehende mais afflictiva situação; comtudo muitas razões politicas a tinham aconselhado, nem todas para desprezar.

Precipita-se a catastrophe. A substituição repentina do embaixador do Sunda, que estava ultimando as pazes, e com quem o viso-rei se entendia, azéda e empeora a attitude dos dois governos. Proseguem, porem, as negociações, mas ainda a 14 de março não estão as pazes ratificadas.

Ha notavel deserção de soldados e marinheiros. Os nossos navios mercantes são desfeiteados pelas auctoridades do Sunda em Cabo de Rama e nos mais portos do sul. Os rendimentos da nossa alfandega

de Pondá são extorquidos pelo subedar, governador do Sunda. O dessai Camotim, subdito portuguez, crédor do dessai Narba Nayque, que lhe tem por isso adjudicadas umas rendas suas em Pondá, é acinte perturbado no recebimento das suas rendas apesar das reclamações do viso-rei.

O maratha, partindo contra Murar Rau Gorporo, vai suspeito de que o viso-rei esteja connivente com elle. Alva nega-lh'o e deseja-lhe feliz ventura; mas d'uma carta, por essa occasião (11 de abril) escripta a Body, francez que está commandando as forças de Salabataginga, se conhece que as negociações secretas com os colligados continuam; e continuam de facto por intermedio do padre João de Cordes e do capitão Raposo, que tinha ido para entre os belligerantes. O conde prepara-se para tentar a sua desforra, e quer d'esta vez ser bem informado.

Uma vez ainda o conde é digno da sua nação e do seu nome: um commandante das forças inglezas de Griem (antiga capital do Angriá) pede-lhe a entrega d'uns desertores: — «A respeito da restituição dos desertores inglezes, escreve o conde, de que vossa mercê me falla, não posso deixar de dizer a vossa mercê, que nesta parte devo seguir o exemplo do sr. general de Bombaim; porém, em tudo o mais procurarei satisfazer-lhe o gosto.» —

XXXI

Nestes condições se achava o conde d'Alva, quando em Portugal se levantava agigantado e terrível o vulto do conde de Oeiras, o ministro onnipotente, o inimigo implacavel da velha fidalguia, e que nunca lhe perdoaria o soccorro mallogrado que vendera ao Angriá. Só um feito d'armas podia salvar-o e pôr em respeito os visinhos do Estado, tão altaneiros e altanados que até o proprio Sunda, o mais fiel de todos, não por si, mas pelos seus ministros, que não sabia ou não podia conter, nos falseava a fé, faltando a varios capitulos dos tractados, e tendo em nada as nossas reclamações. Era o ponto derradeiro a que desceramos na escala das nossas adversidades.

O Naná, depois de vencer o Angriá, vencia os Nababos, com quem por ventura mantinha o viso-rei secretas relações. Esta victoria, devida principalmente á traição da Salabataginga, um dos conjurados, mais conturbou o espirito do conde d'Alva, que se considerou denunciado ao Naná, de cujo exercito victorioso foram quinze mil homens cercar Sundem, côrte do rei de Sunda.

Ao conde pareceu que por sua fortuna se lhe

deparava a melhor das occasiões para se resgatar com uma acção de credito, ao mesmo tempo vingando-se do Sunda e congraçando-se com o Naná.

O que é a attracção do abysmo! Alva, sem mais declarações, quebra o tractado de paz, em virtude do qual (embora mal cumprido) iamos recebendo já a maior parte da primeira prestação em dinheiro, e marcha com a maior parte das tropas contra Pondá, fortaleza e terras do rei de Sunda.

Contava elle por facil a victoria, não só pelo mal guarnecido da fortaleza, como por ter fé nas promessas traiçoeiras de alguns naturaes. O feito involucra-se nas sombras da propria negrura. As nossas forças tomaram de improvisó e com geral espanto a fachina de Zambaulim, e no primeiro de junho de 1756 marchou o viso-rei á frente das suas tropas contra a formidavel Pondá, o piquete avançado das montanhas, a gigantea sentinella dos desfiladeiros dos Gattes.

Dizem neste ponto documentos officiaes:

—«E reconhecida a difficuldade da escalada sobre a marcha, se retirou no mesmo dia o viso-rei com o exercito, do qual só poucos falleceram afogados *presumindo serem atacados pelo inimigo*» (*).—

(*) Noticia dada a el-rei aos 22 de janeiro de 1757.
liv. n.º 129.

Completemos a narrativa:

Acontecera que o rei de Sunda, atacado pelos marathas victoriosos e prestigiados pela constante fortuna das suas armas, se retirou para as montanhas e d'ahi capitulou, alcançando a paz a troco de dinheiro, que na occasião não tinha, e em cujo penhor por isso entregou a praça e jurisdicção de Pondá, que as tropas do Naná guarneciam justamente na occasião da marcha do conde d'Alva, que, em vez dos quatro soldados potrosos do rei de Sunda, viu, assombrado, tremular entre as verdes ramarias do monte a signa, victoriosa e temida, dos exercitos marathas!

A surpresa, o assombro, e depois do assombro o desespero, e do desespero o desanimo, e a pallidez e o medo (custa a dizer isto dos que traziam ao hombro as espingardas de Diu e de Chaul, mas é preciso que a historia o diga, que nem queremos nem carecemos de galas postiças nem de condecorações de pechisbeque), e o terror panico, vertiginoso, involvente, que *açoita os membros, e enregela o sangue*, rouba-lhes a luz dos olhos e faz retroceder a grande mole que arremessa de si as armas, e crendo-se perseguida de perto e julgando sentir-se cravar pelas lanças inimigas, debanda, redemoinha, e se despenha e se submerge nas aguas profundas do rio, d'onde muitos nunca mais surdiram.

Na rectaguarda d'esta debandada fatidica via-se pallido, sombrio, abatido, envergonhado, o fidalgo portuguez, cansado e rouco de muito bradar em pró da honra da sua bandeira, parando de quando em quando para mirar ainda os muros vermelhos da altiva fortaleza, e nelles o içar da bandeira maratha, de quem, tão contra as suas previsões, tão contra os seus interesses e desejos, se vinha fatal e abertamente constituir adversario!

XXXII

Como sahir agora decentemente dos apuros d'esta calamitosa jornada? o horisonte do infeliz conde cerrava-se dia a dia, e abafava-o no circulo estreito e caliginoso da sua desgraça, que se antolhava inevitavel. Era preciso tomar um expediente, appellar para um recurso extremo, jogar no azar da guerra a ultima e decisiva parada, e, nessa, a honra da nossa bandeira, o timbre do seu brasão, a fortuna e a vida. Que fazer porem? Onde encontrar alliados?

A sua presença em Pondá provocára a um tempo o maratha e o rei de Sunda; os inglezes não esqueciam os reforços de Griem, e tinham alliança com o Naná; o Bounsuló nunca nos fôra fiel, e aprovei-

taria o primeiro ensejo para reaver as terras de Tiracol; o Angriá pertencia á historia, e a consciencia do visorei murmurava irrequieta e severamente accusadora. Sobre tudo isto o torrencial inverno dos tropicos a carranquear dos morros do levante.

— Tomarei Pondá logo que finde o inverno, dizia o infeliz visorei quando entrou em Goa depois da retirada fatal do 1.º de junho.—

Quem póde, porem, imaginar que visões pavorosas povoavam as suas insomnias? que sonhos ensanguentados adejavam por sobre o seu leito ardente? Amanhecia, e a turba dos loucos, que o aconselhavam e compartilhavam a sua responsabilidade moral, vinham trazer-lhe os seus alvitres desesperados, as suas esperanças cerebrinas. Os naufragos da governação publica prendem-se como os do oceano ao primeiro objecto que encontram.

Um dos conselheiros do visorei era o bispo de Halicarnasse, que voltára de S. Thomé de Meliapor; — era corajoso e altanado; — mais valente que piedoso, — mais dextro na espada que no breviario, e mais sabedor da arte da guerra que da liturgia da Igreja; outro, o celebre capitão Raposo, o dos campos de Carapetan, o mediano entre o visorei e os nababos; outros eram officiaes do exercito, desejosos de gloria e de adiantamento, e eram poucos; o viso-

rei tinha perdido o prestigio, e o exercito não respeitava general que não vença; outros, enfim, eram gentios de Pondá, que se offereciam com armas, com gente, com dinheiro e com estrategia; uns que eram inimigos do Sunda e outros do maratha, e vinham, para sua vingança, vender-se como traidores.

Que segredaram elles ao visio-rei? não o sabemos nós; sabemos que nos fins do mez de junho, vinte e sete dias depois do primeiro desastre, o bispo de Halicarnasse entrava em Queulá com a vanguarda do nosso exercito, onde apenas se encontrava com um dos muitos naturaes que se vieram offerecer; pouco depois entrava o visio-rei com o resto das forças, e pernoitava com os seus officiaes no grande pagode.

Assistamos agora, a passo e passo, á jornada do dia 28 de junho de 1756.

XXXIII

O general da provincia de Salsete, João Manuel Correia de Lacerda (*), commandava o exercito sob as immediatas ordens do visio-rei.

(*) Era coronel, mas commandava como general a provincia de Salsete.

Na noite de 27 para 28 deliberou-se em conselho de guerra o plano da marcha e do ataque, e a cada um se designou a sua tarefa. Tinham defronte de si o mais escarpado e íngreme serro, e no topo o arrogante *Mordongoro*, a mais formidável fortaleza d'aquellas paragens; dentro das suas muralhas uma guarnição de marathas, soldados intrepidos, e victoriosos em quantas batalhas tinham ferido sob o prestigioso commando do Naná.

Rude empreza iam tentar como desesperadas as nossas tropas.

Amanheceu carregado e nevoento o dia 28 de junho. Ao romper da manhã o tenente-coronel Antonio Mourão de Miranda, commandando a guarda avançada, marchou segundo as ordens que recebera e tomou sem resistencia o bazar de Pondá, na base do grande monte. Levava sob o seu commando sete companhias de granadeiros, duas de ligeiros, um corpo de cypaes, duas peças de artilheria chegadas na ultima monção, e de moderna invenção, se dêrmos credito ao testemunho do capitão João de Saldanha Lobo, petardos, escadas, machados, picaretas e todos os mais petrechos para a escalada. Participou logo por escripto ao viso-rei haver-se installado no bazar, accrescentando que alli se podiam acoitar todas as tropas, e que na madrugada seguinte ia atacar e

~~~~~

tomar uma fachina na casa de Custó Rau, d'onde mais facilmente se podia bater a praça.

Apenas recebida esta participação marchou de Queulá o conde d'Alva com as forças commandadas pelo tenente-coronel Francisco da Cunha e Araujo, e que consistiam em seis companhias de infantaria, um corpo de cypaes, artilheria da ultima monção e dois morteiros. Torneou o monte e foi occupar um outeiro, d'onde com a artilheria e morteiros abriu fogo sobre a praça; eram 11 horas da manhã.

Tudo, pois, se executára com a maxima presteza e felicidade. O viso-rei operára de improvisio; não queria evidentemente, nem podia prolongar um cerco até á rendição da praça pela fome; carecia de a tomar, batendo-a em brecha.

Quando o estampido dos primeiros tiros resoou pelas montanhas, os pobres gentios, desapercebidos, vieram espreitar das cumiadas, e as aguas de Banderá e de Durbate reflectiram aos pavidos barqueiros os igneos clarões da artilharia. A praça respondeu briosamente, mas as baterias do viso-rei iam esboçando a muralha e as bombas rebentavam dentro dos baluartes com o soturno som que se produz nos abysmos.

As forças de Mourão de Miranda espreitavam impotentes do fundo da montanha a lucta encarniçada.

As nuvens negras e cada vez mais tumidas escureciam o dia, e o fumo espesso da batalha junctava-se á negrura do céu.

Por meio da tarde calou-se de repente a artilharia da praça. A guarnição desaparecera dos parapetos. Viam-se a espaços, num redemoinhar confuso e fadigoso, os turbantes dos tishados marathas subir, descer, precipitar-se em corrida vertiginosa. Uma columna de fumo denso, innovelado, sinistro, começou de levantar-se de dentro dos baluartes no meio d'uma vozeria afflictiva. A ondeante columna illuminou-se, cresceu, abriu-se, e um enorme penacho de chammas coroou o terrivel *Mordongoro*. Era a erupção d'uma cratera, açoitada pelas furiosas rajadas invernaes. As negras nuvens do céu pareciam ter antecipado a noite. Era medonho e sublime.

— Fogo! fogo! bradavam enthusiasmas as tropas portuguezas no quartel general e no bazar de Pondá; e a febre, o delirio, a grande ambição da gloria, o insaciavel desejo da vingança se apossou de todos.

— Á escalada! gritavam as forças estacionadas no bazar.

— As portas vão arder e abrir-nos passagem, conclamavam os officiaes do conde d'Alva, despejando balas e metralha sobre a praça incendiada.

Ao pé de Mourão de Miranda estava o ardente e bravo sargento-mór, Ignacio de Sousa e Brito, e o capitão de infantaria, Manuel Ignacio de Carvalho, que lhe pediam parte das forças para tomar de assalto a praça, aproveitando aquella conjunctura providencial; os ciumes segredavam-lhes que as forças do cimo do monte, que se estavam batendo á vista do visio-rei iam tomar a praça sem elles poderem partilhar da gloria; as muralhas desguarnecidas promettiam recebel-os sem resistencia; cedeu. O sargento-mór subiu monte acima com quatro companhias, um petardo, uma peça de artilheria e outra logo após, escadas e mais petrechos. Pouco depois, com o resto da força e servindo-lhe de reserva, subia Mourão de Miranda.

Aprestavam-se as escadas e lançavam-se por ellas os mais intrepidos quando uma chuva torrencial cahiu sobre a praça. As chammas abateram-se, o fumo dissipou-se como por encanto; e o mesmo foi que apparecerem as bordas da forna!ha immensa coroadas de demonios tismados! a lava transbordou! a catadupa de projectis de toda a especie esmigalhou e abysmou o troço dos assaltantes. Mourão de Miranda viu a hecatombe e correu para ella com o resto das suas forças; a lava cahia sempre e continuava a esconder os que se lhe approximavam. O visio-rei viu e correu

com todas as suas tropas. Era a coragem do desespero na marcha fatal para o abysmo.

Momentos depois desciam monte abaixo em desordenada fuga os poucos restos d'aquelle desastroso e quasi instantaneo cataclysmo.

Sósinho, desditoso, desvairado, perdido, miserri-mo, porem vagaroso e solemne, ia descendo o des-venturado conde.

Ficava-lhe na rectaguarda um troço apenas de soldados. Viram-se correr atrás d'elle duas ou tres pessoas; quasi na base do monte, entre uns cajueiros sombrios, ouviram-se, pouco depois, dois tiros. Foram os ultimos.

No dia seguinte, o capitão de granadeiros José Carlos da Costa, conseguiu, após muita diligencia, descobrir o cadaver do conde d'Alva, e obteve do governador de Pondá licença para o fazer transportar a Goa, onde, tres dias depois, cobrou o descanso da sepultura.

Quem matou o viso-rei?

## XXXIV

Melhor fôra talvez ajoelhar sobre a sepultura do martyr, que ninguem o foi tanto nas nossas conqui-



tas do oriente, do que levantar a lousa que desceu protectora sobre elle, ha cento e quinze annos, e interrogar os vermes que vivem no carcomido esqueleto e que entraram pelas feridas do cadaver. De que serve fazer o tardio corpo de delicto d'um desastre que já não tem resgate, ou d'um crime que prescreveu? Mas, pois que lançámos a interrogação, digâmos de corrida o que acharmos, e descancemos á sombra das palmeiras de *Dandim*, que nos estão acenando convidativas em volta da arenosa e extensa praia que refrescam as aguas de Mormugão.

Corrêra logo em Goa a nova de que a morte do conde d'Alva fôra devida, não aos tiros do inimigo, mas ao criminoso desatino dos seus proprios soldados.

Com tal insistencia correu esta lugubre noticia pelas terras do Estado, que os governadores mandaram abrir uma rigorosa syndicancia sobre a morte do viso-rei e sobre as causas do mallogro da expedição.

Aberta a syndicancia conheceu-se, apezar dos juramentos falsos que no summario se encontram, que as tropas commandadas por Mourão de Miranda subiram do bazar de Pondá sem ordem do viso-rei, e prepararam pela sua audaciosa imprudencia a perda total da expedição.

Digam muito embora algumas testemunhas que o

viso-rei lhes déra ordem em Queulá para começar a escalada naquelle mesmo dia, logo que visse fogo dentro da praça. É falso; tanto que na sua carta d'esse dia ao viso-rei diz elle o projecto em que está, de só no dia seguinte ir tomar uma fachina ao meio do monte (casa de Custó Rau), para d'alli bater a fortaleza. E como podia o viso-rei prever que haveria o incendio, que pegou nas capas de olas que cobriam os baluartes e nuns pacarins de resguardo contra as chuvas invernaes?

Dizem outras testemunhas que, na occasião do incendio, o conde d'Alva, impaciente de não ver as tropas de Mourão de Miranda subir á escalada, lhe mandára ordem por um alferes portuguez, que pertencia a um corpo de cypaes, para que marchassem sem demora; mas nem este alferes se descobriu, nem uma só testemunha se lembra do seu nome, do seu corpo ou da sua companhia. Não se perde assim o rasto d'um official em exercito tão pouco numeroso.

Um dos mais completos depoimentos d'este sumario, tão celebre, é o de João Pedro de Castro, F. da C. Real e sargento-mór de infantaria, que diz afoitamente não haver ordem no bazar para semelhante avançada, e accrescenta que Miranda só avançou com o resto das forças quando viu as forças de Brito esmagadas.

O capitão-tenente Henrique Carlos Henriques jura, é verdade, que foi mandado pelo visor-rei chamar Mourão de Miranda, a quem já encontrou subindo. Este depoimento pode e deve ser verdadeiro. Quando o conde de Alva viu o desastre das primeiras forças, que não mandára avançar, quiz acudir-lhes, e não só marchou com todas as suas tropas, mas mandou chamar as restantes ao bazar; foi, pois, nesta ocasião certamente que Henriques encontrou as forças de Miranda no meio do monte.

É comtudo tão emmaranhado e inçado de falsidades o processo, que o proprio instaurador, o desembargador João Alberto de Castello Branco, diz na sua informação aos governadores: — «Com a maior exacção que me é possível procurei indagar a verdade, mas não a pude conseguir sem contradicção de testemunhas, como frequentemente acontece neste paiz, do que v. ex.<sup>a</sup> e s.<sup>as</sup> têm larga experiencia.»

É certo que na batalha o visor-rei empenhou todas as forças, mas foi para salvar os temerarios, que sem ordem se haviam arriscado.

O tenente de granadeiros, Ricardo Borges de Rezende Chaves, diz no seu depoimento que, finda a acção e depois da grande catastrophe, vira descer monte abaixo o conde d'Alva, *alguma cousa adiantado* d'um pequeno corpo que restava das forças que

estiveram no bazar, e que atrás d'elle iam *duas ou tres pessoas, que não sabe quem eram*. Pouco depois dois ou tres tiros prostravam o visó-rei.

Notavel é que nenhuma das testemunhas, que evidentemente queriam acudir aos vivos, ousasse dizer que os marathas sahisses da fortaleza e picassem a retirada dos nossos. Rezende Chaves sabia mais do que disse; e, confessando que era official ás ordens de Mourão de Miranda, e que de seu mandado ia participar ao visó-rei que Miranda mandava dar o assalto por achar propicia a occasião (no que contradiz todas as mais testemunhas, que juraram falsamente partir a ordem do visó-rei), não ousa dizer quem eram os tres homens que desciam monte abaixo atrás do conde, sendo elles do seu corpo.

É facil achar motivo para acreditar que foram soldados portuguezes os assassinos do seu general: a causa do desastre fôra a insubordinação dos que, sem ordem e para ostentar a sua inconsiderada coragem, provocaram a derrota e arrastaram na sua quéda todo o exercito.

Finda a peleja, o visó-rei passava de general a juiz e a vingador. É até provavel que alli mesmo e no seu desespero lh'o fizesse sentir. Era pois mister abafar aquella voz que ia bradar, e fechar aquelles olhos que tinham visto.

Ainda hoje, quando o portuguez visita estas montuosas paragens, estas brenhas adustas, pergunta ao granito atijolado dos leitos, quasi sempre enxutos, das torrentes do inverno e ás folhas vermelhas das *bengalinas* se não guardam ou não retratam o sangue do conde d'Alva.

Victima da sua indecisão, victima dos seus máos conselheiros, victima sobretudo das pessimas circumstancias em que nos achavamos no oriente, viu-se na hora extrema, para complemento de mágoas, assassinado pelos seus proprios soldados, covarde e aleivosamente.

Uma só medida em todo o seu governo foi larga e liberal: o convite aos gentios de Pernem para virem agricultural as suas terras, podendo erguer os seus pagodes e viver com a sua religião, unico meio de povoar a provincia; pois esta medida foi-lhe reprovada no reino, onde o marquez de Pombal, que perseguia os jesuitas mais por odio politico do que por espirito liberal, porque elle ajoelhava aos pés dos inquisidores e no seu poder se amparava, para ostentar espirito religioso, mandou destruir de novo os pagodes e perseguir alli a gentilidade.

Que politica!

## XXXV

Dandim, como tu és cariciosa e convidativa, casa senhorial e flórida, com o teu caes ajardinado, com os teus bancos de recosto, com as tuas carreiras varridas, com o teu pateo a regorgitar de estatuas, de flores, de arbustos, de vasos e bancos da China, de mosaicos e de fontes; d'um lado a longa fileira das janellas risonhas e engrinaldadas do palacete, e do outro o portico de entrada, aberto num amplo muro de trepadeiras, sobrepujado pelo brazão dos Mellos. À direita, ao entrar, o longo e fresco terraço, que se debruça para o mar somnolento, que beija a extensa praia de coraes, de perolas e de conchas que reflectem as côres todas do iris; e dos parapeitos do terraço, olhando attentas e curiosas as formosas castellãs de olhos negros e buliçosos, tendo ao pé de si uma criança branca e loira como um anjo. Oh! como tudo isto é bello e nos parece fresco — o que na India constitue o grande ideal, a maxima aspiração. Quem podéra tremer de vez em quando! bater os dentes, correr para o lume, ou enterrar-se em neve!

Falla-se do *terral* em Goa e diz-se que é frio:



coitado! não passa d uma mesquinha brisa, que se levanta muito cedo para soprar ás escondidas do sol, e, em elle apparecendo, recolhe-se o fresco bafejo do levante, e lá se esconde até á madrugada seguinte nas grutas da serra. Pois chegam a dar esperanças com o *terral*, os friorentos habitantes da India. E têm frio. Não é raro encontrar-se uma senhora muito resguardada, com as mãos gelidas e as faces roxas, como se viajasse em fevereiro pelos cumes nevados da Estrella, da Calabria ou da Guadarrama.

Assim como uma fonte e um grupo de palmeiras é, para o viajante do Sahára, o verde oasis appetecido e amorosamente procurado, Dandim é para o viajante da India oasis branco e fragrante no interminavel deserto de verdura, no centro das profundas e solemnes florestas. Até o barqueiro, que passa vogando ao largo, recurva o leme, vira para Dandim a prôa da sua tona, alcatroada de novo e cosida com cairo de boa sorte, torcido por sua mão, e canta sem saber porque; os seus filhos, remadores, respondem-lhe em côro, inconscientes tambem. Assim a avesinha canta ao ruborescer da aurora.

Partem d'alli raios de luz.

Atracámos ao caes de Dandim e saltámos em terra.

Uma tona vinha entrando rio a dentro e encostava-se á praia; cantava o tandel e respondiam-lhe em côro os remadores. Parámos a ouvir, e afigurou-se-nos que a toada melancolica se podia traduzir assim:

«A minha tona resume  
os thesouros do meu lar:  
bilha d'agua, esteira e lume;  
tudo o mais dá Deus e o mar.

Se Mormugão tem perolas,  
saphiras e ouro Onor,  
se amores Angediva,  
brilhantes Bisnagar;  
eu róço a medo e triste a praia esquiva  
e resta ao pescador...  
sómente o mar.

Sou pescador do mar alto,  
nasci na umbrosa Mahem;  
se a noite ergue o mar e eu falto,  
que ha de ser de minha mãe?

Se Mormugão tem perolas,  
se rosas tem Dandim,  
se bellas Angediva,  
brilhantes Bisnagar;  
eu deixo sempre ao largo a praia esquiva  
e resta para mim...  
sómente o mar.

É-me abrigo a minha vela:  
sombra contra o sol mortal;  
calor se me embrulho nella  
contra o frigido *terral*.

Se Mormugão tem perolas,  
se fadas tem Pondá,  
se glorias Angediva,  
brilhantes Bisnagar  
eu fujo como estranho á praia esquivada  
e resta-me por lá...  
sómente o mar.

Quando a tona se me encosta  
às palmeiras de Dandim,  
segue-nos por toda a costa  
o aroma d'este jardim.

Ceilão também tem perolas,  
e tem rubis Pegú,  
brilhantes tem Golconda,  
sanguineas Carwar,  
e eu passo a vida triste d'onda em onda,  
e resta ao pobre e nú...  
sómente o mar.

A tona dos pescadores ia já longe, e as vozes perderam-se na distancia.

Não estava em casa o sr. D. Manuel de Carcomo Lobo, o nobre senhor de Dandim, de cuja obsequiosidade conta a tradição, anonyma, não por descon-

~~~~~

dida mas por collectiva e unanime, que mais abertas que a porta do seu palacio só estão as portas do seu coração, e que mais larga do que aquella por onde os seus hospedes entram só aquella por onde saem os seus não alardeados beneficios.

— Que maldictas cadeiras estas, dissemos nós, ao encontrar as celebres preguiceiras enrotadas, largas, longas, baixas e recurvadas, com uns braços compridos e chatos, onde a gente pousa os cotovellos e estende as pernas, e onde se estira para conversar, acabando forçosamente por dormir. D'aqui a um quarto de hora, muito boas noites.

Tinha-nos recebido á porta o sr. Joaquim Mourão, genro do dono da casa e pae d'aquellé Dioguito, loiro, que viramos á janella com as castellãs de Dandim. Escusado é affirmar que D. Manuel foi dignamente representado.

— Oh! que compromettedoras cadeiras, para depois d'uma noite de baile e de muitos dias de passeio e de soalheira!

— E então para mim, que não dormi nada, dizia maviosamente Nogar, com os olhos a enviezarem na perspectiva d'uma enxaqueca de que elle usa... e abusa, e tomando uma avolumada pitada de esturinho.

— Por causa da enxaqueca, de certo? coitado!

lamentava sinceramente o procurador da corôa, já no intuito de pedir ás senhoras vinagrinho e agua sedativa de Raspail, o mais fedorento e inutil de todos os causticos medicinaes.

— Qual?! a enxaqueca não tarda; sinto-a já zumbir em torno da minha cabeça, mas qual?! esse malvado, que ahi está já profundamente adormecido sem remorsos, porque não tem consciencia, é que me privou do somno, d'uma cousa essencial aos que padecem da cabeça...

— E até aos que não padecem, bocejava Bravo inglez.

— Mas quem foi que assim o privou do descanso da noite?

— Esse monstro, o Espada, que eu fui encontrar no quarto, em attitude de D. Pedro cru, a querer assassinar o meu criado, que estava de joelhos, curvo aos seus pés, e pallido, elle! que nem costuma mudar de côr, a dizer-lhe que sim a tudo! Se não entro naquella occasião, era uma vez Severino Antonio Luiz.

— E porque motivo tantas iras...?

-- Tomou-o por espião, que mysteriosamente se introduzia em toda a parte, e seguia, como a sombra, os passos do governador. O pobre rapaz, na sua confusão...

— Diga medo, murmurou Espada, que ouvia por sonhos.

— Qual medo? Já elle hoje me confessou que não tivera medo nenhum. Elle ahi vem, que não me deixará mentir: ó Severino, tu tiveste medo do sr Espada?

— Sim, senhor.

Risada geral.

— Ó patife! pois tu és capaz de me desmentir?...

— Sim, senhor.

O riso venceu o somno.

Foi providencial, porque neste momento entravam as senhoras, e, a não ser o mysterioso Severino —o pesadello de Espada— teriam encontrado o espectáculo de oito dormentes nas preguiceiras do seu terraço.

Pouco depois um criado annunciava que o almoço estava á nossa espera (ss. ex.^{as} tinham pensado nos estomagos dos viajantes), e findo elle tivemos de partir, não sem saudades, da hospitaleira estação.

XXXVI

De Dandim á capital da India portugueza fizemos jornada por terra, e por consequencia nas indispen-

saveis machillas, ás cabeças dos inclytos *boiás*. Ao dizer — cabeças — lembra-nos uma phrase insigne de Bulhão Pato, que bem se podia applicar aos toitiços d'estes locomotores humanos: — «Aquillo não são cabeças, são tezos de matto maninho depois dos soes do estio.»

Tornou-se pois impossivel a conversa. Os que não adormeceram, contemplavam; e havia alli que ver e que recordar: essas aguas, que vinham guarnecer de folhos a extensa praia arenosa, que se prolonga de Dandim a Siridão, foram as primeiras de Goa, por onde deslisaram as empavezadas naus do grande Affonso d'Albuquerque, aquelle que os proprios estrangeiros consideram um dos maiores capitães do mundo, o segundo Alexandre, a maior cabeça politica de quantas vieram á India, o que tractou de aproveitar o descobrimento consolidando a conquista, transformando-a em fusão e consagrando-a na familia, aquelle a quem ainda hoje se questiona, em Lisboa, um lugar no arco triumphal da rua Augusta.

Oh! patria, patria! illustre perdularia, que das prodigamente honras e poderio, a quem t'os não merece, e levantas sempre duvidas para pagar a quem deves! E quando, após seculos, offereces um galardão á memoria do servidor benemerito, retribues mesquinamente, porque pagas em moeda depreciada.

O marquez de Pombal entra em competencia com Affonso de Albuquerque; porque e para que? onde está a mão que levante a balança, em cujas conchas pesem os serviços do reedificador de Lisboa e do maior conquistador do imperio das Indias? São ambos tão grandes e tão illustres, que me parece profanação acareal-os e discutil-os.

Se, porem, quizerem entrar no campo das confrontações, Albuquerque póde assistir ao julgamento, de cabeça coberta, como está na galeria dos visoreis, e esperar desassombrado a sentença. Pombal foi um grande politico; concedamos, sem lembrar que era principalmente um grande individuo, e que as suas vistas foram sempre antes pessoas do que sociaes; sem pensar em que as suas medidas se viram oscillar sempre entre os limites arbitrarios das restricções e dos privilegios, sem jámais se aventurarem ao mar aberto e largo dos principios; porem Albuquerque foi tambem um grande politico; não achou, como Pombal, uma nação constituida, achou elementos dispersos, disformes e confundidos, procurou e conquistou elementos que lhe faltavam; d'este cahos fez um mundo, dando-lhe unidade e consistencia, e a este mundo deu luz; Pombal reconstruiu uma cidade, Albuquerque construiu um imperio; Pombal conseguiu desarreigar do solo da patria a arvore se-

cular do jesuitismo, que se tornára damninha; Albuquerque semeou em toda a Asia a doutrina de Christo e plantou em todo o oriente a arvore da cruz, que ainda hoje lhe dá sombra. Alem de tudo isto, Albuquerque era soldado.

Mas eis que de ser soldado lhe nasce outra incompatibilidade, que o inhiibe de levantar-se sobre o arco, pudicamente civil, da rua Augusta, ao nivel d'aquellas trapeiras da baixa, que dictaram os escrupulos prévios d'um illustre academico na celebre sessão da academia das sciencias, de 16 de março, na qual se votaram a frouxo pantheons, e se propoz a classificação dos homens grandes pelas profissões, seculos em que viveram, genero, numero (e caso?) dos serviços que prestaram. Os da dynastia d'Aviz serão desterrados para a invia batalha (é verdade que João das Regras é civil, mas dão-lhe as honras de coronel de segunda linha); os propriamente civis, e d'estes os fidalgos, não os de meia tigella, como João Pinto Ribeiro, que só fez o serviço de libertar a patria, podem ficar no Terreiro do Paço, mas na alfandega, porque do outro lado está o ministerio da guerra (é de ver como os sabios caminham a passos agigantados para a separação das classes); outros hão de ir para Belem; outros para as casernas da Cova da Moira e outros para parte nenhuma quando, como

Viriato, tiveram a pouca vergonha de ser celtas em vez de portuguezes.

Portugal quando acorda é de vez. Houve tempo em que Lisboa só tinha um monumento: era o do marquez de Pombal, conhecido pelo nome de — memoria do Terreiro do Paço; a sua effigie elle proprio a mandou engastar no pedestal do centro da Praça do Commercio. A estatua equestre de D. José remata este monumento, como o timbre remata o brazão; e foi ingrato para com a posteridade o grande ministro; desconfiou da sua gratidão, e a posteridade vingá-se teimando em o pôr ao nivel de todas as aguas-furtadas de Lisboa, na phrase do illustre academico. A esta sobriedade segue-se a maxima prodigalidade: depois de termos carregado de condecorações as estatuas, vamos carregar de estatuas as paredes, as torres, os cáes e os largos.

A grande França, que não sabia distinguir os serviços das classes e dos tempos, condecorou promiscuamente as paredes do Louvre, e as de muitos dos seus edificios publicos, de civis e militares; construindo o Pantheon poz-lhe por inscripção em letras de ouro: *Aux grands hommes la patrie reconnaissante*. Que pobreza á vista do que vamos ter em Portugal: pantheon nos Jeronymos, muzeu militar na torre de Belem, muzeu civil de D. José no Cáes

das Columnas, muzeu mixto de D. João I na Batalha, theatro para a exautoração dos celtas no alto da Serra da Estrella, e hospicio de invalidos para os aios do fundador da monarchia.

Unicamente nos faz scismar, porque o mais tudo é claro e bom, o motivo por que João Pinto Ribeiro é inferior, para a consideração dos portuguezes, ao jurisconsulto Antonio de Sousa de Macedo, e ao ministro marquez de Castello Melhor. (Esqueceu o conde da Ericeira.)

Desfia a tradição que nos resta de Guilherme Tell, e achareis que nem era fidalgo, nem letrado, nem ministro; fez apenas uma revolução: pois é ainda hoje o nome mais glorioso da Suissa.

Em questões de avaliação de gloria, as academias não são as mais felizes: está demonstrado desde Tasso a João Pinto Ribeiro.

Se estivessemos em Lisboa, e na sessão da academia real do dia 16 de março de 1871, teriamos a honra de votar, salvos os respeitos do estylo aos nossos illustres confrades, contra todos os seus alvitre, e, apoiando a lembrança do sr. Marx Sori, pediríamos que nas paredes de todos os edificios nobres collocassem estatuas de todos os benemeritos, sem que se lhes levantasse, como em Roma, processo de canonisação com as allegações do cardeal-diabo.

A cidade deve ser o pantheon: passam pela rua o

pobre e o rico, e nas salas não entra quem anda a pé. Os pobres têm direito a aprender a historia da sua terra... mesmo a datar dos celtas, que são seus avós. Dê-se a lição gratuita ás multidões, e a homenagem do presente ao passado; e deixemos confraternisar, ao menos depois de mortos, os civis e os militares.

Voltando a Affonso d'Albuquerque. Se vingam as idéas da academia real, o grande capitão e grande politico não achará em Portugal collocação possível, porque, se bate á porta do muzeu militar, o governador da Torre de Belem acha-o demasiadamente politico; se vai para as arcadas do Terreiro do Paço, confundir-se com as turmas dos requerentes, caras de pthysicos sobre corpos hydropicos... (tal é o inchaço dos memoriaes!), o contínuo do ministerio do reino achal-o-ha demasiado guerreiro. D'este modo, se algum celta o não encontrar em tamanha melancolia, e o não levar para alguma gruta do nevado Herminio, a academia real, numa segunda sessão, terá de marcar o destino do seu amphibio, que talvez na sua qualidade de amphibio venha a ficar no muzeu de historia natural; e, para se não escandalisarem as glorias civis, nem as glorias militares, nunca mais se chamará Albuquerque, mas pura e simplesmente: — o amphibio Affonso.

Ninguém tem maior consideração pelos talentos,

pelo saber, pelos serviços e pelos sentimentos de civismo dos illustres academicos, a quem nos referimos, do que nós, que de longa data nos honramos de lhes chamar amigos. Se rimos um pouco do ostracismo de Viriato e de João Pinto Ribeiro, não é que julgemos de pouca monta a sua degradação sem protesto, e sentimos que o não houvesse na academia; é que julgamos que a excommunhão não fará, embora muito respeitavel, que um não deixe de ser o primeiro vulto da revolução de 1640, e outro o primeiro heroe da *Lusitania* na lucta contra o colosso romano. E depois *Lusitania* não é *Portugal*, mas Portugal honra-se com aquelle nome hieraldico, e o maior dos nossos monumentos consagra-o chamando-se *Lusiadas*.

Quem ousa proscrever Pelayo da Hespanha?

A patria póde mudar de nome; o berço é que não muda de sitio. Consagrado o principio que se proclamou, no transmutar incessante da geographia politica, poucas nações conservariam memorias antigas em monumentos publicos. A Hespanha, desde que é Hespanha, não reconheceria como nacionaes os benemeritos de Aragão, de Castella, da Catalunha, de Granada, de tudo quanto foram reinos independentes, e que hoje são Hespanha. A França honra-se de ser Gallia; pois teria de apeiar seus avós do fastigio

a que a historia os levantou. Os vultos venerandos da Alsacia e da Lorena, que se encontram nos monumentos da França, teriam de ser hoje enviados á Allemanha, que tambem os não acceitaria, por terem sido francezes aquellas regiões e aquelles homens.

Henrique iv tem estatuas em França, e comtudo não era francez de origem. Navarra, seu primitivo reino, era um estado independente.

Quando os nossos maiores promoveram a cano-nisação de Sancta Isabel, e a inscreveram entre os sanctos portuguezes, não pensaram em que ella era de origem hespanhola; e na consideração que a Hespanha dá a Christovão Colombo não se lembra de que elle era genovez. Julgavam os nossos maiores que a simples adopção, quando sobejamente paga por serviços ou virtudes, dava direito de cidade; e, com a devida permissão, é preciso que assim se continue a julgar. Ora Viriato não é só avô adoptivo, é avô legitimo; descendemos d'aquelle pastor, um pouco mais plebeu que João Pinto Ribeiro, mas nosso avô. Resignemo'-nos com esta modestia de origem, e honremos os nossos maiores, orgulhando-nos com a honra que elles nos deram, e a que nós, desgraçadamente, não podemos chegar, apezar de mais afidalgados.

Terminemos esta digressão.

O marquez de Pombal é digno de todas as honras; mas não o são menos os heroes do Oriente. Entre estes ha muitos nomes que bastariam a ennobrecer a maior nação do mundo; taes são: — Gama, Albuquerque, Castro, Silveira, Almeida, Pacheco, Mascarenhas, e quantos outros? Chega o tempo de lhes pagar as dividas de gratidão, que a patria tem em aberto para com as suas memorias. Se não póde, não dê; foram bastante patriotas para exigirem sacrificios á terra que tanto amaram. A historia supprime a estatua. Pague Portugal as dividas de dinheiro, que o benemerito espera mais e melhormente que o prestamista; mas quando poder pagar ao benemerito não regateie. Não é para gloria do passado, é para estimulo do presente, e para ensinamento do futuro.

A democracia, na sua paixão niveladora, exaggera na execução os preceitos do seu dogmatismo. O mal não está nos seus principios, que são sanctos e justos, está na practica abusiva.

Como a justiça antiga, a democracia venda-se, e corta com o gladio, flammejante porque é apaixonado, da sua intolerancia. Encontra as eminencias, e decepa-as; fica a salvo o que é mesquinho, e mais o que é ignobil.

A sua missão não é abaixar o individuo, é levantar as classes.

XXXVII

Pouco depois entravamos em Siridão, aldeia próxima á grande Goa, *orlen Goen*, hoje simples aldeia, mas grande aldeia, composta de muitas povoações ou bairros, o qual mais fertil e mais bem cultivado.

Foi alli, segundo se averigua, a primitiva cidade, a metropole gentilica na ilha de Goa, antes da dominação dos moiros. Era pois servida pela barra de Mormugão, mais ampla, mais desaffrontada de bancos e recifes, prestavel durante todo o inverno, o que não acontece á de Aguada, que se fecha durante tres mezes do anno.

Os moiros construíram depois a sua capital, chamada hoje *Velha-Goa*, na riba opposta da ilha, numa pequena eminencia ao pé do Mandovy, que assim começou a chamar-se pela alfandega edificada á sua beira. — Mandovy — quer dizer *alfandega*.

Depois da dominação portugueza, a cidade, que encontrámos florescente, cresceu ainda, mas veio-lhe logo a sua decadencia pelas causas que já deixámos apontadas; e por fim morreu de podridão, como acontecia a grande parte das antigas cidades quando a hygiene era perfeitamente desconhecida.

D'este modo veio fugindo á beira-mar a população, e pelo modo mais natural: os nativos foram ficando, e morrendo perto das suas ruínas, respirando os ares mephiticos do seu berço pestilencial; os descendentes dos portuguezes, mas já filhos da India, enthronaram-se, pela maior parte, no garrido e vistoso Ribandar; o governo, e por isso os funcionarios e os europeus, caminharam mais para a barra, para o occidente, para a patria, e estabeleceram-se em Pangim, hoje capital do Estado da India, e que não passa de um bairro da aldeia — Taleigão — que lhe fica a sudoeste.

Ninguém pensou ainda nas similhanças de um homem com o navio: pois são parecidissimos, apesar de se mostrarem tão diversos. O desejo no homem, quando é generoso e nobre, olha para diante, para o futuro. Sente-se que alguma cousa divina ou grande em nossa frente nos guia e nos arrasta contra as resistencias, que de traz nos seguram. A figura da prôa symbolisa o desejo. A náó de Vasco da Gama tinha o anjo Gabriel á prôa. O symbolo da prôa é o brazão da náó, e é sempre nobre e grande, quer seja um sancto, quer seja um homem, quer seja uma phantasia. A agulha mostra o rumo do navio: os olhos, o do homem. O que para o navio é estrella polar,

no homem é instincto ou desejo; o que no navio é leme, no homem é coração.

Ainda que a corrente contrarie o rumo do navio, a fixidez do leme e o impulso das velas vence-a e passa; bem tenta ás vezes a corrente das nossas idéas, e dos raciocinios mais sãos do nosso espirito, desviar-nos do rumo que levamos; o coração ouve, cala e passa através de tudo para onde a estrella lhe luz, ou para onde lhe está apontando a agulha magnetica dos seus affectos, que lhe gyra no coração.

Quereis conhecer as devoções d'um homem? procuraê vel-o só; se se assentar, reparaê para onde se volta; se passeiar distrahido, vêde para que lado se encaminha; se estender a vista ao largo, reparaê para que ponto. Mas é preciso que esteja distrahido. aliás engana-vos.

O portuguez na India olhará para o noroeste, apreciará o pôr do sol, e, estendendo a vista melancolica até á linha curva do horisonte, onde o céu pousa no mar, sonhará saudosamente com todos os seus affectos, ao ver surdir uma a uma do seio do infinito as velinhas, erguidas e ousadas como a fé, e alvas da côr da esperança, que resvalam sobre os abysmos. A saudade é o polo magnetico, para onde se dirige a bussola dos nossos affectos.

Para ser mais completa a similhaça, assim como o navio tem velas devia o homem ter azas.

Eis explicado por que, no desmoronar da grande cidade, os europeus, como a familia de Loth, vieram, sem olhar para trás, até Pangim, 9 kilometros a oeste de Goa, e 3 de Ribandar, e outro tanto mais perto de Portugal, o que é desconto importante nas duas mil e quinhentas leguas que ainda hoje nos separam da patria, ou, para melhor dizer, do berço, porque patria é esta aqui tambem.

Com este soliloquio passámos a ponte de Siridão, que traz á memoria o honrado visconde de Villa Nova d'Ourem, tão digno e tão infeliz por causa da chamada guerra de Satary, e estamos no alto que domina Sancta Cruz e as grandes varzeas e salinas até á celebre ponte de Ribandar, obra monumental do conde de Linhares no tempo dos Philippes, aliçada, parte sobre o sapal e parte sobre o mar, em toda a extensão de Ribandar a Pangim.

— Vamos pernoitar a S. Caetano, dissera o visconde. Os *boiás* viraram de bordo, no rumo do norte; um moiro partiu deante a prevenir D. Cosme, e a caravana dirigiu-se para Goa-velha.

XXXVIII

À cerradinha da noite chegavamos, por entre as ruínas da velha cidade, a S. Caetano, antigo convento, apropriado a palacio de governo pelo conde de Torres Novas. Exceptuando algumas salas, que o illustre governador lhe accrescentou, conserva ainda a sua fórma claustral e as suas cellas estreitas.

Recebeu-nos á porta o excellente frei D. Cosme, capellão, administrador, mordomo, almoxarife, sacristão, tudo, no palacio e na egreja, uma das mais bellas e das mais modernas da nossa India, edificada pelo risco (em miniatura) da de S. Pedro — em Roma — nas ruínas d'uma mesquita de moiros, segundo D. Cosme, e cujo tanque purificador ainda hoje se encontrará sob o lageado do templo.

D. Cosme é alto, avermelhado, apesar das febres que accusa, magro e gostando de passar commodamente: alegre e serviçal, quando vê convivas no palacio ou festas na egreja; uma tradição viva, uma reliquia preciosa. Podia ser o melhor *ciceroni* da necropole em que habita; mas, indolente, como bom oriental, sabe apenas que o antigo palacio do governo era situado entre o arco dos visos-reis e o pa-

lacio de S. Caetano; e é porque vê das janellas o montão das suas ruinas: de resto elle diz muita cousa e narra muita historia, de cuja authenticidade sempre me parece licito duvidar.

E talvez seja exacto quanto elle diz! Ó meu querido D. Cosme, não me chames ingrato, se alguém te disser o que leu neste livro, que — ler — sei eu que o não lê; e tens juizo: basta-te resvalar por cima do latim do breviario, que nunca te incommodaste a profundar. Eu sou teu amigo, faço justiça á tua mesa, ao teu appetite, á jovialidade com que acolhes os teus convivas. Por fim de contas tu não ficaste ahí para representar os sabios, ficaste para representar os frades; não serás um erudito, mas és mais, e melhor, és um prudente. Quando fallámos na extincção das ordens religiosas, pensas que não reparei! pensas que não vi que choravas por um olho e rias pelo outro? podéra! a ordem déra-te o *Dom* e a secularisação o habito de Christo! — «Dom Cosme — cavalleiro!!!» Fica bonito.

Ora D. Cosme recebeu-nos jubiloso á porta do palacio. Com toda a sua prudencia fradesca, tinha calculado o nosso appetite e o nosso cansasso; achámos, pois, tinas cheias para nos banharmos, naquella consoladora agua semi-fria do oriente, um jantar ultra-fradesco e camas, propicias camas, com as suas

competentes esteiras finas de Macau. Não havia porém mosquiteiros, e em cada quarto havia uma *fanfarra!*

O meu quarto (a minha cella) era paredes-meias com a de Espada, e assentámos em que se não fechasse a porta de comunicação para haver mais ar.

Espada tinha somno.

— Boas noites, amigo. E apaguei a luz; deviam ser as nove da noite.

— Boas noites, é bom de dizer; não tem mosquitos no quarto?

— Um enxame! Armei-me de toalha, e ou elles ou eu.

— Boa idéa; vamos á caça.

— Como viverá aqui este pobre D. Cosme, nesta solidão pavorosa!

— Como vive? como Deus com os anjos. Á força de muita semsaboria envenenaram-se-lhe os humores, e está-se rindo agora dos mosquitos e das cobras; o que lhe tocar morreu. Já lhe pedi que me concedesse a transfusão de algumas gottas do seu sangue, unico meio de viver com segurança no oriente.

— E elle?

— Nem me respondeu; desconfiou de mim, porque no meu discurso, e para melhor o cathequizar, apertei-lhe muito a mão e disse-lhe este latim: —

Ó sanguis sanguinis mei! — foi latim dos meus peccados! em me vendo fuge, e acho que me faz figas.

Dentro em pouco a luz do quarto visinho tinha attrahido os mosquitos. Espada, cançado de vibrar a toalha, tinha succumbido ao recrescer das legiões assaltantes, e cravejado de golpes... adormecera.

Era completo o silencio no palacio de S. Caetano, profundo e pavoroso na cidade das ruinas.

Ao contrario do que era de esperar, o somno fugira de mim, e a minha imaginação evocava d'aquelle sarcophago immenso as sombras e as memorias dos extinctos lidadores, que tinham passado ovantes naquelle theatro deserto, e outr'ora tão ruidoso. Ergui-me e entreabri a janella, que dava sobre os restos amassados do antigo palacio dos viso-reis.

A lua erguia-se do lado opposto entre nuvens, e alumiaava mal o quadro phantastico das ruinas, impallidecendo mais as fachadas fendidas, e derruidas em parte, de S. Francisco-dos-pobres, da misericordia, do convento das freiras; tudo isto entre palmares e cajuaes. A egreja e o resto do convento do Bom-Jesus perdiam-se para a esquerda. Um pouco sobre a direita distinguia-se, ao pé das aguas agitadas do Mandovy, o Arco dos viso-reis, e adiante d'elle o antigo arsenal. Alem mais, os restos d'um convento, afogados na floresta. Coroando todas as

ruínas, ainda as mais alevantadas, e baloiçando-se nos ares, os ramos da vegetação que as invadira.

Quasi mesmo em frente da minha cella ficava a grande fachada da sé e o palacio do arcebispo, que lhe é contiguo, e por duas janellas do grande templo sahia a luz d'uma lampada que velava no sanctuario. Dois grandes olhos amortecidos e tristes, mas abertos pela insomnia.

No ar e no arvoredo a illuminação vaga, fatua e intermittente de milhões de vagalumes. No céu, de quando em quando, estrellas por entre nuvens.

Este era o quadro.

Por unicas vozes o grito, ao longe, dos chacaes; por unico movimento o ramalhar do arvoredo; por unico signal de vida humana a lampada veladora na sé primacial do oriente, intacta, solitaria, deserta, mas resistente e serena em meio de tantos destroços, como a fé que symbolisa e a esperança com que alenta e conforta os que se sentem fraquejar.

E quando, mais triste, o meu espirito se recolhia na concentração mystica das grandes saudades, começaram de soar umas badaladas lentas e a largos intervallos num sino, que parecia chorar e conversar com o céu, á falta de humanidade que o ouvisse e comprehendesse. Era o signal da prece de todas as noites pelas almas dos que morreram.

No dia seguinte mostrava aos meus companheiros estes pobres versos, que offereço aos leitores, e que foram inspirados por aquelles sons plangentes:

O SINO D'OIRO

E noite lobrega! o sino,
o sino d'ouro da sé,
dá badaladas soturnas
chamando ás preces nocturnas!...
Quem chama o sino?... quem é?!
Pois d'estas cryptas sombrias,
d'estas funerarias urnas
quem se levanta? quem vê
coar-se o raio divino
da luz das mysticas lampas
pelas janellas do templo
como o olhar casto da fé?
Só se das marmoreas campas
resurgem por horas mortas
os heroes de mil batalhas,
naufragos de cem procellas
da sorte nos invios mares,
e vão depor nos altares,
em vez de rasgadas velas,
ensanguentadas mortalhas!

Tange, sino d'ouro, tange
na velha torre da sé,
que se o teu som se refrange
nos ecos da solidão,

se das abobadas rôtas
que estão ruindo a pedaços
te responde o furacão,
talvez que aos heroes d'Ormuz,
de Chaul, Diu e Ceylão,
quebres o sêlo da morte
e acordes o coração.
Era tão grande! tão forte!...
Poderam com tantas máguas
e ganharam tanta gloria
sobre a terra e sobre as aguas
e são tão vivos na historia!

.....

Tange, sino d'oiro, tange
na velha torre da sé,
que o teu convite inda abrange
um grande imperio onde ha fé.
Em todo o paiz da aurora
á tua voz, reverente,
se descobre, pára e ora
o immenso povo christão;
a tua voz inda sôa
desde as ruinas de Goa
até ao floreo Japão;
desde Ormuz ao Guzerate,
desde Timor a Pekim,
desde Ceylão a Surrate,
desde Cambaya a Cochim,
sôa sempre e só desmaia
nas planuras do Hymalaia,
do sul nos mares sem fim!

.....

Meu Deus! eu tenho provado
o calix amargurado
de quanta tristeza existe
no mundo e na solidão,
mas nunca uma voz tão triste
me bateu no coração!

A noite lobrega, escura!
a estreita cella que habito
neste palacio-clausura!
Esta janella entre-aberta,
por onde me vêm perfumes
da selvatica floresta,
d'onde vejo — alem, o mar;
um arco, ali, o que resta
da necropole deserta!
e milhões de vagalumes
estrellejando o palmar!
E no vestigio que morre,
na solidão que recresce,
da alta ventana da torre,
chamando á nocturna prece,
a voz do sino que brande
ais de dôr na solidão!
Nunca tristeza tão grande
me entrou pelo coração!

.....

Vim assistir ao desabar da gloria!
Ter de mostrar ás tribus estrangeiras
por todos os trophéus da nossa historia
Só ruinas, desertos e caveiras! ...

.....

Colhe a piedosa voz o sino que se queixa!
trémula vibração, como final d'endecha,
inda no espaço carpe, inda se eleva ao céu,
treme, vacilla, anceia, esmaia... e emfim morreu!
agora nada!... nada!... Escuto e nada escuto!
o mar, sombrio e quedo, a terra e o céu em lucto,
e eu só, como o romeiro entre funereo pó,
eu só, como a saudade, e agora ainda mais só!
que o som é companhia e um eco dá conforto;
ha vida em cada voz! — só o silencio é morto.

D. Cosme quiz uma cópia dos versos — para os mostrar a quem os entendesse bem — dizia elle com uma simplicidade adoravel.

Nas poucas horas que nos podiamos demorar em Goa visitámos a egreja e convento do Bom-Jesus, e nelle o famoso tumulo de S. Francisco Xavier, que todos os povos da India visitam com a mais acrisolada devoção. Quando, por vezes, o corpo mumificado do Apostolo tem sido exposto á veneração dos fieis, milhares e milhares de romeiros percorrem o grande recinto da cidade, habitam as ruinas e os palmares, e enchem de animação e de vida aquelle saudoso cemiterio. Dir-se-hia a galvanisação da necropole.

Sabido é já que não faltam moiros e parses, e especialmente gentios, a visitar o sancto portuguez, e que são d'estes as maiores oblatas.

Alli dorme, apesar do marquez de Pombal, no seu leito de prata, e na terra que tanto amou, o maior conquistador do oriente.

O grande amor de Deus e da humanidade, a fé viva numa existencia eterna e melhor, a caridade para com os fracos e os ignorantes, aquelle fogo do pentecostes, que symbolisa a inspiração do sentimento, ensinára-lhe todas as linguas e abria-lhe o caminho de todos os povos do levante. Sósinho, encostado ao seu bordão de peregrino, ora a pé através das invias florestas, impondo respeito ás feras, ora no mar, acalmando as tormentas e imprimindo ás vagas a amenidade do seu sorriso, enfermo cheio de força, humilde cheio de auctoridade, extranho que a todos conhecia e amava, pobre que remediava todas as indigencias, paciente que amenisava todos os padecimentos, triste que sabia sorrir, resignado que ensinava a chorar, elle era a pomba e o fogo do espirito sancto, a inspiração do verbo e a mansidão do cordeiro de Deus.

Aqui, de joelhos ante o venerando tumulo que te encerra, te admiro, te bemdigo, te adoro, ó benemerito de Deus e dos homens!

Feliz de mim, por me ser dado visitar-te na solidão do teu ermo, e beijar-te os pés que tanto sou-

beram caminhar para acudir aos afflictos e desalumiados, ó soldado de Deus e da patria! ó flor da humanidade! Nos meus sonhos de poeta e nos meus orgulhos de portuguez, eu via sempre a tua imagem erguida entre o grupo dos grandes navegadores e soldados, com a cruz sobre o coração, com a fronte, sobranceira á humanidade e ás palmas, aureolada pelo sol nascente, que doirava, como nas telas byzantinas, o fundo immenso do quadro. Vim, descansei um momento á protectora sombra da tua memoria, arvore de vida e de alentos, de cujos ramos colhi fructos de esperanza.

Bemdito! mil vezes bemdito.

D'alli fomos visitar as ruinas de S. Paulo dos Jesuitas, ou S. Paulo dos Arcos, habitação principal do apostolo da India. Foi alli que elle instruiu na religião do crucificado os tres primeiros japonezes que abraçaram a fé christã; era alli, na capella, chamada ainda de S. Francisco Xavier, que elle sentia aquelles extasis de amor divino, que o tornavam um verdadeiro inspirado e um verdadeiro sancto; transportes de tanto amor que, segundo a tradição, referida pelo abbade Cottineau de Kloguen, o levavam a exclamar, abrindo no peito o seu habito e passeiando pelos jardins: «Não mais, Senhor! não mais!»

Foi alli, n'aquella egreja, agora ruinas, que o seu precioso cadaver, ainda hoje inteiro, foi depositado quando veio da China.

Nada resta já do antigo seminario, o primeiro da India, senão, quasi derruida, a frontaria da egreja, e, no meio do arvoredado e matagal, a capella de S. Francisco Xavier, mandada reparar pelo conde de Torres Novas, em 1859, e já novamente deteriorada. Alli vinha fortificar-se e levantar os vãos prodigiosos a aguia do Senhor, tão forte na vida e tão forte ainda na morte, que, segundo refere a tradição, o conde d'Alvor lhe entregou o seu bastão de visorei e a sua patente de general, confiando á protectora sombra do Apostolo a defeza da grande cidade, que elle desesperava de salvar. Ainda hoje, no acto da posse, cada governador recebe o bastão das mãos de S. Francisco Xavier e lh'o restitue.

Subimos ao monte em que se lastimam ainda as enormes ruinas do convento e egreja de Sancto Agostinho, e perto das quaes se encontra a capella de Sancto Antonio de Padua.

Sentimos não poder visitar o convento da Madre-de-Deus, cuja imagem é tida em grande veneração, e o padre administrador do convento, reputado um dos melhores exorcistas de toda a India.

Visitámos o convento de Sancta Monica, perto das ruínas do convento de Sancto Agostinho.

Na parede da capella-mór da egreja, que vai cahindo, de Sancta Clara, achámos um monumento interessante, e que se perderá com os restos da desmoronada egreja, se mão curiosa o não tirar d'alli: uma grande lapide de granito mostra restos indecifráveis de letras douradas, e em alto relevo umas figuras de homens, peças de antigas armaduras, sobresahindo o busto d'um cavalleiro. A quem pertenceria este tumulo? talvez não seja difficil averigual-o.

Do alto de Sancto Agostinho vimos as ruínas formosas da egreja de S. Domingos, e as do collegio e egreja de S. Roque; para o sul as da egreja e convento da Cruz dos Milagres; a abobada da egreja sustenta-se ainda.

— Alli, disse-nos D. Cosme, ninguem póde entrar, tão basto e emmaranhado é o silvado e o matto que lá cresce por dentro.

Que triste e saudoso panorama era aquelle de tantas nobres ruínas! que formosas egrejas, todas abobadadas e doiradas, apodrecendo na solidão! quantas sepulturas brazonadas, quantas legendas de gloria, commemorando os feitos de valentes, vão ficar soterradas debaixo d'aquelles montões de granito, que ninguem ousa amparar!

— Visconde, é digna do seu coração e do seu patriotismo a lastima d'este quadro.

— Pois sim, acudamos-lhe, dizia elle pensativo, acudamos ao que podérmos (*).

— Espada, que silencio é esse? «Ou bem que somos...»

— Preparo uma evolução grammatical. Está-me dizendo a consciencia que não tenho passado até hoje d'um parlapatão. Mudo de systema e de divisa, mudando o tempo do verbo.

— Exemplo!

— «Ou bem que fomos ou bem que não fomos.» Do alto d'estas ruinas até eu tiro o bonnet, contra as ordenanças militares; e peço o favor de nos irmos embora, que não é do meu character estar triste por muito tempo.

Com a permissão do visconde, e no proposito de ir matar «alguma cousa feroz», na phrase d'elle, deixou-nos.

Fomos d'alli visitar o palacio do arcebispo, ainda quasi habitavel, edificio vasto e triste, como toda a velha cidade. Do caminho que vai para Ribandar

(*) Pouco tempo depois, já demittido de governador e como que refugiado no palacio do Cabo, dizia-me elle, no meio das suas occupações de jardineiro: — E a triste da Velha-Goa?! Verá que ninguem ampara aquellas ruinas.

vê-se, á esquerda, outro palacio archiepiscopal, o de Panelim, todo em ruinas, e ao occidente de Pangim havia tambem o palacio de Sancta Ignez, de que já hoje poucos vestigios restam.

Em quanto visitavamos a sé e admiravamos as suas ricas alfaias e a immensa egreja de S. Francisco-dos-pobres e a capella de Sancta Catharina de Alexandria (*), padroeira de Goa, e a rua estreita e ingreme, onde se conta que fôra mais renhido o combate de moiros e christãos, e que ainda hoje conserva por nome o numero dos que morreram no recontro, Espada tinha tido a ventura de encontrar e matar, a tiro, uma grande cobra-capello, que estava de amores com o seu par; o que, segundo os indigenas, é perigosissimo, por quanto a cobra sobreviva nunca mais esquece o feito e o assassino, conhecendo-o em todo o tempo e em toda a parte, e matando-o, infallivelmente, no primeiro ensejo.

Seriam incriveis as superstições do oriente a não haver as superstições da Europa.

(*) Esta capella recorda a tomada de Goa por Affonso d'Albuquerque em dia de Sancta Catharina, de 1510. O governador Jorge Cabral, em 1550, mandou construir esta capella, no sitio mesmo onde existia a porta por onde os nossos entraram. Por essa porta entrou tambem, triumphante, D. João de Castro, depois da victoria de Diu.

Faltava-nos na digressão o nosso erudito amigo Cunha Rivara, o melhor, o unico *ciceroni* da velha cidade; o que, com documentos á vista, a desenterra, a reedifica e repovôa, fazendo-nos assistir successivamente aos fastos da sua chronologia historica.

XXXIX

Quando voltámos ao palacio, tomou-me D. Cosme pelo braço e levou-me ao seu quarto, onde, no meio dos breviarios e ripansos, tinha uns manuscriptos defumados.

Escolheu um d'elles e disse-me:

— Quero fazer-lhe um presente. Sei que escreve livros e versos, e aquelles do «Sino d'oiro» mostram que tem religião. Tenho aqui uma historia, escripta por um rapaz europeu, que entrou cá na Ordem por causa de uns desgostos do coração, que o tiveram ás portas da morte. Passou o tempo a rezar, a ler e a escrever. Quando as ordens religiosas acabaram ainda elle era noviço.

Era muito triste, e tinha quasi sempre febre. Quando nos mandaram sahir do convento, descemos todos e sahimos pela porta; só elle começou a subir pela espiral da torre, a julgar que ia para o céu, e

sahiu por uma das ventanas! Cahiu já morto no adro. Foi cousa que lhe subiu á cabeça.

— Era a febre, D. Cosme.

— Era a febre; sempre foi essa a minha opinião. Entre os papeis d'elle achou-se esta historia, que eu tenho lido muita vez, e que até sei quasi de cór. Parece um conto; mas diziam os frades todos que era verdadeira, e que até aquelle convento das freiras, alem, fôra edificado com o dinheiro d'esta familia da *Mogarem*, de quem reza a historia: lá verá.

Se gostar metta-a n'um livro, que sempre a gente gosta de ver em letra redonda cousas da sua terra.

— Como se chamava o noviço?

— Ha de perdoar, mas lá isso lhe não sei eu dizer. Viveu aqui só dez mezes; chamavam-lhe *Pedru* (*); tinha vindo de Portugal, não sei com quem, que morreu, e nunca vieram procural-o ao convento. Comigo tambem ninguem tinha grandes conversas, nem eu andava lá a excogitar vidas alheias.

Agradei a D. Cosme o seu manuscripto, que fui guardar cuidadosamente na minha maleta de viagem, e, quando em Pangim o li, convenci-me de que valia a pena fazer conhecida a obra do infeliz *Pedru*, escripto evidentemente moderno e com ac-

(*) Pedro.


~~~~~~  
crescentamentos modernissimos, mas em que ha scenas e costumes do oriente.

O barão de Cumbarjua, a quem mais tarde mostrei o manuscripto, disse-me que aquella narrativa andava ainda nas tradições de Goa, e prometteu mostrar-me alguns descendentes, tanto da familia de Mogarem como da do seu noivo. Privou-me d'esse prazer a morte prematura d'aquelle cavalheiro e a minha sahida inesperada para Portugal.

Rematarei este livro com a historia de Mogarem, dando já d'aqui os agradecimentos ao bom D. Cosme.

As tres horas da tarde abraçavamos D. Cosme, que se congraçara com Espada desde a morte da cobra e a promessa de lhe vir matar a companheira, e seguimos para Pangim, para o palacio do governo, edificado na fortaleza do Idal-kan. Avistámos o nosso bairro ao dobrar o pequeno promontorio da formosa e fidalga Ribandar. Pangim lá está indolentemente abraçada ao seu monte *de aspero matto e de espessura brava*, porém não tanto como aquelle a que o Adamastor cingiu os braços hirsutos.

Sobre este monte um capricho inconsciente do destino collocou o symbolo da providencia humana, signal de vida e protector da vida, ao pé do campo da morte.

Um cemiterio e um telegrapho.

O telegrapho, como que respeitando o somno de tantos cançados das lidas e das lides, apesar de fallar para longe e pelo mar a dentro, não tem um som, um porta-voz, um sino, um murmurio: — gesticula. Pois nesta mudez carinhosa e caritativa, observa, falla, avisa, ordena, pede, concede, acautela e des-empenha cabalmente a sua missão protectora.

Pangim é a cidade do conde de Torres Novas.

A primitiva Pangim era uma curta orla á beiramar, semeada de meia duzia de casas de campo. O bairro principal, o primitivo, unico talvez por algum tempo — as Fontainhas — escondera-se atrás do monte, e voltado para leste, privara-se a um tempo da vista e da aragem do mar. Cousa notavel! es nativos têm o maior cuidado em tapar bem as paredes das suas habitações, do lado d'onde lhes podem vir os ventos frescos no verão, sem se lembrarem de que pelas portas e janellas lhes ha de entrar o *terral*, que por tão damnninho se conta.

Ora o bairro das Fontainhas, edificado primitivamente á beira d'uma grande bahia, limitada pelos montes de Ribandar, Chimbél e Sancta Cruz, assistiu á transformação lenta, mas progressiva, e sensivel ainda hoje em todas as terras baixas da India, da bahia em sapal e do sapal em varzeas e salinas, por onde, em gyros caprichosos, se espreguiçam em

pequenos canaes ou *esteiros* navegaveis as aguas do Mandovy.

Quem vier a Pangim suba ao monte do telegrapho, e deixe folgar e espairecer a vista para todos os lados, sobre o panorama d'esta Veneza de espelhos immoldurados em verdura.

De Pangim, pela sua posição, far-se-ha uma das mais lindas cidades do oriente, quando o commercio e as industrias lhe derem animação e movimento, que por ora não tem.

E para que ella já seja, mais que nenhuma das terras do Malabar, interessante e agradável, basta lembrar que por effeito das nossas leis, e já de antigos costumes, uma grande parte da sua população fixa é europeia, o que não acontece nas possessões inglezas, onde as familias que vêm da Europa não lançam raizes no solo: são como as plantas, que se transportam em vasos de um paiz para outro paiz.

Lá, raras ligações se contrahem entre europeus e nativos, e essas ligações attrahem sobre si a reprobção geral; aqui, desde a conquista, se tem não só consentido mas promovido e premiado a constituição da familia entre europeus e nativos.

A Inglaterra passa por ser modelo das nações liberaes: pois seja, embora; mas é justo que se nos não assigne um logar inferior. Em quanto ella pro-

clama a liberdade, nós executamos-lhe os preceitos, praticando, convictos, os dogmas da fraternidade, que é sua emanação como sentimento, e seu corollario como doutrina.

Quem vir quanto se exaltam os mais pequenos feitos das nações, que pela sua grandeza preponderam, os encomios, os *réclames*, os cartazes que dizem ao mundo, em letras de côres, as maravilhas dos grandes actores, que trajam purpuras e arminhos, quem ouvir os hymnos, que espalham em tuba epica os feitos *nunca d'antes practicados* dos povos, mestres e directores, e vir a calada, ou, peor ainda, o desconceito em que o jornalismo portuguez esconde ou arrasta as nossas cousas, ha de pensar, e com razão, que nunca fizemos nada em bem do progresso da humanidade.

Comtudo não temos inveja ás nações que têm homens grandes nas sciencias, na virtude, nas letras, nas armas, em tudo.

Ainda ha pouco um escriptor estrangeiro, fallando da nossa litteratura, demonstrou que nenhum paiz a possuia nem mais illustre nem mais rica; accrescentando que nenhuma era mais conscienciosa, visto que em Portugal não póde haver, a respeito d'ella, a menor idéa de ganancia mercantil.

Fallando de Pangim, e já que lembrámos o nome

do conde de Torres Novas, não é licito, presando-me de narrador consciencioso, deixar no esquecimento o nome de D. Manuel de Portugal e Castro, que governou a India desde 1827 até 1835.

Segundo escreve o sr. Miguel Vicente d'Abreu, segundo nos attestam ainda muitos vivos, e confirmam documentos incontrastaveis, deve-se a D. Manuel o nivelamento das varzeas, outeiros, esteiros e charcos immundos, que inficionavam o antigo bairro de Taleigão (\*); devem-se-lhe muitos cáes; seis pontes, entre as quaes as do Campal, amplissimo passeio tambem por elle construido; a immensa rua de Gaspar Dias; a do pagode; a fonte da cabeça de vacca; o aquartelamento militar, formosa construcção, onde, alem dos quarteis da artilheria e guarda municipal, está a escola de mathematica, o lyceu e a bibliotheca publica; a alfandega; a cadeia: e tudo isto grande, pelo menos relativamente grande.

D. Manuel deixou, pois, nivelado e desenhado o pavimento de uma grande cidade; tudo quanto fez foi largo como o seu fidalgo coração e como os seus sonhos e desejos de portuguez. Foi censurado por tudo isto; podéra! quem lhe mandou trabalhar tanto e com tão boa vontade? restringisse-se a sahir de

(\*) Pangim era um bairro da aldeia de Taleigão.

passaio no meio de dois sombreiros encarnados, cercado da nobreza goana, com um piquete de cavallaria na frente e um palanquim doirado na rectaguarda; ou a prohibir que os nativos passassem de *machilla* e cobertos pela frente do seu palacio, que para isso era viso-rei; mas fazer obras, gastar dinheiro em obras, e com a circumstancia aggravante de serem proveitosas e grandes, só podia entrar na cabeça de D. Manuel de Portugal e Castro.

À parte, porem, esta planta desenhada no solo, e estas construcções ou poucas mais do que as mencionadas, tudo eram palmares, e no meio d'elles uns *garats* insignificantes, pouco limpos, e, consequentemente, doentios. Muitos dos magistrados que vinham da Europa iam viver em Ribandar por falta de casas em Pangim.

O visconde d'Ourem reconstruiu parte de uma rua ao pé da grande ponte, rua que hoje tem o seu nome; era homem para completar o pensamento de D. Manuel, mas nenhum tão illustre governador foi tão contrariado como elle. Cabia ao conde de Torres Novas levantar a cidade. O que ahi ha de melhor a elle pertence, não só transformando o antigo bairro das Fontainhas, e aperfeiçoando através d'elle a — *rua 4 de abril* —, mas conseguindo que se erguessem novos bairros, talhando praças espaçosas e re-



gulares, construindo-lhe ruas dentro e estradas em volta, tirando emfim do germen a cidade, que se retrata donairoza no placido Mandovy.

## XL

Somos chegados ao fim da nossa jornada. Era quasi sol-posto quando entrámos em Pangim pela ponte de Ribandar, o mais extenso viaducto que tenho visto.

O governador, ao chegar ao seu palacio, ouvindo chamar ás armas, mostrou aquella ruga vertical que ás vezes lhe irrita a physionomia, e disse em tom sacudido: — guarda dentro.— O fim d'uma jornada é a accumulacão de todos os cançassos, incommodos e aborrimentos.

Henrique IV, aquelle bom homem e rei patusco, Henrique de Bourbon, que veio ao mundo cantando sua mãe uma aria da Navarra, e a quem seu avô tinha preparada, por lambedor, uma açôrda de alhos, d'aquelles alhos *tiques* do Bearn, viu-se um dia, depois d'uma victoria e d'uma grande marcha, assaltado por innumerous comprimenteiros officiaes, á entrada d'uma cidade, aonde ia descansar. Choveram discursos, que o bom Henrique ouvia a pé quedo; e quando se julgava, emfim, liberto de tanto para-

bem, tomou-lhe a frente um magistrado gordo e começou em tom emphatico:

— «Muito alto! muito poderoso! muito victorioso! muito grande! muito excelso! muito glorioso!...» — Não pôde o rei com o peso de mais superlativos, e interrompeu o orador, já suado e rouco, para lhe dizer: — «Accrescentae só: e muito massado rei Henrique IV.» — Entrou na cidade, e consta que enfim dormiu. A tal ruga perpendicular do governador geral da India, e o sacudido — «guarda dentro,» — tinham parentesco proximo com a phrase do bearnes.

## XLI

Era meia noite quando senti abrir a porta do quarto, onde o melhor dos sonhos, estreme, sem mescla de sonho bom ou máo, me havia agasalhado.

— Quem é?

— *Des flaneurs de minuit*, modularam em dueto os dois ajudantes espevitados e secios, que vinham, segundo a sua phrase, de cumprir com os seus deveres (\*).

— Que sério motivo obriga os nobres ajudantes

(\*) Visitar todas as familias de Pangim.

~~~~~

a interromper o somno placido e restaurador do cidadão cansado?

— O seu bom nome de historiador e o nosso de narradores.

— Bravo! com que, temos phrases!

— Não sou eu, é o Espada que está fallando, dizia Sampaio, julgando que, em vez d'uma exclamação, lhe tinha pronunciado o nome de guerra.

— É o caso que, tendo narrado a varios amadores as historias de Margão e Pondá, elogiámos a maneira distincta por que nos receberam os marathas em Pondá.

— Os marathas?!

— Assim exclamaram elles, rindo e admirando que ainda lá existisse o governo do Naná.

— E riram bem.

— Então não é certo que o conde d'Alva foi morto, e que os nossos perderam a batalha?

— Aceito o correctivo, e agradece-o-hia se não viesse a tão incommodas horas. Será contada em epilogo a tomada de Pondá pelo conde da Ega, e por elle mesmo. E agora, muito boas noites.

— Ah! então muito boas noites.

MOGAREM

(Episodio do oriente)

POR ***

1878

1878

MOGAREM (*)

Introducção do editor

É singelo o episodio que vou publicar; é um esboço de costumes orientaes, e passou-se no tempo em que os nossos missionarios, soldados fervorosos da religião e da patria, levavam as suas conquistas de amor ao seio endurecido dos velhos povos do oriente.

Os galeões portuguezes transportavam em cada monção, para os portos da India, guerreiros de duas especies; rivaes sem serem inimigos: — soldados e padres. Foi uma formosa epocha.

Em quanto os caminhos do Egypto e do golpho persico, as cidades do Euphrates e as caravanas do deserto, se viam despojadas do commercio da India,

(*) Este *episodio* é o presente que me fez o amavel D. Cosme, e a que no corpo do livro me refiro. Confesso que refundi o manuscripto em pontos não essenciaes. Aceitem-me a confissão e perdõem-me o attentado.

os morros carrancudos e inhospitos do cabo tormen-
toso viam cruzar-se, nos mares encapellados do sul,
náus que gemiam avergadas de homens, de artilhe-
ria, de lanças, de escapularios e de riquezas sem
conto.

Em quanto o Cairo e Palmyra e Bassora e Ve-
neza tremiam do silencio sinistro das suas praças e
estradas, bramia de raiva o Adamastor, de vêr de-
vassado sem respeito o seu mar selvagem, solitario,
feroz, agora, como cão domestico, ornado de uma
colleira de navios com flammulas desconhecidas.

Na India, das mysteriosas florestas de palmeiras
debruçadas á beira-mar, saudavam os nossos intrep-
pidos avós as náus do reino, que despontavam cada
anno sobre o horisonte dos mares, e recolhiam no
seio os recém-vindos para as luctas e para a gloria.
N'essa confraternisação enthusiastica havia fé viva no
presente e esperança no futuro.

Riem-se hoje por ahi da fé e da esperança, do en-
thusiasmo e do amor da patria; pois, mocidade bri-
lhante, ride a vosso prazer das velharias do sonha-
dor, mas quer-me parecer a mim que, ou não fareis
nada com a vossa philosophia sceptica, ou o que fi-
zerdes não será grande, nem consistente.

Se a natureza nos deu os affectos com o pensa-
mento, o sentimento com a razão, não foi para que

nos desquitassemos de uma parte das nossas faculdades no que julgâmos proveito das outras, e que é apenas um desequilíbrio fatal que ameaça a humanidade de incalculaveis cataclismos.

Tendes razão em muitas de vossas doutrinas, mas cahis, victimas de visões deploraveis, em exaggeros que assustam.

Virá uma nova escola amparar as conquistas da razão com a elevação do sentimento, porque a natureza sempre triumpho por fim, e quando não houver perigo de cahirmos nos excessos das idolatrias, nem de nos perdermos nos páramos infinitos das cogitações abstractas, será chegada a epocha das grandes conquistas da humanidade.

— Abaixo as algemas do pensamento! — é justo; mas cuidado! não tomemos auxilios por algemas. Se loucura seria pensar que, amputando os braços ao caminhante, elle deve chegar mais depressa por ficar assim menos pesado, annullando os nossos sentimentos practicâmos identica loucura.

I

Era em 1548, epocha em que D. João de Castro, depois de receber as novas, que eram de gloria e de lucto, dos brilhantes feitos de Diu, recolhido ao palacio dos viso-reis, chorava ainda, dentro dos seus aposentos solitarios, a morte prematura de D. Fernando de Castro, que os soldados de Diu e de Cambaya viram voar e desaparecer no espaço, involto n'um turbilhão de fogo e fumo, ao estrondo de uma explosão legendaria.

Que mais brilhante apothese preparou já a gloria guerreira aos seus dilectos? Por altar, muralhas negras e bastiões accesos, vomitando metralha e avergados de cadaveres ameaçadores; aqui... alem... rarissimos! soldados tisonados, com o morrão acceso ao pé da espada flammejante e rubra; de fóra, exercitos assombrados, olhando a ascensão esplendida! por fundo, ao norte, os areaes adustos; ao sul, as aguas do mar sem fim!

Uma bandeira portugueza pregada no mais alto da muralha, e os hymnos de uma grande victoria acompanhados pelas vagas do mar e pelos ventos do deserto.

Ninguém viu jámais chorar o viso-rei. — «Por cada uma das pedras d'essas muralhas daria eu de boa vontade um filho» — dizia elle aos enlutados cavalleiros.

Chorava, a sós comsigo, o varão forte; e adoravam-no e cantavam-lhe canticos de amor, nas ruas e nos templos, os povos do oriente.

II

D. Fernando de Castro, o gentil soldado, no pouco tempo que se demorára em Goa, era o orgulho dos moços illustres que tinham valia e valor, o idolo do povo rude, que o apontava jubiloso como um dos mais esbeltos cavalleiros recémvindos do occidente, e a inveja das formosas e tentadoras indianas, que o espreitavam com amor através das rotulas, invejosas e ciumentas, das suas janellas recatadas.

Por horas do fim da tarde, quando as auras do mar subiam o Mandovy e vinham enrolar-se e brincar nas palmeiras e tamarindos das cercas da grande cidade, costumava o esbelto portuguez sahir, só, do palacio dos viso-reis, por uma porta pequena e de cunhaes bordados, que dava para o adro de S. Caeetano, porta de que ainda hoje achareis formosos ves-

~~~~~

tigios; passava ao pé da ampla fabrica da Misericórdia, deixando a Sé á direita, e chegando ao largo do Bom Jesus, onde se guarda o tumulo sumptuoso de S. Francisco Xavier, tomava pela esquerda, para fóra da cidade, e dirigia-se ao caes de Cumbarjua, onde hoje ainda se encontram vestigios de uma porta, nos restos da antiga muralha.

Desde a egreja do Bom Jesus ao canal de Cumbarjua é amenissimo o trajecto. A rua, larga, plana e alinhada, como todas as da velha cidade, abre por uma densissima floresta, que para ambos os lados se estende. Mangueiras, coqueiros, acacias vermelhas, tamarindos, cajueiros, bambuaes, e, a enredar todos os troncos e ramos, o betle aromatico e mil especies de trepadeiras com florescencia eterna, eis a decoração d'aquella rua solitaria, onde nem o canto das aves perturba hoje o silencio tumular da triste cidade morta.

Chega-se ao canal e a natureza abre um sorriso; as aves cantam, as aguas scintillam, as tonas conversam e os arbustos marinhos, que se alimentam em cardumes das aguas salgadas, cobrem-se de garças pescadoras.

No seculo xvi era differente aquella rua. D'um e d'outro lado havia, aqui e alem, e dizem-n'o hoje as ruinas, casas de campo, com seus jardins e bos-



ques de arbustos floridos. Eram gentios quasi todos os habitantes d'aquelle paraizo oriental.

N'uma das ultimas casas, á esquerda, morava uma goana, que enchia todo o Malabar com a fama da sua belleza. Devia ter quinze annos. O noivo, a quem fôra promettida de cinco annos de idade, sahira, pequeno, para Madrasta com toda a sua familia, que de lá annunciava de anno em anno a sua vinda, e sempre o enlace era adiado. No emtanto, Mogarem fazia-se mulher e resplandecia de formosura.

Viu-a um dia por acaso D. Fernando de Castro, e julgou encontrar a Venus da mythologia. Ella fugiu como a chitella do matto; elle parou pensativo, e não chegou n'esse dia a ver as aguas do canal de Cumbarjua.

De noite sonhou com aquella morena formosura, involta no seu *panno* amarello de seda de Nacpur, com os lustrosos cabellos soltos a varrerem o chão, com os grandes olhos negros de fogo e veludo. No dia seguinte pensou que tudo fôra illusão. Á tarde passou e nada viu. Banhou-se no rio de Cumbarjua. A noite surpreheendeu-o nas aguas, e pela primeira vez attentou no que eram as noites orientaes. Que estrellas e que transparencias, que aromas e que scintillações!

Subi a um monte, e dizei onde termina o céu e

onde começa a terra; quaes são os astros e quaes os vagalumes; especialmente quando a lua, pouco acima do horisonte, espalha, entre o céu e a terra, o véo branco da sua poeira de prata, que adelgaça um pouco as trévas dos montes e offusca a meio a transparencia do firmamento.

Compreende-se o amor das fêras, mas não se comprehende a sanha feroz dos seus instinctos.

Quando o moço cavalleiro voltava, as janellas da casa indú estavam-se alumiano.

Parou; e do bambual, que se debruçava á beira da estrada, fugiu espavorida, agitando violentamente as folhas das canas, uma cobra? uma cerva? ou a formosa mulher que lhe apparecera na vespera?

Na transparencia de uma das janellas baixas desenhou-se e passou o vulto esculptural da formosa Mogarem.

### III

As janellas d'aquella habitação encantadora foram-se a pouco e pouco illuminando; muitos vultos bronzeados, com os seus turbantes de mil côres, percorreram o jardim em todas as direcções; arvores e arbustos rescendentes cobriam-se de vagalumes, e um som suavissimo de cantares surgiram das alame-

das ou das salas, que não deixava a distancia e o vago das vozes morbidas perceber a D. Fernando d'onde partissem.

Parecia ao moço amante que um deslumbramento o tomava, ou filtros de feitiço o tinham preso alli; parecia-lhe que aquellas vezes tinham, ora a ternura dos cantos das mães aos berços, ora o ardor magnetico dos trementes e truncados segredos da amante ao namorado; segredos antes bafejados que fallados, antes sentidos que ouvidos em meio de fremitos e desmaios em noite amena e tepida ao pé de um lago confidente e quieto.

Parecia-lhe que, pelo jardim, cruzavam sempre sombras mysteriosas e caladas, e parecia-lhe tambem que o vulto da formosa indiana se viera insinuando por entre a ramaria da sebe que se debruçava para a estrada, e a cujas franças elle se estava agora segurando.

E tudo isto era mais uma visão que um quadro, mais uma sensação que um apparecimento. Um desejo efficiente, um affecto creador, uma phantasia illuminada, um espectaculo interior visto com os olhos fechados, commovente de mais para visão, crepuscular de mais para realidade.

E D. Fernando, presa de uma anciedade vertiginosa, com o coração impaciente de febril, trémulo, que o diziam as cannas do bambual a que se am-

parava e por entre as quaes espreitava meio occulto, iria jurar que o halito da formosa oriental lhe estava banhando o rosto, tão perto sentia elle uns effluvios que o embriagavam.

E os canticos ao longe, e o luar e as flores e os vagalumes, a atmospherá morna e as folhas do betle sagrado que lhe batiam no rosto, tudo quanto o cercava o endoidecia.

E o bambual estava quieto e serrado; negro, mysterioso, insondavel! e uma fascinação poderosa teimava n'elle que uns olhos o estavam vendo, que uns labios lhe sorriam; olhos mais negros que o veludo e mais brilhantes que os astros, labios mais vermelhos que o coral de Mascate ou de Sorrento, e mais humidos que a orchidea orvalhada no tronco do tamarindo.

E não via! e não ouvia.

— Impossivel! disse elle fallando comsigo, como o somnolento que tenta espalhar o somno.

Pareceu-lhe porem que o bambual mechia.

— Oh não fujas, se és tu aquella por quem estou preso, segredava elle tão baixo como se lhe fallasse ao ouvido, confia na minha lealdade de cavalleiro; se tu soubesses quem sou não duidavas de mim.

Calou-se, escutou... Nem um som, nem um movimento.

Sorriu-se com o sorriso ingenuo da sua idade;

mas de repente sentiu que o cheiro da areca e do betle, tão conhecido no oriente, o basejava de novo, que a respiração lhe faltava e que a vertigem crescia.

A lua subia no céu entre a illuminação do infinito.

— Meu Deus, d'onde me vem esta allucinação? dizia D. Fernando no seu monologo; ha plantas venenosas em toda a India e arvores que matam aquelles a quem abrigam, comtudo esta morte é doce e voluptuosa. Sonhar que se tem ao pé uma mulher adoravel, talhada como as Venus da Grecia, ardente como o sol d'onde brotou, e preguiçosa como as auras tropicaes! Se eu pudesse expirar nos braços d'ella!!

Sentiu-se de repente preso n'um braço por mão pequenina, mas forte e firme, puxando-o mais para dentro da sebe de verdura, e outra mão aveludada e quente veio pousar-lhe nos labios. D. Fernando sentiu-se estremecer, mas não de receio nem de surpresa; guardou o silencio que lhe impunham; o braço que lhe prendera o braço soltara-lh'o e veio enroscar-se-lhe ao pescoço. A sua cabeça achava-se encostada agora a um seio perfumado, velado apenas por uma tela frouxa de seda; uma chuva abundantissima de cabelllos lhe cahia sobre a cabeça e sobre o rosto; um dos braços de D. Fernando procurou insensivelmente a cintura que se lhe offerecia, e, sen-

tindo-se envolvido por uma onda de electricidade como nunca havia sentido, desejou morrer alli.

Ouviu então passar na estrada, atrás de si, tropeço grande de gente que demandava a cidade e vozes que não entendia.

Comprehendeu que o tinham querido esconder, entre a folhagem, dos olhos curiosos dos que passavam.

O rumor perdeu-se ao longe, e o abraço e o silencio duravam ainda.

D. Fernando, quieto, quieto, cuidava mesmo em comprimir a respiração, tanto receiava que se lhe furtasse aquelle seio arquejante e o soltassem d'aquelle abraço tão demorado.

Era o sonhador já quasi consciente de que sonha, que se não quer mover para lhe não fugir o encanto.

Emfim, muito de manso e de leve beijou, que nem parecia beijo, a mão que se lhe demorava nos labios.

A indiana retrahiu-se violentamente.

Um momento depois tomou-lhe o braço e mostrou-lhe umas luzes que appareciam no cimo da rua, do lado da cidade.

— Quem será? perguntava D. Fernando.

— Criados de teu pae que vêm buscar-te.

— Conheces-me?!

Já não teve resposta.



## IV

Passado um quarto de hora, entrou D. Fernando no palacio entre os criados que o vieram procurar, com lampiões de muitas luzes, porque a sua demora começava a inquietar o governador.

Na segunda sala encontrou seu pae em prática com um padre que gozava do maior prestigio no oriente. Chamava-se Francisco Xavier, chegava de longe e dava conta a D. João de Castro do resultado das suas missões. Era magro, não alto, mas direito, avelhentado e doente. Tinha uma fronte espaçosa e olhos cheios de luz e de amor; bocca cheia de graça, e mãos pequenas e finas cheias de bençãos.

— Aqui o tendes, padre Francisco, disse D. João de Castro, apresentando-lhe seu filho; foi longo o banho, meu Fernando, olha que todos os excessos são fataes n'este clima.

D. Fernando beijou a mão de seu pae e inclinou-se deante de Francisco Xavier.

— Dae-lhe a vossa mão a beijar e abençoe-o tambem, padre Francisco.

D. Fernando beijou a mão do bom padre e disse-lhe, depois de recebida a benção:

— Eu conheço-vos muito, padre Francisco Xavier.

— Por vosso pae, senhor.

— Por vós, pelas vossas obras e sobretudo pela vossa caridade, que vale ainda mais que a vossa doutrina.

— Guapo moço em verdade, segredava padre Francisco a D. João de Castro. Tão novo e tão discreto.

— Em breve o chamareis tambem valente, que lhe vou dar um posto de honra.

— Guarde-o Deus! guarde-o Deus! murmurava o frade pensativo.

— Adeus, Fernando, despede-te de nós e vae dormir, que de manhã cedo tens caçada, e convem que te apresentes fresco e repousado.

— A estas horas, das aguas de Cumbarjua! murmurava Francisco Xavier; não póde ser; a maré desceu ha muito e elle vem abrazeado e distraído.

D. Fernando entrou no seu quarto e recostou-se n'uma preguiceira de baloiço, de cissó, bordado de ramarias e divindades gentílicas.

O estado da sua imaginação só é comparavel á embriaguez do opio ou do *haschich*.

Parecia-lhe que o domestico papagaio de Praganã, que andava solto, falando, por todo o palacio, tomando proporções do genio das lendas, o incitava

a que se levantasse e sahisse em demanda da maxima ventura, em quanto que o seu querido *Martinho* cinzento, de Damão, se offerencia a guial-o através das selvas scintillantes até um logar recondito de delicias.

Sahia, e nas azas do seu sonho atravessava selvas serradas. Viam-no passar fêras e aves invejosas, e no meio de gorgeios e aromas caminhava sempre e sempre, sem fadiga nem receio. Os astros desciam a misturar-se com as flores e os canticos; e elle, arrobado de gloria, passava como um bemaventurado no meio de uma atmosphaera luminosa.

Ao cabo das florestas encontrava um rio larguissimo, esmaltado de vélas brancas, e em cada barco que lhe passava em frente havia uma canção de vozes femininas.

N'um dizia-se:

—As moiras de Pondá  
são como o sol do oriente,  
que é quente, quente;  
mas no alto Mordongouro  
cioso espreita o mouro,  
e o barco não vai lá.

Cantar, cantar!  
Quem vos podéra amar,  
ó moiras de Pondá!

## N'outro barco:

—Feliz do que, encontrando-a entre-dormida,  
ao lado se lhe deita  
antes que venha o dia,  
senhando paraizos de deleite,  
sentindo-a palpitante e commovida,  
e que ella acorde, o veja e lhe sorria.

## N'outro:

—Ella espera e sonha e quer  
amores que tenham febre;  
amor que a isenção lhe quebre,  
amor que a faça mulher.

N'isto passava juncto á margem um escaler branco e doirado, todo brilhante de pharoes e flammulas; barco almirante d'esta esquadilha feliz. Dentro, reclinada sobre coxins flaccidos de damasco amarello, coberta de joias e galas, a bella Mogarem, a formosa ideal, no meio de uma aureola, via-o e chamava-o.

Quando porem ia saltar para bórdo, um grande vento enchia as vélas, o escaler empinava-se sobre

as vagas e desaparecia. Apenas se ouvia em choro ao longe:

—O noivo espera, remeiros,  
vergae os remos nas aguas.  
Quantas penas, quantas máguas  
vão em peitos de donzellas  
e ficam tambem por ellas  
em peitos de cavalleiros?!

Então uma nuvem densa tomava todo o quadro; o bramido e a arrebentação das vagas ia-se transformando em fragor de batalha; a nevoa tornava-se fumo; no meio d'ella relampejava a artilheria, cujo estrondo enchia as quebradas das montanhas. Clamores da lucta, maldições dos feridos, hymnos de vencedores, desabar de muralhas, relinchar de cavallos, brados de commando, clangor de trombetas, tropear de esquadrões, rodar estridente de artilheria, zumbir e estalar de incendios, o grande rumor da grande pugna; e, no redemoinho immenso, confundidos os exercitos n'um lago de sangue e fogo em meio de uma atmospherá vermelha.

Elle luctava e commandava, montado no mais formoso cavallo, e ouvia uma voz que lhe dizia: — Ávante! Corre para mim, conquista-me! Repara que sou a Gloria. E elle olhava e via pairar no es-

paço a imagem querida de Mogarem, n'um fundo de oiro, transparente.

E ouvia outra voz que lhe dizia: — Terminou a lucta, vencedor, despe as armas e vem repousar no meu seio; attenta que sou o Amor. E olhava e via, n'um fundo verde transparente, a mesma imagem querida, sentada n'um caramanchel florido, e elle afagado nos seus braços, pousando a fronte cançada no seio tumido e palpitante, e sentindo-se esconder n'uma nuvem de cabellos negros e luzentes.

A Gloria e o Amor casavam-se no mesmo ideal.

O seu cavallo desprendia-se da terra e voava atrás d'aquella apparição phantastica.

O quadro luminoso fugia e baixava até se perder, como um aerolito, entre a ramagem de uma floresta.

O cavallo, que não podia romper a rede dos arbustos e trepadeiras, salvava as arvores mais altas, e descobria por fim o ponto luminoso, onde D. Fernando devia achar o repouso, o premio, o galardão das suas fadigas.

Apeava-se e caminhava a passos mortos através do matagal serrado, por onde a custo penetrava um raio d'aquelle foco de luz, cuja intensidade crescia á proporção que elle se aproximava. Ao chegar ficára extatico!



A arvore prodigiosa (\*), a arvore dos frescos pavilhões, a arvore que de cada braço lança á terra uma raiz que se faz tronco, a arvore-gruta, a arvore-cathedral do oriente, de muitas naves e arcarias concentricas, a arvore do bem e dos mysterios nas escripturas gentilicas, a arvore das columnatas e galerias, a tenda das florestas ermas, armada por Deus para albergaria dos indios nomadas, alumiada por uma luz vivissima, era um esplendido templo, em cujo centro dormia uma formosura, que seria deusa se D. Fernando não conhecesse n'ella uma mulher.

Ao lado cahia, de um rochedo aspero, côr de fogo, por junças, musgos e vergonteadas de trepadeiras, agua em gotas e fios tenues, dentro de um lago rustico cheio de nenuphars; em volta, arbustos avergados de rosas e um enxame de beija-flores de todos os matizes, não maiores que vespas, volitando entre a ramada, enganados pela vívida luz que sahia do centro da arvore mysteriosa.

Em tórno d'ella, como cortinas de leite, cahiam, em fórma de stalactites, longas franjas de luz verde e rubra, trementes como chuva de esmeraldas e rubís. As côres, porem, iam passando por todos os cam-

(\*) *Ficus indica*, ou arvore das gralhas.

biantes do prisma, até que o sol, nascendo, as transformava em saphiras e brilhantes.

Depois...

Um criado, entrando no quarto, dizia a D. Fernando que os monteadores esperavam.

Era manhã.

## V

Mogarem, entrando em casa, parou á porta, voltou-se e julgou vêr, que não veria, uma sombra negra atravessar a passos mortos a rua e introduzir-se no jardim pela sebe, onde, momentos antes, estivera ao pé de D. Fernando.

Só os olhos de um indio podem vêr o indio nú, que áquellas horas da noite quizer passar escondido; que, sentir passos, não ha ouvido que os oiça. Demorou-se, attenta e não sem cuidados; mas, como nada viu, nem ouviu, julgou-se illudida e entrou.

No claustro cantavam e conversavam as suas servas e amigas, que como taes as tractava. Recostou-se n'umas almofadas e vieram agitar-lhe os leques, trazendo-lhe a areca e o betle n'uma salva funda de prata, dentro o partidor da areca, tambem de prata, e a manteiga de cal n'um boião de oiro esmaltado.

Ha em Roma, no museu de Villa Borghése, uma

estatua de Canova, representando uma mulher, recostada tambem sobre almofadas, que dá uma idéa do que era Mogarem n'aquelle momento. Conhecem-na pelo nome de — Venus vencedora — e contam-se a respeito d'ella umas historias de amores, das quaes se conclue que as irmãs de Napoleão 1 tambem gostavam da immortalidade.

Os pés da Venus estão nús, como estavam os de Mogarem, e o seio e um pouco mais que o seio. O lençol, que na estatua representa o pudor social, era n'esta substituido por uma tela de seda escarlata; um dos hombros, e metade do seio, cobriam-lh'os os cabellos. A face poisava n'uma das mãos, e os dedos dos pequeninos pés estavam inquietos. Tomou-lh'os nas mãos uma das servas e apertava-lh'os carinhosamente.

A conversa interrompida continuou.

— Hontem de manhã andava á caça na ilha; depois veio passar aqui, no palmar da fonte, e pediu-me agua.

— Déste-lh'a?

— Dei; porque não daria?

— Não sabes como é impura a bocca do christão?

— Lavei o tambió depois, descança. Voltou-se para mim a rir-se, agradecido, e deu-me esta bolsinha de rupias.

— Sem dizer nada?

— Falou, falou, mas eu só lhe percebi: — Mogarem.— Respondi-lhe que não entendia fala de christão, e elle partiu.

— Á tarde vi-o eu no rio.

— Tu espreitaste-o?!

— Podéra! Estava debaixo dos salgueiros, meio-mettido na agua; é branco como a cabaia de Brahma, e mais lindo que o Vischnu dos nossos quadros.

— E filho do Raja (\*).

Uma serva cantou:

—As palmas olham a terra  
e as arequeiras o céu;  
pois vale mais quem se curva  
do que quem tanto se ergueu.

Mogarem reparou na cantadeira e tornou a deitar-se.

— Como vens triste, senhora!

— Venho cançada.

— Coitada, senhora minha, andas a espreitar se vem o teu noivo; bem sabes que já não póde tardar.

— Ide-vos! Quero dormir e conversaes comigo?!....  
Sahiram.

(\*) Viso-rei ou governador.

Da porta uma d'ellas, voltando-se, perguntou:

— Vaes vêr a caçada ámanhã?

— Vou.

E ouviu fóra a cantadeira:

— Nem sempre chora quem pena,  
nem sempre o mar mostra escolhos;  
nem sempre ri quem se alegra,  
nem dorme quem fecha os olhos.

E é de crer que Mogarem não dormisse, que no dia seguinte tinha as palpebras pisadas, e nunca olhos christãos viram gentia mais linda.

## VI

Seriam sete horas da manhã, quando nos campos de Marcella, hoje varzeas e palmares, então incultos, hoje pertenças da coròa portugueza, então, ora do reino de Sunda, ora dos marathas, andava accesa a monteria. Era por alli o caminho dos que, de quando em quando, vinham bater as nossas muralhas, fazendo-se fortes na ilha de Cumbarjua, com que defrontava aquella porta, por onde D. Fernando sahia todas as tardes a banhar-se. Era por alli tambem que sahiam as correrias dos christãos em perseguição do inimigo que fugia.

Eram frequentes, n'aquelles campos, as caçadas e monterias dos nossos, monterias que tinham muito de desafio, e que por isso se faziam sempre com forças, que, pelo menos, garantissem a retirada, difficil porque tinha de fazer-se através de dois canaes.

D. Fernando, recém-chegado a Goa, mostrava desejo de assistir a uma caçada perigosa, e D. João de Castro tinha preparado uma das mais vistosas e numerosas que em Goa se tinham visto; e deixou partir D. Fernando, quasi com remorso de o deixar partir.

Ao romper do dia estavam tomadas pelos batedores as cumiadas que formam o amphitheatro, desde sud'oeste a norte, e varriam para o valle e planicie, onde estacionavam os caçadores, ao som de grandes alaridos de vozes, instrumentos metallicos e latidos de cães, a caça, timida ou attonita, que estacionava nos mattos ou nas cavernas menos seguras da penedia.

Pouco depois começaram de se ouvir tiros, mais bastos a cada momento, por entre o matto da planicie, mas tiros que não tinham ecco, nem um rugido de fera, nem um grito de homem, nada; e este tiroteio lugubre e sem vozes contrastava afflictivamente com o estrondear longinquo dos batedores e chameleiros.



Os pontos de vista dominantes foram-se cobrindo de espectadores, que, pelo pittoresco dos seus vestuários, davam realce e character oriental ao grande quadro da caçada. Em barcos embandeirados desciam ou subiam o canal muitas familias de Goa, moiros, gentios ou christãos, de modo que ao nascer do sol o vasto quadro era animadissimo e surprehendente. Nos ramos das arvores havia uma agitação febril, enorme, que maravilhava os que, notando a falta completa de vento, ainda não conheciam a causa d'aquelles movimentos convulsivos e encontrados; eram dezenas ou centenares de macacos, timoratos e curiosos, que faziam vergar por toda a parte as franças da floresta.

O sol vinha duro e faiscante, e só perto do canal havia uma aragem amena.

Os caçadores occupavam os seus postos; viam passar as chitellas, os merús e as rapozas, mas guardavam os seus tiros para o tigre, a panthera (bibíós), a hyena e o chacal.

Por em quanto só algumas hyenas e bibíós tinham passado, surrateiros, pelos postos guardados; o tigre real esperava, attento e scismador, a approximação dos batedores.

D. Fernando estacionava n'uma pequena eminencia, não longe do canal, do lado de sud'oeste. Havia

~~~~~

uma inquietação evidente no modo por que escutava e olhava em volta de si. O bulir de uma folha, o zumbir de um insecto, o perpassar de uma aragem, lhe chamavam a attenção. Tinha nas mãos, aperrada, a sua longa espingarda, e ás vezes procurava na cinta a faca de matto e duas pistolas de alcance carregadas a dupla carga. A caçada era a pé.

O circulo dos batedores ia-se apertando na planicie quando se ouviu o brado sinistro de: — Tigre real no matto! — Repetiram-n'o com vozes roucas dos batedores, e milhares de espectadores repetiram nos serros: — tigre real.

Ninguém descreve a sensação de terror que açoitou os caçadores solitarios. Os tiros cessaram, e cada qual, arquejante, pallido, mas resolutto, esperava vêr chegar a fêra á clareira que guardava. O clamor parou em toda a linha e em todas as atalaias, como se houvera uma sensação de vida ou a espera de um grande acontecimento. Só os cães, antes uivando que latindo, saltavam por cima do matto, e procuravam em todas as direcções. O sol dos tropicos esbrazeava os horisontes e faiscava centelhas de lume sobre os temerarios caçadores. As garças dos salgueiros erguiam-se a prumo e pousavam de golpe, como se as fulminasse o que viam.

Os corações das mulheres confrangiam-se e dila-

tavam-se successivamente, porque na mulher, ainda mais que no homem, ha mixto de pomba e de féra.

Era tremendo o momento e solemne o silencioso espectaculo.

De repente sentiu D. Fernando que o cabello se lhe levantava na cabeça e que todo o sangue lhe refluia ao coração. Não se moveu. A dez passos á sua direita agitaram-se os arbustos, abriram aos lados e alguma cousa passou surrateiramente, no intuito de ganhar o valle de sud'oeste. Este valle é estreito, e as suas vertentes alcantiladas. D. Fernando seguiu com a vista na direcção d'aquelle estranho movimento, quando a trinta passos vê relampejar a corpulenta féra. Pôz instantaneamente a arma á cara, mas o tigre tinha desaparecido.

Correu, sem avisar os companheiros, fascinado por aquella apparição; desceu a encosta, subiu o monte fronteiro, atravessou uma planura extensa, e, vendo sobre a esquerda serros perfeitamente escalvados, comprehendeu que o tigre procuraria esconder-se nas selvas da beira de agua. Era pois o seu caminho mais direito, e devia tomar a frente. Contudo o canção da subida e o impeto da carreira tinham-no prostrado; felizmente começava a descida, e achava á sombra de um tamarindo logar azado para a espera. Entrou de manso, ajoelhou com o

joelho direito, encostou o cotovelo esquerdo ao rebordo de uma pedra bruta e ficou dominando o pequeno mas amenissimo valleiro, ao fundo do qual havia um banho rectangular, cheio de agua limpida e fresca, e em torno matta de cajueiros e tamarindos.

Durou dois minutos esta espera, mas durante elles consumou-se aos olhos de D. Fernando um drama, cujas peripecias e scenario só podem encontrar-se no oriente.

O sol quasi não entrava no valle, tão densa era a ramaria. Uma indiana acabava de banhar-se, que o eabello solto gottejava ainda; compunha as manilhas no braço e um dos pés brincava distrahidamente dentro da agua. Uma volta do seu panno azul pendia-lhe a tiracollo. As flores de um tamarindo cahiam-lhe em cima, desfolhadas, e ella deixava-se enfeitar e sorria complacente dos cuidados da arvore carinhosa, que a tractava como noiva. Os dentes d'esta oriental eram pequeninos e transparentes; o sorriso que os mostrava era melancolico; os olhos eram grandes e energicos; a fronte pensativa e grave; o rosto comprido e pallido; a estatura alta. Devia ter dezoito annos, e era bella como Nióbe ou como Respha.

Divisava-se-lhe uma preocupação notavel, uma curiosidade anciosa no modo por que olhava, de quando em quando, para os lados. Esperava de certo..

Dois passos atrás d'ella, e não querendo ser visto nem sentido, espreitava, enfeitado, um formoso gentio, de pequeno bigode argolado e de listas douradas no turbante. Espreitava-a namorado, e tinha instinctivamente um dedo na bocca, como que a impôr silencio. Sorria sempre e olhava-a com jubilosa admiração. Por vezes tomava umas flores do tamarindo, lançava-lh'as sobre a cabeça, e escondia-se atrás do cajueiro a que se amparava. Doce brinquedo de amores n'uma bucolica oriental!

Os sons longinquos da caçada passavam por sobre o arvoredor, mas em baixo apenas se ouviam os beijos da agua no pé distrahido da indiana. Defronte d'ella, do outro lado do banho, appareciam de quando em quando, por entre as plantas rasteiras, duas cabeças curiosas de serpentes que vigiavam.

Eram dois pares namorados! uma approximação monstruosa, mas vulgar, dos amores ciumentos e mortaes da India-mater.

D. Fernando estremecera! no mesmo instante, porem, um novo actor entrava furtivamente no palco! A tres passos distante do indio apparecera e achatar-se a pavorosa cabeça do tigre real.

D. Fernando viu-o abaixar-se e retrahir-se; pôz a arma em pontaria e um tiro partiu. Ouviu-se um ronco pavoroso. Quando o fumo se ergueu, viu-se o

tigre nas ultimas contorsões esmigalhando um homem, e via-se uma mulher extatica, com os braços retezados para o cadaver do seu amante e com os olhos sahindo-lhe das orbitas. Não soltava um grito, não derramava uma lagrima, só o sorriso se lhe havia transformado em soluço. Olhou para defronte e viu as duas *capellos* armadas e com os olhos chammejantes.

Caminhou para ellas automatica, livida, pavorosa! Saltou-lhes em cima e pisou-as aos pés. Deixou-se morder e lacerar pelos dois reptis enfurecidos, correu para o cadaver do seu amante, arrancou-o ás garras da féra, enroscou-se n'elle e devorou-o com beijos. D. Fernando chegára enfim, mas parou defronte de tanta desdita e respeitou o thalamo nupcial d'aquella agonia voluptuosa. Quasi a expirar a gentia olhou-o, apontou-lhe o tigre morto e disse-lhe: — Bem hajas!

Outra mulher chegava offegante do lado do canal, e, tomando-lhe e apertando-lhe a mão, dizia-lhe: — Amo-te.

D'ahi a momentos chegavam em tropel os caçadores, e Mogarem desaparecera.

— Que é isto? diziam os caçadores, recuando á vista dos tres cadaveres.

— Um drama do oriente, meus amigos.

VII

Durante muitos dias celebrou-se a caçada e a intrepidez de D. Fernando de Castro. O caçador imberde era objecto de todas as conversações. Goa — a esplendida capital — victoriava-o, convertendo a montaria n'um verdadeiro feito d'armas.

Só D. Fernando andava preocupado e triste. A scena dos dois amantes, mortos á sua vista, mostrava-lhe o oriente, a elle que estava deveras namorado, sob um aspecto atterrador.

Lembrou-se um dia de ir saber quem fossem aquelles dois desventurados, e de presenciar as saudades que haviam de enflorar a sua memoria.

Atravessou o canal, chegou-se ao theatro do drama que presenciára e encontrou ossos desconjunctados e dispersos, fragmentos de roupas dilaceradas e manchadas de sangue.

— Quê, pensou elle, pois os chacaes encontraram-os ainda para seu repasto nocturno?

As aguas do banho permaneciam quedas e cobertas de folhas e flores, signal do seu abandono.

Entre as hervas achou dois *cancanãs*, manilhas de vidro que andaram no braço da mallograda amante, e beijou-as com respeito e com lagrimas: — Ó

Respha triste e formosa, eu quero ao menos chorar-te.

Seguiu um carreiro caprichoso, que cortava de norte a sul a floresta; passou ao monte immediato; alem d'elle o caminho descia, desceu; no fundo do monte havia uma aldeia, abrigada com palmeiras. Á entrada da aldeia uma indiana, ainda moça, tirava d'um poço agua com o seu *tambió*.

Pediú agua, bebeu, e disse á moça, que se não dignava olhal-o:

— Seriam d'esta aldeia, bahy, um gentio e uma gentia que ha tres dias foram mortos pelas féras alem no valle dos cajueiros?

— Eram, lhe disse a gentia, olhando-o pela primeira vez.

— Conheceste-os?

— Rani era minha irmã.

— Conheces estas *manilhas*?

— Conheço.

— Toma-as! achei-as juncto aos seus ossos...

A gentia retrahira-se violentamente, tomára sobre a ilharga esquerda a bilha da agua e partira.

Alli perto fumava um velho, á porta de uma cabana de olas. Viu e ouviu o dialogo, e disse para D. Fernando:

— Não te espantes, bom rapaz; elle era *sudra* e ella *brahmine*.

D. Fernando curvou a cabeça. Era a excommunição implacavel para os dois amantes, era a des-honra herdada e transmissivel para as duas familias.

Quando voltava passou de novo no sitio da catastrophe; olhou aquelles despojos truncados e sentiu confranger-se-lhe o coração.

— Coitados! dizia elle entre soluços; ousaveis ter coração n'uma terra onde só ha instinctos! Nem uma lagrima dos vossos, nem uma compaixão de estranhos, nem a esmola da sepultura! Ó Christo, ó Deus bom e suavissimo, tu tinhas compaixão dos que amavam e protegias os párias; como pôde haver tanta gente que te não conhece?!... Prauntearei eu só a tua agonia sublime, formosa mulher pallida e triste. Escolheste bem a hora de morrer. Haviam de matar-te os homens, pediste á sanha dos reptís a esmola do seu veneno!...

Que religiões!... que povos!...

Momentos depois havia junctado os ossos e os fragmentos dispersos das vestes dos dois amantes; abria uma cova entre duas rochas negras e alli os resguardava, cobrindo-os de terra e pedras grandes do monte. Em cima desfolhou algumas flores e ajoelhou. D'uma folha de palmeira fez uma cruz e collocou-a na campa improvisada.

— Recebe-os tu, meu Deus, dizia entre lagrimas; bem vês que ninguem os quer!

No dia seguinte mandava resguardar-lhe melhor a ultima jazida, e n'uma pequena pedra de marmore, que as hervas logo cobriram, lia-se esta inscripção, que ou era de D. Fernando ou do padre Francisco Xavier, pois que ambos eram poetas:

Ajunctou-os a morte, mais piedosa
que os seus deuses e o mundo e as leis austeras.
Bem hajas, selva annosa,
que tens reptís e fêras.

VIII

Duas novas alvorotaram um dia a grande cidade: a partida para Diu de D. Fernando de Castro, e a proxima chegada do noivo de Mogarem.

A classe nobre, europeia e christã, preparava-se para assistir ao embarque da luzida frota, que se destinava a soccorrer o grande reducto do norte. A população gentilica sonhava com as festas brilhantes do proximo noivado.

Muita esperanza, muita saudade e sobretudo muito reboliço e azafama na terra e no mar.

Os paes de Mogarem encommendavam de Belgão

as mais ricas sedas e damascos ás caravanas dos Gattes; perolas e pedras finas aos ourives e commerciantes de Baçaim e Ceylão; fructos, crystaes e coxins, aos da Persia. As bailadeiras e tocadores dos arredores recebiam aviso para se prepararem; planeava-se e descreviam-se os fogos e illuminações para oito noites de festa. Riam todos e folgavam na embriaguez da esperança.

Mogarem, de longe em longe, e no meio de uma abstracção ininterrompida e serena, sorria mas não falava! Timida alegria de virgem, ou impotente resignação de victima?

No mar iam e vinham, do caes do arsenal aos navios, e dos navios ao caes, escaleres e fragatas, que transportavam munições, armamentos e soldados.

N'um dos navios estava D. Fernando; no arsenal D. João de Castro; este enviando, aquelle recebendo os provimentos e os seus companheiros de gloria.

Entre os soldados que andavam arrumando as munições travam-se dialogos caracteristicos, de que só algumas palavras soltas se podem colher.

Ouçâmos o que fôr possível:

— Que tal será esta, zanaga? anda-te o cabello arrepiado!

— É falta de pente, ou de tosquia.

— Lá em Diu te farão a marrafa.

— Veremos! já somos conhecidos antigos, e á falta de sanctos oleos tenho-lhes posto o sal na molleira.

— E elles, não te fizeram zanaga?

— Fizeram, e não tiveram grande juizo. Apartaram-me os olhos, fiquei a ver para todos os lados.

— Então a cidade tem muralhas?

— As muralhas é que têm lá uma cidade. Tu, em lá estando, não tens medo, só se fôr dos mosquitos, que trepam á escalada como os marinheiros ás vergas.

— O capitão d'esta vez é que é novo.

— Sim, mas é filho d'aquelle pae que lá anda a manobrar no caes.

— Bom tronco.

— E bonito ramo; parece um palmito.

— Se o moiro lhe bota o dente vai de duas mastigadellas; é tenro...

— Talvez, mas como é fructo verde ha de lhe amargar a bocca.

— E demais, elle já fez uma africa que eu não sei se seria capaz de fazer; aquella do tigre foi boa.

— Criança que mata um tigre e gosta das femeas, tem as inquirições tiradas. Fica-te n'isto, mordango: menino que venha do reino e apanhe este raio de sol, é cousa de tres dias — está homem.

— E elle já gosta?...

— Pateta! Já o viste dar alguma palavra aqui?
Para onde olha elle?

— É verdade!

— Acerta a pontaria por a d'elle e vê se descobres o alvo.

— Ó zanaga!...

— Psiu! Se aquellas mangueiras déssem todo o anno mangas assim e á discrição...

— A gente arrebeptava com indigestões. Em Diu não ha de haver d'aquillo!

— Ha de haver de tudo, e em a gente os cravando nas muralhas vai-se pelo mar Vermelho acima a consolar as viuvass... Então! trabalhas ou ficass-te de costa direita a scismar nas mangueiras?

— Para te dizer a verdade, eu já me estava a vêr no mar Vermelho.

— E os moiros?

— Ficavas tu a matal-os quando me fiz ao largo. Até o zanaga se riu e ficou muito mais feio.

No caes do arsenal, D. João de Castro, depois de escolher e fazer embarcar as melhores armas e munições, fala a um grupo de velhos soldados, de rostos queimados e cicatrizes avermelhadas.

Um padre, pensativo e pallido, está no grupo: é Francisco Xavier.

— Uma só recommendação vos faço, dizia D. João de Castro aos soldados: se Diu cahir em poder dos moiros, que nenhum de vós me traga a má nova. Eu irei reconquistal-a, e mandarei erigir um tumulo onde serão gravados todos os vossos nomes.

— Nós já os conhecemos, e os moiros bem sabem como as colubrinas dão os bons dias. A festa ha de ser luzida. D. João de Mascarenhas é um grande fidalgo.

— Quem elles ainda não conhecem é aquelle capitão, que lá está de bordo a olhar para os arvoredos da alfandega.

— Havemos de arranjar-lhe um casamento de estrondo. Talvez seja o unico solteiro que vai na ronda.

— Que dizeis, loucos?

— Dizemos que vai casar. Qual é o soldado de Diu que se conserva solteiro?

— E casa com uma femea já avelhantada e viuva de mais de vinte maridos, que lá solteiras e virgens é que não ha, nem estas que de cá vão.

— As nossas lá estão á espera, caladas e debruçadas sobre aquelles muros, a estender a vista pelo mar adeante... Cá vamos, senhoras, cá vamos; e aqui vai polvora e chumbo até se acabar o mundo.

— A fome ha de dar em indigestão.

— Sem offensa de nenhum de nós, como elle é o mais bonito ha de casar com a *tigre* (*).

— Podéra! se ella é a maioral e a que melhor canta.

— Vejo-vos triste, padre Francisco.

— Tenho saudades, senhor. Que faria eu em Diu se fôsse na expedição?

— Convertei gentios, sancto padre; os moiros levam-se por outras prácticas. Eu conheço-os muito. E depois... não acreditaes que eu tenha saudades tambem?

Dizia o viso-rei ao ouvido de Francisco Xavier.

Alta noite, no bambual da estrada de Cumbarjua, despediam-se entre soluços os dois amantes.

— Esperas por mim, Mogarem? dizia D. Fernando, estrellejando-lhe de lagrimas os perfumados cabellos.

— Espero; e se morres, morro.

(*) Ha em Diu uma peça de artilheria que tem esta inscripção: — Eu sou o tigre exforçado, por onde me mandam passo. —

Foram as derradeiras palavras, se não foram as unicas, que irromperam dos seus corações, tão saturados de amargura.

Momentos depois D. Fernando caminhava em direcção a Goa; sentiu passos, parou e achou-se em presença do padre Francisco Xavier.

— Padre, exclamou elle, ajoelhando de improviso e beijando-lhe a orla da ampla capa, ahí fica a minha alma! perdoae-me e lança-me a vossa benção. Eu amo-a, padre; ella é gentia, mas o nosso Deus é grande. Se quereis que eu seja forte, e que meu pae não tenha que envergonhar-se de mim, jurae-me que velareis por ella!

— Erguei-vos e ide em paz, meu filho; confiae no servo do Senhor.

N'essa mesma noite, e no salão do docel, dizia D. João de Castro a um grupo de cavalleiros, que se despediam e que com D. Fernando iam marchar para bordo: — «Quem me déra trocar as prisões do meu cargo pela vossa liberdade de soldados!» E para D. Fernando: — «Eu vos mando, filho, com este soccorro a Diu; encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes; fazei por merccer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens

differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho» (*).

E D. Fernando, depois de beijar a mão a seu pae, partiu para não mais voltar.

IX

Como cahisse o inverno torrencial sobre Goa, e os ventos, mudando do quadrante, fechassem a barra da Aguada, e o mar das Indias se tornasse intractavel, nenhuma das novas chegavam do norte.

D. Alvaro de Castro sahira, já no meio do grande esbravejar dos mares, em navios bem apercebidos de gente e munições, mal sabendo que ía destinado a vingar a morte de seu irmão.

E em quanto Diu, mais feliz, mais nobre, mais heroica do que a famosa cidade de Priamo, acompanhava a trovões os versos da sua Iliada, D. Alvaro de Castro completava a mais formosa Odysséa, arrostando com os mares da India «em tempo em que se não deixam navegar», luctando contra os temporaes, cego pelos caliginosos nimbos que roubam todo o horisonte, «forçando o remo e navegando por de-

(*) Jacintho Freire de Andrade.

~~~~~

baixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares andavam tão cruzados e soberbos que comiam os navios.»

O inverno da India dá mostras do diluvio, e assusta como a aproximação de um cataclismo.

Mais negro que o céu andaria de certo, e não se mostrava, o coração de D. João de Castro.

Quando os aguaceiros se adelgaçavam, e quando o governador tencionava soccorrer pessoalmente a inconquistavel fortaleza, chegou á capital do Estado a vaga noticia da sua perda. Ouviu-a, rindo, D. João de Castro, que nunca a ninguem mostrava elle as suas penas.

Mas com os clarões da bonança chegaram tambem esperanças e alentos. Na barra surgira uma nau do reino, commandada por D. Manuel de Lima, e após ella mais cinco. — Se Diu ainda resistisse!... pensava o governador. E n'isto chegava á barra de Goa a capitânea em que fôra D. Alvaro, e vinha embandeirada e dando salvas de alegria, para annunciar de longe as boas novas que trazia.

É facil calcular como o povo correu, e cobriu as duas margens do Mandovy, a ver passar o mensageiro, que mostrava nas salvas e nas flammulas saudações de alegria e noticias de muita gloria.

«Quando o capitão entrou no palacio estava o go-



vernador, refere ainda J. Freire, com o bispo D. João de Albuquerque e frei Antonio do Casal, custodio dos franciscanos. A primeira cousa que o governador perguntou foi: se estava ainda a fortaleza por el-rei, seu senhor. Ao que o capitão respondeu: que estava e estaria. A cuja nova, ajoelhando-se o governador, com os olhos no céu, deu a Deus as graças, não sem derramar lagrimas significadoras de piedade com Deus, de zêlo com seu principe. E logo, recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeu com tanta constancia, que os de fóra lhe não conheceram mudança no rosto ou nas palavras, como se fôra fraqueza parecer pae, ou indignidade ter affectos de homem.

«Fez mercê ao capitão, e o mandou que fôsse alegrar a cidade com as novas que trazia, e logo, recolhendo-se, chorou em secreto o filho, esperando tempo á dôr sem injuria do logar e do animo . . . .

«No seguinte dia se fez uma solemne procissão de graças, a que assistiu o governador, vestido de es-carlata, consolando com seu proprio exemplo o povo na morte de seu filho.»

## X

Um grupo de moças indús, acoitadas sob as mangueiras da alfandega, tinha visto chegar o navio embandeirado, o pregociro das boas novas; n'esse grupo estava, mais morta que viva, a formosa Mogarem. Bem olhava ella o convéz, e bem quizera ella quinhoar da alegria geral! debalde! aquelle navio parecia-lhe um tumulto.

Viu-o colher as vélas, amainar, lançar ferro; viu-o cercado de escaleres, tonas e galeotas; viu descer, subir, vozear, formigar a immensa multidão de marinheiros e curiosos, a faina e a alegria, e sentia o coração despedaçar-se-lhe.

Quando os escaleres desatracaram de bordo e se dirigiram ao caes, quando chegava o momento de saber o que mais desejava, fugiu.

Um *botto* vigiava todos os movimentos de Mogarem; correu para ella e tomou-lhe o passo no mais cerrado da floresta.

— Mogarem, lhe disse elle, e ella parou e olhou-o, pallida, porque vinha pallida, mas serena e fera, d'esta fereza que o desespero ás vezes dispensa á mais fraca das creaturas; Mogarem, sabes que te amo?

— Não o sabia.

— Sei eu tudo de ti, porque os meus olhos e o meu coração te acompanham dia e noite. Lembras-te do vulto que atravessava o teu jardim nas noites em que te encontravas com D. Fernando de Castro?

— Recordo-me.

— Era eu, que tive mil vezes vontade de assassinar esse imberbe passeiante nocturno, esquecido de que estava n'um paiz de feras.

— Elle matava-as.

— E recebia os teus parabens e talvez os teus protestos de amor.

— Talvez?! ó fraco! pois não sahiste da tona? o tigre já estava morto.

— Mogarem: eu amo-te, para que me offendes? O teu noivo e o teu pae ignoram o que eu sei e lhes posso dizer; promette que serás minha, e não perturbarei as festas do teu noivado.

— Chacal! redarguiu ella com os olhos chammejantes!

— Nada esperes de Diu, que D. Fernando é morto.

Não é facil avaliar o que se passou na alma d'aquella mulher. A expressão dos seus olhos e do seu rosto foi tal, que o *botto* recebeu em cheio a descarga formidavel de uma pilha electrica; pareceu que gy-

rava vertiginosamente sobre si mesmo, que o sol se escondia e que uma vertigem o fulminara.

Quando voltou a si achou-se só, e duvidou se teria sonhado.

Certo porém do que se passára, correu para a casa dos bambuaes, na esperança, talvez, ou de evitar uma grande desgraça obtendo o silencio de Mogarem, ou de se salvar perdendo-a.

Avistou-a já perto do jardim e bradou por ella. Mogarem, allucinada como ia, desejosa de se vingar e de morrer, teve uma lembrança cruel. Deu um grito, chamando por soccorro, e momentos depois era amparada nos braços de seu pae e do seu noivo.

— Que tens, Mogarem, que assim vens trémula e desfeita? bradaram os dois, assustados.

— Esse miseravel, dizia ella apontando o *botto* que chegava, persegue-me desde o Mandovy!

— Mentos, Mogarem, lhe disse o *botto*, sentindo já sobre o peito a ponta de um punhal: pedi-te que não deixasses beijar ao teu noivo essas faces tão poluidas pelos beijos de D. Fernando de Castro.

Em quanto os rostos dos dois brahmines se contrahiam medonhamente, o de Mogarem illuminava-se, e erguia os olhos ao céu. Dir-se-hia que através do espaço descobrira a sombra do seu amante, e que

na voz da sua alma lhe estava dizendo: — Vê como eu te amo, e como sei cumprir o meu juramento.

— Calumniaste-a! rugiu enfim o noivo de Mogarem, mettendo o miseravel debaixo dos joelhos.

— Não, não! amei-o; fui d'elle em vida, sou d'elle na morte e para sempre. Volta para mim o teu punhal, e bemdito sejas tu.

Ergueu de novo os olhos ao céu e cahiu por terra, que já não houve braços que a amparassem.

No dia seguinte duas unicas pessoas appareceram trajando de escarlata: o governador e Mogarem.

## XI

Não foi na cidade que a viram assim vestida de gala, como se caminhasse para o noivado. De noite, voltando a si, entrou na casa, que achou deserta; levou do seu quarto as joias que primeiro encontrou, desceu ao rio, desprendeu um escaler pequeno e dourado, em que costumava brincar pelos canaes, olhou ainda na direcção da sua casa infamada, e chorou de saudade, e quem sabe se de remorsos, pelo mal que havia feito a todos os que a adoravam! Recobrou-se; tomou um remo, e com elle, aproveitando a maré,

guiou e conduziu o barquinho (\*) ao valle onde, mezes antes, vira o tragico fim dos dois amantes. Prendeu o escaler ás raizes de um arbusto marinho e foi curvar-se e chorar sobre o tumulto humilde, e já quasi escondido pelas trepadeiras, em que D. Fernando reuníra e guardára os ossos dispersos.

Depois de orar e chorar bateu na pedra, como para ser ouvida, e disse em tom de confidencia e com lagrimas na voz:

— Brahmine, minha irmã! venho contar-te as minhas penas e o valor do meu coração, digno do teu. Como a ti, mataram-me as feras o meu amante; como tu, calquei aos pés uma serpente e deixei-me dilacerar por ella. Só não posso, ai de mim! morrer abraçada a elle e devoral-o com beijos na hora das ultimas agonias!

A minha morte ha de ser mais lenta e mais cruel; hão de vir fazer-me companhia a fome e a sede; que importa? morro por elle!

Todas as mulheres são escravas, nós quizemos ser livres.

Só tu podias entender-me e perdoar-me. Vim

(\*) É frequente ver nos portos do levante barcos guiados por um só tripulante, com uma pá que lhe serve de remo e de leme.



contar-te a minha desventura e abraçar-me contigo.

Antes que o sol me veja vou esconder-me nas selvas. Adeus, minha amiga, minha companheira, minha irmã.

E, entre soluços e prantos, beijou e abraçou a pedra tumular.

Pouco depois o barquinho doirado singrava para o norte sobre as aguas do canal, deixava á ré as nogueiras e palmares de Cumbarjua, costeava a ilha do Chorão e approava ás aguas da *tirte*, juncto do logar sagrado onde se queimam os cadaveres dos gentios.

Mogarem saltou em terra, e arrojou com o remo o escaler ao largo. A maré, que descia, levou-o para oeste, no rumo do Mandovy. A lua cahia no horizonte, as estrellas desmaiavam, o barquinho sumia-se alem, na extrema da sua esteira, e ella olhou-o, parada, até perdê-lo de todo na bruma prateada que ao longe pulverisava as aguas.

Adivinham-se as saudades que a prendiam áquelle barquinho, sobre cujas almofadas de seda tantas vezes adormecera, d aquelle somno irrequieto e risonho das creanças, embalada pelas vagas preguiçosas e acalentada pelas brisas e pelas canções longinquoas das aves e dos marinheiros. Dos sonhos e dos prazeres da infancia ficam sempre uns echos e uns perfumes,

que nos acompanham na vida e nos fazem rir e chorar. Encontram-se nas abstracções dos poetas, nos extasis dos amantes, nos passeios solitarios dos velhos, nas inconsequencias e impaciencias das mulheres; e descobrem-se principalmente no fundo luminoso dos céos, no remanso extenso dos rios, no seio mysterioso dos arvoredos. Traduzem-se n'uma palavra só: «melancolia.»

Pobre creatura! sósinha! perdida nas trevas e no ermo! fraca, inerme, sem ninguem e sem esperança! deshonrada perante os homens, perdida para com Deus, privada de bater á porta do mais humilde *garath*, de estender a mão ao obulo do passageiro, de pedir soccorro!... Saber que ás suas lagrimas, á sua voz, ao seu contacto, as mães — as creaturas amoraveis — hão de fugir d'ella, levando comsigo os seus filhos! Saber que o mundo lhe será ermo, porem ermo intencional, ermo só para ella, ermo em que ha olhos que a não querem vêr, ouvidos que a não querem ouvir, mãos que a não querem amparar!... Saber que, ao entrar no povoado, os risos hão de extinguir-se, os cantares hão de immudecer, os velhos hão de esconder o rosto, os moços desviar-se, as moças fugir e as creanças chorar de medo!... A sua voz não ter um echo, a luz de suas lagrimas não ter um reflexo, a sua agonia não ter uma consola-

ção, o seu cadaver não ter uma fogueira nem uma sepultura! Terem todos a descaridade de a deixar morrer, e ninguem a caridade de a matar!

Comprehende-se o horror do vacuo n'este martyrio sem cruezas, n'este naufragio sem ondas, n'este aniquilamento sem lucha. O infinito abre-se, o todo faz-se nada, a vida torna-se vertigem.

Porque será que o immenso se não revela em nós pela ventura e se revela pelo infortunio?!

.....

O barquinho perdera-se entre a bruma. A lua, olho sanguinio, ardente e somnolento, fechava-se no horisonte. A aurora espreguiçava-se já entre as ramarias do levante. Mogarem banhou-se nas aguas sanctas da *tirte*, enxugou-se e compoz os cabellos, adornou-se com as suas joias, e, quando o sol se entre-mostrava nas avenidas dos Gattes, viu-se o seu *panno* vermelho summir-se pelas florestas insonda-veis.

## XII

Na festa que se celebrou n'esse dia em acção de graças, na egreja do Bom-Jesus, e a que assistiu o governador, faltava Francisco Xavier — o apostolo das Indias. Quando D. João de Castro perguntára

por elle a um dos padres, ninguem lhe soube dizer o seu destino. Affirmava o porteiro que o vira entrar na egreja, á hora de vespervas, orar por alguns instantes, prostrado ante o altar do Sanctissimo, que procurára particulas e uma caixa da extrema-uncção e sahira. Os outros padres nem sequer o tinham visto.

A festa fôra concorridissima, porem a cidade estava triste. D'entre tantos, só o governador parecia alegre.

### XIII

Apenas Mogarem se achou protegida pela solidão mysteriosa da floresta, parou; encostou-se ao tronco gigante de uma jaqueira e perguntou a si mesma qual seria o seu destino. Morrer... Mas morrer, como? precipitando-se n'uma torrente?... despedaçando-se pelas pedras agudas dos alcantís?... esperando a pé quêdo a fome?!... E a lucta extrema?! e a incerteza do exito?! e o horror das agonias premeditadas?!...

Que tumultuar de visões e de sensações encontradas e disformes não veio assaltar a phantasia da pobre moça perdida!

— Era de prever, murmurou ella com os tristes olhos no chão; a gralha tinha-me açoitado com as azas a minha pobre cabeça, e duas vezes a capello

atravessou diante de mim na estrada... Vinha a desgraça perto, e eu não quize ver a desgraça... Se ao menos pudesse orar!... E porque aragem e a quem posso enviar hoje a minha prece?!... Brahma, tu creaste a minha casta d'um halito da tua bocca sacrosancta; fizeste-me pura como o ether, e como o sandalo aromatica; e eu fiz-me terrena e impura!... Nem posso pronunciar o teu nome!... Wischenú, tu és o deus da conservação e do amor; sobre o teu seio repousa sempre uma mulher amante, e eu por amor me perdi; talvez te apiedasses de mim, se pudesses olhar-me, que não pódes, se eu tivesse que pedir-te, mas não tenho!... Olha-me tu, Siva, que feres como o raio e destroes como o tufão que revolve os mares e arranca as florestas e os rochedos! ou tu, Kali divina, esposa do grande deus! tu, cuja lingua pende afogueada e sedenta, que brandes n'uma das mãos a espada coriscante e levantas na outra uma cabeça ensanguentada, que espumas sangue dos teus labios trémulos, e tens cadaveres, em vez de *bugdiós*, pendentes das tuas orelhas, um cinto em que pendem, lividas, as mãos dos teus inimigos e um collar de craneos de gigantes, olha para mim, Kali! toma-me e esmaga-me entre os teus quatro braços vingadores, e esconde-me na nuvem dos teus cabellos revoltos, que te cobrem os pés!

Calou-se e escutou. Nem um sopro de vento, nem o vôo d'uma ave, nem o cahir d'uma folha quebravam o silencio da floresta.

Estava só, tão só como o primeiro ou o ultimo ser humano no principio ou no acabamento do mundo. Olhou em volta de si, e os olhos não viam para alem de dez passos de distancia: tão cerrada era a floresta; o sol descia, em fios tenues e raros, pelos poucos rasgões da cupula de ramagens.

As solidões são pavorosas, e os grandes desertos o melhor correctivo das vaidades; alli toda a grandeza se reconhece mesquinha, toda a coragem se vê trepidar e cahir; mas nos desertos despidos ha o céu que está sorrindo esperanças e os largos horisontes d'onde nos podem ver alguns olhos compadecidos, e póde-se gritar e correr, e ha sempre muito ar que se respire; mais triste e mais afflictivo é o ermo fechado e mudo e escuro dos extensos arvoredos, d'onde o céu se não vê, onde o ar não circula, d'onde a voz não póde sahir, que parece crescer para nós lenta mas implacavelmente, enredar-nos, tolher-nos, abafar-nos, asphixiar-nos!

Teve medo e fugiu espavorida, não sabendo de quê ou de quem.

Fugia do caminho mais direito; quando as veredas transversaes se demoravam em apparecer, interna-



vã-se no matagal invio e emmaranhado; uma vez alli, todo o seu anseio era descobrir novamente um caminho.

Na sua corrida desatinada duplicaram-se-lhe a respiração e os passos; juraria que após ella corria alguém, cada vez mais proximo e cada vez mais anhelante. Aqui, alem, onde alguma penedia ou montanha repercutia os sons, cresciam, não já os passos de um perseguidor mas o tropel de muitos e vozes de ameaça e maldições. N'este correr vertiginoso sentiu-se de repente retida pelos cabellos, que lhe iam soltos, fechou os olhos e sentiu-se morrer.

#### XIV

A noite veio brilhante, perfumada e esmaltada de scintillações. Mogarem acordava do seu desmaio lethargico, desfeita e com os pés ensanguentados, á orla da floresta, ao ouvir o choro de uma criança que parecia abandonada, não longe d'alli. Lembrou-se a pouco e pouco da sua posição e do seu destino, da sua quéda, do medo que a perseguira e admirou-se de acordar. O choro da criança era cada vez mais distincto. — Não terá mãe — pensou a triste; ia a erguer-se quando se sentiu presa pelo cabello. Re-

petiu-se a sensação que de manhã experimentára, e cahiu de joelhos. Como o tempo ia passando sem que mão de algoz lhe sacudisse as tranças, voltou-se mansamente e viu-se presa aos ramos espinhosos de uma arvore morta. Em meio de tanta lastima veio-lhe um sorriso aos labios. O choro da infancia é tão dolorido e tão supplicante, e Mogarem estava tão impressionada com a tristeza d'aquella voz, já meio enrouquecida, que n'um momento se desprendeou e partiu.

Terminavam alli as grandes arvores; uma larga clareira, semeada de arbustos, deixava já ver aquelle céu, de que se não podem desprender os olhos em noites de astros e de luar.

Alguns passos mais e um lago quietissimo espelhava os astros em todo o seu brilho. O choro tinha cessado. Mogarem parou a escutar. Notou que n'aquellas immediações não havia signaes de habitação. O seu espirito exaltado, á falta dos sons que a attrahiram, entregava-se agora todo ao espectaculo que tinha deante dos olhos. A outra margem do lago subia em grandes rochas escalvadas e sinuosas. — Ha de haver grutas alli, pensava ella, e póde tambem haver tigres...

Acordou-a d'este pensamento um novo choro, mais timido e mais lastimoso. Caminhou para elle.

No mesmo instante, porem, soaram na orla da floresta passos de homens, que se encaminhavam para o lago. O choro parou ainda, e Mogarem escondeu-se debaixo da copa d'um arbusto, á beira quasi do lago. Seis *jogues*, quasi de todo nús, com os corpos pintados de caprichosos arabescos, mesmo de noite distinguiveis, com os braços aleijados, uns levando-os verticalmente erguidos, outros horisontaes; outros com as mãos, que se lhes immobilisaram, fechadas, tendo-lhes passado as unhas para o outro lado; um saltitando n'uma só perna, por ter atrofiado a outra, e todos de barbas e cabellos intonsos e esqualidos, monstruoso e repugnante grupo de fanaticos, se encaminhavam para a orla do lago.

— Chegámos emfim ás nossas grutas, disse um d'elles.

— Dá-me com a tua mão uma pouca d'agua, que tenho sede, dizia o das mãos fechadas ao que saltitava n'uma só perna.

E chegaram-se de todo ao lago.

De sob a folhagem d'um salgueiro sahiu de subito e com as fauces abertas um crocodilo monstruoso e arremessou ao lago o *jogue*, que se abaixava para dar uma pouca d'agua ao seu companheiro.

Foram duas quédas quasi simultaneas. *Jogue* e crocodilo desapareceram, e as aguas, que se ancearam

~~~~~

por momentos, revelavam á superficie as agonias que lá se lhe passavam no seio.

Os jogues recuavam quando um grito de Mogarem, que se arremeçou para elles, os deixou petrificados. Em quanto a pobre contorcia os braços, clamando — soccorro! — elles, reconhecendo-a, começaram de afastar-se para as grutas fronteiras, proferindo esconjuros n'um canto lento e monotonico, em que Mogarem ouvia muita vez repetido: — «Era no lugar maldicto o monstro impuro, porque deus tinha d'alli apartado os olhos.»

— «Nem pae, nem mãe, nem irmãos, nem filhos ponham n'ella a vista compadecida! converse com os monstros do lago e as feras do monte, que se nutrem dos sanctos do bom deus.»

O lago tinha serenado. Mogarem estava fria e serena, quasi imbecil.

XV

O resto da noite passou-o a olhar para o lago, e a repetir de quando em quando: — «Converse com os monstros do lago e com as feras do monte, que se nutrem dos sanctos do bom deus!» E porque não vindes para mim, monstros e feras? eu conversaria comvosco.

De manhã, quando o sol subia nos Gattes, achou-a á beira do lago, batendo na agua com um raminho de salgueiro, e dizendo ainda: — Monstros do lago, porque não conversaes comigo?

Desde que se viu exposta a tanta claridade entrou no bosque, a esconder-se de Deus, e caminhou, caminhou durante muitas horas, sem levantar os olhos do chão. Os medos do dia antecedente estavam substituidos pela mais automatica indifferença; em parte era insensibilidade, em parte era stoicismo. Uma cobra rugia-lhe aos pés e ella não tremia, o levantar e correr dos animaes silvestres, um grito de fera, um pio inesperado de ave receiosa, os mil extranhos rumores das solidões e dos arvoredos vinham açoital-a em vão! todos os seus musculos e nervos estavam adormecidos; não se produzia n'aquella harpa, ainda na vespera tão sensivel, uma vibração sequer. Seguia automaticamente o seu caminho, não provocando a morte, mas não fugindo d'ella. Ao fim da tarde, prostrada de fome e de cançasso, parou no cimo de uma montanha, ao fundo da qual se via serpentear um rio. Sentou-se alli, a vêr o pôr do sol. — Será a ultima vez, disse ella, e começou de compor os seus cabellos e a enfeitá-los de flores do matto. — Os cabellos do sol são mais bonitos, dizia ella;

eram assim, d'oiro e luz, os do meu Fernando. E chorou copiosamente.

Noite fechada ergueu-se, e sentiu que os pés lhe estavam tão feridos que mal podia dar um passo. Foi-se arrastando monte a baixo até á beira do rio, banhóu-se, e, deitando-se sobre as folhas da margem, com os pés ainda dentro da agua, adormeceu.

XVI

Altas horas da noite veio despertal-a um rumor longinquo, que mais e mais crescia, aproximando-se do rio em que Mogarem se banhára.

No estado de enfraquecimento e cansasso, que lhe tinham produzido perto de sessenta horas de febre, insomnia e jejum, começou de ouvir e de vêr sem escutar nem olhar. O torpôr, que a invadira, deixava-lhe uma vida automatica, deante da qual passam indifferentes todas as mutações de scena, quer na sociedade quer na natureza. É a paralyisia de todos os sentimentos, que presta aos sonhos o prosaismo das realidades e ás realidades a fatuidade das chimeras.

Os sentidos estão acordados, mas somnolentos; a alma está dormente, mas sonhadora.

Por entre os zig-zagues da sinuosa montanha começaram de apparecer luzes movediças, cujo numero crescia espantosamente; eram já dezenas, centos e milhares, descendo em caprichosas curvas para o rio. Pouco depois distinguia uma turba de gentios, homens e mulheres, que paravam na outra margem, e ao clarão, cada vez mais vivo, era visivel uma grande porção de lenha amontoada, com destino certamente á queima de algum cadaver. Encheu-se em breve o recinto de milhares de pessoas, que todas traziam o seu facho e vestiam trajos de festa. Chegou o esquife e foi depositado sobre o montão de lenha. Entoaram-se umas preces, e os *bottos* derramaram oleos sobre as achas da grande pyra.

Logo após abriu-se a multidão, entre a qual appareceu uma mulher, deslumbrante de formosura e de joias e adornos, os mais ricos do oriente.

Mogarem ergueu-se, exclamando: — Um *Suthi*! Começava a comprehender. Viu-a despojar-se das suas joias, em favor das suas mais proximas amigas, e começar, com passo firme, as voltas em roda da fogueira, a que já se ateava o fogo por differentes lados, e em cujo centro se destacava, em negro e horisontalmente, o perfil do cadaver.

O coração de Mogarem começou de bater! A viuva, terminadas as voltas fataes, que deu com passo resolutivo e olhar levantado e firme, pareceu vacillar. Quiz subir para o meio das chammass, amparada pelos seus parentes, e não pôde. Mogarem estendeu-lhe os braços, e, com os olhos medonhamente dilatados, exclamou: — foje! Este grito perdeu-se na algazarra enorme, que, ou para animar a pobre victima, ou para encobrir as suas supplicas, se ergueu juncto da fogueira fatal. Viu-a erguer nos braços de muitos homens, debater-se, gritar por cima de todas aquellas vozes, esconder-se e abysmar-se n'um mar de chammass, que projectavam no rio o seu clarão sanguineo.

Os braços de Mogarem descahiram, deixou pender a cabeça, e, já quando a grande pyra se desmornava, entre o sinistro silencio de tantos milhares de espectadores, disse: — Feliz de ti!

E começou de caminhar lentamente, sem medo, sem destino, sem pena... Comtudo algumas lagrimas lhe vieram marejar os olhos.

E assim caminhando, caminhando, perdeu-se de novo nas florestas.

XVII

Os invernos da India deixam após de si trovoadas temerosas. As manifestações da natureza, grandes em toda a parte, são enormes no Oriente. Não ha trovões, nem relampagos, nem temporaes, nem inundações, nem estiagens como aqui.

Na noite immediata começaram de vêr-se correr do sul nuvens negras condensadas; e os pobres habitantes de Nanús, que tinham, segundo o seu costume, sem medo ao orvalho nem ás feras, adormecido ás portas das cabanas, exhaustos pelo trabalho e pelo calor do dia, acordaram alta noite sobresaltados pelo estertor de um trovão, que fazia tremer a terra. Um prolongado e vasto clarão, pelo meio do qual cahia a chuva em grossos fios de oiro, deslumbrava-os. De repente o clarão apagou-se, e pelo meio das trevas, as mais densas e involventes, serpavam centenaes de faiscas azuladas e sanguineas em todas as direcções. O vento mettia hombros ás serras e ás florestas, e de momento a momento sentiam-se estalar os troncos mais robustos, como se a mão de um gigante andasse partindo e colhendo lenha no montado. Aos mugidos do vento, ao bramar dos

trovões e ás queixas do arvoredó junctaram-se, em côro, as vozes dos animaes selvaticos, que espreitavam do fojo e pareciam applaudir a sublimidade augusta do cataclismo.

Juncto a Nanús passa um pequeno rio, grosso e tumultuoso nos mezes do inverno, claro e murmuroso no estio, correndo entre ribas, selvaticas sim, mas de uma formosura especial. Aquella agua, que deslisa sobre um leito de mosaico, feito de pedras transparentes e de côres as mais brilhantes, roça-se por tapetes aveludados de musgo florido, que cobre ambas as margens, e deixa-se beijar pelos vastos e finissimos fetos, que sobre elle se debruçam. O sol passa difficilmente por algumas frestas do arvoredó, e, como rara chuva de luz, esmalta as flores e os mosaicos do rio.

Na margem direita d'este arroio havia um pagode da deusa Parvaty, dentro do qual, n'aquella noite tempestuosa, se accendiam luzes, e para onde corriam os habitantes espavoridos, que a trovoadá surprehendêra.

De todos os lados se viam correr as sombras escuras dos indús, porque a religião foi sempre a suprema força, a suprema protecção, a derradeira esperança em todo o mundo. A trovoadá parecia ter escolhido aquelle ponto para fixar-se; ate alli cor-

rêra; chegada alli attrahia, como as trombas marinhas, as nuvens todas do céu, e redemoinhava. Dir-se-hia que aquella abobada esfumada e insondavel se tornava absorvente.

Sentia-se ramalhar violentamente a folhagem, como se mão invisivel, enroscando-se n'ella, tentasse desarreigar a floresta. Sentia-se mugir o vento lá por cima, como a respiração violenta de luctadores titânicos; mas em baixo asphixiava-se.

Quando os chuveiros cabiam a flux, o homem que corria era frequentemente lançado por terra, e morreria, a não ser soccorrido, sob aquelle jacto violento.

Com a furia crescente da trovoada cresciam o medo e os clamores; sobretudo quando o tufão apagava as luzes do pagode, ouvia-se um grito estri-dente e prolongado, grito em côro, de centenares de pessoas, que julgavam sentir-se abraçar das azas negras da morte.

No momento em que o mundo parecia desabar, quando mais bastas se cruzavam e ferviam as fitas de lume no espaço, quando mais forte a rajada fazia vacillar a montanha, quando acabava apenas a repercussão do mais violento dos trovões, ouviu-se uma voz de mulher gritar: — Soccorro! — na direcção do templo gentilico.

Instantes depois Mogarem, desfeita, ensanguentada, febricitante, tentava da porta estender os braços para a multidão apinhada, e pôde ainda uma vez murmurar: — Soccorro! —

N'isto ouviu-se dentro do templo pronunciar, como um grito de horror, o seu nome, e as luzes apagaram-se e a porta fechou-se violentamente sobre ella, e... Não longe d'alli, na outra margem do rio, ouviu-se tocar um sino umas badaladas vibrantes e compassadas, a convidar christãos á oração.

— Tantos deuses, murmurou a pobre, e nenhum tem piedade de mim!

— Tem! ouviu ella ainda, ao cahir desmaiada nos braços de um velho, que chegava açoitado, e a tempo de a salvar das aguas do rio, que trasbordava.

Dentro do templo gentilico soava um côro de maldições. O velho ajoelhou, encostou sobre o peito a cabeça desfallecida de Mogarem, e, pondo as mãos, agradeceu a Deus, junctando á prece o nome de D. Fernando de Castro.

Era a ultima noite que a melindrosa menina teria de passar nos bosques, á espera da morte.

O céu desanuvêa-se.

XVIII

A menos de oitocentos passos do pagode de Parvaty havia o padre Francisco Xavier construido uma capellinha, toda branca e devota, no meio de umas penedias abruptas. Era no seu campanario que o sino tangia, chamando á oração o minguido rebanho de christãos, obra e amores do apostolo venerando.

— Ouves? pobre mulher desamparada? lhe dizia elle, enxugando-lhe as faces ardentes e conchegando-a ao peito; ouves? é a voz da caridade christã que te chama; é um porto franco e seguro ao pé do mar tempestuoso d'esta socjedade inclemente; é o meu Deus que te espera, o Deus de todos os naufragos.

E tomou-a nos braços e ergueu-se, o velho, o enfermo, o debil padre de Christo, orgulhoso da sua fé, pago dos seus sacrificios, agradecido á Providencia, que lhe proporcionava ainda uma obra de misericordia, dando-lhe mais uma irmã para os seus filhos, mais uma alma attribulada para o seu Deus; e, de cabeça erguida, ligeiro, e forte, atravessou uma tosca ponte de madeira, que a corrente ameaçava, costeou os rochedos da outra riba, na direcção do sino, que continuava a tanger, chegou ao atrio

da capellinha, que estava por dentro toda festiva e alumiada, e, ajoelhando, exclamou no tom vibrante e sonoro do seu verbo inspirado:

— *Orate!*

Um tremor jubiloso e mystico percorreu o grupo dos fieis, que respondeu em côro:

— *Benedictus qui venit in nomine Domini.*

Um pequeno órgão acompanhava os canticos; e Mogarem foi acordando e estremecendo, na idéa talvez de que após a morte lhe era dado entrever o logar dos bemaventurados.

A pouco e pouco lhe foi voltando a consciencia, e, quando olhou attenta para o homem que a tinha nos braços, reconheceu o apostolo. Ficou-se quieta e comprimida, sem despregar os olhos d'elle.

— Senhor, onde estou eu? segredou ella emfim.

— Na casa de Jesus.

— Sou gentia!

— És desgraçada, minha filha.

— Sou maldicta!

— Nunca o serás no templo do Deus do amor, da esperanza e da misericordia.

Mogarem chorava, e o côro ia cantando:

— *Bemaventurados os que padecem, porque elles serão consolados.*

XIX

Dois dias depois entrava o padre Francisco Xavier no palacio dos visos-reis. Era em 1548.

— Bem vindo, padre, tinha saudades vossas. Tenho chorado hoje. O meu pobre Fernando deve ter encontrado a sombra de D. Lourenço d'Almeida, e no céu hão de gostar de os vêr, áquelles dois cherubins. Ouvís, padre? disseram-me que uma gentia o amava.

— Confessou-m'o elle, senhor, e confiou-a á minha protecção.

— Ah! padre! protector de amantes! de amantes temerarios, que se abraçavam por cima de tantos abysmos! Dizia o viso-rei, sorrindo.

— Ora ainda bem que entrou n'esta casa um raio de alegria. Deixemos lá os caminhos do Senhor, que só Elle sabe, e, quando os quer ensinar, ou accende a sarça no Horeb ou sólta a estrella dos Magos.

— Bem falado, lingua de oiro; e voltando aos caminhos dos... amantes: que é feito da vossa protegida?

— Prepara-se para se encontrar com o seu noivo, já nivelados todos os abysmos, no paiz onde só ha Deus e não religiões.

— Como, Francisco Xavier? algum prodigio novo?

— Ousaria eu esperar, de hoje a um mez, uma visita do nobre viso-rei no meu humilde eremiterio de Nanús?

— Esperae! e levarei a minha cruz de Christo. Honrar-vos-hei como devo, cofre de todas as consolações.

Abraçaram-se, chorando e rindo.

Um mez depois, na capellinha de Nanús, D. João de Castro era padrinho da formosissima noiva do seu Fernando, e punha-lhe o nome de Maria das Dores, que ella mesma escolhêra; a madrinha era Nossa Senhora.

Quando, finda a cerimonia, em que nenhuns olhos ficaram enxutos, a nova christã beijou a mão de seu padrinho, olhou para elle com os olhos muito abertos e muito cheios de tristeza e chamou-lhe: — Seu pae.

D. João de Castro abraçou-a commovido e disse-lhe, que todos ouviram:

— Sim, minha filha querida, has de ser d'elle no céu.

E o povo, e os padres, e os nobres cantavam:
— *Te-Deum laudamus.*

Um anno após os paes de Mogarem tinham abraçado o christianismo, e fugiam ao anathema que sem culpa sua os fulminára. Nas ruinas do pagode de Nanús começava a construir-se uma egreja. Mogarem tinha morrido um mez depois de baptisada. As suas ultimas palavras ouviu-as Francisco Xavier: — Já estou vestida de branco e tenho saudades do meu noivo. Ah! padre, bemdicto sejas tu.

**CARTA DO CONDE DA EGA A EL-REI
DEPOIS DA TOMADA DE PONDÁ**

Carta do conde da Ega a El-Rei depois da tomada de Pondá (*)

Senhor.— A Divina Omnipotencia foi servida abençoar as armas de Vossa Majestade, fazendo-as senhoriar da praça de Pondá, Dumengor e Zambaulim, e as provincias das suas jurisdicções; as quaes se achavam sujeitas ao Maratha depois da menos bem considerada invasão que nellas pretendeu fazer o conde d'Alva contra o rei de Sunda, nosso antigo alliado e bom visinho; e que, pelo seu genio pacifico, não só nos não dava cuidado, mas antes nos servia de antemural, que contribuia para o nosso socego; o que não teve mais este Estado depois do dominio Maratha, que não só nos estava a cada instante ameaçando o ultimo estrago, mas tambem convidando os nossos soldados a uma successiva deserção, impossivel de atalhar.

As duas provincias são situadas ao sul de Goa, e circumdam toda a de Salsete desde leste-nordeste até su-sueste, e d'este rumo até leste continúa a de Pondá, que a separa das ilhas de Goa um rio, que em partes, na maré vazia, se passa quasi sem molhar pé; pelo que se mostra claramente a faci-

(*) Livro das monções, n.º 138, 2.^a parte. Anno de 1753, desde folhas 810 a 886.

lidade com que o Maratha, ou outro qualquer regulo, ou potentado, que possuir aquellas provincias, nos pode invadir; não sendo, como o não são a maior parte dos asiaticos, de toda a fé; de modo que não póde Goa conservar nunca o seu socego e segurança.

Estas justas causas pareciam sufficientes para se fazerem as mais exactas diligencias de se lançar fóra, se póde dizer, de casa um vizinho, ou, para melhor me explicar, um hospede, que a todo o instante estava ameaçando a nossa ruina, na certeza de que o mesmo Maratha, em se vendo desembaraçado de outras occupaões mais sérias, e de utilidades mais vantajosas, que o traziam inquieto, certamente se não descuidaria de fazer-nos o mal que podesse, o que lhe não era difficiloso pela visinhança em que se conservava.

Tudo isto me foi presente logo que comecei a tomar conhecimento do governo; mas porque me não auctorisavam, paraprehender um rompimento com um visinho, a minha justa desconfiança e reflexões, pretendi, por meio de um tractado de paz e alliança, que se conseguisse aquelle fim, e outras utilidades, tambem de consequencia, como consta do mesmo tractado, que foi presente a Vossa Majestade, e que talvez teria surtido o seu effeito se as negociações se não alterassem com os contratempos do mesmo Maratha: este, ainda que decadente, é bastantemente poderoso, e não se deve desprezar, nem eu tivera tomado as armas contra elle sómente pelo vêr abatido; porque isto pareceria deshumanidade e falta de fé, defeito que os portuguezes não têm tido até ao presente em parte nenhuma do mundo.

Fui constrangido, sim, a pegar nas armas e a desembaihar a espada porque o dicto Maratha, sem attenção ao tra-

estado de paz, que ainda subsistia entre elle e este Estado, entrou a infestar estas costas com as suas armadas, sem respeito a outra nação mais que a ingleza. No anno passado nos tomou um navio de Macau, uma palla pertencente á praça de Moçambique, algumas embarcações pequenas, de mercadores d'este Estado, atacando, a cara descoberta, as nossas náos, que comboiavam aquellas tanto para o norte como para o sul, e ultimamente a náos de viagem Nossa Senhora de Caridade e S. Vicente Ferreira, que d'este porto partiu a monção passada.

Logo que tive noticia do primeiro navio que o dicto Maratha tinha reprezado, debaixo da boa fé, expedi um expresso com cartas a Ragubá, e ao filho mais velho de Nanná, pedindo-lhe satisfação do attentado; respondeu-me Madu Rau; filho do dicto Nanná, que elle mandaria examinar a materia, e que me daria toda a satisfação, quando não houvesse causa justa que obrigasse o seu cabo áquella demonstração, e esperando eu pela dicta satisfação, toda a que tive foi a continuação, que fica relatada, e porque já tanto soffrimento se fazia indecoroso, e certamente animaria tanta prudencia a que estes pretos, julgando-a por frouxidão, se atrevessem a maiores insultos; sendo este o seu character, pois não conhecem a virtude, e só se persuadem que aquella tem a sua origem nos vicios, entrei a tomar as medidas que me pareceram mais proporcionadas para castigar o atrevimento d'aquelle potentado; e porque me convenci de que, para poder dirigir os meus passos a maiores projectos, o primeiro que devia dar era o de separal-o da visinhança de Goa, fui trabalhando n'esta diligencia pelos meios mais proporcionados que pude imaginar e descobrir.

O primeiro de que me servi foi persuadir o rei de Sunda,

por meio do seu embaixador, que aqui se achava, a que elle fosse o auctor d'esta acção, e que eu, sem descobrir a cara, a fomentaria e auxiliaria com todo o vigor. Ao Bounsoló fiz entrar n'esta mesma negociação, persuadindo-o com a verdade, ponderando-lhe que, tanto a elle como ao Sunda, lhe estava imminente o golpe em quanto o Maratha se achava tão visinho de ambos, e que elle unisse as suas forças ás do Sunda, que nós augmentariamos com as nossas, em beneficio commum de separarmos das portas de casa um potentado que, em lhe sendo possivel, os despojaría a ambos dos dominios que possuiam. Não foi muito difficultoso que os dictos Sunda e Bounsoló se persuadissem das minhas razões, e se offerecessem de boa vontade á execução d'este negocio: o que, conseguido, principiei, sem perder tempo, a adiantar tudo o que se fazia preciso para a sua consecução.

Estando isto nos termos acima relatados, entrou o Sunda a duvidar da fé do Bounsoló, de que eu tambem não tinha a maior segurança, pelo natural orgulho e falsidade de que é caracterisado o dicto Bounsoló; e por que não succedesse que o mesmo, com capa de amigo, nos fosse de algum obstaculo ao que se pretendia, mantive com elle sempre a mesma practica; mas sem lhe dar a saber que se achavam as cousas tão adiantadas, para d'este modo o conservar, no caso de nos ser necessario, o seu auxilio.

No fim de abril partiu d'esta capital o embaixador do Sunda á sua côrte, para, no termo prescripto, voltar com dois mil homens, que é o que elle offerecia, para dar principio ás operações, que deviam ter estes em dia e hora determinada, e ajustada com alguns cabos do Maratha, que, desgostosos do seu governo, diziam que tomavam o partido de sublevar-se. Chegou com effeito o dia assignalado, e o embaixador do

Sunda, com a sua gente, não appareceu. Este incidente, que na verdade seria de consequencia se eu anticipadamente o não tivesse prevenido, conhecendo o character frouxo do Sunda, não me fez hesitar na resolução que devia tomar; e, como se achava tudo acautelado, mandei, sem perda de tempo, que os nossos cypais, que, segundo o ajuste, já tinham passado á outra parte do rio, que nos divide d'aquella jurisdicção, se unissem aos que eu me persuadi que estavam sublevados, e que todos junctos principiasssem o bloqueio da sempre memoravel e nunca até agora tomada praça de Mordongoro. O bispo de Halalicarnasso, que commandava aquelle corpo, o qual consistia em pouco mais de setecentos homens, e o valoroso e incansavel Domingos Franco Bellico de Velasco, commandante de todos os cypais do Estado, que os conduzia, puzeram-se em marcha para o pagode de Queulá, pouco distante da referida praça, esperando achar n'elle os sublevados, no que, como eu, se enganaram, porque tudo o que appareceu foi o primeiro sar-dessai d'aquellas terras, por nome Narbá Naique, com setenta homens, unico que cumpriu com a sua palavra; e os mais o que só fizeram foi não pegar nas armas contra nós, e retirarem-se da provincia, talvez esperando melhor occasião para se aproveitarem em nosso damno.

Tudo isto me poderia fazer trepidar, se o conhecimento d'esta casta de gente me fôsse occulto; mas como de nenhum d'elles faço outro conceito, mais que o de que todos são faltos de palavra e fé, fui adiantando as operações, e determinei ao coronel, Jacques Philippe de Landreset, que se achava prevenido com um corpo de quatrocentos e cincoenta soldados do seu regimento, que logo se fôsse encorporar com as tropas que tinham marchado para Pondá, e que, em quanto não passava outro corpo, para reforçar o seu, tomasse as

medidas que lhe ordenei, não só para as necessarias cautelas, mas tambem para adiantar os trabalhos correspondentes ao ataque da praça. Executou o dicto coronel, como costuma, as minhas ordens, e logo que chegou áquella provincia determinou um bloqueio regular á praça: fez, com a mesma actividade, construir duas baterias, uma de artilheria e outra de morteiros, que, pela brevidade com que começaram a laborar, parecia que já antes de ideiadas se achavam construidas; e ao mesmo tempo fez preparar outra bateria para a grossa artilheria, que ainda não tinha chegado, a qual promptificou com egual brevidade e acerto.

Não bastando, porem, estas primeiras operações para desmaiar os defensores d'aquella forte praça, que, animados da sua vantajosa situação, e se acharem bem fornidos de toda a sorte de munições, tanto de guerra como de bocca, mostravam uma constancia pouco natural nos asiaticos, pelo que fui obrigado a ordenar ao coronel Henrique Carlos Henriques que, com o resto do seu regimento, que tambem se achava prompto, passasse o rio, e que, engrossando com este aquelle corpo, se apertassem mais os sitiados, o dicto coronel, naturalmente activo e incançavel no trabalho, se pôz logo em marcha; e, como pela sua patente era mais antigo que o primeiro, tomou o commando d'aquelle pequeno exercito, e ambos, de commun accordo, se empregaram com tal união e vigor, que tudo o que em outras occasiões se gastavam dias para concluir-se, n'esta se promptificava em minutos.

Com a chegada de todas as tropas se sitiou a praça regularmente, e os defensores d'ella, vendo-se batidos por tres baterias de artilheria, e uma de bombas e outra de granadas reaes, que sem intervallo os estava opprimindo, tanto de dia como de noite, começaram a defender-se com mais len-

~~~~~

tidão, e já o vivo fogo, que até áquelle tempo nos faziam, não era tão vigoroso; contudo, como as primeiras baterias não produziam ainda todo o effeito que se desejava, pela distancia em que estavam, e pela difficuldade de se chegarem mais á praça, por ser aquella situada em uma montanha quasi inacessivel, e não tendo na sua circumferencia outra alguma que a domine, nem ainda a eguale, se fez preciso, a todo o risco, adeantar os trabalhos e formarem-se novas baterias, o que, apenas foi resolutto, se executou sem demora; sendo os mesmos commandantes, em todas estas operações, os primeiros que davam o exemplo, trabalhando cada um d'elles não só como soldados e artilheiros mas ainda como os ultimos trabalhadores, e expondo, com um desprezo quasi reprehensivel, as suas vidas, sem mais necessidade que a da ambição da gloria, que cada um se disputava por credito, e não por opposição: do que, sendo eu informado, os adverti, lembrando-lhes que as suas vidas se faziam precisas para outras occasiões, e que assim lhes determinava que não as expozessem temerariamente.

Formadas as segundas baterias me avisou o coronel, Jacques Philippe de Landreset, que a artilheria não se achava bem servida, pela pouca práctica dos officiaes d'aquelle corpo, que era a primeira vez que se tinham achado em semelhantes occasiões, e que eu determinasse n'aquella materia o que julgasse conveniente. Logo que fui informado d'esta falta a fiz supprir pelo sargento-maior do regimento do mesmo Jacques Philippe, João Manuel Zambuja, official intelligente, valoroso e incansavel, o qual se encarregou da bateria mais consideravel, e com tão bom successo que em vinte e quatro horas começou a mostrar os desejados effeitos; porque, n'estas, principiou logo a desbaratar-se um baluarte, juncto á porta da praça; de sorte que já d'elle se não podia

fazer fogo, tanto porque a maior parte da sua artilheria tinha sido descavalgada da nossa, e alguma quebrada, como porque, se lhe montassem outra, o faria mais brevemente cahir por terra; estas vantagens, que iam tendo, unidas a continuados rebates, que toda a noite se faziam á praça, e a se lhe terem tambem, desde o principio, tomado todas as aguas, que em roda da mesma os fornecia d'este preciso alimento, principiaram a desanimar os defensores, e no dia que se contavam quatorze de sitio botaram bandeira branca, e pediram ser ouvidos, o que logo se lhes concedeu; mas sem por isto cessar o fogo e mais operações. No mesmo dia desceu da praça um brahmine, com proposições de capitular; o que se me avisou sem demora, por me achar a duas horas de caminho d'aquelle campo (\*): determinei que se lhe acceitassem as que eram practicaveis, e que não tinha duvida de os favorecer com equidade; mas que a dilação do ajuste não devia passar vinte e quatro horas, depois das quaes não admittiria neuhuma proposição. Esta resolução, que pareceria talvez violenta, foi cautela; porque sabia que a esperança, em que estavam os sitiados, de soccorros que se lhes promettiam por toda a parte consideraveis, os fazia buscar aquelle meio para dilatar-nos: com effeito, a minha resposta acabou de os desenganar e os resolveu ao ajuste, que foi o seguinte:

Que sahiriam com as suas armas e joias, e que se lhes daria, como por esmola, uma porção de dinheiro, para se poderem transportar ás suas terras, que eram muito distantes. O cabedal que elles tinham era tal que não faria nenhum objecto: o que se lhes deu foi um acto de caridade, e de ge-

(\*) O conde da Ega estava em Dandim, na casa que hoje pertence ao sr. D. Manuel de Carcomo Lobo.

nerosidade, que, quanto ao que entendo, nos serve de maior credito, que de prejuizo; porque, na verdade, a vida de alguns soldados, que poupámos por aquelle meio, é de mais valor que uns poucos de pardaus, que se dispenderam.

Concluida, emfim, a capitulação da praça, no dia ultimo de maio, no seguinte, primeiro de junho, se arvoraram n'ella as reaes bandeiras, sahindo ao mesmo tempo as tropas, que a abandonavam, tristes e desconsoladas, e entrando as victoriosas alegres e satisfeitas; as primeiras sentindo largar uma fortaleza, tantas e tão repetidas vezes atacada sem fructo, e que tinha conseguido a gloria de ser a unica, na Asia, que blasonava de ter reprimido o valor portuguez; e as segundas, por esta mesma causa, com inexplicavel jubilo de ver-se senhoras d'aquella formidavel inimiga, que em outras occasiões tinha sido testemunha de tão lamentaveis estragos.

Rendeu-se emfim a praça de Mordongoro, que, traduzido em o nosso idioma, quer dizer — invencivel —, e sem mais perda que a de um capitão-engenheiro, tres soldados portuguezes e sete cypais feridos: houve alguns mais, mas nenhum consideravelmente.

A perda dos inimigos não foi possivel averiguar, pelo inviolavel segredo que os asiaticos guardam n'este particular: soubemos comtudo por um mouro, que algum dia tinha servido este Estado, que passaram de sessenta mortos; feridos sahiram, com a guarnição, vinte e cinco ou trinta. No principio do sitio passavam de setecentos homens os defensores da praça: d'estes, nos primeiros dias, passaram ao nosso campo cento e cincoenta, com os seus cabos; os que sahiram rendidos não passavam, entre feridos e sãos, de quatrocentos e vinte e sete; os que faltam, ou morreram ou desertaram.



No dia seis de junho, dia para Portugal o mais feliz, por ser o em que Deus, Senhor nosso, nos deu um rei tão adornado das superiores virtudes, que em Vossa Majestade admira o mundo, passei áquella provincia, e fui ver a rendida praça, em que, depois de ouvir n'ella missa e sermão, se entoou o hymno do *Te-Deum*, em acção de graças, não só pela victoria conseguida, mas muito mais ainda em memoria do dia que, todos alegres, festejavamos; sendo esta circumstancia o que fez mais plausivel aquella acção.

Era a dicta praça situada em uma alta montanha, quasi inacessivel, pois para chegar a ella, por toda a sua circumferencia se faria preciso, em partes, ajudar-se das mãos: dominava toda a campanha, que lhe ficava visinha, sem outro algum, que chegasse a egualar nem a raiz das suas muralhas, as quaes, sendo na parte menos alta de vinte e cinco palmos, não tinham nenhuma elevação do interior da mesma praça; e só os parapeitos subiam, o que se fazia necessario para servir de defensa á sua guarnição, de sorte que, ainda que a artilheria fizesse vir a terra as dictas muralhas, lhes ficava servindo o monte quasi da mesma difficuldade para se poder montar a brecha: defendiam as suas cortinas treze baluartes irregulares, como o eram tambem as mesmas cortinas, e o são todas as fortificações asiaticas, o que melhor se verá pelo mappa, que n'esta monção subirá á presença de Vossa Majestade. Todo o interior da dicta praça se compunha de socalcos, em fórma de fachinas, que lhe serviriam de excellentes defensas, ainda depois de vencidas as primeiras difficuldades; e n'esta fórma subia até ao cume da montanha, em que havia uma especie de cidadella, que pouco ou nada podia servir de defensa. Nos dictos baluartes se acharam montadas quarenta e quatro peças de artilheria, de differentes calibres, umas de bronze, outras de ferro, e a



maior parte com as armas reaes, que mostravam por este signal serem das que, na mesma campanha de Pondá, tínhamos perdido nas differentes occasiões em que a ella passámos: egualmente se achou nos armazens quasi tudo o que, na ultima perda do conde d'Alva, nos tinha ficado n'aquelle campo; como foram peças da nova invenção, morteiros e grais: estes despojos, que alli se descobriam aos olhos dos que me acompanhavam, causavam áquelles um gosto indizível; mas este se me não communicava a mim, porque n'elles mesmos meditava com lastima o modo com que tinham sido conduzidos áquelle logar; lembrando-me da desgraça dos que, com menos fortuna que eu, tinhamprehendido fazer a Vossa Majestade e a este Estado um serviço tão necessario, em que talvez trabalhassem sem poupar-se a si proprios para o conseguir, e que por alguns motivos occultos lhe fugisse das mãos a victoria, que o seu zelo e fidelidade tinham procurado alcançar; porem, como quem reparte as palmas é o Senhor dos exercitos, e os seus altos e incomprehensíveis mysterios se não communicam aos homens, a mim só me pertence render-lhe as graças por este beneficio, que a sua infinita misericordia foi servido fazer-me, confessando, com uma profundissima humildade, que eu menos que todos o merecia.

No referido dia me dilatei n'aquella provincia, para passar as ordens que julguei precisas em uma nova conquista: todas as camaras vieram render a devida vassallagem, e cada uma offerecer-me os fructos que produz aquelle paiz. Confesso a Vossa Majestade que n'aquelle acto não pôde deixar o meu coração de enternecer-se, lembrando-me, pela qualidade das offertas e pela simplicidade e satisfação dos offerantes, os mais admiraveis mysterios da Redempção; e como as mesmas offertas nasciam da satisfação com que aquelles

povos recebiam o novo dominio, subtrahindo-se do violento e barbaro, com que se achavam opprimidos pelo governo do Maratha, se faziam mais estimaveis as suas demonstra-  
ções, eu os recebi como pae e lhes prometti tractal-os como filhos.

Muitas vezes tenho posto na presença de Vossa Majestade que a este Estado não são convenientes fortalezas no interior das terras; não só pelas inuteis e consideraveis despesas que se fazem precisas para a sua conservação, mas tambem porque as guarnições que n'aquellas se precisam enfraquecem as forças do mesmo Estado, que, não sendo muitas, devemos procurar, quanto possivel for, conservar unidas, para prevenirmos qualquer incidente: o que Vossa Magestade tem sido servido approvar, e por esta causa me tem ordenado que se destituam as que ainda conservavamos de Alorna e Bicholim.

N'este mesmo espirito, muito antes deprehender a tomada da praça de Pondá, tinha resoluto que, se tivesse a felicidade de o conseguir, lhe não deixaria pedra sobre pedra, não sei se só pela razão acima referida, ou se tambem pela satisfação de ver prostrada por terra aquella soberba machina, padrão infeliz de tantas desgraças nossas, e que todo este concão respeitava com admiração e a que se tributavam supersticiosos cultos.

Com effeito, poucos dias depois de conquistada entrei na diligencia de pôr em practica a minha resolução: isto, que parecia de nenhuma difficuldade, foi em que encontrei as maiores, porque não só o gentilismo todo se oppunha vigorosamente á demolição d'aquella praça, mas tambem muitos christãos a repugnavam; e, para todos o conseguirem, não

houve sorte de meio de que se não servissem; as suggestões com que procuravam todos os dias convencer-me se multiplicavam a cada instante mais; e muitas, na apparencia, tinham alguns fundamentos, que, a não se examinarem com a mais séria reflexão, me poderiam fazer mudar de parecer: ultimamente, desenganados de que todas as suas machinas não produzião o effeito a que eram dirigidas, me tentaram, com o ultimo vigor, pelas partes mais delicadas que inclina a pobre natureza humana, quaes são as do credito e da gloria; quanto ás do credito publicaram por algumas pessoas, que até áquelle tempo não tiham figurado n'esta intriga, que diziam os nossos visinhos que os portuguezes não conservavam aquella praça pelas poucas forças que tinham, e que estas as queriam conservar unidas, para se não enfraquecerem mais com a sua divisão; o que os fazia conhecer claramente a nossa debilidade, da qual se aproveitariam em tempo e logar. Este ataque não deixava de fazer-me impressão, porque, na verdade, feriam o ponto que me tinha feito tomar aquella necessaria resolução; porem, ainda que assim fosse na verdade, eu o não devia confessar, antes pelo contrario, desde que elles se lembraram de discorrer assim, adiantei os passos quanto me foi possivel para acabar de uma vez de desenganal-os. O segundo e ultimo arbitrio de que se pretenderam valer foi, instigando-me pela minha gloria particular com o lisongeiro discurso, de que, na demolição d'aquella soberba praça, derribava eu ao mesmo tempo um padrão da minha gloria, de que os vindouros não teriam noticia mais que pela tradição, e que, ficando o mesmo padrão conservado, ficaria egualmente viva a memoria de uma acção como a que acabavamos de conseguir.

Esta ultima suggestão não me foi muito difficiliosa de vencer; porque os solidos fundamentos, que facilmente a des-

troem, não deixam de lembrar a quem serve com amor e zêlo; sendo certo que a gloria particular só póde ter logar quando esta não se oppõe ao serviço de Vossa Majestade e ao bem publico; pois estes são os principaes objectos em que todos os vassallos nos devemos empregar, desprezando tudo aquillo que nos apartar d'estes incontestaveis principios, na certeza de que não ha maior gloria, nem mais distincta honra, que a de servir fielmente ao seu rei; e porque esta indubitavel verdade me conduz, e conduzirá em quanto Deus, Senhor nosso, me conservar a luz da razão; desprezando, como fica dicto, esta ultima e debil suggestão, passei logo as ordens para, sem mais demora, se concluir aquella dependencia; e com estas, vendo-se que não havia remedio, cessaram todas as opposições; e já os mesmos, que até áquelle tempo seguiam differente opinião, mudando de tom, ou fôsse por necessidade ou por lisonja, descobriam tantas utilidades para corroborar a minha, que na verdade, quando eu seguisse a contrária, me convenceria, sem outros fundamentos, do que os que novamente se me propunham. Tal é, Senhor, a miseria humana, e tal a natureza dos homens e a sua fragilidade, que quasi em um mesmo instante approvam e condemnam a mesma cousa, como bem lhes parece; e isto sem que o seu juizo se convença, mas sim e tão sómente porque se deixam conduzir pela vil adulação.

Passadas, como fica dicto, as ultimas ordens para a demolição da praça, se executaram sem a menor duvida, sendo encarregado d'esta dependencia o tenente-coronel, Ignacio de Sousa e Brito, o qual se empregou n'este importante serviço com aquella actividade que costuma; e quando se me dizia que seriam precisos quarenta dias, ao menos, para se concluir, pela sua diligencia e actividade se não gastaram mais que vinte e sete, ficando a dicta praça tão raza, que

nem os vestígios de que n'aquelle logar a houve se deixam hoje ver.

Com a domolição d'aquella praça tirámos ao Maratha, ou a outro qualquer potentado d'este concão, os desejos que todos tinham de a possuir, e que os fazia determinar a descer os Gattes e vir á nossa visinhança; porque não tendo n'aquellas jurisdicções logar fortificado em que possam subsistir, nem ao menos um receptaculo para se conservarem no inverno, quando ainda succeda assim, que se determinem a descer, e se lhes não possa embaraçar, farão sómente alguma correria e se retirarão sem demora; o que tambem não parece verosimil, porque, para a expedição d'esta mesma invasão, as despesas serão tão excessivas que não corresponderão certamente ás utilidades que possam tirar; e como os asiaticos não fazem a guerra em lhe não sentindo conveniencias, parece que o meu conceito não deixa de ter solidos fundamentos.

Na distancia em que pozemos o Maratha com esta nova conquista póde estar Goa em mais socego, sendo preciso ao mesmo Maratha, para chegar até esta capital, alguns dias de caminho por certos desfiladeiros, que não são tão difficeis de guardar; quando até agora, para de Pondá vir á casa em que eu resido, o podia muito commodamente fazer em duas horas, e todo este Estado se achava no evidente risco de amanhecer um dia invadido de um tal visinho.

O rendimento d'aquellas provincias será, pouco mais ou menos, o de duzentos mil xeratins por anno, que, a fazer-lhe as contas, como em outro tempo se fez das conquistas de Peddenem (\*), Alorna e Bicholim, poderia suppor-se que este Es-

(\*) Pernem.



tado, augmentando-se-lhe similhante receita, ficaria egualando esta a sua despesa; porem, como á presença de Vossa Magestade não deve chegar cousa que admitta menos pureza, devo dizer que aquella mesma quantia, e ainda alguma mais, seria precisa para conservar as guarnições que se necessitam para a defensa das dictas provincias, e que as utilidades que temos d'aquellas conquistas consistem na maior segurança d'este Estado, na recuperação do credito das armas de Vossa Magestade, que se achava bastantemente abatido pelos successivos maus successos que tinhamos experimentado, em fazer perder ás tropas o terror panico de que estavam possuidas, pela mesma causa de abater a soberba dos asiaticos, que publicamente nos insultavam, dizendo que já não havia portuguezes, e ultimamente de vingar a morte de um viso-rei, que n'aquelle campo tinha sido despachado, e em memoria do qual se tinha erigido na mesma campanha um padrão para gloria dos nossos inimigos e opprobrio da nação.

O rei de Sunda, logo que teve noticia da felicidade que tinhamos tido, entrou na diligencia de que se lhe restituissem aquellas jurisdicções, o que no principio lhe difficultei, fazendo-lhe conhecer que não tinha para isto nenhuma razão, porque nós as tinhamos conquistado ao Maratha sem auxilio seu, nem menos despesa da sua fazenda; e ainda que na verdade eu determinava, pelas proprias conveniencias d'este Estado, ceder-lhe aquelle dominio, comtudo, em quanto não demolisse a praça, que era o ponto principal, achei que devia usar d'aquella politica, para tambem, por este meio, fazer mais solidos os nossos interesses. Com effeito, demolida a dicta praça, comecei a dar ouvidos ao seu embaixador, e pouco a pouco fui mostrando convencer-me das suas razões; ultimamente viemos ao ajuste que consta do novo tractado, que remetto á presença de Vossa Magestade na presente mon-



ção; pelo qual se verá que fica o rei de Sunda senhor das terras na apparencia, e nós sem despesa alguma conservando um corpo de tropas á custa do Sunda; segurando com este por aquella parte quanto possivel fôr o aproximar-se-nos outra vez o Maratha; e como as tropas que ficam nas referidas provincias são as mesmas que até agora occupavam o continente que nos dividia das terras de Pondá e Zambaulim, ficamos com menos aquella despesa, e conservando as forças no antigo estado, com a vantagem de que, na situação em que agora se devem postar, lhes é muito mais facil defender as entradas de quaesquer inimigos que pretendam inquietar-nos; pois estes não podem descer a esta parte sem passar por desfiladeiros.

N'este estado se achavam as nossas dependencias, quando se divulgou que Aydar Ali-Kan, novo regulo, que ha quatro annos começou a figurar n'este theatro, embaraçava o rei de Sunda, para se effectuarem os ajustes acima relatados, o que tudo será presente a Vossa Majestade em conta separada.

Tenho posto na presença de Vossa Majestade, com o que fica dicto n'este papel, as causas que me constrangeram a alterar por alguns dias a tranquillidade em que se tinha conservado este Estado, depois que entrei no seu governo. Tenho recorrido sobre os principaes pontos d'esta dependencia com aquella pureza com que sou obrigado a falar ao meu Rei: mostro, ao meu parecer, por uma parte, a necessidade extrema, em que nos achavamos, de separar de nós um visinho tão perigoso; e pela outra, que sem faltar á fé publica dos tractados se castigou com severidade e com decencia a falta d'aquella com que o Maratha nos tinha insultado. Desejo que estes procedimentos mereçam a real approvação de Vossa Majestade, unico objecto a que se dirigem todas as minhas

acções; protestando que, se em alguma cousa me apartei das reaes intenções de Vossa Majestade, o não fiz com conhecimento pleno; pois com este espero em Deus que nunca serei culpado na real presença de Vossa Majestade.

Ultimamente devo pôr na presença de Vossa Majestade que n'esta occasião a maior parte dos officiaes deram provas do seu zêlo, procurando todos com louvavel ambição fazer acções dignas de fieis e amantes vassallos de Vossa Majestade; entre estes houve alguns que, ou pelos seus logares mais distinctos, ou pela fortuna lhes ser mais propicia, excederam os seus camaradas, os quaes nomearei aqui, para que, tendo elles a fortuna de que os seus nomes cheguem á presença de Vossa Majestade, esta satisfação lhes suavise a falta de premio que a indigencia d'este Estado lhes nega.

O primeiro commandante, Henrique Carlos Henriques, que, ao mesmo tempo que se empregava, com uma actividade inexcédível, em todas as operações da campanha, estava servindo de vedor da fazenda de Vossa Majestade, desempenhou completamente ambos os cargos, prevenindo e acautelando com as suas providentes ordens tudo o que se fazia necessario para o bom successo da empreza; e sem faltar em nada aos dois importantes logares que occupava, se empregava em todos, não só como commandante e como capitão, mas tambem se expunha como o ultimo soldado. Este benemerito official não teve outra remuneração que um agradecimento publico, que lhe fiz no campo de Pondá; e como se achava coronel e tinha o fôro, não havia outra cousa que dar-lhe; e para de algum modo mostrar ao publico os meus desejos, nomeei seu filho mais velho, que ainda é muito moço, capitão-tenente da corôa, premio bem diminuto para tão relevante serviço.

O segundo commandante, Jacques Philippe de Landreset, coronel de outro regimento, eram-me já notorias as suas distinctas qualidades, porque do seu prestimo e intelligencia me tenho servido todo o tempo do meu governo, ou seja no politico ou no militar; achando-o sempre não só prompto para se empregar no real serviço de Vossa Majestade, mas também com a fortuna de desempenhar em tudo o conceito que d'elle tenho formado. O character d'este official é distincto por toda a parte que se examina: é intelligente, activo, honrado, valoroso, prudente, e se o quizerem temerario também o será, pela cega obediencia com que se sujeita ás ordens dos seus superiores: n'esta campanha trabalhou como capitão, como general, como soldado e como artilheiro, assistindo sempre nos logares de maior risco, e sendo o primeiro a examinar pessoalmente os que nos podiam servir de maior vantagem para a conclusão d'aquella dependencia: á sua ilharga mataram o capitão-engenheiro, que perdemos, e elle ficou coberto de terra da mesma bala, que produziu aquelle estrago: ultimamente foi tornado a mandar ao campo de Pondá com um corpo de tropas, para segurar n'aquella campanha a guarinição da praça, que se estava demolindo, e n'elle se conservou até que se retirou com todas as tropas; deixando os moradores d'aquellas jurisdicções com saudades pelo civil tracto que com elles usou. A este official conferi um dos doze foros de fidalgo, que Vossa Majestade me permite dar aos que se distinguirem no real serviço de Vossa Majestade, e elle o tem bem merecido, não só pela presente acção, mas também por duas embaixadas ao Maratha, e pelo combate que n'este verão teve com a armada do dicto Maratha, represando-lhe um navio grande, que o mesmo Maratha tinha tomado aos dinamarquezes, como em conta separada porei na presença de Vossa Magestade.

O bispo eleito de Halalicarnasso, que foi o primeiro que passou áquellas terras, commandando o corpo de cypais do Estado, para effeito de se fazerem as operações, como eu tinha determinado no principio, sem que o mesmo Estado figurasse com cara descoberta, obrou com muito desembaraço. O seu character é mais de soldado que de ecclesiastico; tem bastante conhecimento dos costumes e genios asiaticos, fala a lingua moura e maratha; e com o titulo de nababo, unido ao seu conhecido valor, se faz temer e respeitar em todo o concão; por este motivo o nomeei general das novas conquistas interinamente, em quanto ellas existissem no nosso poder, e agora o determino mandar com algumas diligencias ao Maratha, não só para por este meio procurar que o dicto Maratha nos não altere o socego, mas muito mais ainda para diligenciar embrulhar todos os regulos do interior das terras; sendo este o unico modo com que poderemos aqui conservar a tranquillidade; o dicto bispo tem a intelligencia que basta para esta casta de negocio; e quando a diligencia não surta o effeito que se pretende, como tudo o que se arrisca são alguns pardaus, e de nenhuma sorte o credito ou reputação do Estado, me persuadi da utilidade d'este meio para o fim pretendido.

Domingos Franco Bellico de Velasco, tenente-coronel de infantaria e commandante de todos os cypais do Estado, fez n'esta occasião que o corpo d'aquellas tropas, de que eu não tinha nenhum conceito, obrasse de modo que sou obrigado a mudar de opinião: o dicto commandante, com os cypais, se atreveram a formar fachinas a tiro de pistola da pistola da praça, de sorte que com granadas de mão inquietavam o inimigo; e, sem embargo de serem mortos alguns cypais, e outros feridos n'aquellas expedições, os que os acompanha-

vam não perderam a constancia. Este official procedeu sempre com distincta honra e destemido valor; foi-lhe conferida a mercê de um dos habitos de Christo, que Vossa Majestade me permite dar aos que se distinguirem na guerra; e se me fôra possivel dar-lhe alguma cousa, que remediasse a sua indigencia e da sua numerosa familia, é certo que o tivera practicado; porque certamente os seus serviços se fazem muito attendiveis.

João Manuel Zambuja, sargento-maior de infantaria, do regimento de Jacques Philippe de Landreset, é dos mais intelligentes officiaes que tem este Estado: o seu valor é distincto, a sua actividade poucos a imitam: n'esta occasião, como em todas que foi empregado, deu provas da honra com que serve a Vossa Majestade, incançavel no trabalho: desde que tomou entrega da principal bateria, que obrigou a render-se a praça, a não largou um só instante sem descansar; nem o tempo que se fazia necessario para o preciso alimento, pois que a mesma artilheria com que laborava lhe servia de mesa, sendo ao mesmo tempo commandante d'aquella e artilheiro, não fiando de outrem aquella diligencia.

José Telles da Silva, capitão-tenente da corôa, que voluntariamente se offereceu para esta campanha, serviu n'ella como se podia esperar de um homem, filho do marquez de Alegrete, distinguindo-se mais na ultima bateria que se formou a tiro de mosquete da praça, que os inimigos defenderam com violentissimo fogo, e que debaixo de todo elle foi necessario formar-se; o referido official, que ia aggregado á companhia de granadeiros, de Manuel de Abreu e Motta, foi dos primeiros que começou a carregar terra para encher os cestões, não fazendo este serviço só para dar exemplo, mas continuando n'elle até se completar a referida bateria, tra-



balhando com tal actividade e desembaraço, que, á sua imitação, todos o seguiam, como se n'aquelle logar não estivessem chovendo balas de artilheria e mosqueteria, que ordinariamente se fazem respeitar: eu lhe agradei e louvei este procedimento, e lhe conferi a graduação de capitão de mar e guerra da corôa, que cabia no numero dos que Vossa Magestade permite; cuja patente subirá á presença de Vossa Magestade para o effeito de poder ser válida, pois debaixo d'essa clausula foi passada.

Os dois capitães de granadeiros, Francisco Pinto de Vasconcellos e Manuel de Abreu e Motta, que commandaram as duas companhias destinadas á dicta fachina, desempenharam completamente a sua commissão; como tambem o capitão-engenheiro, Philippe Catalani, e o seu ajudante, José Francisco Marques Giraldes: estes ultimos passaram o primeiro a sargento-maior, que se achava vago por promoção do que o era a tenente-coronel, aquelle a capitão pela de Philippe Catalani.

O tenente Boaventura Barreto, e o tenente Francisco Xavier, ambos de artilheria, tiveram um trabalho excessivo: o primeiro encarregou-se de uma bateria de bombas, em que residiu desde o principio do ataque, sem querer ser rendido até ao rendimento da praça; laborando dia e noite, sem intervallo e sem socego, e com muito feliz successo: o segundo, com a mesma actividade, foi encarregado de duas baterias, uma de artilheria, outra de granadas reaes, de que deu completa conta; áquelle conferi o posto de capitão de infantaria, que se achava vago no seu mesmo corpo, e a este não houve até agora occasião de o attender.

O commandante da artilheria e o sargento-maior d'este



~~~~~

corpo fizeram tudo o a que chegavam as suas luzes para cumprir com a sua obrigação; ambos elles são valorosos em grau superior, e o mostraram n'esta occasião, expondo-se com desembaraço nos logares mais arriscados, e trabalhando como os ultimos soldados do seu corpo; porem, não tendo toda a instrucção que se fazia precisa para se encarregarem do serviço da artilheria, se sujeitaram a ficar debaixo das ordens dos que, melhor instruidos que elles, foram destinados áquelle emprego, e por esta submissa obediencia não deixam de fazer-se merecedores não só de serem louvados mas ainda attendidos; por cuja causa conferi ao commandante d'aquelle corpo uma das mercês do habito de Christo, pendente tudo da approvação de Vossa Majestade. O sargento-maior fica esperando occasião do seu adiantamento.

João Gomes da Costa, capitão de cavallos, que commandava as duas companhias de cavallos, não só se empregou na sua commissão com actividade e vigilancia, mas, nas horas que lhe sobravam da sua obrigação, se offerecia para todo o serviço, tanto das baterias como dos mais que se presentavam. Este official tem servido muito bem a Vossa Majestade, tanto na guerra do norte, em que recebeu algumas feridas, como em Goa, no posto de capitão de mar e guerra, que occupou alguns annos com distincção; a este conferi tambem uma das mercês do habito de Christo.

As acções d'estes officiaes seriam certamente mais brilhantes se, segundo o costume da India, se tomasse aquella praça por assalto; porem eu me aparteí d'aquelle systema, não só pelo risco evidente a que se expõem os generaes, que seguem aquella práctica, mas tambem porque me convenço de que o principal objecto de quem commanda tropas deve dirigir-se ao bom successo das occasiões, derramando o menos sangue

que fôr possível nas empresas: sei muito bem que as victorias que se não escrevem com aquelle se fazem menos plausiveis, e que as historias, que conservam para o futuro estas memorias, não são tão recommendaveis, nem excitam tanto a curiosidade dos que se applicam áquella leitura por divertimento, quando n'ellas se não encontram rios de sangue, e cadaveres nadando n'elles; porem como sei tambem que este não deve ser o fim a que se dirijam as acções de um catholico, e de um vassallo fiel ao seu principe e amante da patria, com os olhos n'estes solidos objectos me applico com o maior cuidado a livrar-me de uma tentação, a que facilmente conduz o amor proprio e em que estão cahindo a cada passo os maiores homens.

Quanto a mim, senhor, não tenho mais gloria, nem mais merecimento d'esta acção, que o de ser eu quem a ponha na presença de Vossa Majestade; e se me resulta alguma das heroicas acções de tantos officiaes benemeritos, tudo cedo em seu beneficio, porque já que elles foram os que tiveram o trabalho, e se expozeram tão valorosamente aos riscos, colham elles o fructo das suas louvaveis acções.

A muito alta e muito poderosa pessoa de Vossa Majestade nos guarde Deus por muitos annos.

Goa, 20 de janeiro de 1764.— *Conde da Ega.*

